

A TRANSCOMUNICAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS



Hernani Guimarães Andrade

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Hernani Guimarães Andrade

A
TRANSCOMUNICAÇÃO
ATRAVÉS DOS
TEMPOS



I, 1997

**ALIANÇA ESPÍRITA IRMA
DE CASTRO - MEIMEI**

LIVRARIA

End.: Rua - 31 de Março, 117-A - Timbó
Abreu e Uma/PE CEP 53.520-580
FONE: 542.1115

Capa
Foto: Stock Fotos
Arte: André Luis Fígaro Egidio

Editoração Eletrônica
Sidónio de Matos
Fábio Edgard Eide

Fotolito
Folha Espírita Editora

Revisão
Eva C. Barbosa e Iranilda Elias da C. Lie

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goldstein, Karl W., 1913 -
Atranscomunicação através dos tempos / Karl W. Goldstein. -
São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

Bibliografia.

1. Espiritismo - História 2. Espíritos 3. Imortalidade 4. Médiuns
5. Vida futurai. Título

97-3439

CDD-133.

índices para catálogo sistemático

1. Transcomunicação instrumental e Espiritismo :
Fenómenos paranormais 133.

A Marlene Rossi S. Nobre,
modelo de dinamismo, inteligência e bondade,
a quem devemos a implantação e divulgação da
Transcomunicação Instrumental - TCI em nosso país.

Agradecimentos

O autor declara-se profundamente grato às pessoas adiante nomeadas, cuja preciosa ajuda contribuiu decisivamente para a concretização deste livro:

A profa. Suzuko Hashizume, dra. Maria das Graças de Souza, e sra. Sandra Regina Esperança Ribeiro pelo inestimável auxílio no preparo e revisão dos originais deste livro;

À laboriosa e simpática equipe da *Folha Espírita* por toda colaboração prestada ao autor na publicação dos artigos, que ora culminam na publicação deste livro;

Finalmente, a nossa eterna gratidão à dra. Marlene Rossi Severino Nobre, por ter dado guarida à série de artigos sobre Transcomunicação Instrumental Através dos Tempos neste importante órgão de divulgação que é a *Folha Espírita*.

Bauru - SP, inverno de 1997

Hernani Guimarães Andrade

Sumario

Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	V
Apresentação.....	1
I - Os Mundos Paralelos	
"Na Casa de meu Pai Há muitas Moradas", João XIV:2.....	3
Poltergeist e Cefeidas.....	4
Mundos Paralelos.....	6
II - Transcomunicação - TC	
O que é Transcomunicação.....	9
A Iniciativa da Transcomunicação Partiu dos Habitantes doAlém.....	12
E o Médium, Seria Ele Dispensável na Transcomunicação Instrumental?.....	13
Conclusão.....	16
III - Glaciaros e Cavernas na Pré-História	
A Aurora do Espírito.....	17
O Homem na Pré-História.....	18
As Cavernas.....	20
A Crença nos Espíritos na Pré-História.....	21
Conclusão.....	22

IV - O Poltergeist na Pré-História	
Poltergeist, Pedras e Fogo.....	25
As Religiões Ter-se-iam Originado das Transcomunicações?.....	28
Conclusão.....	30
V - A Paranormalidade entre os Paleantropídeos	
Teriam, os Animais, alguma Espécie de Mediunidade?.....	31
As Ectoplasmias no Interior das Cavernas.....	34
O Nascimento das Religiões.....	35
Conclusão.....	37
VI - Cuidados com os Mortos e Culto dos Crânios	
Os Cuidados com os Mortos.....	39
O Culto dos Crânios.....	42
Conclusão.....	44
VII - Poderes Paranormais entre os Povos Primitivos	
Estados Alterados de Consciência.....	47
Modalidades de Transcomunicação.....	48
Exemplos de Fortes Agentes Psicocinéticos Conhecidos.....	49
A Possível Intervenção de Agentes Desencarnados.....	51
Categorias de Fenômenos Telecinéticos.....	52
Conclusão.....	54
VIII - Povos Primitivos e a Transcomunicação	
Casos de Poltergeist entre os Povos Primitivos.....	55
Manifestações Visíveis do Duplo Astral.....	58
Cura Precedida de TC por Manifestações de Voz Direta.....	60
Conclusão.....	61
IX - Os Egípcios Antigos	
A Transcomunicação entre os Povos Históricos.....	63
O Egito Antigo.....	65
Conclusão.....	68

X - Grécia e Roma Antigas, China e Japão

A Grécia Antiga.....	69
Roma Antiga.....	71
China.....	73
Japão.....	74
Conclusão.....	76

XI - Índia e Tibete

Índia.....	77
Tibete.....	82
O Oráculo de Gadong.....	84
Outros Oráculos.....	85
Conclusão.....	86

111 - Os Hebreus

Os Hebreus.....	87
Clarividência e Clariaudiência.....	88
Transcomunicação Conseguída Graças às Faculdades Mediúnicas (TCM) de uma Sensitiva.....	89
Transcomunicação Instrumental - TCI.....	91
O Enigma de Urim e Tumim.....	92
A Arca, a Mesa, o Proprietário e o Tabernáculo.....	94
Conclusão.....	95

VIII - Os Primeiros Cristãos

A Transfiguração de Jesus no Monte Tabor.....	97
A Ressurreição.....	98
Após a Ressurreição.....	100
Os Actos dos Apóstolos.....	103
Conclusão.....	105

XIV - Transcomunicação no Pré-JCspiritualismo

Pré-JCspiritualismo.....	107
Swedenborg.....	110

Irving.....	111
Andrew Jackson Davis.....	112
Os Shakers.....	114
Conclusão.....	115

XV - O Episódio de Hydesville

A Família Fox.....	117
A Casa de Hydesville já era Assombrada.....	118
A Noite das Primeiras Transcomunicações.....	119
As Escavações na Adega.....	122
A Descoberta do Esqueleto.....	122
O Movimento Espalha-se.....	123
Spiritualism e Espiritismo.....	123
A Repercussão entre os Intelectuais.....	124
Conclusão.....	126

XVI - As Mesas Girantes

O Período Espírico.....	127
Victor Hugo e as Mesas Girantes.....	130
Que ou Quem Move a Mesa?.....	133
Conclusão.....	134

XVII - Aurora do Espiritismo

A Interpretação de Allan Kardec.....	135
Que é Psychical Research?.....	137
A Paradoxal Negação do Objeto.....	138
A London Dialectical Society.....	140
A Reação da Imprensa.....	141
Conclusão.....	142

XVIII- Início do Período Científico

William Crookes (1832-1919).....	145
William Crookes Interessa-se pela Transcomunicação.....	146
O Médium Daniel Dunglas Home.....	148

O Criticismo Desencadeado Contra Crookes.....	150
Conclusão.....	151
XIX - Katie King	
Florence Cook e o Caso Volckman.....	153
A Fase de William Crookes.....	154
Testemunho do Conselheiro Aksakof.....	158
Conclusão.....	160
XX - A Society for Psychical Research - SPR	
O Objetivo Precípua: a Mudança do Paradigma.....	163
A Society for Psychical Research - SPR.....	165
O Professor William James Descobre Leonore E. Piper.....	167
Conclusão.....	170
XXI - Hodgson e Sra. Piper	
Dr. Richard Hodgson (1855-1905).....	173
Os Primeiros Guias da Sra. Piper.....	174
A Hipótese da Prosopopéia Metagnômica.....	176
Eliminadas as Suspeitas de Fraude.....	177
A Sra. Piper na Inglaterra.....	178
Os Novos Guias da Sra. Piper.....	179
Vencido o Cepticismo de Hodgson!.....	180
Conclusão.....	181
XXII - As Correspondências Cruzadas	
A Sobrevivência após a Morte.....	183
Correspondências Cruzadas.....	185
As Correspondências Cruzadas São Analisadas.....	188
Avaliação.....	189
Conclusão.....	190
XXIII - A Transcomunicação e a Moderna Parapsicologia	
Modificações Ocorridas ao Longo do Período Científico.....	191

Os Novos Rumos da Pesquisa dos Fenômenos	
Ditos Paranormais.....	195
Conclusão.....	197
XXIV - Transcomunicação Instrumental - Exórdio	
Dificuldades da TCM.....	199
Dificuldades Também na TCI.....	201
Kenneth J. Batcheldor e as Mesas Girantes.....	201
Phillip e Lilith, Dois Espíritos Fictícios.....	202
Comentários.....	204
Conclusão.....	206
XXV - Primeiras TCIs com Instrumentos Elétricos	
Preâmbulo.....	207
O Dinamistógrafo.....	208
A Bateria Electromagnética de Jonathan Koons.....	209
John Tippie.....	214
Conclusão.....	214
XXVI - Tentativas de Transcomunicação sem o Médium Humano	
Tentativas de Transcomunicação sem o Médium Humano	215
As Tentativas de Weinberger.....	216
Outras Tentativas.....	217
Futuras Abordagens.....	221
Conclusão.....	222
XXVII - Início da Moderna Transcomunicação Instrumental	
Attila von Szalay, Raymond Bayless e D. Scott Rogo.....	223
Considerações a Respeito da Posição Assumida pela	
Parapsicologia Dita Ortodoxa.....	227
Conclusão.....	228

XXVIII- O Fenômeno das Vozes Electrónicas - EVP

Friedrich Juergenson (1903-1987) - O Homem.....	231
Juergenson Capta as Primeiras Vozes Electrónicas.....	232
O Auto-aprendizado de Juergenson.....	233
A Grande Significância do EVP.....	235
Qual Seria o Processo da Transcomunicação pelo Gravador? ..	236
Conclusão.....	239

XXIX- "O Inaudível torna-se Audível" - K. Raudive

Konstantin Raudive (1909-1974).....	241
Margarete Petrautzki - Secretária de Raudive.....	243
Métodos de Gravação.....	244
Conclusão.....	247

XXX- O Spiricom de George W. Meek

George William M. Meek.....	249
A Transcomunicação Instrumental.....	250
Os Primeiros Contactos com os Parceiros doAlém.....	252
Os Protótipos do Spiricom.....	253
Conclusão.....	256

XXXI- Os Spiricoms Mark III e IV

William John O'Neil.....	257
As Estranhas Visões no Aquário.....	258
DockNick.....	260
O Spiricom Mark III.....	264
O Spiricom Mark IV.....	266
Conclusão.....	269

XXXII- A Transcomunicação Instrumental no Brasil

A Aceitação da TCI no Brasil.....	271
TCIs no Passado.....	273
Pesquisas e Informações Pioneiras.....	276
Conclusão.....	278

XXXIII- A TCI na Atualidade

Visão Geral Histórica da TCIAtual.....	281
Visão Geral Histórica do Desenvolvimento do Contacto Instrumental com os Mortos.....	282
Conclusão.....	287

XXXIV - Epílogo

Sobrevivência e Transcomunicação.....	289
Transcomunicação Mediúnica x Instrumental.....	290
Conclusão.....	291

Referências Bibliográficas.....	293
--	------------

Apresentação

O presente trabalho consiste na coletânea dos trinta e três artigos de Hernâni Guimarães Andrade publicados no periódico *Folha Espírita*, sob o pseudônimo de Karl W. Goldstein, durante o período de agosto de 1994 a abril de 1997, nos números 245 a 277 daquele jornal.

A diretoria da *Folha Espírita*, à semelhança do que fez com outra série anterior a esta e versando sobre assunto idêntico, isto é, sobre Transcomunicação Instrumental (Goldstein, 1992), achou conveniente e útil oferecer esta obra aos leitores do referido jornal. Esta iniciativa visa atender àqueles que se interessaram pela história da transcomunicação entre os encarnados e as entidades espirituais habitantes dos diversos planos do Astral.

A franca acolhida manifestada pelos leitores da *Folha Espírita* à obra anterior, *Transcomunicação Instrumental* de Karl W. Goldstein, estimulou esta Editora a oferecer mais esta importante obra de Hernâni Guimarães Andrade.

A Redação

Os Mundos Paralelos

Com o nosso presente equipamento neural, não estamos aptos a saber tudo a propósito de qualquer coisa e, sem dúvida, há vastos campos no parcialmente cognoscível, que nós nem mesmo compreendemos bastante para concluir que os ignoramos. (Shapley, 1963)

"Na Casa de meu Pai Há Muitas Moradas", João XIV:2.

A passagem bíblica citada como título deste subcapítulo e constante de João, XIV:2, tem sido interpretada por alguns espiritualistas como significando haver no Universo muitos orbes habitados. Correta ou não esta exegese, há grande aceitação da idéia da habitabilidade de outros astros espalhados pela imensidão do espaço cósmico. E parece mesmo bastante provável que a vida seja um fenômeno normal, que surge tão logo se estabeleçam adequadas condições ecológicas, pelo menos semelhantes às que ocorreram na Terra há cerca de três bilhões de anos.

Á vida, nos moldes como a distinguimos em nosso planeta, está na íntima dependência da existência da água, dos aminoácidos e de certos derivados de açúcares, além de algumas substâncias inorgânicas normalmente presentes em quase todos os astros. Modernas experiências de laboratório (Miller e outros) aduziram forte evidência de que possivelmente várias das complexas moléculas orgânicas indispensáveis à formação dos tecidos vivos poderiam ter-se sintetizado, há bilhões de anos, em virtude das primitivas condições da atmosfera e da crosta terrestre. (Andrade, 1983)

A partir de 1924, a Astrofísica descobriu que nosso Universo contém trilhões de galáxias que, por sua vez, são formadas por bilhões de sóis. Muitos desses sóis provavelmente possuem planetas em condições de abrigar a vida. É bem possível que seres racionais vivam em alguns desses astros.

No Século XIX já existiam obras de ficção tratando da habitabilidade de alguns dos astros do nosso sistema solar. A lua era considerada habitável e povoada por seres estranhos, mas algo semelhantes aos terrestres. Jules Verne e H.G. Wells ficaram internacionalmente conhecidos pelos seus romances que versaram sobre uma suposta viagem à lua. E até hoje não têm faltado escritores e artistas que se dedicam a tais ficções.

Entretanto, o grande avanço tecnológico dos nossos dias facultou ao homem visitar realmente a lua e enviar sondas espaciais capazes de transmitir fotografias e análises da atmosfera e do solo de alguns planetas do nosso sistema solar. Os resultados no tocante à existência de habitantes vivos e racionais na lua e nos demais planetas e satélites são até agora negativos. Seriam os outros corpos planetários do nosso sistema inteiramente desabitados? Pelo menos parece que há muita probabilidade de que seja esta a verdadeira situação dos demais membros da família solar: moradas vazias! É possível que, futuramente, o homem chegue a ocupá-las, mas por enquanto tudo faz crer que estejam mesmo desabitadas. Há moradas, porém infelizmente parece não haver moradores em seu solo...

Poltergeist e Cefeidas

Quando, em 1971, tomamos contacto direto com um fenômeno de poltergeist, não podíamos imaginar as modificações pelas quais iria passar nosso modo de encarar certas realidades deste mundo. Até então, estávamos apenas informado acerca de um grande número de fatos ditos paranormais, registrados e narrados por pessoas aparentemente dignas de crédito. Havíamos lido ou ouvido seus relatórios e descrições. Inteiramo-nos, também, das críticas feitas a muitos desses observadores. A maioria delas visava invalidar seus testemunhos. Alguns utilizavam-se mesmo de argumentos capciosos que atingiam a reputação dos autores e não a plausibilidade de seus relatos.

Nossa anterior experiência neste campo era mais subjetiva do que

objetiva, mas suficiente para permitir uma conclusão pessoal. Inclínávamo-nos a crer na existência dos fenômenos paranormais. Chegamos até a formular hipóteses de trabalho a respeito do mecanismo causal de alguns deles. Mas há uma profunda diferença entre o crer e o conhecer. A crença geralmente resulta da informação partida de uma fonte na qual confiamos plenamente. O acreditar pressupõe certa dose de fé naquele que informa, ou na aceitação racional das proposições apresentadas sob um aspecto que acreditamos ser rigorosamente lógico. O conhecimento surge do processo gnoseológico no qual está implícito o fato. O conhecimento não depende da fé. Ele pode, inclusive, contrariar as nossas crenças ingênuas ou racionais. É possível que, diante de um fato, venhamos a encontrar diferentes interpretações concernentes à sua explicação, à sua natureza e mesmo à sua realidade. Há muita gente que não acredita naquilo que vê. A precariedade do testemunho humano é fato conhecido de todos. Mas referimo-nos àqueles eventos passíveis de registros físicos ou cuja evidência nós somos levados a admitir.

Depois do primeiro poltergeist que observamos prosseguimos em intensa pesquisa desses fenômenos. Participamos de uma equipe que, atualmente, tem mais de 30 desses casos catalogados e apoiados em minuciosa investigação. Esse acervo de evidências transformou nossa crença em convicção. Agora conhecemos os fatos, embora não saibamos como explicá-los cabalmente. Entretanto, essa particularidade não impede que tiremos algumas conclusões dos fatos observados. Uma destas conclusões diz respeito à natureza do nosso espaço. Parece que a nossa realidade sensível faz parte de uma multiplicidade espacial com mais de três dimensões, da qual nosso "espaço-tempo" é uma região particular.

Se nossa suposição corresponder à realidade - ainda que aproximadamente - estaremos diante de fenômenos que fazem lembrar o episódio das estrelas pulsáteis chamadas Cefeidas. A primeira estrela pulsátil foi observada na constelação de Cefeu. É a Delta desta constelação. Mais tarde outras semelhantes foram descobertas no firmamento. Essas estrelas propiciaram aos astrônomos um excelente meio para medir as distâncias dos corpos celestes. Devido a elas, nosso Universo pôde ser melhor avaliado em tamanho. Como conseqüência, ficamos sabendo que ele é imensamente maior do que se supunha até a segunda década deste Século. Não só isso, descobriu-se que o nosso

Universo é muito mais complexo do que um mero aglomerado de astros brilhantes. Ele é dinâmico, está em expansão e, provavelmente, possui uma forma que implica a curvatura do espaço cósmico!

Às vezes, fatos aparentemente insignificantes são portadores de informações que podem mudar todo um sistema filosófico. Assim ocorreu no tempo de Galileu, quando uma simples observação da queda de duas pedras de tamanhos desiguais bastou para pôr em xeque o sistema dos peripatéticos, que se baseava sobretudo na autoridade de Aristóteles.

Nas ocorrências de poltergeist têm sido observados fenômenos de aparente *transposição da matéria através da matéria*. Parece que a explicação mais plausível para este fenômeno é a que Zöllner propôs: a existência real de espaços com quatro ou mais dimensões. (Zöllner, 1908 e 1966) Esta é uma hipótese que, se estiver de acordo com a realidade, poderá ter conseqüências imprevisíveis relativamente ao nosso atual conhecimento da natureza. Então, as ocorrências de transposição da matéria através da matéria, observadas em alguns fenômenos paranormais, serão tão importantes quanto as estrelas pulsáveis chamadas Cefeidas. Em base dos fenômenos de transposição e da hipótese de Zöllner, poderemos postular a possibilidade de existirem inúmeros espaços paralelos contendo mundos como o nosso. Como conseqüência, o Universo tornar-se-á infinitamente maior do que já nos parece ser!

Mundos Paralelos

Os poltergeists revelam muitas coisas além do que mencionamos. Alguns deles fornecem evidências de que seres incorpóreos e inteligentes podem, em certas circunstâncias, atuar fisicamente na matéria. Há casos em que deixam marcas indeléveis da sua atuação, produzindo, por exemplo, a combustão espontânea de objetos inflamáveis. Esses agentes normalmente são invisíveis à maioria das pessoas, mas podem ser percebidos por certos sensitivos. Seus efeitos revelam características típicas de seres inteligentes e até maliciosos. Parecem habitar espaços paralelos ao nosso e dão a impressão de que podem transitar do seu espaço próprio para o de cá, e vice-versa. (Andrade, 1989)

Chico Xavier psicografou um série de livros que contêm informações importantíssimas a respeito desses seres invisíveis para nós. Essa série começa com a obra intitulada *Nosso Lar*, cujo autor espiritual é André Luiz. Por esses livros fica-se sabendo que o nosso mundo físico

se situa entre mundos paralelos: alguns predominantemente maléficis e outros benéficos. Sofremos as influências desses mundos e parece que a vida na Terra tem algo de semelhança com um campo onde se trava milenar batalha entre o bem e o mal. Somos seres intermediários. A vida física deve ser um centro de aprendizado onde se forjam os futuros seres benéficos. (Xavier, 1943/44/45/46/47/49/54/55/57)

A reencarnação é o processo natural que permite aos habitantes das duas facções irem se aperfeiçoando através do contacto mais direto entre os bons e os maus. Depois de um número considerável de renascimentos, o ser resultante do burilamento não precisará mais habitar um corpo material. Bastará para ele o corpo espiritual, mais sutil e menos sujeito aos percalços e sofrimentos próprios dos corpos perecíveis de matéria. Nessa situação eles poderão "viver" indefinidamente em mundos paralelos aos mundos físicos. Os mundos físicos prestar-se-ão como suportes gravitacionais dos seus envoltórios hiperespaciais.

Essa hipótese talvez explique a razão de existirem tantos planetas aparentemente desabitados. Entretanto, na realidade, eles poderão estar rodeados hiperespacialmente de cidades e seres feitos de outro tipo de matéria à qual André Luiz chama de matéria mental e outros autores dão o nome de matéria psi. (Andrade, 1986)

Experiências recentes de transcomunicação instrumental com planos extrafísicos estão revelando a plausibilidade da existência desses presumíveis mundos paralelos. O objetivo desta obra é justamente informar acerca desse tipo de comunicação. Todavia, antecipamos ao leitor que a transcomunicação instrumental à qual nos referimos já foi tentada há muitos anos e está sendo recentemente bastante aperfeiçoada. Bem antes de conseguir-se a atual transcomunicação instrumental, outras formas de comunicação com os seres inteligentes habitantes de mundos paralelos também foram realizadas. Infelizmente, devido à raridade e dificuldade desse tipo de intercâmbio, bem como em consequência do desenvolvimento e do êxito da Ciência e das escolas filosóficas materialistas, a transcomunicação foi perdendo o devido interesse por parte de grande parcela da humanidade.

Presentemente, achamo-nos de posse de uma instrumentação mais desenvolvida graças ao avanço da Electrónica. Esse fato tem permitido obter-se, com maior segurança e independentemente da intermediação

humana (mediunidade), comunicações em dois sentidos com inteligências pertencentes aos planos extrafísicos, que se dizem habitantes de mundos paralelos aos da matéria comum.

Nos próximos capítulos, iremos esboçar um ligeiro histórico da transcomunicação natural ocorrida no passado. Tentaremos mostrar que, desde os albores da humanidade até agora, a transcomunicação sempre foi praticada pelos homens. Verificaremos que a iniciativa desse intercâmbio parece ter-se originado dos seres inteligentes habitantes daqueles mundos paralelos.

Transcomunicação - TC

Nós não estamos analisando um fenômeno... mas sim um conceito... e por conseguinte o uso de uma palavra.

Wittgenstein (in Talbot, 1981, p.9)

O que é Transcomunicação

O vocábulo transcomunicação é composto por dois termos: *trans*, do latim, significando "para além de", "através de"; e *communicatione*, significando "ato de emitir, transmitir e receber informações".

Para os fins desta obra a palavra *transcomunicação* terá o significado particular de comunicação com seres ou consciências originárias ou situadas fora do nosso espaço-tempo, ou melhor, da nossa realidade física normal. Devido à dificuldade de estabelecer-se uma definição absolutamente precisa, vamos tentar esclarecer a nossa explicação inicial, dando exemplos que facilitem ao leitor compreender melhor o significado que estamos atribuindo à palavra transcomunicação.

A fim de agilizar a nossa escrita, adotaremos a sigla TC, em substituição ao vocábulo transcomunicação.

Um exemplo bem comum de TC é a comunicação de um desencarnado, através de um médium. Portanto, o mediunismo é uma forma de TC. Mas a TC não significa exclusivamente o fenômeno mediúnico. A TC, ao contrário do mediunismo, nem sempre implica a intermediação humana no ato da comunicação, porque a TC pode ser realizada diretamente por meio de objetos ou instrumentos inanimados.

Alguém poderá objetar que, em certas manifestações de desencarnados, como no caso das mesas girantes, *daouija* etc, há sempre

necessidade de um médium. Neste particular, deve notar-se que a palavra médium sofreu aí uma ampliação semântica. Ela tem sido usada indiferentemente em lugar de intermediário (que é o seu real significado) e também de agente psicocinético. Esta última designação seria a mais adequada, caso se adotasse a tese reducionista da Parapsicologia ortodoxa, segundo a qual os movimentos da mesa ou da *ouija* se devem exclusivamente ao agente tido indevidamente como intermediário de supostos comunicadores incorpóreos.

Para aqueles que aceitam a ação dos referidos comunicadores incorpóreos, o chamado médium é na realidade um epicentro fornecedor da substância ou energia necessária para os agentes atuarem sobre os objetos materiais. Nesse caso, a TC é direta entre os comunicadores e aqueles que recebem a informação.

Nos casos em que a informação é assim transmitida diretamente dos agentes extrafísicos para os que recebem a mensagem, não ocorre uma intermediação por parte do indivíduo que apenas funciona como doador da substância (ou energia) indispensável à TC. Seu papel é de mero propiciador dos meios físicos necessários à entidade comunicante, para que ela consiga manifestar-se em nosso espaço físico e ser assim percebida. Não se trata, pois, de uma operação mediúnica, se quisermos precisar rigorosamente o valor semântico do vocábulo médium.

Todavia, não intencionamos condenar o uso indiscriminado do termo médium, para significar a pessoa que, de uma forma ou de outra, propicia a TC. Apenas objetivamos deixar claro que, não obstante o hábito instituído desta denominação genérica, os fatos pedem uma distinção precisa dos valores semânticos pertencentes às palavras em questão. A fim de tornar mais exata a nomenclatura a ser usada, vamos adotar o expediente de justapor um sufixo à sigla TC, que possibilite distinguir-se a modalidade de transcomunicação a que estaremos nos referindo. Desse modo, quando se tratar de uma transcomunicação rigorosamente transmitida através de um médium, usaremos a sigla TCM, significando transcomunicação mediúnica.

Outra categoria de intercâmbio de informação seria a comunicação com os supostos seres extraterrestres. Embora a Ciência não reconheça a existência de evidências suficientes para apoiar definitivamente a crença na efetividade dos ETs (extraterrestres), isto é, de seres inteligentes oriundos de outros orbes pertencentes a sistemas planetários situados

além do nosso Sol, inclusive em outras galáxias e capazes de comunicar-se conosco, ela não exclui totalmente tal possibilidade. Há projetos oficiais de "escuta" cósmica em países desenvolvidos, visando captar eventuais sinais enviados de presumíveis civilizações extraterrestres, que teriam alcançado suficiente nível técnico capaz de permitir seu intercâmbio com outras comunidades semelhantes. (Morrison, Billingham e Wolfe, 1977)

Caso ocorram comunicações com seres inteligentes oriundos do nosso próprio Universo, por conseguinte pertencentes ao nosso sistema espaço-tempo, tais intercâmbios não seriam propriamente transcomunicações. Seriam simplesmente comunicações convencionais, como as que se efetuam, por exemplo, entre as sondas espaciais e os centros de controle desses engenhos. A única diferença estaria na fonte emissora dos sinais. Em lugar das sondas espaciais, existiriam aparelhos ou estações emissoras, construídos pelos eventuais ETs, caso eles existissem e estivessem também tentando comunicar-se com outros seres inteligentes do nosso Universo.

Não é nosso intuito tratar dessa categoria de comunicação. Sem embargo disso, nos diferentes episódios da transcomunicação têm ocorrido contactos com entidades inteligentes que se dizem oriundas de outros mundos. Seriam também seres extraterrestres. Pelas suas informações, esses comunicadores possuem um corpo diferente do nosso, presumivelmente feito de uma estrutura energética, ou tipo de matéria especial e inteiramente desconhecida da nossa atual Ciência.

Acredita-se que tais seres não pertençam propriamente ao nosso Universo, isto é, ao nosso sistema espaço-tempo. Neste caso, o intercâmbio com semelhantes comunicadores assumiria as características de uma TC. Mais tarde iremos tratar dessa categoria de comunicação.

Quando a TC se efetua diretamente pelos seres situados fora do nosso espaço-tempo, como convencionamos anteriormente, essa comunicação pode ser efetuada por meios físicos capazes de afetar os nossos sentidos. Nesse caso não se dá a interação de um médium humano que funcione como intermediário. A informação é transmitida diretamente por meio de objetos materiais simples que são movimentados, ou através de instrumentos adequados, inclusive aparelhos electrónicos que servem para registrar tais ações físicas. Esta TC é denominada Transcomunicação Instrumental. Usa-se representá-la pela sigla TCI.

Um aspecto interessante da TCI é o fato de, ultimamente, haverem

sido justamente os comunicadores provenientes de outros mundos não ligados ao nosso sistema espaço-tempo os que mais têm colaborado nesse tipo de comunicação. Isto poderá parecer absurdamente fantástico. Mas iremos demonstrar a realidade desse particular quando, nos capítulos posteriores, apresentarmos os comprovantes dessa informação. A propósito desses comunicadores extraterrestres, esclarecemos que, embora eles se digam originários de outros sistemas espaço-tempo, há evidências de que tais seres conseguem deslocar-se até nossa adjacência. Nesse caso, eles aparentemente passam a domiciliar-se em uma das camadas hiperespaciais que envolvem o nosso planeta. Essas camadas constituem os diversos espaços paralelos aos quais nos referimos anteriormente.

Como veremos mais adiante, tais seres extraterrestres aliam-se a alguns desencarnados terrestres e, auxiliados por estes, entram mais facilmente em relação com os encarnados. Os primeiros contactos podem efetuar-se de diversas maneiras: por meio de gravadores de fitas magnéticas, por telefone (secretária electrónica), por computador e, também, por via mediúnica humana. Neste último caso, o processo mais usado é o modernamente denominado *channeling*. Essa modalidade é equivalente à captação mediúnica telepática. (Andrade, 1984, pp. 118 a 121; e Klimo, 1990)

A Iniciativa da Transcomunicação Partiu dos Habitantes do Além

As formas de transcomunicação são portanto variadas. Elas sofreram uma espécie de evolução ao longo da história da humanidade. Ao que parece, a TC iniciou-se quando os homens ainda estavam na idade da pedra e começaram a habitar as cavernas. Naturalmente, naquela fase ainda tão primitiva, as TCs deveriam ter sido também extremamente rudimentares. Talvez se limitassem a tentativas de intercâmbio dos mortos com os vivos, compreendendo apenas sinais físicos de sua presença. Seriam maneiras diversas de chamar a atenção dos companheiros ainda vivos, que não podiam nem vê-los nem ouvi-los normalmente. A iniciativa provavelmente deveria ter partido dos Espíritos dos desencarnados.

É possível, também, que entre os companheiros vivos houvesse

alguns dotados de faculdades paranormais que lhes propiciassem ter, uma ou outra vez, momentos de percepção extra-sensorial. Nessas oportunidades os dotados conseguiriam ver e ouvir os Espíritos dos companheiros desencarnados. Essas experiências, embora raras e pessoais foram, com o tempo, se generalizando e sendo incorporadas ao acervo de conhecimentos da humanidade. Muitas dessas experiências deram origem às religiões. É possível encontrar-se religiões sem deuses; mas sem Espíritos, provavelmente não exista nenhuma.

A medida que os contactos foram se realizando ao longo dos milênios, as modalidades de TC foram se ampliando e adquirindo inúmeros aspectos, incluindo as manifestações mediúnicas e as ectoplasmias.

Sem embargo das iniciativas de TC haverem partido dos habitantes do Além (chamemos assim os "mundos" onde eles se encontram), posteriormente os encarnados procuraram meios que facilitassem as TCs. Muitas dessas tentativas de provocar a TC foram também orientadas pelos próprios desencarnados. Ainda atualmente, essa ajuda tem sido proporcionada aos grupos onde se efetuam as TCIs mais avançadas. De qualquer maneira, a iniciativa desses contactos, bem como o aperfeiçoamento de seus métodos e da aparelhagem necessária para efetuá-los, normalmente têm dependido dos seres do Além.

E o Médium, Seria Ele Dispensável na Transcomunicação Instrumental?

Nota-se que os espíritas mostram grande sensibilidade para essa questão. Talvez devido ao trato constante com as sessões mediúnicas que se levam a efeito há tantos anos, as quais se tornaram o principal atrativo das reuniões espíritas, muitos adeptos da Doutrina Espírita viram com desconfiança as afirmativas de que a TCI dispensa o médium durante as comunicações.

De fato, as transcomunicações efetuadas através de aparelhos, obviamente, não necessitam de um intermediário humano para recebê-las e transmiti-las. Especialmente no caso das TCIs mais avançadas tecnicamente, a operação de emissão e recepção é efetuada no mesmo padrão de uma transmissão por rádio. Há uma "estação" que envia ondas semelhantes às das radioemissoras terrenas. A recepção dessas ondas e

a decodificação é efetuada pelos nossos aparelhos electrónicos convencionais: gravador, rádio, televisão, secretária electrónica (telefone), Fax e computador. Esses aparelhos estão no lugar de um médium. São eles que funcionam como médiuns. Logo não há necessidade do mediano humano, aquele que recebe a comunicação do Espírito e transmite a sua mensagem.

Fenômeno semelhante ocorre, também, com as TCs por meio da prancheta (*oui-jà*), das mesas girantes, do copinho etc. O Espírito aproveita-se do ectoplasma de um ou mais assistentes e movimenta os instrumentos postos à disposição para comunicar-se, transmitindo diretamente a mensagem que ele desejar. Aqui também não existe o intermediário (médium) humano. A TC é direta. Portanto é uma TCI, isto é, uma transcomunicação por meio de um instrumento. Mesmo no tempo dos paleolíticos, havia esse tipo de TC. Entretanto, como não havia, ainda, aparelhos ou utensílios mais sofisticados como os que mencionamos, os Espíritos usavam o que existia à sua disposição: pedras, pedaços de madeira etc. Parece que os seixos rolados eram abundantes nas proximidades das cavernas paleolíticas. Apanhá-los e atirá-los nos companheiros encarnados, talvez tenha sido a mais primitiva forma de TCI usada pelos nossos remotos ancestrais habitantes das cavernas. Trataremos desta questão nos próximos capítulos.

Mas, voltando ao problema da mediunidade, já nos referimos ao significado ambíguo do vocábulo médium. Esta palavra serve para designar tanto o intermediário humano nas TCMs das mensagens transmitidas pelos habitantes do Além, como o agente humano capaz de propiciar um fenômeno físico paranormal. Supõe-se que os indivíduos dotados dessa faculdade são indispensáveis na produção das TCs por instrumentos e, por analogia, são considerados os médiuns das TCIs. Na realidade, essas pessoas não funcionam como médiuns, mas parece que são necessárias na produção das TCIs. Há evidências de que elas cooperam como facilitadoras das TCIs. Vamos examinar a questão do mediunismo visto sob esse prisma.

Em primeiro lugar, chama-nos a atenção o fato de que, no caso da captação de vozes por meio do gravador de fita magnética, apenas poucas pessoas são bem-sucedidas logo de início. Há aquelas que necessitam insistir durante muitos meses e até anos, para lograrem, às vezes, apenas sussurros ou pouquíssimas palavras soltas e sem sentido. Outros

transcomunicadores melhoram suas captações, à medida que se exercitam, como se estivesse ocorrendo o desenvolvimento de uma faculdade qualquer (mediunismo?).

Friedrich Juergenson (1903-1987) e Konstantin Raudive (1909-1974) foram os grandes pioneiros da TCI por meio de gravadores em fita magnética. Juergenson nunca havia sequer pensando em transcomunicação. Era católico, amigo do Papa Paulo VI. Entretanto, ao tentar gravar cantos de pássaros, em seu sítio no vilarejo de Mólnbo, as vozes apareceram espontaneamente gravadas na fita magnética de seu aparelho. Seria um caso de aptidão inata de Juergenson? Uma faculdade mediúnica, como se usa comumente denominar tais dons? Outro caso foi o do dr. Konstantin Raudive. Assim que ele teve informações a respeito das gravações obtidas por Juergenson, Raudive procurou-o e em pouco tempo tornou-se o campeão das gravações de vozes em fitas magnéticas. Entre as obras escritas por Raudive, há o *Unhörbares Wird Hörbar* (O Inaudível Torna-se Audível). Este livro tornou-se um clássico da TCI e contém 72.mil frases que ele captou pelo sistema de gravação em fita magnética (EVP). Por quê tão poucos indivíduos conseguem sucesso semelhante, apesar de se esforçarem, alguns, durante anos de tentativas, usando até de meios técnicos sofisticados? Seria alguma faculdade especial, uma espécie de mediunidade que falta a certos pesquisadores?

O italiano e notável transcomunicador Marcello Bacci, da cidade de Grosseto, obtém vozes diretas captadas pelo rádio, perfeitamente audíveis, embora algumas vezes pouco inteligíveis. Em uma das sessões de TCI realizadas por Bacci este fez a seguinte pergunta:

"P. Que energia é usada para formar as 'vozes'?"

R. Mistério... cérebro e a descoberta de uma outra frequência característica da espécie humana... por um controle bioelétrico de partículas... ação."(Bacci, 1987, p.167)

Segue-se uma extensa explicação pouco compreensível, embora as palavras (ditas em italiano) sejam inteligíveis. Mas, no conjunto, dá para perceber que o Espírito se refere a uma forma de energia proveniente do cérebro humano, a qual é aproveitada para a transcomunicação por meio de aparelhos. Isto faz supor a participação dos operadores, e até dos assistentes, na produção da TCI. Talvez funcionem como médiuns doadores de energia. E Hans Otto König é outro grande

transcomunicador e notável técnico electrónico alemão. Certa vez, König perguntou a um Espírito comunicador se a mediunidade era necessária para os contactos com oAlém. Eis a resposta:

"Ouça bem, Marlene Dohrmann é médium para Hans König." (Marlene Dohrmann é uma das colaboradoras de König). (Schäfer, 1992, p.95)

Acreditamos que esses poucos exemplos já sejam suficientes para ter-se alguma evidência de que as TCIs, embora se efetuem diretamente entre o comunicador e o receptor da mensagem, talvez exijam a contribuição de alguma espécie de energia emanada de um ser humano. Devido à ampliação semântica do vocábulo médium, não seria errado afirmar que a TCI também depende de um ou vários médiuns, sem que, com isso, ela se confunda com a TCM.

Conclusão

A TC entre os mortos e os vivos, entre nós e os seres não pertencentes à nossa categoria física, habitantes de outras regiões fora do nosso sistema espaço-tempo às quais demos a denominação generalizada de o Além, está atualmente invadindo as áreas técnicas, especialmente a Electrónica. A TCI avança rapidamente e breve estará presente em cada lugar onde exista um aparelho capaz de receber informações e retransmiti-las.

Os incrédulos, os materialistas, os recalcitrantes, ou os próprios espíritas que, por quaisquer razões, se posicionam entre os que ainda negam ou combatem a TCM ou a TCI terão de enfrentar a evidência dos fatos, pois a TC, bem como as suas formas, TCM ou TCI, são uma realidade e vieram com o progresso para ficar.

Glaciários e Cavernas na Pré-História

De tempos imemoriais costumam os homens veros seus antepassados e se comunicar com eles. Essa comunicação ostensiva se verifica no tempo e no espaço; em todas as épocas e em todas as regiões se conhecem e se relatam tais fenômenos. Essa universalidade é já uma prova segura da realidade de tais fatos; impossível essa concordância no fato psíquico, por parte de povos diversos, distantes, e em várias idades. (Imbassahy, 1955, pp.267-268)

A Aurora do Espírito

O aparecimento do homem sobre a Terra foi precedido de extenso preparo. Milhões e milhões de anos foram necessários para que o nosso planeta se tornasse apto a produzir a vida. Esta evoluiu lentamente, ascendendo de degrau em degrau, ensaiando bilhões de modelos e tipos, até conseguir galgar o nível atual de manifestação da inteligência e da razão.

De acordo com os mais modernos processos de medida do tempo geológico, baseados na determinação dos depósitos de elementos radioativos presentes nas rochas, a formação da Terra deve ter-se iniciado há cerca de quatro bilhões e seiscentos milhões de anos. Têm-se indícios de que a vida surgiu há mais ou menos três bilhões de anos; começou nos oceanos e, pouco a pouco, conquistou também a terra firme. A vida, partindo das ultramicroscópicas formas biomoleculares iniciais que

primitivamente se desenvolveram nos tépídos mares da Era Arqueozóica, consumiu perto de 900 milhões de anos para atingir a organização biológica dos crustáceos e moluscos do Cambriano. Outro lance de 325 milhões de anos foi necessário para que os peixes, plantas terrestres, insetos, anfíbios e répteis aparecessem, preparando o advento dos mamíferos do Triássico. Acelera-se, então, o movimento ascencional da evolução biológica, pois apenas mais 125 milhões de anos bastaram para que surgissem os nossos ultra-remotos antepassados, os lêmures e os társios do Eoceno. Estes últimos, em menos de 50 milhões de anos, originaram os macacos e os antropóides que precederam o advento do homem sobre a Terra.

Recém-chegado ao imenso palco da vida, emergido da animalidade instintiva para a conquista da razão, o antropóide inexperiente e bruto viu-se a braços com inúmeros problemas, tanto de categoria material como de natureza espiritual. Fenômenos paranormais passaram a integrar, também, o primitivo rol das experiências que iriam compor o cabedal de conhecimentos iniciais do hominídeo que viveu no Pleistoceno Médio.

A aurora do espírito coincidiu, portanto, com a alba da humanidade.

O Homem na Pré-História

Façamos, agora, uma viagem através do tempo, em direção ao passado. Vamos caminhar cerca de um milhão de anos para trás.

Eis-nos atingindo o início do Pleistoceno Médio. Um frio terrível assola grande parte da Terra e, nas zonas onde hoje reina clima temperado, o gelo cobre extensas áreas de chão. Por ocasião dos rigorosos invernos, tempestades de neve batem impiedosamente os flancos das montanhas, obrigando os animais sobreviventes a buscarem abrigo nas cavernas e anfractuosidade das rochas. Estamos em plena glaciação, no primeiro período glaciário denominado de *Gunz*, cuja duração atingiu perto de 400 mil anos.

A natureza começa a exercer a sua técnica seletiva, implacável e rigorosa, para obrigar o simiesco pré-homem a desenvolver seus primeiros rudimentos de inteligência e de engenho. Acossados pela inclemência do clima, os animais de sangue quente ou emigram para as faixas equatoriais ou conquistam seletivamente meios de defesa indispensáveis

à sobrevivência. Os mais inteligentes tratam de cavar ou encontrar abrigos contra os rigores do inverno. Os antropóides, como o *Pitecantropus* e o *Sinantropus*, mais tarde aprenderão, premidos pela necessidade e acossados pelo acicate do frio, a usar, conservar e produzir o fogo; a fazer rudimentaríssimas armas para caçar; e a buscar aconchego seguro nas cavernas mais profundas.

Mais dois glaciários, o de Mindel e o de Riss, se sucedem, intercalados com curtos períodos interglaciais, atingindo o início do Pleistoceno Superior, há cerca de 150 mil anos atrás.

Cerca de seis mil séculos durou esse curso primário da humanidade ainda embrionária e inexperiente. Os seus resultados foram: a conquista do fogo, o uso da pedra lascada como arma e utensílio, a descoberta da linguagem, alguns indícios de organização social e colaboração mútua, pelo menos durante as caçadas, e, finalmente, certo senso religioso.

As glaciações de Gunz, Mindel e Riss sucedeu, então, um período de descanso, um interglaciário de quase oitenta mil anos. Vamos imaginar que nos encontramos em plena e generosa primavera no Pleistoceno Superior. Uma vegetação luxuriante invade as zonas setentrionais do Planeta. Rios e cascatas cortam as montanhas, enquanto os estrondos das avalanches anunciam a erosão avassaladora nas rochas. Surgem planícies sobre os vales aterrados, e as capoeiras cobrem-se de um verde inebriante. Animais de todas as espécies pululam pelos campos e florestas, tornando a caça abundante e fácil. Ao lado dos antropóides brotam as pré-civilizações, os primeiros vestígios dos hominídeos. Lá estão eles, empenhados na caça de estranhos e perigosos animais, ou na manufatura de armas rudimentares.

A glaciação de Wurm vai novamente fustigar esses espécimens humanos, obrigando-os a buscar constantemente o refúgio nas grutas e cavernas. Seleções rigorosas são assim executadas impiedosamente no curso de milhares de anos, durante os quais os homens primitivos aprenderam, entre muitas outras coisas, a entender-se através de gestos e linguagem rudimentaríssima, a usar o fogo e a explorar os recessos mais profundos e escuros das cavernas acolhedoras.

Desse duros tempos primitivos, o homem ainda hoje conserva alguns resquícios, alguns sinais indeléveis firmemente incorporados aos seus costumes, às suas tradições e à sua conduta. Dessas épocas de lutas e sofrimentos, ficaram os testemunhos, os vestígios característicos que

perduraram escondidos nos recessos das cavernas outrora habitadas, durante milhares e milhares de anos, pelos homens do paleolítico inferior, médio e superior.

Voltemos, agora, aos tempos modernos e façamos uma visita a algumas daquelas cavernas, examinando-as minuciosamente, pois elas nos contarão a história secreta dos seus antiquíssimos inquilinos.

As Cavernas

Na região denominada Pech-Merle, que fica entre Cahors e Figeac, na França, existem várias grutas calcárias, descobertas pelo jovem pastor André David e, mais tarde, estudadas por A. Lemozi. Vamos visitá-las, penetrando em uma delas e explorando sobretudo as suas partes mais profundas. São elas as testemunhas mudas do distante passado da humanidade. Ao penetrar em seus recessos mais íntimos, vemos tectos e pisos semeados, aqui e acolá, de imensas e numerosas agulhas de estalactites e de estalagmites. Logo sentimos a ausência da luz e temos de nos munir de lanternas. Apagando-se os focos luminosos, uma escuridão apavorante e esmagadora envolve-nos de imediato. Os ruídos dos nossos passos ecoam pelas reentrâncias da caverna, multiplicando-se em um cascatear de coisas esmigalhadas. O chão é áspero, cheio de saliências, e a umidade viscosa que mina das paredes parece nos atingir a pele. Em alguns pontos, sentem-se fortes lufadas de vento, em outros, porém, o ar é morno, estagnado e carregado de odores estranhos. Avançar por essas furnas medonhas e escuras exige coragem e determinação. Não obstante, caminhemos, buscando os recantos mais interiores da caverna.

Encontramo-nos, agora, em um vasto salão irregular, formado por caprichosa dilatação da parte oca do imenso monolito calcário. Sentimo-nos insignificantes ali dentro. Atingimos as tenebrosas profundezas da montanha. Do exterior agora longínquo, não nos chega o menor som, o mais insignificante ruído. Ouvem-se apenas os intermitentes pingos de água salobra, que gotejam pelas pontas das estalactites e caem nas poças de água acumuladas no chão rochoso e impermeável. É impossível ficar-se indiferente em um lugar desses. As luzes de nossas lanternas projetam figuras de sombra e claridade pelo tecto e paredes, numa fantasmagoria de espectros indefinidos e aterradores. Um grito comum assume a dissonância de uma algaravia, propagando-se pelos antros de pedra como

se fossem milhares de berros de uma multidão distante e enfurecida.

Examinemos mais detidamente esse estranho lugar. Com imensa surpresa, vamos encontrar sinais da presença de seres humanos que ali estiveram, faz muito tempo, e se serviram dessas furnas para qualquer coisa misteriosa que não fora dormir ou comer. Não encontramos vestígios de fogo ou de repastos. Todavia, pelas paredes livres acham-se gravuras representando bisões, renas, cavalos selvagens e cenas de épocas distantes. Chamam-nos a atenção as silhuetas de mãos humanas, rodeadas de manchas vermelhas e pretas, dirigidas para as figuras de animais. Inúmeros outros indícios revelam que nessas cavernas eram celebrados rituais religiosos ou mágicos. O antropólogo H. Breuil, estudando cavernas semelhantes, assim se pronunciou com relação a elas:

"Mesmo admitindo-se que o uso regular das grutas no inverno, como lugar naturalmente aquecido, haja acostumado os paleolíticos a não temerem tanto a escuridão, há razão, penso, de se encarar a probabilidade de que as galerias escuras (mas pode não ser somente elas) eram o teatro de ritos cerimoniais relativos à multiplicação dos animais desejáveis, à feliz conclusão de expedições de caça, à destruição por magia dos animais perigosos". (Breuil, 1931)

Outros sinais, porém, revelam que a natureza dos cultos celebrados nesses locais não se ligava exclusivamente à idéia de caças abundantes ou à conjuração dos perigos mas envolvia um sentimento religioso em desenvolvimento e a crença na existência dos Espíritos. Como diz Peyrony:

"O Magdaleniense acreditava em uma outra vida. O que o prova é a maneira pela qual sepultavam os mortos e, também, a forma de decorar as cavernas, que não lhe serviam jamais de habitação". (Gorce, 1948, p.47)

Como vemos, há indícios de que as partes mais profundas e tenebrosas dessas grutas foram usadas pelos trogloditas, não como locais de refúgio ou moradia, mas sim como verdadeiros templos rudimentares, onde praticavam misteriosas cerimônias mágico-religiosas.

A Crença nos Espíritos na Pré-História

Uma série de descobertas ocorridas no início do Século XX

representou um marco na História das Religiões. As evidências incontestáveis de que os homens da Idade da Pedra lascada realizavam práticas funerárias surgiram por volta do ano de 1900, quando das escavações feitas por orientação do príncipe Alberto de Mônaco nas grutas de Grimaldi, próximo de Mentón, sobre a Cote d'Azur. (Wernert, 1948)

As sepulturas da antiga Idade da Rena, encontradas nas grutas dos Baoussé-Roussé e de Solutré, possuíam vestígios claros de que os paleolíticos dispensavam cuidados especiais aos cadáveres dos membros de sua tribo. Deitavam o morto, tendo as pernas e os braços fletidos em postura fetal, sobre cinzas quentes e até mesmo sobre brasas ardentes. É fácil de compreender esses cuidados, quando se considera o papel importante do fogo naqueles tempos. Devemos lembrar-nos dos glaciários que, durante vários milênios, exerceram sistemática seleção do *Australopiteco* e do *Pitecántropo*, fazendo-os evoluir até se tornarem homens. O frio deve ter sido um problema constante para os antropóides. A descoberta do uso e da conservação do fogo deve ter sido, para eles, da máxima importância. O fascínio das chamas e o conforto do aquecimento proporcionado pelas fogueiras ou pelaslareiras certamente exerceram grande influência naqueles seres primitivos. Era justo que procurassem proporcionar à alma do morto o bem-estar do aquecimento.

Certificou-se também no estudo de várias sepulturas paleolíticas, que se acendiam fogos rituais fora do contacto direto com o cadáver. Presume-se que tais fogueiras eram acesas para a "alma" que os paleolíticos supunham rondar nas adjacências da sepultura. Havia ainda uma crença bem antiga de que um indivíduo possui mais de uma alma: "Uma a alma corporal, suposta ficar junto ao despojo material, a outra, a alma imaterial ou sombra, rondando nas proximidades da tumba". (Wernet, 1937, pp. 211-217).

Conclusão

Qual teria sido a causa dessas práticas funerárias cujos indícios foram encontrados nas grutas do paleolítico? Como os primitivos habitantes das cavernas chegaram a tais requintes de abstração, ao ponto de admitirem a existência de uma alma imaterial e incorpórea? Seguramente, tais hominídeos eram seres ainda brutos, animalizados, inscientes e pouco amadurecidos. Suas atividades deviam ser

principalmente a luta pela sobrevivência, a constante busca do alimento e a defesa contra os perigos e as intempéries, particularmente contra o frio.

Presumimos que esses nossos longínquos antepassados tiveram experiências diretas que eventualmente tê-los-iam levado à descoberta de que algo no indivíduo sobrevive à morte e pode, mesmo, comunicar-se com os vivos.

Teriam sido, provavelmente, as primeiras TCs, a causa mais plausível da crença na alma, ou melhor, da crença nos Espíritos.

No próximo capítulo abordaremos a questão dos fenômenos de poltergeist, que teriam ocorrido naqueles longínquos tempos do início da humanidade. Parece muito provável que a crença na existência dos Espíritos tenha, em parte, se originado desses estranhos fenômenos.

O Poltergeist na Pré-História

Já apresentei ao leitor casos nos quais a inteligência declarou ser a de uma pessoa morta e casos em que ela afirmou ser a de um espírito mau ou entidade não-humana. Houve também um ou dois casos nos quais a inteligência era ostensivamente a de uma pessoa viva ou alguma parte dissociada da personalidade do agente.
(Gauld e Cornell, 1979, p.143)

Poltergeist, Pedras e Fogo

Poucas pessoas ignoram, hoje em dia, o que seja um poltergeist. Esta palavra é de origem alemã e composta por dois vocábulos: *poltern* = fazer barulho; *geist* = Espírito. Assim, poltergeist significa: Espírito brincalhão, desordeiro, barulhento etc. Esta denominação é popular e nascida da imediata observação dos fenômenos, os quais dão a impressão de atividades de algum ser espiritual.

Atualmente, existem algumas hipóteses explicativas para o poltergeist, contrárias à espiritualista. Os parapsicólogos ortodoxos crêem que tais fenômenos são provocados exclusivamente por um agente humano e vivo, ao qual se dá o nome de epicentro. Não obstante, a aparência dos fenômenos é a de que uma inteligência - sem corpo - opera nas ocorrências de poltergeist.

Não discutiremos, aqui, qual o agente real desses fenômenos. Todavia pensamos que os homens do Paleolítico teriam interpretado tais

fenômenos, como sendo a ação de Espíritos desencarnados.

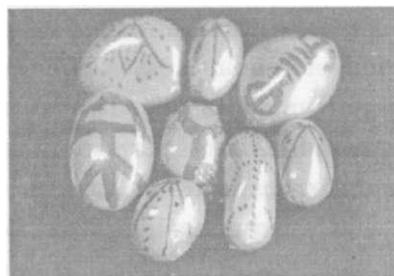
Nos fenômenos de poltergeist observados atualmente, é ainda assinalada significativa porcentagem de "quedas de pedras". Nos casos registrados pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas - IBPP, foi observada uma alta incidência de "quedas de pedras". Cerca de 35% das ocorrências assinaladas eram pedras que caíam sobre os telhados das casas, ou se projetavam contra as paredes, janelas e vitrôs, ora quebrando telhas, ora causando danos, estilhaçando vidros, atingindo pessoas etc.

Nos tempos pré-históricos devia haver abundância de pedras disponíveis nas imediações das cavernas onde, eventualmente, se abrigavam os hominídeos. Possivelmente, uma vez preenchidas as condições para a eclosão de um poltergeist e existindo pedras nas cercanias do epicentro (ser humano que fornece a substância, ou energia, necessária à produção dos fenômenos físicos), seriam elas os objetos mais suscetíveis de sofrerem movimentação. Parece lógico pensar-se que, pelo menos algumas vezes, os homens pré-históricos teriam presenciado os fenômenos de poltergeist. Ao verem as pedras se movimentando, concluiriam que alguma coisa se insinuou nelas, talvez aquilo que anima os seres vivos, uma espécie de alma. Há indícios de que os paleolíticos acreditavam que as pedras serviam de receptáculo para a alma dos mortos. Vejamos alguns:

Entre os variados objetos encontrados na gruta de Mas-d'Azil, em Ariège, destacam-se os seixos coloridos de vermelho (ocra) em que se vêem desenhos esquemáticos da figura humana. (Wernert, 1948, p.79) A conclusão imediata de que tais pedras assim preparadas tinham um significado ritual é confirmada pelos achados da gruta de Birseck na Suíça. Nesta caverna, Sarasin encontrou idênticos seixos coloridos e pintados com a silhueta humana, os quais haviam sido partidos anteriormente. Wernert considera que esta operação tinha por objetivo "aniquilar a força anímica suposta ali residir."(Opus cit.).

Na gruta ariegeana do Trou Violet em Montardit, foram descobertas por Vaillant-Couturier duas sepulturas instaladas sobre o local de uma lareira. Achavam-se escondidas sob arcadas rochosas que haviam sido tapadas por grandes blocos amontoados contra a abertura. Esses blocos mostravam sinais de fogo em sua face exterior. Esses indícios permitem concluir que em Montardit ocorreu o sepultamento tradicional sob a

lareira da habitação, bem como foi aceso o fogo na parte de fora da sepultura. Presume-se que esses fogos eram acesos visando reter naquele lugar as almas dos defuntos atraídos pelo calor. Os seixos coloridos e pintados com a silhueta humana, em número de dezoito, colocados ao redor dos esqueletos e desenhando o contorno do corpo humano, deviam achar-se ali para alojar a alma do defunto. Wernert descreve, ainda, outros seixos coloridos e de tamanho e formato especiais, um deles dando a impressão de uma estatueta com a forma humana.



Seixos rolados, coloridos de ocre, tendo desenhadas figuras humanas esquemáticas. Os Paleantropídeos acreditavam que os Espíritos dos seus companheiros mortos poderiam alojar-se nessas pedrinhas

Embora a interpretação acerca do significado desses fogos e pedras rituais pareça, à primeira vista, passível de questionamento, existem práticas mais recentes que dão apoio àquela suposição inicial. Eis algumas delas:

Em 1666, apareceu em Paris a edição de um livro intitulado: *La Vie de Monsieur de Noblets*. Tratava-se de uma autobiografia escrita por um padre.

H. Gaidoz descobriu anotações de máxima importância, nesse livro, concernentes às superstições reinantes na Baixa Bretanha durante a primeira metade do Século XVII. Referindo-se aos costumes desses tempos, Monsieur de Noblets diz assim: "Via-se que colocavam pedras próximas do fogo que cada família tinha o hábito de acender na vigília da festa de São João Batista, a fim de que seus pais e seus ancestrais viessem aquecer-se comodamente". (Wernert, 1948, p.83)

Como pode ver-se, no Século XVII conservava-se praticamente intacto um costume que remonta há milhares de anos atrás. Fora da Europa, entre as civilizações de caráter mais primitivo, vamos encontrar não só os objetos antropomórficos destinados a receber a alma dos defuntos e antepassados, mas sobretudo uma estreita correlação entre a lareira, a sepultura, a habitação e a representação dos mortos.

O culto dos seixos rolados permaneceu até hoje entre os costumes de certas tribos primitivas, as quais admitem que as almas dos mortos e antepassados podem habitar tais pedras. Os Dakothas, por exemplo,

amontoam grande número de pedras arredondadas (seixos rolados) e fazem oferendas a esses calhaus. O mais interessante é que se dirigem respeitosamente às pedras tratando-as por "avô" ou "avó". Em suma, rendem-lhes culto por acreditarem que nos seixos se acham alojados os Espíritos dos seus ancestrais.

Os indígenas das ilhas Leti esculpem imagens a fim de serem ocupadas pelos Espíritos, e desse modo serem alvos da proteção dos mesmos. Quando precisam viajar, surge o problema de como levar os antepassados também. A solução é simples: fazem os Espíritos emigrarem para pequenas pedras arredondadas, fáceis de transportar. Ao regresso, os Espíritos tornam a passar outra vez para as imagens, e as pedras são atiradas fora.

Esses poucos exemplos bastam para apoiar a tese enunciada de que os achados nas grutas revelam a existência de uma crença nos Espíritos, na sua sobrevivência e mesmo comunicabilidade, entre os homens que viveram desde o paleolítico inferior até os tempos mais recentes.

Esta crença, provavelmente, deve ter surgido dos fenômenos de poltergeist, durante os quais as pedras se movimentam, dando a impressão de estarem animadas pelos Espíritos dos companheiros falecidos.

Já temos um acervo de informações, relativas ao comportamento das civilizações que floresceram desde o Paleolítico inferior até o Neolítico. Os vestígios encontrados nas furnas de Pech-Merle, Grimaldi, São Marcelo, Predmost, Baoussé-Roussé, Solutré e inúmeras outras dos quais demos alguns exemplos, mostram claramente que as populações pré-históricas possuíam certo senso religioso e acreditavam na existência dos Espíritos, na sua comunicabilidade e na sua sobrevivência após a morte do corpo físico.

As Religiões Ter-se-iam Originado das Transcomunicações?

As perguntas normais que surgem, ao tomar-se conhecimento desse estranho procedimento e dessa inusitada crença, são: Qual teria sido a sua causa fundamental? Qual o fenômeno central e constante que teria desencadeado o epifenômeno religioso, conservado até hoje pela humanidade? Por quê a íntima relação entre o senso religioso, a

idéia da existência do Espírito e a crença na sua comunicabilidade, nos seus poderes, na sua influência boa ou má?

Não pretendemos invalidar as conclusões a que chegaram alguns especialistas no assunto quando, analisando os processos implicados no desenvolvimento do senso religioso na humanidade, descobriram a influência de vários fatores normais tais como os puramente psicológicos. Mas, a crença nos Espíritos é uma constante, e se ela por si não exclui as outras componentes, por isso mesmo não deve ser por elas excluída. Por conseguinte, trata-se de saber como apareceu esse fator constante. É justamente nesse ponto que uma interpretação baseada na evidência de certos fenômenos paranormais se apresenta para responder à questão proposta.

Acreditamos que o fenômeno inicial que deu origem à crença na existência do Espírito foram as primeiras TCs representadas pelas quedas de pedras observadas em surtos de poltergeists ocorridos na pré-história. Daí o culto das pedras ligado ao fogo que, naqueles tempos remotíssimos, devia representar um papel importantíssimo concernente ao bem-estar e mesmo à sobrevivência durante os glaciares. As pedras, receptáculos das almas dos mortos, participavam do conforto das lareiras.

Entretanto, quando falamos em TC, introduzimos uma idéia nova, a da existência de uma comunicação entre seres conscientes, habitantes do nosso plano físico, e seres inteligentes, pertencentes a um outro plano extrafísico.

Diante da existência dos casos de poltergeist em que há evidência da atividade de seres incorpóreos, podemos supor que algumas dessas ocorrências se prendem ao desejo do Espírito do morto de estabelecer comunicação com seus antigos parentes e companheiros ainda encarnados. Não teria sido esta a primeira forma de TC empreendida pelos primitivos trogloditas falecidos?

Uma vez fora do corpo devido ao desencarne, o perispírito (ou corpo espiritual) do morto, ainda rudimentar e muito denso, manter-se-ia nas proximidades de seus companheiros e parentes vivos. Desse modo, poderia avistá-los e ouvi-los, sem ser percebido por aqueles. A necessidade de comunicar-se com os que ficaram, chamando-lhes a atenção, poderia ter levado os Espíritos primitivos à descoberta do singular expediente que consiste no arremesso de pedras. Esse processo é, até hoje, empregado pelos Espíritos pouco evoluídos, em grande parcela dos fenômenos de

poltergeist. Uma vez descoberta a técnica de produzir o fenômeno, deve ter ocorrido a sua divulgação entre os desencarnados. Estabeleceram-se, então, as primeiras TCs em plena pré-história. Mas, o comportamento dos homens da Idade da Pedra, em relação aos mortos, sugere que outras formas de TCs também ocorreram naquela época remotíssima.

Conclusão

Iremos observar que o senso religioso dos homens sofreu uma evolução, assim como as cerimônias mágico-religiosas das quais também se encontraram inúmeros vestígios nas grutas paleolíticas da Europa. Tais transformações devem ter resultado de outras modalidades de TC ocorridas naquela época e também ao longo do tempo. Originaram-se da soma de experiências e estabelecimento de correlações entre os diferentes tipos de manifestação mediúnica eventualmente presenciados pelos homens primitivos.

O fato de os paleolíticos se acharem muito próximos do nível animal não impediu que tivessem passado por experiências paranormais, particularmente as mediúnicas. Os animais também manifestam faculdades paranormais.

Veremos no próximo capítulo exemplos de que os animais também manifestam fenômenos paranormais. Esse fato reforça a hipótese das TCs entre os mortos e os vivos, ocorridas na pré-história.

A Paranormalidade entre os Paleantropídeos

*Uma quantidade de animais falecidos tem
sido descrita a seus donos por médiuns,
durante as sessões públicas ou privadas.*

*Muitas vezes, foi possível, em sessões de materialização, sentir
a forma sólida de animais que retornaram para perto daqueles
que os haviam amado.*

(Montandon, 1943, p.279)

Teriam, os Animais, alguma Espécie de Mediunidade?

O conhecido parapsicólogo, historiador e antropólogo francês, dr. H.C. Raoul Montandon publicou em 1943 um livro intitulado *De la Bête à l'Homme* (Montandon, 1943). Nesse trabalho, ele relata uma soma enorme de casos extraordinários ocorridos com animais diversos. A referida obra de 367 páginas está dividida em seis partes, das quais a quarta e a quinta contêm as seguintes matérias.

Quarta Parte: *FACULDADES PSÍQUICAS OU SUPRANORMAIS*

- a) Pressentimentos, premonições, telepatia
- b) Clarividência, clariaudiência

c) Mediunidade

Quinta Parte: *MANIFESTAÇÕES POST-MORTEM*

- a) Desdobramento (bilocação)
- b) Manifestações espontâneas
- c) Manifestações obtidas em sessões experimentais
- d) Registro fotográfico
- e) Sobrevivência animal

Todos esses títulos são ilustrados com minuciosos relatos de casos bem documentados. Por eles pode ver-se que os animais manifestam funções paranormais semelhantes às dos homens, pois a lista acima enumerada refere-se às faculdades e fenômenos concernentes aos animais ditos irracionais. Para cada item, Montandon cita várias ocorrências extraídas de publicações, relatórios, cartas e também observações pessoais realizadas por ele.

A título de ilustração, vamos transcrever alguns dos fatos narrados por Montandon na sua mencionada obra. O primeiro caso por nós escolhido foi publicado na revista *Light*, 1915, p.215 e transcrito no referido livro de Montandon:

"Cerca de dez horas e trinta da noite, escreve o reverendo Charles Tweedale, minha esposa subiu ao seu quarto e, enquanto arrumava os travesseiros, dirigiu o olhar ao pé do leito. Percebeu ali um grande cachorro preto, erecto sobre suas patas, o qual ela pôde analisar em detalhe. Quase ao mesmo instante, nosso gato, que havia seguido sua dona na escada, penetrou no quarto e, vendo por seu turno o cão, deu um pulo, curvando o dorso, eriçando o pêlo, rosnando e dando golpes de unha no ar. Ele saltou em seguida sobre o toucador colocado em um canto do quarto e escondeu-se atrás do espelho do móvel. O fantasma do cachorro esvaneceu-se. Minha mulher, desejando assegurar-se de que o gato não era, ele também, de natureza fantasmagórica, aproximou-se do toucador; olhando atrás do espelho, ela viu bem o nosso gato autêntico, em um estado de excitação frenética, e sempre de pêlo eriçado. Quando ela tentou tirá-lo de seu esconderijo, o felino rosnou e a unhou, mantendo-se ainda tomado pelo pavor que lhe havia causado o cão fantasma". (Montandon, 1943, p.192)

Vê-se, por este exemplo, que os animais não só são capazes de manifestar-se em forma de fantasma, como podem ser percebidos pelos outros animais, mesmo pelos de espécie diferente. Entretanto, há também

um número enorme de casos em que os animais, como os cães, gatos, cavalos etc. percebem a presença de Espíritos humanos, dando mostra de enxergá-los e ouvi-los e, algumas vezes, de temê-los.

Dentre os numerosos exemplos oferecidos por Montandon, vamos extrair o seguinte, por ele transcrito do artigo de Ernesto Bozzano: *Perceptions Psychiques et Animaux, Anuales ales Sciences Psychiques*, 1905, p.423:

"No ano de 1874, quando eu não tinha senão dezoito anos, encontrava-me na casa de meu pai e, numa manhã de verão, havia me levantando próximo das cinco horas, a fim de acender o fogo e preparar o chá. Um grande cão de raça bull-terrier, que tinha o hábito de me acompanhar por todos os lugares, encontrava-se a meu lado enquanto me ocupava do fogo. A um certo momento, ouvi-o emitir um surdo rosnado, e o vi olhar na direção da porta. Virei-me para esse lado, e para meu grande terror, percebi uma figura humana alta e tenebrosa, cujos olhos flamejantes se dirigiam para mim. Soltei um grito de alarme e caí para trás sobre o solo..."(Montandon, 1943, p. 201)

"Este relato revela que um animal pode perceber a presença de um Espírito, inclusive reagir de forma adequada à natureza malévola do mesmo, como ocorreu neste episódio narrado por Bozzano."

Permitimo-nos transcrever apenas os dois exemplos precedentes, colhidos aleatoriamente da riquíssima coleção contida na obra do dr. Montandon. Acharno-los suficientes para demonstrar que os animais possuem faculdades paranormais semelhantes às dos homens. Em razão desse fato, os animais podem perceber clarividentemente a presença de desencarnados. Montandon cita um número enorme de casos de aparições de animais após haverem falecido. A maioria deles concernentes a animais domésticos apegados a seus donos ou ao ambiente doméstico em que foram criados.

Os fatos antes apontados apoiam a suposição de que os primitivos hominídeos, sem embargo da sua condição de seres ainda muito animalizados, poderiam ter tido experiências paranormais tanto subjetivas como objetivas. E muito provável que os paleolíticos tenham presenciado as aparições e até mesmo as ectoplasmias de seus semelhantes falecidos. Tais manifestações provavelmente teriam ocorrido não só ao ar livre, durante o dia, mas sobretudo durante as noites, bastante escuras naquela época de iluminação precária. Outro local

propício a tais fenômenos seria o recesso das cavernas.

Com o passar do tempo e após a constante repetição dos poltergeists e dos fenômenos de aparição, os homens pré-históricos passaram a estabelecer a correlação entre os dois tipos de TC. Surgiu daí a crença nos Espíritos entre os paleantropídeos, bem como o culto das pedras, o cuidado com os cadáveres de seus semelhantes e outras práticas mágico-religiosas, cujos indícios foram encontrados nas cavernas pré-históricas.

Um fato importante foi a mudança do regime alimentar dos primitivos cavernícolas imposta pelas glaciações iniciadas no Pleistoceno Inferior. Os pré-hominídeos foram obrigados a passar da vida nas florestas e nas campinas para os abrigos nas cavernas. Tiveram de suprir sua alimentação com a carne das caças, absorvendo com isso abundante quantidade de proteínas animais. Este fato estimulou a produção de ectoplasma por parte dos indivíduos dotados de mediunidade de efeitos físicos, facilitando as manifestações ectoplásmicas.

Ao penetrarem no recesso das furnas escuras, após os repastos, alguns desses primitivos médiuns teriam caído em transe e emitido abundante quantidade de ectoplasma, possibilitando as materializações dos Espíritos que eventualmente estivessem acompanhando os curiosos paleolíticos exploradores do interior das cavernas.

As Ectoplasmias no Interior das Cavernas

E fato normal para os que já leram pelo menos um bom tratado sobre a fenomenologia paranormal, que as ectoplasmias ocorrem com maior facilidade quando na ausência de luz. A ação demolidora dos fótons, verificada em laboratório e batizada com o nome de "efeito fotoelétrico" tem, também, sua influência inibidora no momento da formação do fantasma. Uma vez ectoplasmado, o espectro pode ser visto, em alguns casos, até à plena luz do dia. Mas a potência dos médiuns mais comuns é reduzida. Em vista desse fato, raras são as ectoplasmias que resistem prolongadamente ao efeito dissolvente das radiações luminosas; e mais raras, ainda, as que conseguem iniciar-se sob a ação desagregadora da luz. Por outro lado, é também conhecido que os agentes humanos que poderiam provocar as ectoplasmias são relativamente comuns. São excepcionais apenas os de grande potência. Porém eles existem e devem ter surgido entre os homens do paleolítico inferior, pois tal faculdade

parece ser uma característica peculiar aos seres vivos, especialmente aos seres humanos.

A água e os aminoácidos constituintes das proteínas parecem predominar na composição do ectoplasma. A alimentação carnívora dos trogloditas poderia ter contribuído para a sua produção de ectoplasma.

Ora, evidentemente, a única razão para que se celebrassem certos rituais nos recessos mais profundos das cavernas prender-se-ia ao fato de ali reinar uma escuridão propícia à formação das ectoplasmias. Se assim não fosse, tais cerimônias seriam realizadas normalmente, como parece bem mais lógico, ao ar livre, conforme veio a ocorrer posteriormente

em uma fase já avançada do culto religioso. O início dos fenômenos ectoplásmicos deu-se, sem dúvida, nos recessos mais escuros das furnas paleolíticas. Teriam ocorrido, ocasionalmente, um certo número de vezes, em lugares e épocas diversas. A imensa escala do tempo sugere, com probabilidade bem grande, haver-se repetido o suficiente para permitir o estabelecimento de uma correlação entre a escuridão e a manifestação dos fantasmas. Idêntica correlação teria sido notada entre as



E possível que nossos remotos ancestrais tenham presenciado ectoplasmias no seio das cavernas paleolíticas

condições anteriores e a presença

do agente humano, ou médium, que provocava o aparecimento dos espectros. Surgiu, assim, o xamã, ou feiticeiro, diante do qual apareciam o ancestral, o guerreiro, o chefe da clã e os entes queridos, em virtude das faculdades mediúnicas daquele.

O Nascimento das Religiões

Temos atualmente, ao alcance das mãos, fenômenos semelhantes e condições essencialmente as mesmas, que poderiam fornecer-nos abundante material para estudo e compreensão do provável comportamento dos nossos ancestrais mais remotos, diante das várias

manifestações desse gênero. Basta observar o procedimento dos atuais grupos humanos onde se cultiva o intercâmbio com os Espíritos. Qualquer que seja a natureza das práticas e o nível cultural dos participantes, surgem normalmente as mesmas fases no desenrolar dos fatos subsequentes ao fenômeno fundamental que é a comunicação com o Espírito. E essas reações devem assemelhar-se ao provável evoluir daquilo que chamamos de comportamento religioso dos paleolíticos. No centro dos acontecimentos situa-se sempre o fenômeno básico: *a manifestação dos Espíritos dos defuntos*. O médium é assinalado logo a seguir. Em torno dele juntam-se os observadores, dentre os quais se destacam os mais interessados que passarão a entender-se com o Espírito ou Espíritos manifestantes, recebendo seus pedidos, suas instruções ou ordens. São verdadeiros servidores das entidades, seus intérpretes, seus secretários e executores dos seus caprichos.

A situação do médium é inteiramente outra. Como agente intermediário, por conseguinte, como instrumento da manifestação de entidades eventualmente do plano dito superior, ele passará a gozar de certas prerrogativas. Poderá mesmo abusar da confiança dos seus acólitos, fazendo as vezes dos Espíritos manifestantes. Em particular deve ser focalizada a figura do médium, xamã ou feiticeiro. O prestígio e a importância que ele passa a desfrutar no seio da tribo seriam as conseqüências imediatas dos seus extraordinários poderes. Em sua presença o chefe falecido volta a comunicar-se com os seus subordinados; os parentes e amigos já mortos podem ser vistos e ouvidos. O xamã está em condições de ombrear-se com o novo chefe tribal. Suas extraordinárias faculdades colocam-no em uma situação privilegiada: fator decisivo para o êxito da TC.

Mas, infelizmente, o médium não tem controle sobre suas funções paranormais e sobre os Espíritos. Os notáveis fenômenos obtidos por seu intermédio atravessam crises de declínio e até de desaparecimento. Para salvaguardar a posição adquirida e o prestígio conquistado, o médium xamã ou feiticeiro passa a usar truques ou artifícios e a criar uma complicada ritualística, com o fito de impressionar os circunstantes e camuflar as temporárias extinções de suas faculdades. Surgem as mistificações, as fraudes, os aparatos, os rituais e até mesmo a Magia, como sucedâneos do fenômeno simples e natural. O médium funda, mais tarde, um colegiado de adeptos, dentre os quais escolherá seu sucessor e

os comparsas nas tramóias correntes.

Fracassadas as tentativas de conseguir-se a vontade as ectoplasmias, o recesso das cavernas vai-se tornando inútil para os rituais, e então o cerimonial passa a ser celebrado especialmente ao ar livre, com a participação de toda a tribo. Devem ter surgido assim a música, a dança, os enfeites vistosos e inúmeros outros acessórios, invariavelmente aliados às cerimônias religiosas exteriorizadas e executadas coletivamente. Não obstante, as raras sessões no interior das furnas continuarão a ser assistidas por um grupo mais ou menos privilegiado e restrito. Surge lentamente uma nova característica religiosa: o "esoterismo" e o "exoterismo"; o sagrado e o profano; o puro e o impuro; a casta sacerdotal e os fiéis.

O esoterismo passaria a constituir o monopólio de um grupo de elite que evoluiria para uma classe sacerdotal. Somente uma seleção prévia, ou *iniciação*, permitiria o ingresso nesse colegiado. O exoterismo tomar-se-ia a religião das massas, à semelhança do que ainda hoje se observa comumente em quase todos os grupamentos de natureza religiosa.

Juntamente com os fenômenos ectoplásmicos, é provável que tenham ocorrido também os psicofônicos; pelo menos assinalam-se os vestígios desse fato em épocas mais recentes, já na fase histórica da humanidade. São os profetas e pitonisas, pela boca dos quais falavam os deuses e os Espíritos dos mortos.

Conclusão

A eventual objeção contra a tese da existência de TCs ocorridas com os Paleantropídeos seria a impossibilidade de ocorrerem fenômenos paranormais (mediúnicos) entre eles. Tal dúvida se basearia no fato de os homens das cavernas serem ainda muito animalizados. Esse argumento torna-se insustentável diante das inúmeras evidências de apoio à existência de fenômenos paranormais ocorridos com espécies animais inferiores.

Outro indício muito forte a favor da ocorrência de TCs naqueles remotos tempos é a manifestação das práticas mágico-religiosas, incluindo o culto das pedras relacionado com o fogo das lareiras, cujos indícios são ainda registráveis. No próximo capítulo abordaremos outro tipo de evidência da existência da TC entre os primitivos cavernícolas: os cuidados com os cadáveres dos mortos.

Cuidados com os Mortos e Culto dos Crânios

A recusa em acreditar na finalidade da morte fez pirâmides e templos se erguerem da areia; foi uma das principais inspirações da arte, desde a tragédia grega até as pinturas da Renascença, a música de Bach e os Sonetos Sagrados de Donne.

(Koestler, 1969, p. 358)

Os Cuidados com os Mortos

Estudemos agora o comportamento dos homens primitivos, no concernente aos cuidados que tinham com os mortos. Tal prática atravessou os milhares e milhares de anos que antecederam a nossa época, mantendo-se quase inalterável até hoje.

Como já assinalamos anteriormente, as sepulturas encontradas em 1909 nas cavernas dos Baoussé-Roussé, de Laugerie-Haute e de Solutré, revelaram que os homens da Idade da Rena usavam sepultar os cadáveres, de uma forma muito peculiar. Os despojos mortais eram deitados sobre cinzas quentes até mesmo sobre brasas vivas. Muitos vestígios assinalados nessas e em outras cavernas indicam que os defuntos eram amarrados, ficando os seus membros dispostos de tal forma, que se reproduzia a posição fetal, isto é, sujeitavam-se os braços e pernas, dobrados e encolhidos, por meio de amarras, de maneira a lembrar a postura do feto antes de nascer. O cadáver recebia uma pintura vermelha

feita com pó de ocre. Dentro das sepulturas, vedadas por blocos de pedra superpostos, colocavam-se armas rudimentares, utensílios, alimentos etc. Mais tarde, as oferendas passaram a ser feitas às grandes pedras; isso na época megalítica, mas sob elas sempre se achavam os despojos do morto ao qual eram dirigidas assim indiretamente tais oferendas. As fogueiras que se acendiam para aquecer o Espírito do finado membro da tribo, tanto quanto as demais práticas funerárias, revelam a grande preocupação que os nossos ancestrais tinham com os que morriam. Contudo, é de causar estranheza que agissem desta forma, pois a morte era a coisa mais comum naqueles duríssimos tempos de lutas e competições com os elementos agressivos naturais. De acordo com os indícios encontrados, vê-se que os homens primitivos sofriam uma verdadeira dizimação em sua primeira juventude. Menos da metade logravam sobreviver na infância. Os que ultrapassavam os 40 anos de idade representavam um vigésimo do total, e apenas cerca de 1% conseguiam passar dos 50. A fome, as doenças, os ataques das feras, os acidentes e, enfim, tudo conspirava contra o homem das cavernas. A morte rondava-o dia e noite, e morrer deveria parecer-lhe rotina comum, normal e sem tanta importância.

No entanto, não era isso o que se passava. O homem de Neanderthal, por exemplo, que era dos que mais viam a morte face a face, foi também um dos primeiros a ter grandes atenções para com os mortos. Deve ter existido algo responsável por tal procedimento. A razão parece haver sido forte neste sentido, muito séria, muito clara, para despertar tantos desvelos em meio a criaturas jovens, ignorantes, animalizadas e absorvidas por problemas imensos de ordem material e imediata.

Admitindo-se a TC através da manifestação palpável do Espírito, após a morte do corpo físico, surgirá uma explicação plausível para o caso em apreço. Os que têm tido a oportunidade de presenciar a fenomenologia espírita já estão familiarizados com as manifestações de Espíritos chamados vulgarmente de sofrendores. São aqueles Espíritos que, tendo perdido o veículo físico, ainda arrastam consigo as impressões da época em que se encontravam encarnados. Geralmente, contam-se entre eles inúmeros que ignoram sua nova condição de desencarnados. A grande maioria, ao tomar contacto com o mundo físico à custa de um médium, vê exacerbarem-se as suas dores, angústias e aflições,

especialmente as que precederam seus últimos dias nas vestes da carne.

Ao que parece, os cuidados com os mortos surgiram daqueles dois fatores atrás enumerados: *a possibilidade das manifestações ectoplásmicas e a revivescência dos estados emocionais por parte do Espírito, na ocasião do seu primeiro contacto com os companheiros vivos.* Porém, não foram somente as cenas dramáticas que se desenrolaram naquelas ocasiões no seio das cavernas, os fatores determinantes da posterior conduta com relação aos defuntos. Mesclaram-se a eles muitos outros componentes. Pelo simples fato de manter-se praticamente inalterável a individualidade e mesmo a personalidade do ser humano logo após a morte, é provável que, uma vez conscientizados quanto à sua nova situação, passassem a agir de acordo com suas tendências e seu nível moral. O guerreiro ressurgiria como guerreiro; o inimigo como ferrenho perseguidor; o chefe tribal como guia espiritual; e assim por diante.

Desde logo, ter-se-ia estabelecido uma diferença de tratamento entre uns e outros; entre encarnados e desencarnados. Estes últimos, certamente, levaram algumas vantagens em virtude da sua aparente invulnerabilidade e da capacidade de provocar certos fenômenos fora do alcance dos encarnados. Entre um e outro campo, estabeleceu-se um comércio, um intercâmbio de valores. Os de lá procuraram valer-se dos de cá, e vice-versa. Mas a balança deve ter pendido para o lado dos desencarnados. A partir daí, os desencarnados vieram mantendo certo domínio e participação na vida, nos dramas e nas lutas dos encarnados. No meio destes, os Espíritos puderam contar com os indivíduos vivos a eles aliados, servindo-lhes de instrumento e de comparsas. Tais foram os xamãs, as pitonisas, os profetas, os feiticeiros, os magos, os sacerdotes e, hoje em dia, os próprios médiuns e seus acólitos.

Nos remotos episódios da pré-história os primeiros indícios dessa solicitude para com os desencarnados estão assinalados pelos vestígios das antiquíssimas práticas funerárias levadas a efeito naquela época. A gênese dessa conduta está, sem dúvida, nas primeiras manifestações dos Espíritos, no interior das cavernas. Ao se porem em contacto com o plano físico e com os amigos e parentes, os desencarnados deram expansão às suas emoções. Sentiam fome e frio, medo e desespero. Estavam no escuro. As feras os perseguiram e os estraçalhavam. Enfim, reviviam cenas algo semelhantes às que ainda se observam com os vulgarmente

chamados Espíritos sofredores quando eles se comunicam nas sessões espíritas.

Os circunstantes encarnados procuravam, a seu modo, remediar a situação. Colocavam os cadáveres em sepulturas aquecidas e guarnecidas de armas e alimentos. Acendiam fogueiras em suas imediações, para iluminar e confortar o morto. E, como os espectros manifestantes provavelmente se mostravam brancos, lívidos, era natural que tentassem até mesmo atenuar esse pormenor; os cadáveres era coloridos de vermelho, com pó de ocre.

Posteriormente, a putrefação do corpo inanimado deveria ter preocupado os homens das cavernas. Tentaram fabricar corpos indestrutíveis para servirem de guarida aos Espíritos errantes dos entes queridos. Fizeram, então, as estatuetas de osso, madeira, pedra, barro etc., onde acreditavam viessem alojar-se os Espíritos sem o corpo carnal. A dureza dos invernos levou-os a manter próximo das fogueiras e das lareiras tais representações antropomórficas, conforme assinalamos anteriormente ao citar os achados no interior das cavernas pré-históricas, e as demais práticas cujos vestígios chegaram até nós.

É curioso notar que muitos costumes ainda vigentes em nosso comportamento social parecem ter suas raízes nas práticas paleolíticas. Citaremos a título de exemplo o hábito de acender velas para as almas dos mortos ou para os Espíritos poderosos.

O Culto dos Crânios

Mais um outro estranho e notável comportamento dos paleolíticos e dos mesolíticos pôde ser comparado com o das tribos selvagens atuais de caçadores de cabeças. Em uma gruta da Baviera foram encontradas coleções de crânios. Os vestígios achados juntamente com as cabeças humanas permitiam reconstituir as possíveis cenas de caráter mágico-religioso que se teriam desenrolado naquele antro. Alguns crânios estavam recobertos com pó de ocre, e grande número deles, em grupos, rodeados de ornamentos.

Comparando com as razões que conduzem os atuais selvagens caçadores de cabeças a colecionarem os crânios humanos, pode chegar-se à conclusão de que os mesolíticos da cultura tardenoisense, por exemplo, provavelmente entesouravam as cabeças por três motivos principais: 1) para ofertá-las aos deuses; 2) para firmar o prestígio do

guerreiro que as obteve; 3) *para servir de morada aos Espíritos* na tribo.

Paul Wernert, em seu estudo intitulado *O Culto dos Crânios na Época Paleolítica*, apresenta extensa e exaustiva documentação que demonstra haver existido um culto dos crânios entre os homens da Idade da Pedra. Wernert estudou minuciosamente a ocorrência de depósitos de crânios nas grutas e jazidas paleolíticas e mesolíticas. Fez uma pesquisa sobre os motivos que levam os povos atuais, de nível cultural semelhante ao dos paleolíticos e mesolíticos, a colecionarem os crânios. E, finalmente, chegou às conclusões seguintes: "1) Desde as mais remotas épocas da Idade da Pedra, a cabeça humana foi o objeto das crenças religiosas do homem; 2) Pode dizer-se que, se os diversos grupamentos humanos da antiga Idade da Pedra, os Preneanderthalenses, os Neanderthalenses e os homens fósseis do tipo *Homo Sapiens* conservaram os crânios e seus fragmentos em suas moradias, é porque eles consideravam a cabeça como sede da força vital do corpo e do Espírito; 3) Ainda que separados pelo tempo e pelo espaço, os ciclos, os tipos e os caracteres essenciais da conservação dos crânios mostram analogias tão marcantes, que parecem calcados uns sobre os outros". (Wernert, 1948, pp. 54-72)

Não cabe dúvida de que o motivo fundamental do culto dos crânios se prende à crença na existência do Espírito e na possibilidade de mantê-lo em sua sede, mesmo depois da morte do corpo físico. A idéia sofreu uma evolução, e o culto dos crânios suscitou várias modalidades de rituais inclusive a antropofagia. Fundamentalmente, porém, sua razão prende-se à convicção da existência de um princípio espiritual cuja sede se localizaria na cabeça.

Os Incas conservaram o ritual da decapitação das vítimas. Ao mesmo tempo criam na existência do Espírito, pois cultuavam seus ancestrais nas huacas. Vê-se logo que tudo isso partiu de uma origem comum de crenças e práticas correlatas, cuja raiz se situa, sem dúvida, na TC efetuada em épocas mais remotas.

Os Incas, os Maias e os Astecas praticavam os rituais sangrentos e invariavelmente *coleccionavam os crânios*. Estudando com mais cuidado o comportamento religioso desses povos, verificaremos seu notável grau de amadurecimento nesse sentido, equivalente ao dos demais povos altamente civilizados, em forte contraste com as mencionadas práticas sanguinárias. Entre eles, homenageavam-se várias divindades

relacionadas com a cabeça, a agricultura, a guerra, os elementos, os astros etc, à semelhança de outras culturas já conhecidas e mesmo atuais. Os princípios do bem e do mal também possuíam seus representantes. Mas os sacrifícios humanos aliados ao colecionamento dos crânios persistiam teimosamente incorporados às práticas religiosas. As massas, dirigidas em tais cultos pelos sacerdotes, tinham, não obstante, conservado os mesmos fatores comportamentais comuns a todas as populações pré-históricas e que caracterizam o conhecimento da existência do Espírito e das suas influências boas ou más. Os feiticeiros e advinhos chegaram a ser reconhecidos oficialmente pelo imperador Inca Mayta Capac.

Não iremos descer a detalhes com relação às modalidades religiosas dos Maias, Astecas e Incas, pois esta parte pertence à fase superposta ao evento central que é a TC e da qual já assinalamos os indícios nos sacrifícios sangrentos e no entesouramento dos crânios.

Entre os Esquimós que, por razões óbvias, conservavam melhor os vestígios do primitivo foco gerador do fenômeno religioso, encontram-se práticas espirituais semelhantes às que observamos atualmente na maioria dos povos. A este respeito Anatole Lewitzky, em um estudo sobre a religião esquimó, comenta o seguinte: "Os homens comunicam-se com os Espíritos apenas por intermédio desses padres-mágicos, chamados *Angakkok*, cuja natureza mágico-religiosa apresenta os mesmos caracteres que os dos xamãs asiáticos. Ajudados pelos seus Espíritos aliados ou subordinados, os *Angakkoks* penetram no mundo dos Espíritos para ali servirem aos interesses dos homens". (Lewitzky, 1948, pp. 164-166)

É inegável que havia entre os antigos povos americanos a prática da TC.

Conclusão

Parece que os nossos longínquos antepassados, que inicialmente cultuavam as pedras, acreditavam também que a alma residia sobretudo na cabeça. O culto dos crânios põe em evidência essa suposição. Do mesmo modo, é provável que o costume de manietar os cadáveres, reduzindo-os à postura fetal, esteja possivelmente ligado a rudimentares conhecimentos sobre a reencarnação. Aquela posição, para eles, facilitaria o renascimento. Posteriormente, a urna funerária em forma bojuda, que

servia de receptáculo para o cadáver, passou a ser usada. Talvez o raciocínio elementaríssimo daquelas criaturas tentasse propiciar aos despojos até um involucro com a forma do útero.

Nem todos os Espíritos que se manifestavam no fundo das cavernas paleolíticas deviam achar-se totalmente ignorantes do seu estado e situação. Muitos deles eram chefes falecidos, xamãs ou feiticeiros, líderes do clã. Suas antigas prerrogativas e ambições passaram a ter possibilidades de satisfação e prosseguimento, mesmo após a morte. Tinham eles, no médium natural, um intermediário e provavelmente um aliado. O xamã, ou feiticeiro era o instrumento através do qual poderiam continuar a exercer sua influência sobre a tribo. Trataram, portanto, de fixar melhor as bases dessa aliança preciosa. E possível que daí tenha surgido a *magia*.

Outro fato que salta logo à vista, é a existência de duas espécies de cultos religiosos: Um oficial, constando de divindades maiores e menores, ancestrais poderosos, heróis etc., e outro mais popular, relacionado com a manifestação espiritual, compreendendo as práticas de feitiçaria, adivinhação e demais conseqüências do mediunismo. No tocante às manifestações do culto oficial, caracterizadas pelos templos e esculturas, pela ritualística, pelos símbolos e objetos religiosos, nota-se estranha semelhança com os encontrados entre outros povos da Europa, Ásia, África e Oceania. Em relação às práticas de fundo espiritual verificam-se as mesmas analogias.

Parece haver uma unidade fundamental religiosa, comum a toda a humanidade. Ela teria sempre dois aspectos distintos: um espiritual e outro ritualístico (mágico). Sem dúvida, o mais natural e invariável seria o espiritual. O outro resultaria de diferentes fatores, tais como: clima, raça, meio ambiente etc. Suas variações far-se-iam, contudo, em torno do primeiro, do relacionado com a manifestação espiritual, ou seja a TC, presente em todas as épocas, desde a alba da humanidade, até os dias de hoje.

Damos, assim, por encerrado o estudo que viemos fazendo da TC já praticada pelos povos pré-históricos. Acreditamos ter demonstrado, suficientemente, que o homem crê na existência do Espírito porque teve a experiência objetiva da sua realidade. Através de todos os tempos e em todas as latitudes, os mortos têm-se comunicado com os vivos e com eles selado alianças, formando as bases milenares dos sistemas religiosos.

Poderes Paranormais entre os Povos Primitivos

*Demonstrarei que existem religiões a tal ponto rudimentares que não possuem nem templos, nem altares, nem orações; mas não me é possível demonstrar que se descubra alguma que não ensine a crerem entidades espirituais intercomunicantes com os homens. (Brinton, *Religions of Primitive Peoples*)*

Estados Alterados de Consciência

Em dezembro de 1941, Ernesto Bozzano publicou uma de suas famosas monografias, intitulada *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*. Essa obra inicialmente de 350 páginas, alcançou a sua 3ª edição em 1946. Como todos os trabalhos de Bozzano, a referida monografia consiste em uma variada e sólida coleção de fatos bem documentados concernentes a manifestações de fenômenos paranormais, por ele cuidadosamente catalogados.

Os fenômenos paranormais focalizados na monografia citada ocorreram entre povos quase recentes e mesmo contemporâneos, alguns dos quais ainda possuem nível cultural equivalente ao dos homens pré-históricos. Por isso, são denominados povos primitivos.

No capítulo anterior, procuramos demonstrar que, entre os povos pré-históricos, os cuidados com os cadáveres dos companheiros mortos e o culto das pedras denotavam a presença de uma crença nos Espíritos,

já naquela época. O trabalho de Bozzano, consistindo em uma coletânea de relatos de inúmeras testemunhas, viajantes e antropólogos de renome, evidencia a sistemática crença na existência dos Espíritos entre os povos primitivos. A par desta crença generalizada, ressaltam as manifestações dos fenômenos paranormais que ocorreram com grande frequência naquelas comunidades selvagens.

A presença de um feiticeiro ou xamã é uma constante também, pois os fenômenos paranormais geralmente dependem da contribuição de um agente vivo. A TC é realizada quase exclusivamente por intermédio do feiticeiro.

Em algumas tribos, o intermediário pode ativar suas faculdades, caindo em transe por processo natural (auto-hipnose). Entretanto, é muito comum o emprego de métodos artificiais como o uso de drogas obtidas de vegetais, danças frenéticas, rodopios, aspiração de fumaças oriundas de ervas queimadas ou de emanações naturais etc. A indução do estado alterado de consciência pode ser praticada por mais de um indivíduo, isoladamente ou comandado pelo feiticeiro durante certas cerimônias mágico-religiosas.

Modalidades de Transcomunicação

A variedade de métodos é grande, mas em sua maioria visam o contacto com as entidades incorpóreas, *deuses, elementais e Espíritos humanos*. Nessas ocasiões, ocorrem as TCs. Elas podem ser meramente mediúnicas (TCM) ou *diretamente observáveis*, como vozes, aparições e ectoplasmias. Em alguns casos, podem ocorrer transcomunicações por meio de objetos que se movimentam, fazendo as vezes de um instrumento físico capaz de permitir a transmissão das mensagens. Seria, nesse caso, uma TCI.

Ernesto Bozzano transcreve um trecho do trabalho de Andrew Lang, intitulado *The Making of Religions*, no qual este conhecido antropólogo procura demonstrar que, provavelmente, o Fetichismo (crença esta que admite que um Espírito pode animar um objeto material comunicando-se por meio deste) tem apoio em fatos reais. Dessa citação, extraímos o seguinte episódio relatado por Charles Robert Darwin (1809-1882):

"Charles Darwin viu duas mulheres malaias na ilha de Keeling, as quais haviam posto um vestido em uma grande colher de madeira à guisa de uma boneca, colher que anteriormente haviam colocado sobre

o túmulo de um seu querido defunto. Agora acontecia que, a todo retorno do plenilúnio, aquela colher se animava, saltitando e dançando convulsivamente, como fazem as mesas-girantes nas modernas sessões espíritas". (Bozzano, 1941, p.49)

Na mesma transcrição do trabalho de Andrew Lang, há citações de diversos casos de telecinesia provocados por intermédio de feiticeiros. Nessas ocorrências, certos bastões de madeira adquirem movimento por si próprios, sob o comando de um feiticeiro. Tais fenômenos são utilizados para diversos fins, desde a descoberta de algum ladrão, até o diagnóstico de determinada doença ou consulta sobre qualquer problema, o que equivale a uma TCI.

Adiantamos ao leitor que, modernamente, tais fenômenos são também interpretados pelo parapsicólogos ortodoxos como manifestações apenas psicocinéticas, provocadas pelas faculdades do feiticeiro. Nessa hipótese, não há lugar para afirmar-se que estaria ocorrendo uma TCI com os Espíritos dos mortos, que supostamente se achassem participando dos eventos.

Exemplos de Fortes Agentes Psicocinéticos Conhecidos

A hipótese reducionista, que atribui exclusivamente ao agente psicocinético a autoria dos fenômenos paranormais objetivos, pode explicar tais fenômenos. Todavia, a explicação espiritual também compete com a animista, desde que os inumeráveis testes psicocinéticos efetuados em laboratório, de um modo geral, somente revelam a real presença da função PK, mediante sensibílimos artifícios matemático-estatísticos. E verdade que têm sido descobertos excepcionais agentes psicocinéticos como Nina Kulagina, Bóris Vladimir Ermolaev e Elvira Schevchuk, na Rússia; Jean Pierre Gèrrard, na França; Uri Geller, em Israel; Masuaki Kiyota e Hiroco Yamashita, no Japão; Matthew Manning, na Inglaterra. Esses são os mais conhecidos, embora outros tenham sido assinalados no passado e, naturalmente, devem existir mais alguns, alhures, na atualidade.

Dos agentes psicocinéticos Nina Kulagina é um dos mais conhecidos. Ela conseguiu movimentar, psicocineticamente e de certa forma voluntariamente, pequenos objetos. Notou-se que Kulagina : -pende enorme esforço durante o processo psicocinético, com dramáticos reflexos em seu organismo, sob a forma de taquicardia, exaustão de forças, e até perda de peso quando as sessões são demoradas e incluem

movimentação de massas da ordem de algumas centenas de grama. (Kulagin, 1970, pp. 54-62)

Bóris Vladimir Ermolaev é outro agente psicocinético. Ele executa a proeza de manter no ar um objeto previamente apertado entre suas duas mãos. Para o professor V. N. Puskin (doutor em Psicologia), a área superficial do objeto pareceu-lhe representar um detalhe importante. Os objetos compactos aparentemente exigem mais energia para se manterem suspensos, caindo com maior frequência do que os objetos com área superficial relativamente grande:

"Ele foi particularmente bem-sucedido com certos objetos, tais como cigarros, maços de cigarros, frascos de água de colônia, pequenas revistas ou livros - os quais ele podia normalmente sustentar entre suas duas mãos, depois afastá-las suavemente deixando o objeto suspenso". (Puskin, 1980, p.8)

Elvira Shevchuk consegue colher um pequeno bastão abandonado no chão, usando um processo curioso. Colocando-se sentada em uma cadeira posicionada ao lado do referido objeto, ela curva-se para a frente e estende uma das mãos em direção ao bastãozinho. Daí a instantes, uma das extremidades desse objeto ergue-se espontaneamente, permitindo que Elvira o colha, a seguir, com a mão. (Vilenskaya, 1979)

Os demais, como Jean Pierre Gerard, Uri Geller, Masuaki Kiyota e Hiroto Yamashita produzem predominantemente a flexão de pequenas barras metálicas. É o denominado efeito Geller.

Masuaki Kiyota, além do efeito Geller, executa outras proezas, entre elas a impressão sobre filmes virgens, de imagens pensadas por ele (efeito Ted Sérios).

Uma particularidade notável de Masuaki é a sua informação acerca de certo ser estranho que é visto exclusivamente por ele e com o qual se comunica. O referido personagem adotou o pseudônimo *Zenefu*, afirmando que na realidade ele não possui nome próprio. Esse nome provisório seria somente para facilitar seu relacionamento com Masuaki. Esclareceu, ainda, não ser um ente humano, e sim uma "vida" sem corpo, embora ele apareça a Masuaki sob o aspecto de uma pessoa usando um barrete e uma túnica semelhante a uma batina. Zenefu explicou a Masuaki, que ele não é originário de nosso planeta e sim de outro sistema, cujo Sol é uma estrela visível ao sul do Japão e da Austrália. (Uphoff, 1980, pp. 23-25)

Outro agente psicocinético um tanto singular é o jovem inglês

Matthew Manning. Suas manifestações psicocinéticas tiveram início em 18 de fevereiro de 1967, quando ele estava com 11 anos de idade. As primeiras manifestações surgiram sob a forma de um poltergeist que durou perto de cinco anos. Os fenômenos principiaram a ser controlados quando, casualmente, Matthew desenvolveu a psicografia. Daí em diante, começaram a manifestar-se, pela escrita automática, vários comunicadores (Espíritos) que passaram a tornar-se familiares e assíduos visitantes. Entre esses Espíritos, destaca-se um personagem do Século XVIII, cujo nome é Robert Webbe, descendente de sucessivas gerações de Webbes que outrora viveram na Casa Real.

Em um livro devotado a este interessante Espírito, que candidamente confessou ter sido o causador dos fenômenos de poltergeist, Matthew esclarece que foi Webbe quem facilitou o aparecimento de velas acesas e a aposição de 500 assinaturas de pessoas já falecidas, nas paredes da casa da família Manning. Quando o pai de Matthew reclamou do "pixamento" sofrido por sua propriedade, Webbe simplesmente respondeu-lhe: "Estas paredes são minhas e esta é a minha casa". (Dooley, 1975, pp. 44-47)

O episódio de Matthew Manning é de especial importância. É uma conclusão bem clara de que, em alguns casos de poltergeist, pode ocorrer a ação de Espíritos, os quais se aproveitam da energia (ou substância) propiciada pelo epicentro, para provocar os fenômenos de efeitos físicos: nesse caso, o referido poltergeist.

A Possível Intervenção de Agentes Desencarnados

Estes exemplos permitem-nos reconsiderar as interpretações dos fenômenos paranormais ocorridos entre os povos primitivos. Sem dúvida, a presença do feiticeiro é uma constante que sugere a participação desse último na produção dos fenômenos. Todavia, a crença generalizada entre os povos primitivos, na existência dos Espíritos, bem como na intervenção dos mesmos para a produção de tais ocorrências, faz-nos pensar na efetividade de possíveis transcomunicações com os desencarnados, durante esses eventos.

Observe-se que há notáveis diferenças na relação entre a intensidade - ou grandeza dos fenômenos - e a repercussão observada no organismo dos presumíveis agentes psicocinéticos. Assim, por exemplo, quando Nina Kulagina procura movimentar pequenas massas, usando

aparentemente sua própria faculdade psicocinética, ela demonstra intenso dispêndio de energia, assim como ampla exaustão de forças, taquicardia, sudorese, perda de peso corporal etc. Sua saúde chega a ser afetada.

Entretanto, no caso do acionamento de grandes massas, ao longo de trajetórias muito maiores, com duração bem grande, como ocorre com os feiticeiros, ou nos surtos de poltergeist, a repercussão no presumível agente psicocinético costuma ser mínima e, às vezes, imperceptível.

Os agentes macropsicocinéticos como Kulagina, quando atuando presumivelmente por meio de suas próprias faculdades, limitam-se a fenômenos de pequena monta, embora muito significantes se forem comparados com os obtidos nos testes convencionais de laboratório. Porém, no caso dos poltergeists - ou dos movimentos de objetos, provocados pelos feiticeiros das tribos de selvagens - as massas transportadas e suas trajetórias superam enormemente tudo o que se tem observado com aqueles agentes atrás citados.

Outro fato relevante é a distância observada entre o agente macropsicocinético e o objeto afetado pela sua energia. Nos casos já mencionados, essa distância é geralmente pequena. O mesmo não acontece com os fenômenos provocados pelos feiticeiros e os verificados nos poltergeists. As distâncias são muito maiores.

Parece-nos lícito supor a existência de algo mais do que a simples ação psicocinética da "pessoa-foco", contribuindo para a realização dos referidos fenômenos telecinéticos.

Ora, se generalizadamente em todos os lugares e ao longo da História, tais fenômenos vêm suscitando a sistemática crença na intervenção e na comunicação dos Espíritos durante semelhantes ocorrências, não seria aconselhável um reexame dessa questão? Talvez a verdade esteja no meio termo: pode haver fenômenos exclusivamente psicocinéticos, bem como aqueles desencadeados por seres incorpóreos que visam comunicar-se com os encarnados, através da TCI.

Categorias de Fenômenos Telecinéticos

Resumindo as observações feitas anteriormente, proporíamos provisoriamente estabelecer três categorias de fenômenos telecinéticos (do grego *têle* = ao longe; *kinema* - movimento):

1) Os psicocinéticos evidenciados mediante testes laboratoriais e revelados apenas à custa de refinados artifícios matemático-estatísticos. Nessas operações são empregados dados de jogar; distribuição de objetos lançados, sempre de maneira invariável, sobre uma superfície plana; desvios de gotas líquidas em queda livre e/ou controlada (inventado na França, por Bertrand de Cressac); balanças de flexão sensibilíssimas; geradores electrónicos de números aleatórios (inventados pelo dr. Helmut Heinrich Wilhelm Schmidt, da Mind Science Foundation) etc.

Em todos esses experimentos, acredita-se que a ação é devida, exclusivamente, ao agente psicocinético, sem a intervenção de Espíritos ou presumíveis outros seres incorpóreos. Entretanto, isto não implica o exato conhecimento do mecanismo da ação psicocinética. (Ver: Andrade, 1986, pp. 220-245)

2) Os macropsicocinéticos, provocados pelos poderosos agentes metérgicos capazes de ação dinâmica ostensiva e observável diretamente . necessidade de avaliações matemático-estatísticas.

Nesses casos, podem ser obtidas evidências mediante registros mecânicos, elétricos, térmicos, fotográficos etc. Alguns agentes manifestam visível dispêndio de energia. As ações dinâmicas são de pequena monta, parecendo limitadas pelas possibilidades energéticas do agente psicocinético.

3) Os do tipo poltergeist, considerados por certos parapsicólogos como ainda produzidos exclusivamente pelo epicentro (agente psicocinético e/ou feiticeiro). De acordo com esta posição reducionista, - fenômenos seriam classificáveis como psicocinéticos. No caso dos poltergeists, é usada a sigla RSPK (do inglês: *Recurrent Spontaneous Hokinesis* = psicocinesia recorrente espontânea).

Esses fenômenos telecinéticos caracterizam-se pelas seguintes qualidades:

a) Podem ser espontâneos (poltergeists, assombrações, etc); geralmente mostram certa inteligência ou intencionalidade comandando as suas ações; executam operações complexas manifestando, algumas delas, rara habilidade e domínio de técnicas paranormais (aportes, parapirogenia, música transcendental, perfumes, criogenia, aparições, transcomunicações por voz direta ou outros meios).

b) As ações dinâmicas são de grande porte e não parecem consumir

energia apreciável do suposto agente psicocinético. Entretanto, na maioria das vezes, é imprescindível a presença do agente psicocinético para a manifestação dos fenômenos.

Em alguns casos podem assinalar-se dois ou mais epicentros quase sempre alheios à sua participação nos fenômenos (caso dos poltergeists). Em outras circunstâncias, como ocorre com os feiticeiros das tribos primitivas, xamãs, iogues etc. o agente tem consciência da sua participação nos fenômenos. Alguns desses agentes costumam entrar, previamente, em um *estado alterado de consciência*, a fim de desencadear os fenômenos.

c) Ocorrências telecinéticas em que parece haver comunicação direta ou intermediada pelo agente, com presumíveis seres incorpóreos (Espíritos, elementais, deuses etc). E nesses casos que podem encontrar-se as evidências de TC.



Ernesto Bozzano (1862-1943), eminente metapsiquista italiano, autor de valiosas obras sobre Metapsíquica. Seu relatório acerca da Bateria Electromagnética de Jonathan Koons é um dos mais completos

Conclusão

No próximo capítulo daremos alguns exemplos dessas últimas categorias de fenômenos telecinéticos ostensivos ocorridos entre os povos primitivos e citados na referida obra de Ernesto Bozzano. (Bozzano, 1941)

Serão relatados impressionantes casos de fenômenos físicos ocorridos entre os selvagens. Veremos que tais ocorrências paranormais assemelham-se aos fatos observados e estudados pelos cientistas do Século XIX durante a fase áurea da *Psychical Research* e da *Metapsíquica*. A diferença não reside na fenomenologia em si, mas sim nos locais em que ela se manifestou: Entre os povos primitivos, os locais dos acontecimentos são as florestas, as cabanas, os terreiros etc. Entre os povos civilizados, são o recesso das salas escuras, as casas mal-assombradas, os laboratórios etc.

Povos Primitivos e a Transcomunicação

Nas margens do Rio da Eternidade, no terceiro plano, as pessoas vivem de modo diferente. Uns ainda estão sentados junto à fogueira do acampamento, como estavam habituados a fazer nos tempos de sua vida terrena; outros dispõem de modernas salas de congressos e de aparelhos técnicos e mantêm palestras sobre a continuação da vida depois da morte. Outros não sabem ainda que já morreram.

Swejen Salter (Locher e Harsch, 1992, p. 120)

Casos de Poltergeist entre os Povos Primitivos

Nos capítulos anteriores chamamos a atenção dos leitores para a probabilidade de haverem ocorrido fenômenos de poltergeist na pré-história. Diante desses fatos insólitos, os homens da idade da pedra tê-lo-iam interpretado como a ação póstuma dos companheiros desencarnados. O resultado foi o *culto das pedras*, especialmente dos seixos rolados, onde os paleolíticos acreditavam que estivessem alojados os Espíritos dos parentes e amigos falecidos.

Valemo-nos dos trabalhos do eminente metapsiquista italiano, Ernesto Bozzano, que reuniu em uma monografia vários casos de manifestação paranormal entre os povos primitivos (Bozzano, 1941). Nessa monografia de Bozzano, há o relato de ocorrências de poltergeist entre os povos primitivos. Tais tribos ainda se encontram em nível cultural

equivalente ao dos homens pré-históricos. Portanto, parece-nos razoável supor que estes últimos poderiam ter tido as mesmas reações que os atuais povos primitivos, diante das manifestações dos poltergeists.

Vamos transcrever alguns exemplos destas últimas categorias de fenômenos físicos ocorridos entre os povos primitivos e citados na referida obra de Ernesto Bozzano.

O caso que segue, foi extraído por Bozzano da revista *Light*, 1908, p.219. Refere-se a um relato feito pelo dr. Gerstacker, contido em um livro de sua autoria, acerca de suas viagens ao interior da Ilha de Java:

"A chuva de pedras lançadas por mãos invisíveis é um fenômeno igualmente comum, para o qual os nativos da Ilha de Java possuem em sua língua uma palavra especial que o designa. O governador da colônia estava sem descendentes, e havia adotado uma menina de dez anos. Um dia enquanto a garota passeava pelo jardim, começaram a cair em torno dela pedras que pareciam descer do céu. Ela foi rápida a refugiar-se em casa, e imediatamente esta foi rodeada pelos soldados da guarda; mas a chuva de pedras continuou a cair, e desta vez no interior da casa, passando evidentemente através do tecto. Caíram tantas que se encheram vários cestos. Como se disse, as pedras que pareciam cair do céu eram do tamanho de um limão. Após essas pedras, começaram a surgir frutos de 'manga' fresquíssimos. Foram imediatamente enviados soldados ao redor da árvore do jardim, da qual os frutos estavam sendo extraídos; e descobriram-se os pedúnculos cortados, da extremidade dos quais estilava ainda o suco." (Bozzano, 1941, p.123)

Em seu comentário, Bozzano chama a atenção para a similitude desse fenômeno relativamente aos que acontecem em outros meios mais civilizados. Provavelmente a garota indígena teria servido como epicentro do poltergeist atrás relatado e ocorrido no início deste século.

Além desse caso, Bozzano refere-se a muitos outros episódios, aos quais ele denomina Fenomeni D'Infestazione. Vamos reproduzir mais um. Trata-se de uma entrevista que o redator do *Daily Express* fez com o rev. Weston, Bispo de Zanzibar, o qual havia retornado a Londres, na primavera de 1923, para presidir o Congresso Anglo-Católico. Essa foi uma experiência pessoal presenciada pelo bispo, entre os povos selvagens de Zanzibar:

"Eu me encontrava em uma choupana construída com barro comprimido - assim é a construção de todas as casas dos indígenas na

minha diocese - e vi grandes pedaços de reboco arrancados violentamente das paredes e lançados para o ar. Como bem se compreende, eu me mantive no alojamento absolutamente céptico e perplexo; logo mais, ordenei a todas as pessoas que saíssem da choupana, para depois fazê-la rodear por um cordão de guardas. Apesar disso, grandes pedaços de reboco continuaram a destacar-se violentamente das paredes, e a projetar-se espontaneamente contra o forro do tecto. Alguns dentre esses foram arremessados para fora da porta, e um pedaço chegou a acertar-me na cabeça.

Então tornei a entrar na choupana, e comecei os exorcismos pronunciando as preces rituais; e as manifestações cessaram imediatamente. A casa foi reparada e nunca mais se repetiram, nela, fenômenos de infestação...

Parece-me que, depois de haver assistido a manifestações semelhantes, seria irracional e absurdo continuar a sustentar que não existem Espíritos entre nós. Aqui na Inglaterra é possível sustentá-lo, mas em um país como Zanzibar, onde crêem na existência dos Espíritos, e no qual pode dizer-se que a atmosfera é saturada de tal crença, a coisa é bem diversa...". (Bozzano, 1941, pp. 130-131)

As ocorrências de poltergeist observadas nessas regiões, naquela ocasião ainda selvagens, são notavelmente semelhantes às registradas atualmente, até mesmo em centros urbanos. Isto vem confirmar, mais uma vez, a tese das manifestações desse gênero, ocorridas também entre os povos pré-históricos e apresentada nos capítulos anteriores.

Outro aspecto significativo desses casos de poltergeist é a sistemática correlação entre tais fenômenos e a crença na existência dos Espíritos, supostamente causadores dos distúrbios. A própria designação popular dada a semelhantes manifestações paranormais, em épocas mais recentes, poltergeist, tem esta conotação. Lembramos ser uma palavra germânica, cujo significado é "Espírito barulhento, galhofeiro, desordeiro etc".

A moderna interpretação desses fenômenos, por parte de inúmeros parapsicólogos da atualidade, tende a atribuí-los exclusivamente à ação psicocinética de uma pessoa viva presente no local das ocorrências. O referido agente humano, denominado epicentro, provocaria inconscientemente tais fenômenos insólitos. Sem embargo da

respeitabilidade e competência dos parapsicólogos adeptos dessa teoria reducionista, a observação de vários casos de poltergeist ocorridos no Brasil sugeriu-nos a possibilidade de participação, também, de agentes incorpóreos em alguns deles. (Andrade, 1989)

Admitimos a plausibilidade de alguns casos semelhantes aos que investigamos terem ocorrido diversas vezes entre os povos pré-históricos. É possível que, ao longo de tantos anos, uma ou outra TC veio a efetivar-se naqueles poltergeists em que houve a participação de desencarnados. Ainda que tais TCs tenham se dado raramente, elas poderiam ter sido suficientes para desencadear a crença nos Espíritos, entre os povos pré-históricos. A melhor evidência a favor desta hipótese é a própria crença generalizada nos Espíritos, que se observa entre os atuais povos primitivos do mundo todo.

É importante notar, também, que a noção de "Espírito" implica uma abstração e o conceito de um "objeto real" inteiramente fora dos padrões oferecidos pelo meio ambiente. Tais sutilezas parecem um tanto além da presumível capacidade intelectual dos selvagens. Entretanto, se eles chegaram ao conceito de Espírito, provavelmente isso se originou de experiências diretas e concretas, tais como os poltergeists.

Vamos prosseguir, examinando outras categorias de ocorrências. Valer-nos-emos, ainda, da obra de Bozzano.

Manifestações Visíveis do Duplo Astral

Entre os povos primitivos ocorrem fenômenos de manifestação do duplo astral, à semelhança do que tem sido assinalado também aqui no Ocidente, nos países ditos civilizados. Em algumas ocasiões, idênticas ocorrências foram evidenciadas por manifestações luminosas visíveis a várias testemunhas perfeitamente despertas. A respeito desses fenômenos, Bozzano transcreve o seguinte episódio publicado nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol.XIV, pp. 343-347, pelo médico J. Shepley. O próprio articulista foi uma das testemunhas oculares do ocorrido. Era uma expedição militar da qual tomavam parte o dr. J. Shepley e um sensitivo da Costa do Ouro, de nome Ferguson, o qual funcionava como intérprete. Eis a narrativa acerca do fenômeno:

"Enquanto continuávamos a nossa viagem em direção ao interior,

algum tempo antes de abandonar a região da floresta, uma tarde fomos colhidos pela noite durante a marcha, e o nosso guia não sabia qual a distância que nos separava da vila à qual estávamos nos dirigindo. Por várias horas marchávamos nas trevas, ao longo de um caminho da floresta, após o que distinguimos através da espessura da folhagem o clarão de uma lanterna que, para nossa surpresa, parecia seguir os nossos passos, acelerando a marcha quando fazíamos o mesmo, e diminuindo a velocidade quando nós a diminuíamos. A um dado momento, ela saiu fora da jungla, e apareceu colocada no topo da nossa bandeira. Um dos nossos homens tentou alcançar o portador, mas inutilmente; entretanto o indígena Ferguson admoestou aquele que o havia feito a não repetir a prova, uma vez que se devia manter imperturbada aquela luz. A impressão em mim deixada pelo fenômeno é aquela de um centro de luz irradiando ao redor de um círculo luminoso, analogamente ao que faria uma lanterna ordinária; embora eu não possa afirmar haver visto a chama de uma lanterna. Se qualquer um de nós se aproximasse demais daquele centro de luz, esse prontamente se descartava de flanco penetrando na floresta, para dali retomar o seu posto diante de nós sobre o caminho. Perseverou no ofício de guia por algumas milhas, e desapareceu subitamente quando chegamos à vila à qual nos dirigíamos. Aquele centro de luz movia-se no ar exatamente como se fosse levado por um homem, embora não se visse nenhum. Pedidas aos indígenas explicações a propósito, fomos informados tratar-se de um 'duplo' (o 'KA dos antigos Egípcios?) enviado em nossa ajuda, para guiar-nos à vila". (Bozzano, 1941, pp. 231-232)

Comentando o referido fenômeno, Bozzano referiu-se à explicação dos indígenas, dizendo que eles apenas haviam afirmado que se tratava de um duplo, ou duplo astral, ou Espírito, não esclarecendo se de um vivente ou se de um morto. De qualquer forma, fica patente que aqueles indígenas tinham uma noção bem clara de que *algo* pertencente a um ser humano, fosse ele vivo ou morto e que reconheciam como um duplo, os havia ajudado daquela maneira a encontrar o caminho da vila.

Sem dúvida, a existência de tais fenômenos entre alguns povos primitivos, como esses da Costa do Ouro, revela que eles conseguem comunicar-se com o Plano Espiritual. Se o duplo luminoso que guiou a expedição no meio da floresta era o corpo astral exteriorizado de um feiticeiro, há maior razão para crer-se na prática da TC por parte deste,

uma vez que ele se mostra capaz de projetar sua própria contraparte espiritual, para fora do corpo físico. O fenômeno relatado pelo dr. J. Shepley sugere um comportamento inteligente por parte da "luz" que guiava a expedição. Por conseguinte o referido duplo era dotado de uma certa *consciência*.

Na hipótese de tratar-se do corpo espiritual de um Espírito, alija estaria configurada uma TC.

Se o duplo avistado pertencia a um vivo (feiticeiro), está visto que o referido duplo astral portava certo tipo de consciência. Neste estado, certamente o presumível projetor do seu próprio corpo astral deve ser capaz de uma TC direta com alguns dos seres conscientes habitantes do Plano Espiritual.

Bozzano oferece-nos em seu livro um número enorme de casos de transcomunicação, os mais variados e registrados entre os povos primitivos.

Vejamos, a seguir, um deles:

Cura Precedida de TC por Manifestações de Voz Direta

O caso que iremos transcrever é um resumo encontrado no livro de Hereward Carrington: *The Psychic World* (p.222). Este resumo, por sua vez, diz respeito ao relato do bispo anglicano Callaway em sua obra: *The Religious System of the Amazulu*. Ei-lo:

"... Na tribo dos Amahlongwa, um garoto foi achacado por graves acessos de convulsão, e os genitores enviaram alguns jovens para consultar uma 'feiticeira', a qual adivinhava com o auxílio dos seus 'Espíritos familiares'.

Ali chegados, os jovens tomaram lugar na cabana das experiências juntamente com a feiticeira; e após longa espera, fez-se ouvir uma voz que parecia a de um garoto, a qual saía espontaneamente do forro do tecto e enviava saudações aos recém-chegados.

Depois disso, outros Espíritos se manifestaram de maneira análoga, observando: 'Vocês vieram para obter conselhos sobre qualquer coisa que lhes preocupa'. - A feiticeira dirigiu-se aos recém-chegados, dizendo: 'Ouviram? Os Espíritos dizem que vocês vieram para interrogá-los sobre alguma coisa que lhes preocupa. Se for assim respondam'. - Os jovens, querendo sondar o terreno, limitaram-se a observar que isso era verdade.

Então os 'Espíritos' explicaram que o motivo de sua vinda era da máxima urgência, pois que sobre alguém pairava um presságio maléfico. - Os jovens, desejando proceder cautelosamente, perguntaram: 'Qual é o estado da pessoa sobre quem paira esse grave presságio?' - Foi respondido: 'É uma criatura muito jovem, entretanto o presságio é de natureza física. Trata-se de um garoto em tenra idade, para quem não é ainda possível utilizar-se do guardião da tribo.' - Enfim os 'Espíritos' acrescentaram: 'Aqui está: agora nós o vemos. Ele sofre de convulsões.' - Em seguida descreveram minuciosamente de que modo se desenvolveu o primeiro acesso do mal, o caráter dos acessos, e aquilo que pensavam e temiam os genitores, observando que aquele era o seu único filho, e que os jovens presentes eram seus parentes; depois, precisando, ajuntou que estes eram seus primos.

Todas as informações fornecidas correspondiam à verdade.

Depois disso, os Espíritos aconselharam os primos do garoto a voltarem para sua casa, a sacrificarem uma cabra branca, a untar o corpo do menino com o fel extraído do animal e a dar-lhe para beber uma poção especial.

Os jovens voltaram para sua casa, sacrificaram uma cabra branca, untaram o corpo do garoto com o fel da cabra e lhe ministraram o remédio indicado.

Neste ponto, o Bispo Callaway declara: A feiticeira em questão -idia a notável distância do país, e os jovens consultantes não a conheciam absolutamente. - Daquele dia em diante cessaram as convulsões do menino e não mais se repetiram. Agora aquele garoto se tornou um rapaz são e robusto". (Bozzano, 1941, pp. 252-253)

Conclusão

Acabamos de apresentar algumas amostras de ocorrências paranormais registradas entre povos primitivos, cujo nível cultural, em certas circunstâncias, poderia equiparar-se ao dos povos pré-históricos. E provável que as reações em ambas as culturas tenham sido semelhantes, gerando comportamentos até certo ponto análogos.

No próximo capítulo iniciaremos a parte correspondente à •: AHscomunicação entre os povos históricos.

Os Egípcios Antigos

Que teu nome seja "bendito, oh Ra, Guardião das Portas Misteriosas das quais parte uma Via para Keb e a Balança que leva em si a Verdade e a Justiça! Olha! Eu forço meu caminho através da Terra! Oxalá possa, como um menino, renascer para a vida! **Bergua, Juan B. (1964) O Livro dos Mortos dos Egípcios, Cap. XII, Para Entrar e Sair a Vontade**

A Transcomunicação Entre os Povos Históricos

O fenômeno da transcomunicação através de médiuns, profetas, videntes, ou outras espécies de sensitivos é uma constante que se manifesta em todos os tempos e lugares. Há uma impressionante semelhança concernente à TCM, observada entre os povos mais antigos, e a que pode ser investigada ainda hoje no mundo todo. Variam, obviamente, os métodos de consulta às entidades comunicantes e as denominações dadas a estas últimas, bem como os rituais mágicos ou maneiras empregadas para lograr-se o transe do sensitivo e obter, assim, a transcomunicação.

Em virtude de existir certa uniformidade na transcomunicação, seria fastidioso descer a detalhes excessivamente minuciosos ao se analisarem as diferentes modalidades desses cultos mágicos usados pelas várias culturas. Na essência, o fenômeno é um só; muda apenas a técnica para obtê-lo e dele aproveitar os seus efeitos benéficos... e, às vezes, maléficos. Por isso, permitir-nos-emos focalizar apenas alguns poucos povos da História antiga, apresentando-os como modelos dentre os mais interessantes.

Um fato que ressalta ao estudar-se a TC entre os povos, tanto os primitivos quanto os históricos antigos e atuais, é a influência do meio, das crenças e dos mitos predominantes entre eles. O próprio aspecto do ambiente, os costumes, vestuários, habitações, alimentos, tradições, lendas etc. parecem ter forte ação modeladora sobre os padrões da comunicação e da informação transmitida pelas entidades que se manifestam. Assim, a descrição das regiões do Além e das atividades dos desencarnados varia de acordo com o aspecto e demais características do ambiente que forma o contorno sócio-cultural dos indivíduos vivos de uma determinada etnia, como os costumes, as paisagens, as cidades etc.

Esse fenômeno tem sido explicado como sendo o resultado das propriedades psicoplásmicas da matéria astral. Isso significa que a substância constituinte dos objetos do mundo astral é suscetível de sofrer a ação modeladora do pensamento. Desse modo, o aspecto do ambiente, bem como a forma dos seres, das vestimentas, das habitações, das paisagens e de inúmeros outros detalhes existenciais que caracterizam as descrições das regiões do Astral, mostram que elas parecem refletir a influência modeladora do pensamento dos desencarnados que habitam ou governam as referidas zonas do Plano Astral. (Andrade, 1986, pp. 247-263)

Poderíamos dizer, também, que a recíproca, relativa ao nosso contorno ambiental aqui no Plano Material, é válida. Pois nós forjamos o aspecto dos lugares em que habitamos, refletindo nos edifícios, nas paisagens urbanas, rurais, e circunjacentes, as nossas criações mentais. Talvez possamos repetir a afirmativa dos ocultistas, simbolizada na estrela de seis pontas formada por dois triângulos entrelaçados e contrapostos: "O que se encontra embaixo é semelhante ao que existe em cima".

Assim como conseguimos modelar a matéria física, agindo sobre ela graças ao nosso dinamismo psicofísico, do mesmo modo conseguimos atuar sobre a matéria astral (*oumatériapsi*), à custa do dinamopsiquismo inconsciente próprio da nossa contraparte espiritual.

Vamos iniciar nossa rápida revista, pelo Egito Antigo.

O Egito Antigo

Quando se estudam as religiões egípcias, tem-se uma surpresa ao verificar a multiplicidade e variedade dos deuses que compõem o seu panteão. Nada menos de trinta deuses principais formam o grupo dos mais importantes. Entretanto, um número considerável de outras divindades completa o imenso quadro do Panteão Egípcio.

Essa multiplicidade e variedade de deuses, observadas nas religiões egípcias, são em grande parte explicáveis pela extensão do tempo contado por sua longa história, a qual remonta a mais de três milênios antes da Era Cristã.

Outro aspecto notável, concernente ao comportamento do povo egípcio primitivo, é a sua intensa religiosidade e constante preocupação com a morte, com os cadáveres e com a sorte dos desencarnados após o decesso.

Comparando-se com o observado atualmente, nas culturas em que a transcomunicação entre os vivos e os desencarnados é praticada corretamente, pode justificar-se também a presença concomitante de intenso cultivo da Magia entre os egípcios antigos. Esta era outra característica notável daquele povo.

Uma das mais importantes heranças escritas deixadas pelos egípcios daquela época é o denominado *Livro dos Mortos*. Sua origem e autoria são ainda desconhecidas e devem remontar aos primitivos albores da civilização egípcia. Inicialmente, o conteúdo desse documento histórico devia ter-se constituído de preces a favor do morto, dirigidas à divindade local e destinadas a assegurar aquele uma situação favorável no Além. Posteriormente, essas exortações foram sendo ampliadas com adições complementares e tornaram-se tão extensas que os sacerdotes resolveram redigi-las por escrito. "De acordo com uma tradição corrente no Egito, no ano 2500 a.C, devemos supor que sua forma atual teve origem ao tempo da I Dinastia". (Larraya, 1958, pp. XX e XXI)

O quinto rei da I Dinastia foi Hesepti, o qual reinou há cerca de 4.350 anos. (Spence, 1974, p.77) Vê-se, por esses dados cronológicos, como é antiga a forma escrita do *Livro dos Mortos* dos egípcios. Essa antigüidade do referido documento permite-nos, igualmente, fazer uma idéia acerca das primitivas experiências de TC ocorridas entre os povos pré-históricos, às quais já nos referimos anteriormente.

Os egípcios acreditavam que *oKa* (o duplo de uma pessoa), depois da morte, passava a vagar nas proximidades do cadáver. Segundo eles, o ser humano é constituído dos seguintes componentes:

O corpo-físico, que era denominado *Djet ou Khat*. Com a morte, este parece desdobrar-se em dois componentes: o despojo material de carne, comparável a um "pedaço de madeira", que fica no sarcófago; e uma outra parcela, o *Shut*, que por muito tempo foi considerado como sendo o cadáver, mas que bem poderia ser apenas uma espécie de projeção invisível do corpo, a qual, após a morte, passa a morar *noDuat*. Do corpo, depende também a sombra *Khaibit* que, "não se sabe por que, tem sido considerada a sede da hereditariedade e do instinto. (Bernard, 1976, pp. 234-235)

Além desses componentes ligados ao soma, há os espirituais mais ou menos independentes do corpo material. Ei-los:

Em primeiro lugar, *oBa*; este, após a morte, tem a particularidade de aparecer sob as diversas formas que o defunto desejar mostrar-se, e em qualquer lugar que lhe aprouver. O *Ba* pode voltar a animar o cadáver, fazendo-o ressuscitar; é pois o elemento que mais se aproxima do que, vulgarmente, se conhece por alma. No Novo Império, os egípcios representavam-no por um pássaro com cabeça humana. Entretanto, a sua equivalência à alma humana não parece corresponder exatamente ao significado atribuído pelos egípcios ao *Ba*.

Agora, vem um outro componente um tanto dúbio, porquanto sua posse é atribuída apenas aos reis e a determinadas pessoas especiais, quando ainda em vida. É um princípio capaz de conferir ao desencarnado certa sorte de iluminação ou glorificação. Trata-se do *Akh*.

Finalmente, temos o *Ka*, ao qual já nos referimos logo no início. Atribui-se, ao *Ka*, uma forma semelhante ao corpo físico. Ao mesmo tempo que o homem vivo, o *Ka* contém o princípio da vida imanente e indestrutível. Depois da morte, o *Ka* encontrará um suporte outro, que não o corpo físico. Seu novo receptáculo será a estátua funerária denominada correntemente "estátua de *Ka*", cujo papel no culto funerário é considerado importante. (Desroches-Noblecourt, 1947, p.303)

Essas subdivisões propostas pelos egípcios antigos indicam que eles não só acreditavam na existência de uma individualidade espiritual fazendo parte do ser humano, como deviam ter conhecimentos mais profundos acerca dessa outra fração não material, que sobrevive após a

morte. Esse fato implica a prática da TC com as inteligências incorpóreas, das quais os sacerdotes ou outros observadores teriam recebido informações minuciosas a respeito da natureza espiritual da criatura humana.

Há muitas evidências de que os egípcios conheciam profundamente as leis que governam as atividades do Espírito após a morte, inclusive o fenômeno da reencarnação. Um desses indícios foi a introdução da doutrina do renascimento, no Ocidente, que se atribui a Pitágoras. Este, após haver absorvido, entre os dezoito e vinte anos de idade, os ensinamentos de Hermódamas de Samos, de Ferecides de Siros, de Tales e Anaximandro de Mileto, conseguiu viajar para o Egito, onde aprendeu dos sacerdotes de Mênfis os seus profundos conhecimentos acerca das leis do Espírito, entre elas a da reencarnação. Ao regressar à Grécia, Pitágoras transmitiu aos seus discípulos, na cidade de Crotona, os ensinamentos aprendidos no Egito.

Os "Ka-nomes" dos dois primeiros reis da XX Dinastia têm significados claramente relacionados com a reencarnação. Aqui estão eles:

Amonemhat, significa: "Aquele que repete os nascimentos".

Sensuseret, significa: "Aquele cujos nascimentos vive".

Na XIX Dinastia, o "Ka-nome" de *Setekhy I* era: "O repetidor de nascimentos", (Murray, 1949, pp. 210-211).

Pensamos serem suficientes esses poucos exemplos, para ter-se como bem provável a prática da TC entre os egípcios antigos.

Mas, na Grécia, vamos também encontrar evidências de TC, cuja técnica se deve, em parte, à influência egípcia.



Estátua do Ka do Rei Hor. A imagem dos dois braços erguidos, que se vê sobre a cabeça da estátua é o símbolo do Ka

Conclusão

De um modo geral as práticas religiosas instituídas parecem ter uma origem comum, seguida de uma fase evolutiva própria provavelmente resultante de fatores outros. A origem comum é invariavelmente a transcomunicação entre o morto e o vivo; entre os Espíritos e os médiuns acompanhados de seus adeptos e auxiliares. Posteriormente, o pequeno grupo inicial de transcomunicadores evolui para uma classe especial. Quando a comunidade a que pertencem os transcomunicadores se torna grande e se constitui em nação ou povo, a classe de transcomunicadores se transforma em corpo sacerdotal.

Na segunda fase as modificações dos cultos iniciais chegam a tal ponto, que dificilmente conseguem distinguir-se as suas origens simples oriundas do fenômeno preliminar básico que é a transcomunicação. Entretanto, no caso dos povos ou nações, a transcomunicação volta a surgir no seio das classes pobres. Tais práticas costumam tornar-se combatidas pelos corpos sacerdotais instituídos e, geralmente, aliados aos governantes e seus pares políticos dominantes.

Como a transcomunicação pode servir tanto para o bem quanto para o mal, é normal surgir daí o que se chama genericamente de Magia. Têm-se, então, a Magia Branca e a Magia Negra.

No Egito Antigo, a prática da Magia era muito freqüente. Da mesma forma, a transcomunicação havia alcançado o emprego de instrumentos, o que é comprovado pelo fato de Pitágoras ter introduzido, na Grécia Antiga, a técnica de consulta aos Espíritos, por meio de uma espécie *deouija*, conforme veremos mais adiante, quando examinarmos as ocorrências de TC entre o povo grego.

Grécia e Roma Antigas, China e Japão

Os chineses são implícitos crentes em demónios que eles imaginam rodeá-los por todos os lados. Diz Peebles: "Oficiais ingleses, missionários americanos, mandarins e muitos dos literatos chineses (Confucionistas, Taoistas e crentes Buddhistas igualmente) declaram que espiritismo em várias formas, e sob algum nome é a crença quase universal da China. Ela é geralmente denominada culto ancestral".

(Spence, 1974, p. 100)

A Grécia Antiga

Como os egípcios, os gregos também possuíam, em seu panteão, um número enorme de deidades. Até os rios, os meteoros, o mar etc. eram representados por divindades. Entretanto, o que evidencia muito a prática da TC pelo povo grego primitivo são os Oráculos.

Os Oráculos constituíram a marca característica da Grécia antiga e achavam-se disseminados por todo o país. De origem bem remota, eles preenchiavam importante função social e religiosa naqueles tempos. Tanto cidadãos comuns, como os próprios soberanos e pessoas de posição relevante, da Grécia e mesmo de outros países, corriam pressurosos a consultar os Oráculos. O objetivo era obter orientação para seus problemas, conhecer acontecimentos futuros, conseguir a ajuda e os favores dos deuses para a solução das dificuldades quotidianas. A adivinhação, a profecia e o auxílio eram, portanto, a finalidade

fundamental dos Oráculos e, durante vários séculos, funcionaram eficientemente em benefício da população.

Um corpo de sacerdotes, sacerdotisas e pitonisas exercia as funções de atendimento à numerosa clientela. As pitonisas ou pítias eram, mais propriamente, as sacerdotisas do Oráculo de Delfos, consagrado ao deus Apolo. Este Oráculo situava-se nas vertentes sulinas do Monte Parnaso. Apolo era também cognominado Pítio, por haver matado a serpente Piton que perseguira sua mãe Latona. A serpente depois de morta foi esfolada, e sua pele serviu para cobrir a trípode sobre a qual se sentava a pitonisa de Delfos.

Delfos era o mais famoso dos Oráculos, porém o mais antigo estava situado em Dodona. Este fora dedicado a Zeus (deus Júpiter).

Em Epidauro, o deus da medicina, Asclépio (Esculápio) atendia aos enfermos, através de seus sacerdotes.

No Oráculo situado na Beócia, quem atendia aos peregrinos era um herói semideus, Trofônio. Os consulentes submetiam-se, antes, a longo ritual preparatório.

Havia, além desses considerados os principais, um número muito grande de outros Oráculos espalhados por todo o país.

As sacerdotisas eram empregadas sobretudo para a obtenção das comunicações do Oráculo. Por exemplo, em Delfos, a pítia (ou pitonisa) sentava-se sobre um banco de três pernas (daí o nome trípode). Essa peça localizava-se no interior do templo, onde havia uma sala construída ao redor de uma fenda existente no solo pétreo. Dessa fenda, emanava um vapor frio e estonteante, capaz de provocar delírios. Ao que parece, essas emanações facilitavam o transe da pitonisa, obtendo-se, desse modo, o que poderia chamar-se de uma TCM.

Nos primeiros tempos, em Delfos, não havia a sacerdotisa intermediária. Os próprios consulentes colocavam-se sobre a fenda de onde emergia o vapor. Logo sentiam os seus efeitos atordoantes e passavam a perceber diretamente as orientações do suposto deus Apolo.

Pelo que se conhece atualmente acerca de tais fenômenos, poderia ocorrer uma Transcomunicação Direta (TCD), obtida graças a um Estado Alterado de Consciência (EAC). Da mesma forma, essa interpretação poderia ser aplicável apenas a alguns casos especiais, não se excluindo a eventualidade de alucinações auditivas, delírios etc. perfeitamente normais.

Mais tarde, começaram a valer-se das pitonisas; provavelmente,

sensitivas capazes de obter melhores TCs. As consultas ao deus eram precedidas por rituais de purificação e sacrifícios a fim de se verificar se a ocasião era favorável. A pítia, após tomar alguns goles de água da fonte Castália e mascar folhas de louro, sentava-se na trípode. Envolvida pelos vapores emergidos da fenda, ela entrava em transe e aí, então, ocorria a TCM, acreditava-se que o deus falava por seu intermédio. Um sacerdote registrava as palavras da pitonisa e as interpretava para os consulentes, pois nem sempre as comunicações eram feitas em linguagem direta, e sim por meio de metáforas.

Além dos sacerdotes e sacerdotisas, existiam também as sibilas, mulheres dotadas do dom da profecia. Provavelmente tratava-se de pessoas dotadas de alto grau de precognição. Nesse caso, raramente poderiam enquadrar-se como intermediárias em um fenômeno autêntico de TCM, embora tal fato pudesse eventualmente ocorrer.

Pitágoras (aproximadamente 540 a.C), ao regressar do Egito, trouxe a técnica da TCI por meio da mesa girante. Ele e seu discípulo Filolaus usavam uma prancheta dotada de rodízios nos pés denominada <, "mesa mística", com a qual consultavam os seres espirituais.

Tendo sido iniciado pelos sacerdotes egípcios, Pitágoras não só conhecia a lei da reencarnação, como devia praticar a TCI com os Espíritos. (Fodor, 1974, p.270)

Roma Antiga

Roma sofreu forte influência cultural e religiosa da Grécia. Não iremos descer a detalhes minuciosos, para não fugirmos demais do nosso objetivo. Mencionaremos apenas os dois exemplos seguintes de TCI, também usados nos primeiros séculos da Era Cristã:

Quintus Septimius Florens Tertulianus (= 160-230 A.D.), teólogo e doutor da Igreja nascido em Cartago, consultava o mundo espiritual usando o processo da "mesa girante". (Fodor, 1974, p.364)

Ammianus Marcellinus (aproximadamente 330-400 A.D.) nasceu em Antioquia. Na obra *Rerum Gestarum*, livr.XXIX, cap. I, referia-se à *mensa divinatoriae*. Esta consistia em um anel suspenso por um fio sobre uma mesa contendo em seu tampo as letras do alfabeto desenhadas em círculo. Em suas oscilações, o anel apontava as letras, formando palavras.

O conde Cesar Baudi de Vesme referiu-se ao fato citado acima e acrescentou que dois filósofos e teurgos gregos tentaram saber o que



Pitonisa sentada sobre a tripode, tendo em uma de suas mãos a taça contendo água da fonte Castália e, na outra, um ramo de Louro. À sua frente vê-se o sacerdote intérprete de suas comunicações

sucederia a Valens (328-378 A.D.), imperador do Oriente. Para tal fim, eles usaram a mensa divinatoriae. Por essa razão, foram julgados e condenados pelas autoridades. (Vesme, 1928, I, pp. 352-355) e (Wantuil, 1959, p.43, nota 24)

A magia era amplamente praticada pelo povo romano antigo. De um modo geral, as práticas mágicas estão relacionadas com a TC.

Além do culto oficial dos deuses, entre a massa popular praticava-se comumente a busca de auxílio dos Espíritos, aos quais eram propiciadas diversas ofertas em troca de proteção e benefícios. (Spence, 1974, pp. 337-338)

De acordo com a experiência que temos atualmente, devido à intimidade com os diferentes cultos e práticas baseados no intercâmbio com os desencarnados, podemos ter como certa a existência da TC entre o povo romano. Conforme vimos pelos dois exemplos fornecidos inicialmente, a TC continuava a ser praticada até mesmo no início da Era Cristã.

O intercâmbio entre os vivos e os desencarnados é uma constante que iremos observar em todos os tempos e lugares, sejam quais forem a nacionalidade, o credo religioso oficial, os costumes e o sistema político dos povos. A TC sempre foi, é, e será praticada pelos povos, sob a forma de magia e crenças populares, à margem dos credos oficiais ou formas de domínio governamental. A razão desse fato é a eventual manifestação ostensiva das funções paranormais, propiciando as diversas formas de mediunidade e conseqüente comunicação com os Espíritos.

Vamos exemplificar, apresentando resumidamente as evidências de TC praticada entre alguns povos antigos do Oriente.

China

As práticas espirituais, conhecidas sob várias denominações, acham-se amplamente difundidas entre o povo chinês. São genericamente conhecidas como o "culto dos ancestrais". (Spence, 1974), p.100)

Há cerca de 4.000 anos os chineses já usavam consultar os Espíritos, empregando um aparelho rudimentar denominado Chi-Ti. Esse instrumento consiste em uma forquilha de madeira, feita de um galho de árvore. A haste principal serve para nela fixar-se um estilete ou um pequeno pincel embebido em tinta. As outras duas ramificações são para serem seguradas por uma das mãos das duas pessoas que manejam o Chi-Ti. Durante a operação, a ponta da haste principal deve deslizar sobre uma espécie de canaleta coberta por uma camada de areia fina e bem alisada por cima. Em outra modalidade, quando é um pincel com tinta que está preso à haste, usa-se uma longa tira de papel em branco em lugar da canaleta com areia, sobre a qual deslizará o pincel. As duas pessoas que seguram nas pontas da forquilha concentram-se e, aparentemente dirigidas por uma entidade, fazem deslizar o Chi-Ti sobre a areia ou sobre a tira de papel. Durante o processo atrás descrito, a haste livre irá desenhar caracteres chineses sobre a areia ou o papel, transmitindo mensagens escritas.

O funcionamento do Chi-Ti faz lembrar o sistema de TCI obtido por meio da prancheta, ou *oui-ja*, e suas modalidades.

Na obra de Lewis Spence, há vários trechos escritos por especialistas, acerca das práticas de TC com os Espíritos, bem como descrições de métodos usados tradicionalmente para tratar de casos de obsessão espiritual. Vamos transcrever uma dessas citações:

"Volumes podem ser escritos sobre os deuses, gênios e Espíritos familiares supostos estarem continuamente em comunicação com esse povo, escreve o dr. John L. Nevius, em seus trabalhos: *China*, e os *Chineses*.

"O chinês possui um enorme número de livros sobre este assunto, entre os mais notáveis dos quais está o *Liau-Chai-Chei*, um vasto trabalho de dezesseis volumes... *Tu Sein* significa um Espírito no corpo, e existe uma classe de Espíritos familiares supostos habitarem nos corpos de certos chineses que se tornam os médiuns de comunicação com o mundo invisível. Os indivíduos considerados possuídos por esses Espíritos são visitados por multidões, particularmente aqueles que recentemente perderam parentes por morte, e desejam conversar com eles... Notáveis

descobertas e revelações acreditam ter-se feito pelos movimentos involuntários de um lápis de bambu; e através de um método semelhante, alguns afirmam enxergar no escuro. Pessoas que se consideram dotadas de inteligência superior são crentes firmes nestes e em outros modos de consultar os Espíritos". (Spence, 1974, pp. 100-101)

Segundo W.J. Plumb, a obsessão por maus Espíritos ou demônios é muito comum no distrito de Tü-ching. Há também inúmeros casos de obsessão em Chang-lo. A prática da TCM era popularíssima entre os chineses, fazendo lembrar o que pode observar-se aqui no Brasil atualmente.

Possivelmente esse intercâmbio com o mundo espiritual deve ter-se originado há alguns milênios, continuando ao longo dos séculos. É possível que, mesmo sob o regime político atual, tais crenças e práticas permaneçam no seio do povo chinês, até hoje.

Japão

Vamos examinar rapidamente outra importante cultura do Oriente, o Japão. Uma das características mais marcantes do laborioso povo japonês é a manifestação de um profundo e carinhoso respeito pelos seus falecidos antepassados. Note-se que o principal aspecto da religião predominante da milenar nação do Sol Nascente, o xintoísmo, é o culto dos ancestrais, aliado ao da Natureza. As doze principais seitas xintoístas mantêm como princípio fundamental essa devoção aos seus antepassados.

Os japoneses crêem que os Espíritos desencarnados adquirem poderes como se fossem deidades, possuindo, por essa razão, atributos sobrenaturais. Em cada lar há o costume de instalar-se um pequeno santuário (*hotokê samá*) dedicado aos parentes falecidos. Os nomes dos seus mortos são escritos em tabuinhas de madeira ali depositadas. Pequenas vasilhas colocadas no altar doméstico servem para receber as primeiras porções dos alimentos preparados diariamente e destinados às refeições da família. Juntamente com essas ofertas de alimento, são colocadas flores, queimam-se incenso e acendem-se velas, como homenagem cotidiana aos mortos queridos, que se acredita encontrarem-se ali para receber tais manifestações de amor e devoção.

Há histórias tradicionais de almas de ancestrais, que tomaram forma física e se tornaram visíveis às pessoas da casa.

Três dias do mês de julho são dedicados à celebração do Festival

dos Mortos. Crê-se que os desencarnados saem do mundo dos mortos para visitarem as belas regiões do país. Nessa ocasião, em cada altar doméstico, bem como nos santuários religiosos, são ofertadas finas iguarias em homenagem aos hóspedes espirituais. Durante a noite, as ruas são iluminadas com tochas, e em frente a cada casa dependuram-se lanternas artisticamente coloridas, em sinal de boas-vindas aos Espíritos dos falecidos. Os cemitérios também são objetos de atenção, recebendo flores, alimentos e queima de incenso. Outras modalidades de homenagens aos desencarnados são praticadas, e tomariam muito espaço para continuarmos descrevendo-as. Acreditamos suficiente o que resumimos até aqui, para dar uma idéia da importância assumida para o povo japonês no culto dos seus antepassados mortos. Tais cuidados são fundamentais na crença da sobrevivência do Espírito após a morte.

Outra grande religião cultivada no Japão é o Budhismo. Este também admite a sobrevivência e a reencarnação. Parece evidente que tão arraigada crença na realidade do Espírito deve ter suas raízes na transcomunicação. ATC poderia ter sido, inicialmente, o ponto de partida dessa convicção. Posteriormente, após o surgimento da fase religiosa e criação dos cultos e mitos, a TC deve ter continuado, reforçando as crenças tradicionais.

Há práticas de TCM relacionadas com algumas seitas Xintó. Estes rituais têm por objetivo conseguir a incorporação mediúnica por um Espírito. A entidade manifestante é considerada uma autêntica deidade. Uma vez manifestada através do transe do médium, a ela são dirigidos os pedidos dos consulentes.

O médium pode ser um sacerdote da seita ou uma pessoa comum que haja desenvolvido a prática do mediunismo. Ambos devem passar previamente por uma série de práticas de purificação.

A cerimônia pode ser efetuada em um templo ou em uma casa comum, onde uma "prateleira de deuses" serve de santuário.

Nos *ritosgohei*, usam-se os símbolos Xintó de consagração. Para a purificação e o exorcismo de más influências, empregam-se tais símbolos em forma de penduricalhos, bem como é afixado *umgohei* em uma vara mantida verticalmente. Esta última, representando o *xintai* (corpo do "deus"), é o objeto central.

O médium, denominado *nakaza*, coloca-se sentado no centro. A cerimônia presidida pelo maeza, segunda pessoa em importância depois

do nakaza, e que fica próximo deste médium. O maeza cuida da pira mágica acesa em uma bacia de bronze, onde são queimadas, nas chamas, tiras de papel nas quais se encontram caracteres e figuras representativas das doenças e perturbações. Batem-se palmas para atrair a atenção dos deuses, entoam-se cantos acompanhados pela agitação de bastões dotados de anéis metálicos, e o tilintar das sinetas de peregrinos.

Depois que o fogo se extingue, a bacia de bronze é retirada. Em seu lugar, são depositadas, em forma simbólica, folhas de papel sobre as quais se coloca verticalmente a *vara-gohei*. Depois disso, há cantoria, o médium cerra seus olhos e fecha suas mãos, nas quais o maeza colocou rapidamente a vara. Há uma expectativa geral da chegada do deus. Esta é anunciada pela violenta agitação da vara e pelos convulsivos espasmos do médium. Daí em diante, ele é considerado como tendo se tornado o deus.

Uma vez incorporado o Espírito no *nakaza*, o *maeza*, reverentemente se prostra diante dele, e pergunta o nome do deus que se dignou a manifestar-se. Obtida a resposta acerca do nome, o maeza faz os pedidos, aos quais o deus vai respondendo. Esgotadas as solicitações, parte-se para o encerramento da cerimônia, a qual termina com uma prece. O médium é despertado, batendo-se em suas costas e massageando-lhe os membros livres da contração cataléptica. Semelhantes ritos de possessão também são levados a efeito pelos peregrinos que ascendem à montanha de *Ontakê*. (Spence, 1974, p.236)

Fizemos questão de dar a descrição minuciosa desta cerimônia de TCM, para mostrar a sua grande semelhança com as manifestações de incorporação de Espíritos, que se observam, hodiernamente, em sessões mediúnicas aqui no Ocidente, particularmente no Brasil.

Conclusão

Como pudemos ver, assim rapidamente, mudam-se as épocas, as regiões e os povos, mas as formas de intercâmbio com os desencarnados permanecem, em sua essência, praticamente as mesmas. O fato básico e central é sempre a TC. Posteriormente são lhe adicionadas práticas rituais de acordo com a índole, os costumes e as fantasias das criaturas humanas. Daí resultam os mitos, as cerimônias religiosas e as práticas de magia. Porém, sempre se encontrará, nos fundamentos de toda religião, a transcomunicação entre o vivo e o desencarnado; a TC em suas diversas modalidades.

Índia e Tibete

Oh meu amado Krishna, Vós sois o amigo dos aflitos e a fonte da Criação. Vós sois o senhor das Gopis e o amante de Rādhārāni. Ofereço-Vos minhas respeitadas reverências.

Bahagavad-Gitā

Índia

Consideramos quase supérfluo falar acerca da TC na Índia. É um país notoriamente espiritualista, berço das mais avançadas filosofias religiosas. Acrença generalizada na reencarnação, a prática da magia e a proliferação de faquires, iogues, meditadores, homens santos etc, revelam imediatamente a existência de intenso intercâmbio com o Plano Espiritual. Esse intercâmbio é, em grande parte, obtido mediante exercícios e práticas de meditação, cujo resultado consiste em possibilitar ao indivíduo um contacto direto com o Plano Espiritual. Seria uma Transcomunicação Direta (TCD).

Devido à generalidade do mediunismo em meio a todos os povos do mundo, no seio da população indiana também ocorrem fenômenos de natureza espírita semelhantes aos que se dão aqui no Brasil e nos demais países. Encontramos, por exemplo, alguns casos de possessão espiritual relatados na revista indiana, fundada em outubro de 1980, denominada *Life-Beyond*. No número de agosto de 1982, há um artigo de autoria do sr. Nagarathmam Iyer, intitulado: *The Dead Are Not Often So Dead*. Esse trabalho fornece três breves episódios concernentes a Espíritos logrando comunicar-se com pessoas vivas.

Como já tivemos a oportunidade de explicar no início deste livro,

os desencarnados - nem todos evidentemente - conservam por muito tempo seus costumes, seus sentimentos e suas imagens mentais, de acordo com aquilo que presenciaram, aprenderam e sentiram quando em vida. Nos episódios que narraremos a seguir, alguns dos Espíritos estavam ansiosos por obterem as "obrigações que lhes eram devidas" por parte de seus parentes, em forma de *Srardas* (cerimônias), de conformidade com a cultura e prática das respectivas famílias. Eis, em resumo, as três ocorrências reportadas na citada revista indiana:

O relator, sr. Nagarathmam Iyer, trabalhava em uma fábrica de tecidos em Southern State, há cerca de vinte anos. Um domingo à tarde, ele se encontrava passando o dia de folga na casa de um amigo médico, onde seu assistente mecânico consertava o carro do referido clínico.

Em dado momento, surgiu um operário da fábrica solicitando a ajuda do médico para atender sua esposa que havia desmaiado. Coincidentemente, neste dia, celebrava-se a primeira cerimônia anual do falecimento do pai do operário, e quando estava sendo realizada a celebração a mulher caiu sem sentidos.

O sr. Iyer, juntamente com seu assistente e o médico seguiram de carro para a residência do operário. Ao chegarem, o médico entrou na casa, portando sua maleta de trabalho, e tentou reanimar a paciente. O sr. Iyer havia descido do carro para fumar um cigarro, mas não entrou na casa. O mecânico ficou no automóvel. Cerca de um minuto depois, o mecânico, que estava no carro, soltou um vasto berro e começou a dizer alguns palavrões e ameaças, em voz alta.

Diversos parentes do operário e outras pessoas, que estavam reunidos defronte à casa, vieram para perto do mecânico, a fim de verificar a causa dos gritos. Imediatamente, eles compreenderam que o mecânico estava se referindo aos membros da família do operário e ameaçando matar a esposa deste se a cerimônia não fosse realizada "como houvera sido determinado pelo seu marido".

Os parentes imediatamente reconheceram que era a "alma" da falecida mãe do operário, que estava exigindo algo referente à cerimônia. Rapidamente, trouxeram um copo *ãevibhuti* (cinza sagrada) e rogaram ao mecânico (incorporado pela entidade) perdoar sua negligência, prometendo realizar, logo mais, um *Sumangali Prarthana* em sua casa. O mecânico mediunizado acalmou-se e abençoou o copo de cinza. Esta foi levada para dentro e aplicada na mulher inconsciente. Ela

imediatamente voltou a si, para o espanto do médico, do sr. Iyer e de todos os demais.

O mecânico que, durante o seu violento transe, apresentava o **rosto** transtornado e rubro, voltou ao seu normal, dentro de poucos minutos.

Um aspecto interessante do ocorrido era que o médico, o mecânico e o sr. Iyer não conheciam, de modo algum, quaisquer detalhes acerca da família do operário e de seus problemas. Todos os três dificilmente acreditariam em um tal fenômeno.

Outro detalhe significativo é o fato de o mecânico ser anglo-indiano, que não tinha conhecimento dessas cerimônias usadas pelas famílias brâmanes. Além disso, ele era, normalmente, um indivíduo simpático e pouco dado a meter-se em problemas de outras pessoas.

Vejamos o segundo episódio narrado pelo sr. Nagarathmam Iyer, no mesmo artigo publicado na revista *Life Beyond*.

Na Índia, é costume corrente o culto familiar dedicado a certas deidades, celebrando e observando as datas em memória dos falecidos. Essas cerimônias são levadas a efeito, também, antes da realização dos casamentos ou de qualquer acontecimento importante.

O irmão do sr. Iyer é um engenheiro de pesquisas. Juntamente com uma irmã, o engenheiro foi à casa de um importante auditor, amigo de um cunhado do sr. Iyer. O motivo desta visita era a festa do sexagésimo aniversário do auditor.

Era época de verão. Devido ao calor, resolveram dormir no pátio aberto da casa. Após algum tempo, a irmã do sr. Iyer levantou-se dizendo que não conseguia dormir, devido a estar sendo perturbada por uma "moça". O irmão do sr. Iyer, pensou que ela estivesse agitada por causa de algum sonho e disse-lhe que tratasse de dormir novamente, sem se importar com o sonho.

Depois de algumas tentativas para conseguir dormir, ela finalmente levantou-se outra vez e falou com o irmão que a moça estava insistindo com ela para contactar seu irmão - o auditor - e pedir a ele para fazer a cerimônia *Sumangali Prarthana*. A moça alegou ser a irmã casada do Auditor e que cometera suicídio dezesseis anos atrás, mas estava sendo inteiramente esquecida por todas as pessoas.

O irmão do sr. Iyer ficou preocupado porque ele não tinha intimidade com o auditor. Um tanto desesperançado, ele despertou o

auditor e com reiterados pedidos de desculpas narrou-lhe o sonho da sua irmã.

O auditor mostrou-se visivelmente impressionado e quis conversar com a irmã do sr. Iyer. Ele indagou se ela havia visto o rosto da jovem no sonho e pediu-lhe para descrevê-lo. A irmã do sr. Iyer prontamente disse que ela era parecida com o auditor, mas possuía marcas de varíola. Acontece que, embora o auditor tivesse quatro irmãs, apenas a falecida era parecida com ele. As três outras ainda vivas parecem-se com sua mãe.

Após haver confirmado o sonho, o que lhe causou satisfação, o auditor realizou o *Sumangali Prarthana* para sua falecida irmã, precedendo, assim, a festa da manhã seguinte. Naturalmente ele receou fazer qualquer coisa para si próprio, antes de satisfazer o pedido de sua irmã desencarnada.

Temos aqui um caso de transcomunicação direta, ocorrida entre a irmã do sr. Iyer e o Espírito da irmã do auditor.

O terceiro caso narrado pelo sr. Nagarathmam Iyer refere-se a um Espírito vingativo aguardando a oportunidade para tirar uma desforra. Eis o caso:

O datilografo de importante empresa industrial havia se casado com uma jovem dócil e tímida. Eles viveram felizes cerca de dois anos. O rapaz fora um órfão criado por seu tio, desde criança até seu casamento. Corria rumor de que o pai desse rapaz havia se suicidado por não ter podido pagar dívidas de jogo contraídas em uma cidade vizinha. Esse acontecimento concernente à sua vida passada era mantido sem comentários, e todos da família procuravam esquecê-lo totalmente.

Certa ocasião, o datilografo resolveu ir ao cinema com alguns amigos e, ao voltar para casa, encontrou sua mulher nervosa e reclamando. Inicialmente ele imaginou que ela estivesse fingindo-se zangada. Logo a seguir, ela exigiu explicações do marido pela demora em chegar à sua casa. Essa atitude da esposa era estranha, porém quando ele tentou dar-lhe uma versão falsa, em vez de contar-lhe que fora ao cinema, ela não a aceitou. Para surpresa do marido, a jovem descreveu minuciosamente onde ele estivera, inclusive mencionou o nome dos amigos que o acompanharam! Entretanto, ela não teria tido meios de saber destes pormenores todos.

O datilografo ficou confuso e a sua esposa não voltou mais ao seu

comportamento normal. Ela prosseguiu esbravejando, xingando e o aborrecendo. Os vizinhos chegaram à conclusão de que ela havia ficado perturbada mentalmente e aconselharam o rapaz a interná-la em um hospital psiquiátrico do governo. Providenciada a hospitalização por cerca de dois meses, não foi registrada nenhuma melhora. Entretanto, os médicos observaram que ela sempre insistia para ser levada a uma cidade vizinha - uma localidade onde ela jamais tivera oportunidade de visitar até então. O marido foi aconselhado pelos médicos a tentar satisfazer o desejo da mulher, pois esta viagem talvez contribuísse para sua melhora.

O datilografo estava receoso de levar a esposa àquela cidade. Ele temia que ela escapasse ao seu controle e viesse a causar-lhe problemas. Por isso, arranjou um amigo para ir junto com ele. Chegaram à cidade, próximo das 10 horas da manhã. A jovem senhora, assim que desembarcaram, tomou a iniciativa de um rumo e caminhou seguida por eles. Enveredou através de vielas e ruas como se estivesse inteiramente familiarizada com a cidade. Ao atingir determinada rua, ela parou em frente a uma casa. Um advogado coxo saía justamente daquela casa, portando um maço de papéis em seus braços. A jovem precipitou-se para ele e, agarrando-o pelo paletó, gritou: "Eu já lhe tornei aleijado, e se Você deixar de revelar quem me golpeou quando Você tapou meus olhos por detrás, eu vou lhe matar".

Assustado, o advogado caiu na sarjeta. Daí a jovem voltou-se para seu marido e perguntou-lhe se este ficara satisfeito por saber que "ele" - a personalidade que se apossara da jovem - havia sido assassinado e não cometido um suicídio. Ela voltou logo para a estação ferroviária, seguida pelo marido e seu amigo, ambos confusos e perplexos.

O advogado aleijado adoeceu e morreu pouco depois, e a jovem declarou abertamente que "ele" (o vingador nela incorporado) era o pai do datilografo. Depois de reiteradas tentativas para desalojar definitivamente o obsessor, após dois anos, a jovem senhora voltou à sua normalidade.

De acordo com os costumes locais, o rapaz teve de cumprir várias observâncias (*Sardas*) a fim de evitar o retorno do Espírito de seu pai.

Esses três episódios relatados pelo sr. Narathmam Iyer são altamente elucidativos a respeito das formas de TC ocorridas no nível popular, na Índia. Como pode ver-se, o fenômeno, na essência, é o mesmo. Difere apenas quanto à forma e de acordo com os costumes locais.

Possuímos vários números da citada revista *Life-Beyond*, que recebíamos regularmente na década de 1980. E surpreendíamos-nos com reiterados artigos descrevendo sessões de TCM, muito parecidas com as que presenciamos aqui no Brasil.

Nossa maior surpresa foi quando começamos a ver também artigos sobre TCI, nos números de 1982 e 1983 da *Life-Beyond*, inclusive referências aos trabalhos do grande pioneiro da TCI, eng. George William Meek!

Em um país milenar, densamente povoado como é a Índia, é muito provável que tais episódios se repitam inúmeras vezes e de formas as mais variadas. São manifestações populares de TC que, ao longo dos séculos foram difundindo a crença na sobrevivência e na comunicabilidade entre o vivo e o morto. Como costuma acontecer normalmente, tais fatos e crenças geram os rituais e os sistemas filosóficos-religiosos. Daí nascem as práticas mais requintadas de meditação e obtenção de estados alterados de consciência. Ocorrem também as variantes conforme o grau de evolução dos indivíduos, bem como de acordo com os objetivos visados pelos interessados nesses fenômenos. Devem ter surgido, assim, lado a lado, tanto as práticas sublimadas da Ioga, como as de Magia e da TCM e TCI.

A seguir, vamos tratar sumariamente da TC no misterioso País das Neves Eternas, o Tibete, chamado também o Tecto do Mundo.

Tibete

Em 1950, o Tibete foi invadido pela China comunista. Naquela ocasião, ocupava o posto de soberano máximo o simpático e afável Dalai-Lama Tenzin Gyatso, então com apenas 15 anos de idade. Tenzin Gyatso, chefe espiritual de seis milhões de tibetanos, nasceu em Amdo - uma aldeia do Tibete - em 1935 e tido como a 14ª encarnação do Dalai-Lama Avalokitesvara, falecido em 1933.

A Revolução Cultural comunista dos invasores chineses conseguiu devastar 2.300 mosteiros tibetanos, queimando milhares de preciosos volumes da tradição escrita filosófico-religiosa milenar do Budismo tibetano.

Em 1959, cansados de contemplar a destruição da sua cultura e sofrer vexames, humilhações, torturas e assassinatos perpetrados pelos

bárbaros invasores, o pacífico povo tibetano revoltou-se. Ocorreu, então, um banho de sangue, às portas do Palácio de Potala, sede do governo tibetano, e o aumento da pressão comunista contra os tibetanos. As lideranças comunistas tentaram envolver o Dalai-Lama oferecendo-lhe uma espécie de cargo político fantoche. Mas o soberano, apesar de sua pouca idade (24 anos), percebeu o jogo político dos comunistas e optou pelo exílio, fugindo para a Índia, seguido por mais de cem mil tibetanos. Após a saída do Dalai-



O Dalai-Lama

Lama, o Tibete mergulhou em uma violenta guerra civil, com algumas centenas de milhares de tibetanos sacrificados e a quase total devastação da sua milenar cultura. Salvou-se apenas uma parte das suas tradições, graças à preservação conseguida pelo contingente populacional que acompanhou o Dalai-Lama em seu êxodo para a Índia.

Este pequeno preâmbulo histórico serve para justificar o fato de valermos-nos das fontes de informação anteriores à década de 1950, na composição deste modesto trabalho acerca do Tibete.

Devido à atual situação desse sofrido povo, não teríamos onde colher dados a respeito de particularidades como a transcomunicação.

Mas em seu exílio em Dharamsala, na Índia, cerca de 1.500 monges budistas, que saíram do Tibete juntamente com o Dalai-Lama, em 1959, procuram restabelecer a cultura e a tradição perdidas com a invasão dos comunistas chineses. Entretanto, a nova geração de jovens tibetanos nascidos em Dharamsala já não trata o clero budista com a mesma veneração de antigamente. Eles crêem que o excesso de religiosidade e a ausência de maior interesse político teriam sido a causa principal da perda do seu país em favor dos chineses.

Como pode deduzir-se, somente relatórios anteriores a 1959 poderão fornecer-nos alguma pista segura acerca de episódios concernentes à

TC. Por esta razão, teremos de escolher entre aqueles escritos - como os clássicos da grande antropóloga Alexandra David-Neel - os relatos que focalizam particularmente os casos de TC. (David-Neel, 1978)

À semelhança do que ocorreu na Índia, houve uma grande evolução das idéias filosófico-religiosas que, naturalmente, deveriam ter-se iniciado a partir da transcomunicação pura e simples. Atualmente tais idéias colocam-se em níveis muito elevados, incluindo sofisticadíssimas reflexões acerca da natureza espiritual do ser humano, bem como da sua situação após a morte, entre uma e outra encarnação - denominada Bardo Thödol pelos tibetanos.

Os tibetanos, inclusive, possuem um livro destinado a preparar os moribundos para a morte; é o já citado Bardo Thödol ou *O Livro dos Mortos Tibetano*. (Sandup, 1983)

Todo este refinamento implica profundo conhecimento acerca da natureza espiritual da criatura humana e veio sendo conquistado graças a processos de meditação e auto-controle da mente. Entretanto assinalam-se também, no Tibete, formas de TCM que fazem lembrar as sessões mediúnicas espíritas. As diferenças são sobretudo de natureza formal e devidas às influências do meio e das crenças tradicionais dos tibetanos. Vamos nos valer da obra de Heinrich Harrer, que perambulou durante sete anos pelo Tibete, após haver fugido de um acampamento inglês de prisioneiros de guerra. (Harrer, 1959, pp. 203-207)

Eis alguns episódios narrados na obra de Heinrich Harrer, nos quais podem perceber-se manifestações de TC:

O Oráculo de Gadong

A certa altura do verão, em Lhassa, começa a ocorrer uma seca que obriga os habitantes da cidade a buscar água em um rio, a fim de prover às suas necessidades e, também, de molhar as ruas da cidade. Nessa época há grande expectativa e desejo de que caíam as chuvas. Então, o chamado Oráculo de Gadong é convocado para solucionar o problema. A cerimônia é realizada nos jardins do palácio de Verão, na presença do Dalai-Lama, de todos os membros do governo e dos representantes do clero. Eis a descrição do evento, feita por Heinrich Harrer:

"O oráculo, em transe, todo tremia e lançava sons roucos. Um monge suplicou ao médium que junto aos deuses conseguisse chuva

para que o país não sofresse uma péssima colheita. O adivinho fazendo esgares começou por murmurar uns sons ininteligíveis que se transformaram progressivamente em gritos estridentes. Então um escrivão aproximava-se e registrava o que ouvia, mostrando em seguida aos ministros. Por fim, abandonado pelos deuses que o habitavam momentaneamente, o oráculo acabou por cair em catalepsia".

O autor prossegue contando que a notícia se espalhou rapidamente, pois o adivinho havia prognosticado chuva! E, estranhamente, daí a uma hora começou a chover!

Harrer diz haver procurado todas as explicações para tal fato, não encontrando nenhuma que o satisfizesse.

"Para mim foi um mistério, que ainda hoje subsiste no meu espírito", concluiu ele. (Opus cit. pp. 192-193)

Outros Oráculos

Harrer informa, em seu livro, que: "Se a população confessa as suas preocupações aos Lamas, solicitando os conselhos dos adivinhos, o governo nada resolve sem ouvir o Oráculo de Neschung".

Mais adiante, o autor esclarece: "Um oráculo deve poder dissociar o seu corpo do seu espírito, razão pela qual o deus por ele evocado toma posse do seu invólucro físico e fala pela sua boca. O médium torna-se verdadeiramente a manifestação da divindade. E este o ponto de vista dos Tibetanos, tal como me expôs Wangdula". (Monge e amigo de Harrer, que lhe servira de guia, na observação de um noviço pertencente a um mosteiro e que se prestava como médium na função de oráculo. (Opus cit. p.203)

A cena da TCM assemelha-se bastante às incorporações mediúnicas com as quais estamos familiarizados aqui no Ocidente. Vamos transcrever um pequeno trecho da descrição dada por Harrer em seu livro:

"Sempre a conversar cobrimos os oito quilômetros que separam Lhasa do mosteiro de Neschung. Do templo vinha uma estranha melopéia, ora estridente ora suave. Entramos. O espetáculo era apaixonante: As paredes são decoradas com caveiras e afrescos de certo modo caricato. Saturada pelo fumo de incenso a atmosfera tornava-se difícil. Quando chegamos o jovem monge deixara os aposentos e entrara na nave. Sobre o peito trazia um espelho redondo de metal. Os criados cobriram-no de panos amarelos, escoltaram-no até a uma cadeira alta e

retiraram-se. O rufar surdo dos tambores rompeu o silêncio. Entretanto o médium começou a concentrar-se. Onde estava podia observá-lo perfeitamente. Estremecendo e possuído de grande agitação via-se realmente que a vida o abandonava; pouco a pouco adquiriu a imobilidade dum cadáver e as suas faces tornaram-se cor de cera. De repente deu um salto: Deus acabava de tomar conta do seu oráculo. Este tremia da cabeça aos pés, e cada vez mais gotas de suor perolavam-lhe a fronte. Alguns serventuários aproximaram-se e cobriram-lhe a cabeça com uma grande tiara. Era tão pesada que dois homens a sustentavam. Mesmo assim sob o peso da coroa, o corpo do monge descaiu sobre os coxins do seu trono". (Opus cit. pp. 203-204)

Daí em diante sucedem-se os lances desse estranho transe mediúnico, até o ponto em que são feitas ao médium assim incorporado as perguntas antes preparadas pelo conselho, tais como: nomear um governador, descobrir um Buda vivo, declarar guerra, concluir a paz etc.

Como acabamos de ver, a TCM era aproveitada para fins de grande importância, sem embargo das práticas transcendentais de meditação dos veneráveis e sábios Lamas. Ao que parece, estes últimos não deviam ser incomodados para ajudar na solução dos problemas materiais, ainda que de natureza governamental.

Conclusão

Assim como ocorreu com os demais povos pré-históricos, primitivos e históricos, a prática da transcomunicação parece manter-se como uma constante para toda a humanidade, inclusive no misterioso Tibete, através dos tempos e em todos os lugares.

Vamos continuar analisando esse curioso fenômeno. Voltaremos, no próximo capítulo, com um estudo sobre a TC entre os Hebreus e os primeiros Cristãos. Tentaremos demonstrar que estes povos também não fugiram à regra e praticaram intensamente a TC.

Os Hebreus

"Há um grave mal que tenho visto debaixo do Sol: as riquezas
que o seu dono guarda para o próprio dono."

Eclesiastes, V: 23

Os Hebreus

Quando se fala a respeito da Bíblia (Velho e Novo Testamento), fica-se exposto a críticas as mais diversas, tanto da parte dos exegetas eruditos e legítimos conhecedores das escrituras, como de alguns grupos religiosos (sem dúvida respeitáveis e bem-intencionados) que se mostram exageradamente intolerantes. Não pretendemos fazer exegese rigorosa, nem reparos a esse importante e venerável documento histórico, pois falha-nos competência para tal e, além disso, apreciamos muito a leitura da Bíblia, onde encontramos precioso material informativo e sublimes ensinamentos de natureza espiritual. Limitar-nos-emos a assinalar apenas algumas passagens que, salvo melhor juízo, pareceram-nos ocorrências típicas de transcomunicação.

Quando se lê atentamente a Bíblia, tanto o Velho como o Novo Testamento, encontra-se, a cada passo, a descrição de um ou outro tipo de fenômeno paranormal. Particularmente, são muito abundantes as transcomunicações. O seu número é tão grande que preferimos escolher apenas alguns poucos exemplos, deixando a cargo do leitor estudioso a tarefa de descobrir os demais. Sem querer, com isso, sugerir ou impor modificações na maneira de interpretar os conceitos correntes adotados pela maioria dos exegetas e religiosos, achamos interessante mencionar aqui a opinião de um profundo estudioso da Bíblia Mr. H. J. Rust, ligado

às Spiritualist Churches e Provincial Administrations de Joanesburgo, África do Sul. Em um interessante livreto editado pela Hermes Press Grabouw, em 1970, sob o inusitado título IF, mr. Rust escreve o seguinte:

"The Bible is a Psychic book from Genesis to Revelation. When reading the Bible as ancient literature, substitute the word 'Spirit' or 'Spirits' for 'The Lord', 'God' or 'The Gods', and you will obtain the correct meaning". (RUST, 1970, p. 18).

("A Bíblia é um livro psíquico, do Gênesis à Revelação. Quando ler a Bíblia como literatura antiga, ponha a palavra 'Espírito' ou 'Espíritos' em lugar de 'Senhor', 'Deus' ou 'Os Deuses', e você obterá o significado correto.")

Procuraremos fornecer alguns exemplos de TC assinalados no Velho Testamento. Posteriormente, no próximo capítulo, faremos menção de casos de TC ocorridos no início do Cristianismo e registrados no Novo Testamento.

Para melhor compreensão dividiremos as ocorrências de TC conforme suas categorias fenomênicas, das quais daremos uns poucos relatos transcritos diretamente da Bíblia. Complementaremos as informações, indicando as passagens que contêm mais alguns dos inúmeros casos da mesma categoria.

Clarividência e Ciariaudiência

Êxodo III e IV: "III Ora Moisés, apascentando o rebanho de Jethro, seu sogro, sacerdote de Midian, levou-o para trás do deserto e veio a Horeb, monte de Deus. 2 Apareceu-lhe o anjo de Jehovah numa chama de fogo do meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. 3 Disse, pois: Voltar-me-ei e verei esta grande visão, porque não se queima a sarça. 4 Vendo Jehovah que ele se voltou para ver, do meio da sarça chamou-o Deus e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui. 5 Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa. 6 Disse-lhe mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob. Moisés escondeu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus. Etc..."

Daí em diante, seguindo-se ao longo dos vinte e dois versículos do capítulo III, e continuando até o versículo 17 do capítulo IV, há o relato do extenso diálogo entre Jehovah e Moisés.

Essa passagem dá um bom exemplo de TCD, graças às faculdades de clarividência e clariaudiência de Moisés. O livro do *Êxodo* consiste em grande parte de diálogos entre Jehovah e Moisés, bem como entre Jehovah e Aarão, irmão de Moisés (IV:27; VI:13; IX:8 etc).

Os capítulos XIX e XX do *Êxodo* são os mais dramáticos, pois, dos entendimentos entre Jehovah e Moisés, surgiram os Dez Mandamentos. Os demais capítulos contêm as recomendações acerca de outros preceitos a serem seguidos pelos Hebreus, além de diversos relatos concernentes à rebeldia do povo e conseqüentes medidas tomadas por Moisés, sob a orientação direta de Jehovah.

Em *Números*, também podem encontrar-se diversos exemplos de TCD através da clariaudiência de Moisés e Aarão.

Os profetas, quase todos, revelaram momentos em que tiveram visões e ouviram vozes, tendo se comunicado com seres espirituais. Como exemplo, leia-se Ezequiel 1:1 a 28; 11:1 a 9; 111:1 a 27 etc.

Outras passagens muito ricas em descrições acerca de visões e transcomunicações diretas podem ser encontradas no livro intitulado *Daniel*. O profeta Daniel era um excelente intérprete de sonhos dos reis aos quais ele serviu. Vale a pena ler todo o livro referente a Daniel. Ele deve ter sido um agente paranormal extraordinário.

Transcomunicação Conseguida Graças às Faculdades Mediúnicas (TCM) de uma Sensitiva

I *Samuel* XXVIII: 1 a 25; esta passagem é muito típica e refere-se à consulta feita ao Espírito Samuel por Saul, graças a uma mulher que era conhecida por seus dotes mediúnicos. Vamos transcrever apenas alguns trechos de maior interesse:

"3 Ora Samuel era morto; todo o Israel o tinha chorado e enterraram-no em Ramah, que era a sua cidade. Saul tinha lançado fora da terra os que consultavam Espíritos ou um Espírito familiar. 4 Ajuntaram-se os Filisteus, e vieram acampar-se em Shunem; ajuntou Saul todo o Israel e acamparam-se em Gilboa. 5 Vendo Saul o exército dos Filisteus, foi tomado de medo, e tremeu muito o seu coração. 6 Saul consultou a Jehovah porém ele não lhe respondeu nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. 7 Então disse Saul aos seus servos: Buscai-me uma mulher que consulte a um Espírito familiar, para que eu vá

consultá-la. Responderam-lhe os seus servos: Há em Endor uma mulher que consulta Espírito familiar".

Vê-se, por esses sete primeiros versículos, que a consulta aos Espíritos de pessoas desencarnadas (Espíritos familiares) era prática comum entre o povo de Israel, naquela época. Isso evidencia a existência da TC como um costume usual entre os Hebreus. Parece que a TC praticada popularmente não devia ser do agrado dos membros do governo e, provavelmente, dos encarregados do culto oficial, os denominados profetas. Estes, naturalmente, eram os médiuns ligados à classe sacerdotal, ou possuidores de dons extraordinários que lhes permitiam comunicar-se diretamente com Jehovah ou seus mensageiros (anjos). Daí, talvez, Saul haver sido levado, pelos seus conselheiros religiosos, a perseguir os médiuns populares. Estes deviam praticar a TCM, através do intercâmbio com os desencarnados.

E bem provável que o cultivo da Magia fosse, também, uma conseqüência desse fato.

Vale a pena transcrever os versículos de 8 a 14, onde é descrito, de forma muito clara e minuciosa, o episódio da consulta feita por Saul à médium:

"8 Saul disfarçou-se e, tomando outros vestidos, foi, acompanhado de dois homens, e chegaram de noite à casa da mulher. Ele disse: Adivinha-me pelo Espírito familiar e faze-me subir aquele que eu te disser. 9 Respondeu-lhe a mulher: Eis que tu sabes o que fez Saul, como exterminou da terra os que consultam Espíritos ou Espírito familiar; por que me estás armando um laço à minha vida, para me fazeres morrer? 10 Saul jurou-lhe por Jehovah, dizendo: Pela vida de Jehovah, nenhuma culpa te sobrevirá por causa disso. 11 Perguntou-lhe a mulher: Quem te farei subir? Respondeu ele: Faze-me subir Samuel. 12 Quando a mulher viu a Samuel, deu um grande grito, e disse a Saul: Por que me enganaste? Pois tu és Saul. 13 Respondeu-lhe o rei: Não tenhas medo: que vêes tu? Disse a mulher a Saul: Vejo um deus subindo da terra. 14 Perguntou-lhe ele: Como é a sua figura? Respondeu ela: Vem subindo um ancião, e está envolto numa capa. Entendeu Saul que era Samuel, prostrou-se com o rosto em terra e fez-lhe uma reverência".

A descrição da cena do colóquio de Saul com o Espírito Samuel prossegue nos versículos 15 a 25, em que a mulher funciona como intermediária entre o Espírito e o rei. É, este, um caso típico da TCM.

Transcomunicação Instrumental - TCI

Observe-se que em I Samuel XXVIII6, atrás mencionado, lê-se: "Saul consultou a Jehovah porém ele não lhe respondeu nem por sonhos, nem por *Urim*, nem por profetas". (O grifo é nosso)

Esta referência à consulta feita por meio do *Urim* é muito interessante. Trata-se de um sistema de transcomunicação obtido por meio do manejo de pedras. Embora o versículo citado refira-se apenas a *Urim*, na realidade são duas as espécies de pedras: *Urim* e *Tumim*.

As passagens bíblicas em que se encontram menções a *Urim* e *Tumim* são sete. Ei-las, por ordem de precedência:

Êxodo XXVIII:30, onde é explicado minuciosamente, por Jehovah, como confeccionar os paramentos destinados a Aarão e seus filhos, os quais deveriam dedicar-se ao ofício sacerdotal. Vê-se, pelas recomendações dadas por Jehovah, que a vestimenta do sacerdote devia ser riquíssima. Duas peças principais se destacam: o *éfod* (do Hebraico: *ephod*: túnica usada nas grandes cerimônias pelos sacerdotes hebreus); e o peitoral do juízo (peça feita do mesmo tecido usado para a confecção do *éfod*, tendo o formato de um quadrado de cerca de um palmo de lado, consistindo numa espécie de bolsa toda cravejada de pedras preciosas, ao todo doze gemas: nesse peitoral, o sacerdote leva um memorial com os nomes dos filhos de Israel). Além do citado memorial, o sacerdote deverá colocar no peitoral do juízo o *Urim* e o *Tumim* (Êxodo XXVIII:30).

A seguir, *Urim* e *Tumim* são citados em: *Levítico* VIII8; *Números* XXVTI:21; *Deuteronômio* XXXIII:8; *I Samuel* XXVIII6; *Esdras* 11:63; e *Nehemias* VII65.

Ao que parece, *Urim* e *Tumim* consistiam em pequenas pedras destinadas a fazer consultas ao Plano Espiritual, particularmente a Jehovah. Aqueles sacerdotes que não eram sensitivos, clarividentes ou clariaudientes, deviam utilizar-se de *Urim* e *Tumim*, para tomar decisões importantes e em concordância com a vontade de Jehovah. Era uma forma rudimentar de TCI. Inicialmente ela era praticada por qualquer dos sacerdotes levíticos. Porém, mais tarde, passou a ser um privilégio exclusivo do Sumo Sacerdote.

A respeito dessas misteriosas pedras há um excelente trabalho do nosso querido amigo e consagrado escritor espírita dr. Hermínio Corrêa de Miranda. Acreditamos que Hermínio C. de Miranda seja um dos mais competentes investigadores das áreas históricas do Espiritismo, da

Parapsicologia e das Religiões. Ele é não só um profundo conhecedor dos intrincados meandros dessas disciplinas, como domina a parte filosófica e também científica, de amplo espectro, dos conhecimentos correlacionado com as mesmas. O estudo de Hermínio C. de Miranda acerca de Urim e Tumim encontra-se na sua interessante obra *O Que é Fenômeno Mediúnico*.

A nosso pedido, o Autor da referida obra autorizou-nos a transcrição, na íntegra, do capítulo sobre o Urim e Tumim. Ei-lo:

O Enigma de Urim e Tumim

"Para entendermos bem o que quer dizer isso, torna-se necessário fazer uma pausa para explicar o que é urim. Recorri, para isso, à Enciclopédia Britânica, sempre segura no que diz e que não se arrisca a dizer o que não sabe, pois até as enciclopédias ignoram, às vezes, certas coisas. Em verdade, ela não me respondeu do modo direto o que eu esperava, mas proporcionou-me elementos preciosos que nos permitem decifrar essa enigmática palavra.

"Confessa a Britânica honestamente que 'tanto a identidade (do urim) quanto seu uso são obscuros'. A explicação mais comum é a de que se trata de um conjunto de pedras ou discos sagrados. Sabe-se, porém, que era usado nos processos de comunicação divina, o que quer dizer, nas práticas mediúnicas, na obtenção de fenômenos mediúnicos, ou mais claramente ainda, na comunicação com os espíritos, embora a Enciclopédia não utilize de tais termos. E certo ainda que nas práticas com o urim estavam sempre envolvidos os profetas, que sabemos serem os médiuns da época.

"Há outras especulações sobre essa misteriosa instrumentação, mas a chave do enigma não é difícil de encontrar para quem disponha de alguma experiência com o exercício da mediunidade. A Britânica explora algumas dessas alternativas, mas nenhuma delas a satisfaz. (E nem a mim) O texto prossegue declarando ser 'provável... que a solução esteja alhures', isto é em nada daquilo que até hoje se supôs. E sem querer, nem saber, proporciona, a seguir, as condições para a explicação correta.

E que a palavra urim vem usualmente ligada a outra, tumim. Portanto, urim e tumim formam juntos um instrumento destinado ao exercício de alguma forma de mediunidade, cuja característica se perdeu.

Informa a Britânica, contudo, que a letra inicial da palavra urim é o *aleph*, primeira letra do alfabeto hebraico e que a primeira letra do termo tumim é *tav*, última letra do mesmo alfabeto. Não é preciso ser nenhum eénio para concluir que o conjunto urim/tumim é um dispositivo sobre o qual foram escritas as letras do alfabeto hebraico.

A Britânica acha que as letras teriam valores numéricos. E talvez por isso, a Bíblia de Jerusalém resolveu traduzir o texto há pouco citado de I Samuel assim: 'nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas'. Mas não é isso. Ao que se depreende, as letras eram dispostas de tal maneira que um indicador ou um pequeno objeto leve pudesse apontá-las sucessivamente, formando palavras e frases. Em suma: o urim/tumim era um tabuleiro mediúnico, que os povos de língua inglesa conhecem **pela** expressão mista *ouija board*. *Oui*, como sabe o leitor, é a palavra francesa para SIM eja, termo alemão com o mesmo sentido (SIM). Como esclarece o competente Dicionário americano Webster, *ouija* 'é a marca comercial de um tabuleiro inscrito com o alfabeto e vários sinais, destinado ao uso como prancheta **na obtenção de mensagens mediúnicas**'. Destaque meu).

O que nos confirma na conclusão de que urim/tumim é uma prancheta mediúnica é a informação - ainda na Britânica - de que 'as letras eram colocadas no *breastplate of judgement* e movimentada pelo *shekinah* do sacerdote'.

A medida que as letras iam sendo identificadas - a Britânica diz **que** eram *retiradas* - iam sendo anotadas 'para formar as palavras'.

Falta explicar ainda a presença e o sentido dos termos entre aspas.

O *breastplate* - literalmente 'placa do peito' - ou peitoral - era uma placa metálica com doze pedras preciosas incrustadas, uma para **cada** tribo de Israel. O Sumo Sacerdote usava-a sobre o peito, como o **nome** indica.

Shekinah é um termo hebraico que significa 'presença terrena (ou morada) de Deus'. Na teologia judaica, Shekinah caracteriza a manifestação divina, por meio da qual a presença de Deus é percebida pelo homem, segundo nos esclarece o mesmo dicionário de Webster, já **citado**. Ora, já vimos diversas vezes que a comunicação mediúnica era considerada uma conversa com o próprio Deus, na sua presença, ou por **Mitra**, uma verdadeira manifestação divina.

Disso tudo, portanto, podemos concluir que as letras do urim/tumim

eram dispostas sobre a placa metálica sagrada que o Sacerdote usava sobre o peito e que através do *Shekinah* do aludido sacerdote, ou seja, de sua faculdade de 'perceber a presença de Deus', ou melhor ainda, de sua mediunidade, movimentava-se o instrumento que indicando, letra por letra, as palavras que, por sua vez, formavam as frases da mensagem. Nada, portanto, de sorteio ou numerologia, e sim um claro fenômeno mediúcnico de efeitos físicos utilizado pelos espíritos manifestantes, tal como ainda hoje o fazem com a prancheta ou com um copinho que desliza dentro de um círculo de letras.

Eis aí, a meu ver, o mistério do urim/tumim." (Miranda, 1990, pp. 23-26).

Parece-nos que Hermínio C. de Miranda atinou com o correto significado de urim/tumim, instrumento tão usado pelos profetas hebreus, para as consultas ao mundo espiritual.

Vejamos outro sistema de TCI empregado naquele tempo; aparelhagem esta mais sofisticada do que Urim/Tumim e, também, ensinada pelos próprios Espíritos:

A Arca, a Mesa, o Propiciatório e o Tabernáculo

No livro do *Êxodo*, capítulos XXV e XXVI, há uma prescrição minuciosa a respeito de como seriam feitos a arca, a mesa, o propiciatório e o tabernáculo. Este último deveria abrigar os três primeiros objetos. Não nos estenderemos transcrevendo as referidas recomendações transmitidas diretamente por Jehovah a Moisés. Ao leitor mais interessado, sugerimos consultar diretamente as passagens indicadas, na Bíblia.

Presumimos que o conjunto, arca, mesa, propiciatório e o tabernáculo, poderia constituir um sistema capaz de promover a TCI entre Jehovah e os israelitas.

Em *Êxodo* XL:34, lê-se que, tão logo Moisés concluiu a construção do "tabernáculo" juntamente com os seus acessórios indispensáveis, "uma nuvem cobriu a 'tenda da congregação', e a glória do Senhor encheu o tabernáculo". Outro fenômeno interessante, descrito nos versículos 36 e 37, era o fato de a nuvem que cobria a tenda servir de orientadora para as jornadas dos filhos de Israel. Quando a nuvem se erguia, eles podiam prosseguir na viagem; caso contrário não caminhavam, até a nuvem

tornar a erguer-se. À noite, segundo o versículo 38, em lugar da "nuvem", era avistado por todos um clarão sobre a tenda.

Tudo indica que a principal função do tabernáculo, ou tenda, era servir de acumulador da energia (ectoplasma?) destinada a facilitar a transcomunicação direta entre Jehovah e os filhos de Israel. Assim, por exemplo, em *Números* XL24-25, há uma passagem em que, achando-se os israelitas descontentes com a sua situação no deserto, Moisés recorreu a Jehovah para conter a rebeldia de seu povo. A conselho de Jehovah, Moisés escolheu, para auxiliá-lo, setenta anciãos, dispendo-os ao redor da tenda. O resultado foi o descrito no versículo 25: "Desceu Jehovah na nuvem, e falou com ele e tirou o Espírito que estava sobre ele, e pô-lo sobre os setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram, porém nunca mais o fizeram". O termo "profetizar" deve equivaler ao fenômeno da psicofonia, que se dá quando um médium transmite verbalmente a informação de um Espírito ligado a ele.

Mas o tabernáculo propiciava comunicações diretas de Jehovah com os israelitas, especialmente em momentos dramáticos. Particularmente, era Moisés quem mais obtinha comunicações diretas com Jehovah, no tabernáculo.

Conclusão

E interessante ressaltar o fato de que a iniciativa da TC, especialmente a TCI, sempre tem partido do Plano Espiritual. Toda a aparelhagem atrás mencionada, a saber: aArca, a Mesa, o Propiciatório e o Tabernáculo, foram minuciosamente ensinados a fazer a Moisés. Este último seguiu à risca o plano fornecido por Jehovah, plano aquele contendo medidas exatas e rigorosas prescrições acerca dos materiais a serem empregados, bem como a disposição das peças acabadas. Isto se assemelha muitíssimo com o que se passa, por exemplo, no tocante à moderna aparelhagem para a TCI em Luxemburgo, de que iremos tratar em futuros capítulos. (Schafer, 1992; Locher e Harsch, 1992)

No próximo capítulo, a transcomunicação praticada pelo primeiros, cristãos.

Os Primeiros Cristãos

Conhecereis a verdade, e a verdade
vos libertará. João, VIII: 32

A Transfiguração de Jesus no Monte Tabor

Se nos basearmos no *Novo Testamento*, verificaremos que os primeiros cristãos também presenciaram diversos casos de TC.

Um dos episódios mais marcantes ocorridos durante o tempo em que Jesus ainda convivia com os seus discípulos é o da *transfiguração*; *Mateus XVII: 1 a 7*; *Marcos IX:2-9* e *Lucas IX:28-36*. Nesta passagem, é relatado o fenômeno da transfiguração de Jesus, que se operou sobre o monte Tabor, diante de Pedro e seus irmãos João e Tiago. Nessa ocasião eles, a convite de Jesus, estavam orando quando ocorreu uma transfiguração do Mestre. Seu rosto iluminou-se, suas vestes tornaram-se resplandecentes, e apareceram, ladeando a Jesus, dois varões que foram reconhecidos como sendo Moisés e Elias. O Mestre dialogou durante algum tempo com eles. Pedro e seus irmãos perturbaram-se diante daquele fenômeno. Pedro dirigiu-se a Jesus e propôs-lhe que construíssem três tendas, uma para o Mestre, e as outras duas para Moisés e Elias. Nessa ocasião, uma nuvem luminosa os envolveu, e da nuvem saiu uma voz, dizendo: "Este é o meu Filho diletto, em quem me agrado; ouvi-o".

Nesta passagem do Evangelho, são descritos dois casos de TCD. A primeira representada pela ectoplasmia de Moisés e Elias, com os quais Jesus dialogou. A segunda foi a manifestação de "voz direta", que ocorreu

logo que a nuvem ectoplásmica surgiu como resultado da dissolução dos dois agêneres: Moisés e Elias.

Nas passagens narradas segundo os quatro evangelistas, concernentes à ressurreição de Jesus, encontram-se vários casos de TCD.

Podemos dividir os episódios em dois grupos: A ressurreição; Após a ressurreição.

A Ressurreição

No caso da ressurreição, o fato central é o desaparecimento do corpo de Jesus, constatado ao alvorecer do primeiro dia da semana. Com algumas variantes, é narrado que Maria Magdalena, acompanhada de Maria, mãe de Tiago, e outras mulheres, dirigiu-se ao túmulo de Jesus, tencionando ungir o cadáver do Mestre com óleos perfumados, como era costume naquela época. Ao chegarem, encontraram removida a pesada pedra que bloqueava a entrada do sepulcro.

Matheus XXVIII: 1 a 8 diz que, na noite precedente, ocorrera um terremoto seguido da descida de um anjo. Este chegou à entrada do túmulo e, diante dos guardas atônitos, removeu a pesada laje que fora colocada para vedar com segurança a sepultura. Pelo visto, os guardas não interferiram, pois as mulheres encontraram apenas o anjo sentado sobre a pedra. O evangelista descreve assim: "3 A sua aparência era como um relâmpago, e a sua veste branca como a neve". De acordo com a narração, os guardas, ao verem o anjo, sofreram uma espécie de desmaio: "4 Os guardas, receosos dele, tremeram e ficaram como mortos".

As mulheres foram informadas pelo anjo que Jesus havia ressuscitado, e convidadas a entrar no interior do túmulo para verificarem a ausência do cadáver. O anjo afirmou que Jesus iria para a Galileia, onde seria visto por elas e pelos discípulos. Elas, alvoroçadas, correram a avisar os discípulos.

Marcos XVI: 1 a 8 não relata o episódio do terremoto, nem do susto pregado aos guardas. Apenas se refere à preocupação das mulheres, no tocante a conseguir quem as ajudasse a remover a pedra da entrada do túmulo. Ao chegar, verificaram que a pedrajá havia sido retirada, embora fosse muito grande. Eis a narrativa de Marcos:

"5 Entrando no túmulo, viram um moço sentado ao lado direito, vestido de um alvo manto, e ficaram atemorizados. 6 Ele lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus O Nazareno, que foi crucificado; ele

ressurgiu, não está aqui; vede o lugar onde o puseram, 7 Mas ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia; lá o vereis, como ele vos disse. 8 Saindo, fugiram do túmulo, porque o temor e espanto as tinham acometido; não disseram nada a ninguém, porque estavam possuídas de medo".

Lucas XXIV: 1 a 12. Este evangelista relata praticamente a mesma coisa, porém com outras variantes.

Observa-se, porém, que na narração de São Lucas, há referência a dois anjos, e não a um só conforme os evangelistas São Matheus e São Marcos. Vamos ver que São João também menciona dois anjos, assim como apresenta algumas variantes bem distintas das dos evangelistas anteriormente citados. Vejamos esta passagem segundo *João XX:1 a 13.*

Nos versículos de um a dez é apenas relatado que Maria Magdalena, tendo ido bem cedo ao túmulo, sendo ainda escuro, viu a pedra removida. Em vez de lá entrar, ela correu e foi avisar Simão Pedro. Este, acompanhado de outro discípulo, dirigiu-se imediatamente ao local. O discípulo, andando mais rápido, chegou primeiro ao túmulo, mas limitou-se a olhar e verificar que os panos de linho estavam postos no chão. Não entrou. Logo a seguir, chegou Simão Pedro que entrou no túmulo, verificando que os panos e o lenço de linho que estivera sobre a cabeça de Jesus estava ali, porém o cadáver havia desaparecido. Após Simão Pedro, entrou o discípulo que o havia antecipado. Daí, os dois voltaram para casa. Até o versículo dez, São João não fala na aparição dos anjos à Maria Magdalena. Este episódio é narrado nos versículos 11 a 13:

"11 Maria, porém, estava junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, 12 e viu dois anjos com vestes brancas, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. 13 Eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Respondeu ela: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram".

A partir do versículo 13, inicia-se outro período que denominamos "após a ressurreição". Portanto, até agora examinamos apenas as informações a respeito do caso de TCD ocorrido na madrugada do primeiro dia da semana após o sepultamento de Jesus. Como pode ver-se, a descrição varia ligeiramente de evangelista para evangelista. Entretanto, na essência, o fenômeno de TCD ocorreu entre um ou dois

Espíritos e Maria Magdalena e as mulheres que a acompanhavam, conforme a narração dos três primeiros evangelistas. Em João 11 a 13, somente Maria Magdalena foi agraciada com a TCD entre os dois anjos e ela. Essas variantes não têm importância quando se considera apenas a questão da TC. O fato essencial é a menção deste fenômeno, que teria ocorrido no início do Cristianismo, com os primeiros cristãos.

Após a Ressurreição

Em continuação a esta rápida fase que denominamos de "a ressurreição", vem um período mais rico em ocorrências de transcomunicação. Segundo os evangelistas, após a constatação do desaparecimento do corpo de Jesus, da sepultura onde fora colocado, Ele próprio apareceu às mulheres que procuravam o seu corpo para ungi-lo com perfumes. Depois, o Mestre manifestou-se visivelmente, por diversas vezes, aos seus discípulos, longe do túmulo em que estivera antes de ressuscitar. São, assim, relatados diversos casos de TCD. Vejamos tais ocorrências, de acordo com os quatro evangelistas:

Matheus XXVIII:8 a 10:

"8 Elas (as mulheres) deixaram apressadamente o túmulo, tomadas de medo e grande gozo, e foram correndo avisar os discípulos. 9 Eis que Jesus as encontrou e lhes disse: Salve! Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e adoraram-no. 10 Então lhes disse Jesus: Não temais; ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia, e lá me hão de ver".

São Matheus descreve sumariamente, nos versículos 16 a 20, a aparição de Jesus aos seus discípulos, em um monte na Galileia, dos quais se despediu prometendo estar com eles até o fim do mundo.

São Marcos é mais minucioso do que São Matheus, e dá conta de um maior número de transcomunicações:

Marcos XVI:9 a 11 - Jesus aparece a Maria Magdalena:

"9 Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Magdalena, da qual havia expelido sete demônios. 10 Ela foi noticiá-lo aos que haviam andado com ele, os quais estavam em lamento e choro; 11 estes, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e que tinha sido visto por ela, não acreditaram."

Nos versículos 12 e 13, há o relato da aparição do Mestre a dois de seus discípulos.

É interessante observar-se a menção ao cepticismo dos discípulos, os quais não quiseram acreditar nas informações de Maria Magdalena e dos dois discípulos que viram o Mestre. Esta atitude de cepticismo mostra que os discípulos de Jesus, apesar de haverem testemunhado os prodígios feitos pelo Mestre, ainda não estavam totalmente conscientizados acerca do que Ele lhes ensinara. Mas, finalmente, Jesus também se manifestou aos onze restantes discípulos, conforme São Marcos informa, nos versículos 14 a 20.

O versículo 17 é de especial importância para o caso da transcomunicação, pois refere-se a fenômenos desta categoria já conhecidos naquela época, e com os quais os discípulos iriam lidar dali por diante:

"17 Estes sinais hão de acompanhar àqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios; falarão outras línguas..."

A expulsão de maus Espíritos (demônios) implica a TC com tais atitudes. Do mesmo modo, a xenoglossia (falar outras línguas) pode ser um tipo de TC, quando se trata de uma manifestação mediúnica em que o comunicante se expressa no idioma que ele falava em vida. Obviamente, não se incluem aqui os casos de xenoglossia oriundos de lembranças reencarnatórias, de criptomnésia, captação telepática inter vivos etc.

Passemos à narração de São Lucas, que traz informações um pouco mais minuciosas.

Em *Lucas* XXIV: 13 a 35, há extensa narração concernente à aparição de Jesus a dois discípulos que caminhavam na direção de Emaús. O estranho desta passagem é o fato de o Mestre não haver sido reconhecido pelos dois discípulos, durante toda a longa caminhada que efetuaram em sua companhia. Acresce notar que, enquanto seguiam acompanhados por Jesus, este lhes explicava as profecias referentes ao que deveria suceder com Ele no final de sua vida.

Somente foram reconhecê-lo quando, havendo chegado em sua casa, eles o convidaram para pernoitar ali, devido ao adiantado da hora.

No momento da ceia, Jesus, estando com eles à mesa, tomou o pão, deu graças e o repartiu como costumava fazer antes. Nessa circunstância, eles o reconheceram, mas Ele desapareceu de diante deles.

Os dois discípulos de Emaús, logo após o acontecimento, lembraram o que haviam ouvido durante a viagem e, mais conscientes

do que se passara com eles, resolveram voltar para Jerusalém. Ali encontraram os discípulos reunidos, e comunicaram o que ocorrera com eles naquela viagem para Emaús.

Nos versículos 36 a 53, São Lucas fornece extenso relato em que é descrita a aparição de Jesus aos seus discípulos, de forma tangível, inclusive conservando em seu corpo as chagas provenientes da crucificação. Essa longa e minuciosa passagem termina com a ascensão do Mestre, testemunhada pelos discípulos.

Se nos basearmos na descrição de São Lucas chegaremos à conclusão de que a manifestação de Jesus a seus discípulos deve ter sido um tipo especial de materialização, raríssimo e pouco aceito pelos modernos parapsicólogos.

Neste ponto, achamos necessário atender a uma categoria de leitores mais exigentes e, eventualmente, melhor conhecedores dos estudos críticos e exegéticos concernentes aos evangelhos. Como já alertamos inicialmente, não é nosso intuito tratar da parte exegética, da validade dos evangelhos como documento histórico consistente ou não, da discussão acerca da existência real ou fictícia de Jesus, e das demais controvérsias surgidas a tal respeito. Colocamo-nos numa posição de expectativa, aguardando que outros mais cultos, sagazes e conhecedores do problema, possam resolvê-lo definitivamente. Enquanto isto, visamos apenas a menção, nos evangelhos, dos fenômenos que se enquadram na categoria da transcomunicação. Se foram mencionados, provavelmente já eram conhecidos e, possivelmente, teriam ocorrido entre os cristãos primitivos. Se, porventura, os evangelhos referem-se a uma figura lendária, que não existiu exatamente como a descrevem, à qual deram o nome de Jesus, tal fato não invalida a nossa tese: Entre os primeiros cristãos já era conhecida e provavelmente praticada a transcomunicação.

Por outro lado, esclarecemos que a realidade ou não da existência de Jesus, de forma alguma está, aqui, sendo questionada. Este capítulo não cuida de matéria da alçada da Teologia.

Isto posto, vamos continuar, examinando as informações contidas no evangelho de São João.

Ao tratar do período correspondente à ressurreição, mencionamos apenas *João* XX:1 a 13. Nos versículos 11, 12, e 13 há o episódio em que

dois anjos são avistados, dentro do túmulo vazio, por Maria Magdalena. Estes, ao vê-la em pranto, indagaram por que ela estava chorando. Após haver explicado a razão de suas lágrimas, ela virou-se e avistou Jesus.

Aqui inicia-se a segunda fase das transcomunicações ocorridas após as aparições dos anjos. Neste período, é Jesus quem se manifesta e, em João XX:14 a 31 e XXI:1 a 25 há abundante descrição das transcomunicações que teriam ocorrido entre o Mestre e os seus discípulos. Não desejamos estender-nos demasiado, repetindo matéria já bastante conhecida. Entretanto, sugerimos ao leitor estudioso e mais interessado nos assuntos evangélicos uma consulta ao *Novo Testamento*, nos capítulos e versículos citados.

Os Actos dos Apóstolos

Outro documento evangélico em que é citado um número enorme de ocorrências de TC, são os *Actos dos Apóstolos*. Vamos examinar algumas delas. Para não repetirmos desnecessariamente o nome Acíos, daremos apenas o número do capítulo, seguido dos números dos versículos.

1:10 e 11: Por ocasião da ascensão de Jesus, dois varões com vestiduras brancas apareceram aos discípulos e dialogaram com eles.

11:13: Descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, no dia de Pentecostes, e manifestação de glossolalia (um tipo de xenoglossia).

V:16: Os apóstolos fazem o exorcismo, expulsando Espíritos obsessores.

V:19 e 20: Um anjo liberta os apóstolos que se achavam encarcerados.

VIII7: Filipe pratica o exorcismo em Samaria, expulsando Espíritos obsessores.

VIII26 e 29: Um anjo fala com Filipe e dá-lhe instruções.

VIII39 e 40: Fenômenos de aporte, em que um Espírito arrebatou e transportou Filipe de uma cidade para outra.

IX:1 a 9: Conversão de Saulo, no caminho de Damasco.

IX:10 a 16 = O Senhor comunica-se com Ananias e manda-o procurar Saulo.

X:1 a 8: O centurião Cornélio tem a visão de um anjo que lhe dá instruções para chamar Simão Pedro.

X:9 a 16: Pedro tem uma visão.

X:19 a 20: Um Espírito avisa Pedro da chegada dos enviados do centurião Cornélio.

X:44 a 48: O Espírito Santo desce sobre os Gentios, provocando o fenômeno da glossolalia.

XL27 e 28: O médium Agabo, tomado por um Espírito, prediz uma fome generalizada no mundo. A profecia realizou-se no reinado de Cláudio.

XII7 a 10: Um anjo liberta Pedro da prisão, orienta-o e protege-o durante a fuga.

XVI:6 a 10: Paulo e Timóteo são impedidos, pelo Espírito Santo, de anunciar a palavra na Ásia.

XI: 16 a 18: Paulo expulsa um Espírito que obsedava uma moça. Esta moça era explorada pelos seus amos, os quais se valiam da sua mediunidade e do Espírito que a obsedava para, sob pagamento, obter adivinhações; uma espécie de oráculo que lhes dava muito lucro.

XVIII: 9 a 10: O Senhor aparece a Paulo, em uma visão, estimulando-o a pregar em Corinto, onde havia forte oposição por parte dos judeus.

XIX:6: Em Efeso, Paulo encontra alguns discípulos que haviam recebido apenas o batismo de João. Paulo impôs-lhe as mãos, e veio sobre eles o Espírito Santo. O resultado foi a manifestação da glossolalia (falavam diversas línguas e profetizavam).

XIX:8 a 16: *Paulo na Escola de Tyranno*. Nessa passagem há inúmeros casos de TCM, especialmente devidos a exorcismos de possesores por Espíritos malignos.

XXII: 17 a 21: Em Jerusalém, Paulo tem uma visão, durante um êxtase e é aconselhado por um Espírito a sair daquela cidade.

XXIII: 11: O Senhor aparece a Paulo e manda-o pregar em Roma.

XXVII22 a 26: Durante uma viagem em que Paulo fora enviado para a Itália, sobreveio violenta tempestade. Um anjo acalma Paulo dizendo: "Não temas, Paulo; é necessário que compareças perante Cesar, e Deus te há dado todos os que navegam contigo".

Uma das evidências mais claras de que os primeiros cristãos conheciam e praticavam a transcomunicação encontra-se na *Primeira Epístola de S. João*, IV:1 a 3:

"1 Amados, não creiais a todo o Espírito, mas provai os Espíritos, se vêm eles de Deus; porque muitos falsos profetas têm aparecido no mundo. 2 Nisto conheceis o Espírito de Deus: Todo o Espírito que confessa

que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; 3 e todo o Espírito que não confessa a Jesus, não é de Deus. Este é o Espírito do anticristo, de cuja vinda tendes ouvido falar, o qual já está no mundo."

Finalmente, temos o Apocalipse de São João que é todo ele, ao que parece, o resultado de uma série de transcomunicações entre um anjo, enviado por Jesus Cristo, e São João, bem como visões presenciadas diretamente por este último.

Conclusão

Como já esclarecemos anteriormente, não nos compete entrar na análise e avaliação deste documento. Apenas nós o citamos como uma evidência de que os primeiros cristãos já deviam admitir a transcomunicação como fato possível e usualmente observável.

Analisaremos, a seguir, a fase que preparou o surgimento do chamado *Spiritualism* (Espiritualismo). Este movimento poderia ser incluído no Período Magnético da Metapsíquica, que se situa, segundo Charles Richet, entre o episódio de Mesmer (1776) e o das Irmãs Fox (1847). (Richet, 1923, p.10)

Transcomunicação no Pré-Espiritualismo

Raramente a crítica leva em conta o caráter das pessoas e o móvel de suas ações. E erra, porque isto constitui por certo uma base essencial de apreciação. Casos há em que a acusação de fraude não só é uma ofensa, mas uma falta de lógica.

Allan Kardec - Revista Espírita, 1861, p.43.

Pré-Espiritualismo

A transcomunicação com as inteligências presumivelmente habitantes de planos ou espaços fora do nosso mundo físico tem sido assinalada em todas as épocas e lugares do nosso planeta.

Outro aspecto igualmente notório é a insistente negação desses fenômenos, pelo sistema dominante detentor da Ciência e da Filosofia ocidentais.

Por sua vez, as religiões instituídas estabeleceram um divisor entre a TC ocorrida espontaneamente no seio do povo, e aquela tida como "revelação divina" outorgada aos eleitos reconhecidos pelo credo oficial. Por exemplo: a Igreja Católica condena ou nega as comunicações mediúnicas com os Espíritos, mas admite as manifestações consideradas milagrosas ou preternaturais, ocorridas com os santos, bem como as alegadas aparições destes a certas pessoas piedosas. Houve, inclusive, um período em que o pretense conluio entre o Demônio e os feiticeiros era plenamente reconhecido e aceito como possível. Milhares de homens e mulheres foram torturados e queimados vivos sob a alegação de tal

intercâmbio. (*Sinistrari D'Ameno*, 1882; Kramer e Sprenger, 1976)

Mas a maior resistência à aceitação da TC entre os vivos e as presumíveis inteligências espirituais, ou de qualquer outra natureza não enquadrável na categoria material normal, provém da Ciência ortodoxa. Devido a essa posição discriminatória, desenvolveram-se, paralelamente, dois tipos de conhecimento: um deles, o chamado científico, compreendido pela Ciência dita oficial é largamente aceito e ensinado pela maioria dos homens; o outro, denominado Ocultismo, é aceito e ensinado por uma minoria.

Atualmente, há uma tendência em alguns setores da Ciência para tomar em consideração certas categorias de fenômenos outrora não reconhecidos como legítimos. A Parapsicologia pode ser considerada a disciplina científica que cuida dessas ocorrências agora classificadas como paranormais. Não obstante, há certa relutância, por parte de vários cientistas ortodoxos, em aceitar plenamente a realidade do "objeto" da Parapsicologia. Por sua vez, a própria Parapsicologia, hoje oficializada em alguns países, tem assumido uma postura de forte resistência em admitir a sobrevivência da personalidade após a morte física. Por conseguinte, a transcomunicação mediúnica e a instrumental ainda sofrem certa discriminação, sobretudo por parte dos parapsicólogos mais conservadores.

Em resumo, a postura do ambiente cultural, aqui no Ocidente, é nitidamente materialista e reducionista com relação aos fenômenos considerados paranormais. Há enorme recusa em aceitar a existência de seres inteligentes não corpóreos, particularmente de Espíritos de pessoas já falecidas. Assim, a TC ainda é questão polêmica na área científica aqui do Ocidente e dos países de outras regiões que assimilaram a Ciência e certos sistemas filosóficos ocidentais.

Esta posição de cepticismo não é nova, e vem acompanhando paralelamente o desenvolvimento da pesquisa dos fenômenos que, por falta de outra nomenclatura mais adequada, enquadravam-se na categoria dos ocultos.

Entretanto, essa rejeição por parte da Ciência oficial não impediu que se desenvolvessem satisfatoriamente a pesquisa e o conhecimento dos fenômenos paranormais. A partir do Século XIX, foram encetadas pesquisas sérias desses fenômenos, seguindo-se, o quanto possível, o método científico. Essa investigação sistemática teve origem na Inglaterra,

na fase vitoriana, sob a denominação de Pesquisa Psíquica (Psychical Research). Ela foi marcada também por um intenso cepticismo, na avaliação dos fenômenos paranormais. O interesse pela Pesquisa Psíquica foi despertado por um surto de fenômenos de TC surgidos na residência da família Fox, em 31 de março de 1848, no vilarejo de Hydesville, então Condado de New York, nos Estados Unidos da América do Norte.

A referida fenomenologia iniciada em Hydesville espalhou-se rapidamente pela América e, de lá, passou para a Europa. Este movimento intitulado Spiritualism foi suscitado, em grande parte, pelas conseqüências dos fenômenos de Hydesville. Tratava-se de uma espécie de transcomunicação através de batidas que se ouviam, como se houvessem surgido das paredes, do teto e dos móveis existentes no interior das casas. Particularmente, tais TCs também podiam ser obtidas por meio das chamadas mesas girantes. Abordaremos mais adiante esses fenômenos.

Entretanto, o Espiritualismo a que estamos nos referindo não se trata da posição filosófica assim denominada por V. Cousin, em 1853, no prefácio da sua obra: *Du Vrai, du Beau et du Bien*. Segundo esse autor, o Espiritualismo filosófico começa com Sócrates e Platão foi divulgado no mundo através do Evangelho, das obras de Descartes, de Royer Collard, de Chateaubriand e de Madame de Staël. Afigura principal do Espiritualismo, no Século XX, foi Henri Bergson (1859-1941).

O Espiritualismo (Spiritualism), do qual estamos tratando neste capítulo, é aquele movimento cultural religioso surgido após o episódio da família Fox em Hydesville. A National Spiritualist Association of America assim o define:

"É a Ciência, Filosofia e Religião da vida contínua, baseada no fato demonstrado da comunicação, por meio de mediunismo, com aqueles que vivem no Mundo Espiritual..."(Fodor, 1974, p.360).

O advento do Spiritualism foi precedido por certos acontecimentos que, por razões de ordem cronológica, poderiam constituir uma fase pré-espiritualista. As ocorrências de TC, inclusive as de Hydesville, surgidas naquela fase serão objeto da presente obra.

Antes de tratar do caso de Hydesville, que foi escolhido por Charles Richet como ponto de partida do Período Espirítico da história metapsíquica (Richet, 1923, p.16), iremos focalizar resumidamente os três notáveis personagens: Emmanuel Swedenborg, Edward Irving e

Andrew Jackson Davis, bem como a seita dos Shakers.

Swedenborg

Emmanuel Swedenborg (1688-1772) nasceu na Suécia. Ele era não apenas um grande vidente, mas, além disso, um gênio que abarcava praticamente toda a Ciência e a Tecnologia do seu tempo. Graduou-se em Engenharia na Universidade de Upsala e estudou no exterior sob a orientação dos mais famosos matemáticos e físicos: sir Isaac Newton, Flamsteed, Halley e De Lahire. Tornou-se uma autoridade em Mineração, Metalurgia, Engenharia Militar, Astronomia, Física, Zoologia, Anatomia, Economia Política e Finanças. Era um profundo estudioso da Bíblia, um teólogo. Fez também projetos de máquinas voadoras, submarinos, canhões de tiro rápido, bombas de ar e máquinas a vapor. E, ainda mais, escreveu vários poemas em latim.



Emmanuel Swedenborg (1688-1772). Nasceu na Suécia. Foi um grande gênio e um notável vidente. Suas descrições acerca do Mundo Espiritual tornaram-se famosas. Suas visões iniciaram-se em abril de 1744, na cidade de Londres quando, segundo ele, "... o mundo dos Espíritos, do céu e do inferno abriram-se convincentemente para mim..."

Swedenborg esteve fora de seu país cerca de cinco anos, durante os quais adquiriu inúmeros conhecimentos. Ao retornar à Suécia, foi indicado para o cargo de Assessor do Real Colégio de Minas. A rainha Ulrica concedeu-lhe um título de nobreza. Quando se encontrava no pináculo da carreira científica e técnica, abandonou toda aquela posição para dedicar o resto de sua vida à divulgação do Espiritualismo Filosófico, acreditando-se encarregado desta missão, por Deus.

Desde a juventude, Swedenborg já manifestava sinais de ser um dotado paranormal. Possuía notável capacidade de clarividência. Achando-se certa vez em Gothenburg percebeu e descreveu fielmente um incêndio que ocorria à distância de 300 milhas, em Estocolmo. Emmanuel Kant interessou-se por esse caso e estudou-o minuciosamente.

Em abril de 1744, na cidade de Londres, sentiu o desabrochar de suas faculdades em toda a plenitude: "Na mesma noite"- diz ele - "o mundo dos Espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente

para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar em plena consciência, com anjos e Espíritos".

Em uma de suas obras, *A Verdadeira Religião Christã*, lê-se o seguinte e curioso trecho:

"Todo homem, quanto a seu Espírito, é consorciado a seus semelhantes no Mundo Espiritual, e é por assim dizer um com eles; e muito freqüentemente me foi dado ver, aí nas Sociedades, Espíritos de homens ainda vivos, alguns em Sociedades Angelicais e alguns outros em Sociedades Infernais; e também me foi dado falar durante dias inteiros com eles, e eu ficava admirado de que o homem, mesmo vivendo ainda em seu corpo, nada soubesse absolutamente; por isso eu vi claramente que, aquele que nega a Deus, está já entre os danados e que depois da morte é recolhido entre os seus". (Swedenborg, 1964, vol. I, p.25)

As descrições do mundo espiritual, feitas por Swedenborg, apresentam duas categorias distintas. Uma tem caráter mais místico e metafísico, parecendo sobretudo criações de uma mente exaltada de ardor religioso e produto de elaboração subconsciente. A outra mostra notável semelhança com os relatos de casos de TC mais recentes e parecem resultado de experiências pessoais mediúnicas, durante as quais o sensitivo esteve em contacto direto com o mundo dos Espíritos.

Swedenborg deixou copiosa produção escrita e lançou as bases de uma nova religião, que até hoje tem seus adeptos em várias nações, inclusive no Brasil (Sociedade da Nova Jerusalém - Rua das Graças, 45, Rio de Janeiro).

Irving

O reverendo Edward Irving (1792-1834) nasceu em Annan, em 1792, de pais pertencentes à classe de trabalhadores braçais escoceses. Casou-se com a filha de um ministro protestante. Mais tarde, tornou-se assistente do famoso clérigo escocês, dr. Chalmers. Posteriormente, foi-lhe oferecida a direção de uma pequena igreja escocesa em Hatton Garden, fora de Holborn, em Londres.

Irving era um homem fortíssimo e de porte agigantado, o que certamente favorecia sua influência sobre os fiéis. Sua eloquência e as suas brilhantes pregações evangélicas logo lhe granjearam numeroso

público. Devido ao número muito grande de ouvintes que acorriam à igreja aos domingos, lotando o pequeno templo e atravancando as ruas com carruagens, foi removido para um local maior, em Regent Square, com acomodação para duas mil pessoas.

Em 1831 surgiu na comunidade de Irving um surto de pessoas tomadas por Espíritos e que falavam línguas estranhas. Os atingidos pelo fenômeno algumas vezes entravam em convulsões e pronunciavam, com voz cavernosa, frases em latim ou outras línguas, algumas desconhecidas. Posteriormente começaram a surgir aparentes possessões por maus Espíritos, levando a cessar as manifestações.

Começam a surgir sinais da pressão por parte dos Espíritos no sentido de estabelecer-se uma TC em massa, aqui no Ocidente. O posterior desenrolar dos acontecimentos mostrou que parece ter havido um programa elaborado no Plano Espiritual, visando o intercâmbio regular entre os vivos e os desencarnados.

Andrew Jackson Davis

Andrew Jackson Davis (1826-1910) foi cognominado o vidente de Poughkeepsie, o profeta de uma nova revelação. Nasceu em Blooming Grove, às margens do Hudson.

Ao contrário dos dois precedentes - Swedenborg e Irving - A. J. Davis originava-se de meio humílimo e precário. Sua mãe era criatura deseducada e seu pai um beberrão que inicialmente trabalhou como tecelão e mais tarde como curtidor de couros, ganhando sempre um parco salário. Davis, como era de esperar-se, desenvolveu-se mal física e mentalmente. Além dos livros da escola primária, Davis lembrava-se apenas de um livro que ele lia sempre até os dezesseis anos de idade. Porém, desde a sua infância eleja manifestava dons de clarividência e ouvia vozes.

A conselho das vozes que o inspiravam, Davis convenceu seu pai, em 1838, a mudar-se para Poughkeepsie. Até a idade de dezesseis anos não recebeu educação além da primária. Trabalhou como aprendiz do sapateiro Armstrong, durante dois anos.

Em 1843, dr. J. S. Grimes, professor de Jurisprudência no Castleton Medical College, visitou a cidade de Poughkeepsie e fez uma série de palestras sobre mesmerismo. Davis achava-se entre os ouvintes e, convidado a submeter-se à ação magnética do conferencista, não

manifestou ter sentido a menor influência. Entretanto, algum tempo depois, um alfaiate local, chamado William Livingstone, fez novas tentativas com o jovem Davis e conseguiu mergulhá-lo em sono magnético. Aí, então, deu-se o inesperado: Em estado de transe, o corpo humano era como se fosse transparente para os olhos de Davis, permitindo-lhe fazer diagnósticos precisos de pessoas doentes.

Na tarde de 6 de março de 1844, Davis sofreu uma experiência inexplicável: Caiu em estado de transe em sua casa e, quando voltou à consciência no dia seguinte pela manhã, encontrava-se nas montanhas de Catskill, a 40 milhas de distância de sua casa. Ele disse que lá se encontrou com dois homens de aspecto venerável, os quais ele mais tarde identificou como sendo Swedenborg e Galeno. Davis experimentou naquela ocasião um estado de iluminação mental. Daí em diante ele passou a ensinar e a escrever.

Davis relacionou-se com um músico de Bridgeport, dr. Lyon, e com o reverendo Fishbough. O dr. Lyon encarregava-se de magnetizá-lo. Durante o transe, Davis punha-se a ditar e o reverendo Fischbough funcionava como secretário, registrando por escrito as comunicações. Este trabalho teve início em New York em novembro de 1845, quando Davis começou a ditar sua grande obra: *The Principie of Nature, Her Divine Revelation, and a Voice to Mankind*. O ditado prosseguiu por um ano e três meses. O livro, contudo, não teria sido editado, não fosse o entusiasmo de algumas testemunhas. Dr. George Busch, professor de Hebraico na Universidade de New York foi uma das testemunhas quando eram recebidas as mensagens durante o transe. Ele declarou que ouviu "Davis citar corretamente a língua hebraica em suas palestras, e demonstrar um conhecimento de Geologia muito admirável numa pessoa da sua idade, ainda quando tivesse devotado anos a esse estudo. Discutiu, com grande habilidade, as mais profundas questões de Arqueologia histórica e bíblica, de Mitologia, da origem e das afinidades das línguas, da marcha da civilização entre as várias nações da Terra, de modo que fariam honra a qualquer estudante daquela idade, mesmo que, para as alcançar, tivesse consultado todas as bibliotecas da Cristandade". (Doyle, 1960, p.63).

Davis escreveu inúmeros livros, todos compendiados sob o nome de *Filosofia Harmônica*. Trata-se de uma obra grandiosa e polimorfa em que se assinalam, além de ensinamentos profundos, algumas profecias.

Em seu livro, *Penetrália*, ele preconizou o aparecimento do automóvel, do avião, da máquina de escrever e outras invenções. O aparecimento do Espiritualismo foi predito nos seus *Princípios da Natureza*, publicados em 1847, desta forma:

"É verdade que os Espíritos se comunicam entre si, quando um está no corpo e outro em esferas mais altas - e, também, quando uma pessoa em seu corpo é inconsciente do influxo e, assim, não se pode convencer do fato. Não levará muito tempo para que essa verdade se apresente como viva demonstração".

Davis passou os últimos anos de sua existência como diretor de uma pequena livraria em Boston. Faleceu em 1910, com a idade de 81 anos.

Em 31 de março de 1848 pressentiu o episódio de Hydesville, escrevendo em suas notas:

"Esta madrugada um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz suave e forte dizer: 'Irmão, um bom trabalho foi começado - olha! Surgiu uma demonstração viva'". (Doyle, 1960, p.69)

Os Shakers

Em inglês *shaker* significa sacudidor, agitador, convulsionario etc. Era o nome que se dava aos membros da seita religiosa chamada Igreja do Milênio. Os Shakers, ao que parece, ligavam-se aos Quakers de um lado, e do outro, aos refugiados de Cevennes, vindos para a Inglaterra a fim de se subtraírem à perseguição de Luiz XIV.

Apesar de inofensivos, eles eram perseguidos e molestados pelos fanáticos. Por essa razão, resolveram emigrar para os Estados Unidos, por ocasião da Guerra da Independência. Uma vez em seguro solo americano, trataram de fundar suas comunidades religiosas em diversos lugares. Os Shakers viviam de maneira simples e pura. Em 1837 contavam-se cerca de sessenta grupos religiosos desta seita.

Começaram, então, a ocorrer com os Shakers fenômenos de TC semelhantes aos que se deram com os adeptos da igreja do reverendo Edward Irving. Durante as primeiras ocorrências de pessoas tomadas por Espíritos e que se punham a falar, eles mantiveram certa discrição e procuraram guardar para si mesmos a experiência obtida. Temiam ser tomados por loucos e trancafiados em hospícios. Mas pouco tempo depois surgiram dois livros contando suas experiências: *Santa Sabedoria* e *O Papel Sagrado*.

A invasão de Espíritos só se dava após solicitarem permissão, incorporando-se antes em um ou dois presbíteros. Sir Arthur Conan Doyle assim descreve o que se passava após ter sido concedida a permissão: "Dada a licença, toda a tribo de Espíritos de índios invadia a casa e em poucos minutos por toda a parte ouvia-se o seu 'Whoop! Whoop!' Os gritos de 'whoop', aliás emanavam dos órgãos vocais dos próprios Shakers. Mas, ainda sob o controle dos índios, conversavam na língua destes, dançavam as suas danças e em tudo mostravam que estavam realmente tomados por Espíritos de Peles Vermelhas". (Doyle, 1960, p.54)

Entre os Shakers destacava-se pela sua inteligência um homem chamado E. W. Evans, o qual, juntamente com alguns companheiros, procurou entender os fenômenos que então ocorriam. A conclusão a que chegaram era, obviamente, que os Espíritos dos índios tinham vindo para aprender, a fim de se prepararem para uma missão mais importante. De fato, após cerca de sete anos os Espíritos os deixaram, já conscientizados de sua situação e preparados para uma outra missão mais importante. Eis o que diz A. Conan Doyle a propósito deste fato:

"Quando os Espíritos os deixaram, disseram-lhes que se iam, mas que voltariam; e que, quando voltassem, invadiriam o mundo e tanto entrariam nas choupanas quanto nos palácios". (Doyle, 1960, p.56)

Quatro anos mais tarde começaria o episódio de Hydesville, e A.C. Doyle acrescenta: "E quando se iniciaram"- as batidas em Hydesville - "Elder Evans e outro Shaker foram a Rochester e visitaram as irmãs Fox. Sua chegada foi saudada com grande entusiasmo pelas forças invisíveis, as quais proclamaram que aquilo era realmente o trabalho que tinha sido predito". (Doyle, 1960, p.56)

Conclusão

Como pode ver-se, a eclosão do Movimento Espiritualista, que teve início em Rochester, no vilarejo de Hydesville, parece ter sido precedido de um preparo por parte do Plano Espiritual.

É digno de nota que lá nos Estados Unidos surgiu a primeira avalanche de manifestações das forças espirituais nos meios mais humildes e menos intelectualizados. Em pouco tempo o movimento se alastrou, passando para a Europa onde iria suscitar o interesse dos cientistas. Prosseguiremos no próximo capítulo relatando o episódio de Hydesville.

O Episódio de Hydesville

"A morte é certa para os que nascem. O renascimento é certo para os que morrem. Não deveis afligir-vos pelo que é inevitável. (Bhagavad-Gita)

A Família Fox

Em 11 de dezembro de 1847, a família Fox instalou-se em modesta casa no vilarejo de Hydesville, Estado de New York, distante cerca de 30 km da cidade de Rochester.

O nome da família Fox origina-se do sobrenome Voss, depois Foss e finalmente Fox. Eram de origem alemã, da parte paterna; e francesa, holandesa e inglesa, da parte materna. Seus antecessores foram notoriamente dotados de faculdades paranormais.

O grupo compunha-se do chefe da família, sr. John D. Fox, da sua esposa d. Margareth Fox e mais duas filhas: Kate, com sete anos e Margaret com dez anos. O casal Fox possuía mais filhos e filhas. Entre estas, convém destacar Leah, que morava em Rochester, onde lecionava música. Devido aos seus casamentos, foi sucessivamente conhecida como mrs. Fisch, mrs. Brown e mrs. Underhill. Leah escreveu um livro, *The Missing Link* New York, 1885, no qual ela faz referência às faculdades paranormais de seus parentes anteriores. (Fodor, 1974)

Inicialmente, tomaram parte nos acontecimentos somente Kate e Margaret, mas posteriormente Leah juntou-se a elas e teve participação ativa nos episódios subsequentes ao de Hydesville.

A Casa de Hydesville já Era Assombrada

Lucrécia Pulver era uma jovem que servira como dama de companhia do casal Bell, quando eles habitaram a referida casa até 1846. Ela contou uma curiosa história de um mascate que se hospedara com os Bells. Na noite em que o vendedor passou com aquele casal, Lucrécia foi mandada dormir em casa dos pais. Três dias depois tornaram a procurá-la. Então disseram-lhe que o mascate fora embora. Ela nunca mais viu este homem.

Depois disso, passado algum tempo, aproximadamente em 1844, começaram a dar-se fenômenos estranhos naquela casa. A mãe de Lucretia, sra. Ann Pulver, que mantinha relações com a família Bell, relata que, em 1844, quando visitara a sra. Bell, indo fazer tricô em sua companhia, ouvira desta uma queixa. Disse-lhe que se sentia muito mal e quase não dormira à noite. Quando lhe perguntou qual a causa, a sra. Bell declarou que se tratava de rumores inexplicáveis; parecera-lhe ter ouvido alguém a andar de um quarto para outro; acordou o marido e fê-lo levantar-se para trancar as janelas. A princípio, tentou afirmar à sra. Pulver que possivelmente se tratasse de ratos. Posteriormente, confessou não saber qual a razão de tais rumores, para ela inexplicáveis.

A jovem Lucretia Pulver também testemunhou os fenômenos insólitos observados naquela casa. Os Bells terminaram por mudar-se.

Em 1846, instalou-se ali a família Weekman: sr. Michael Weekman, sra. Hannah Weekman e suas filhas. Alguns dias após terem-se alojado na referida casa, passaram a ser perturbados por ruídos insólitos: batidas na porta de entrada, sem que ninguém visível o estivesse fazendo; passos de alguém andando na adega, ou dentro de casa.

A família Weekman, como era de esperar-se, não permaneceu muito tempo naquela casa sinistra. Em fins de 1847 deixou-a vaga, saindo de lá definitivamente.

Desse modo, atingimos a data de 11 de dezembro de 1847, quando a referida casa passou a ser ocupada pela família Fox, conforme já mencionamos no início deste capítulo.

A Noite das Primeiras Transcomunicações



Kate Fox, a mais jovem das irmãs Fox, tinha sete anos quando se deram os fenômenos

moveis, os quais poderiam perfeitamente ser confundidos com rumores naturais produzidos por vento, estalos do madeiramento, ratos etc. Por isso a família Fox não deveria ter-se sentido molestada ou alarmada. Entretanto, tais ruídos cresceram de intensidade, a partir de meados de março de 1848. Batidas mais



Margareth Fox tinha dez anos quando ocorreu o episódio de Hydesville

nítidas e sons de arrastar de móveis começaram a fazer-se ouvir, pondo as meninas em sobresalto, ao ponto de negarem-se a dormir sozinhas no seu quarto, e passarem a querer dormir no quarto dos pais. A princípio os habitantes da casa, ainda incrédulos quanto à possível origem sobrenatural dos ruídos, levantavam-se e procuravam localizar as causas naturais dos mesmos.



Leah Fox, a mais velha das irmãs Fox, morava em Rochester onde lecionava música. Era também médium de efeitos físicos

Na noite de 31 de março de 1848, desencadeou-se uma série de sons muito fortes e continuados. Aí, então, deu-se o primeiro lance do fantástico episódio, que ficou como um marco inamovível na história da fenomenologia paranormal. A garota de sete anos de idade - a Kate Fox - em sua espontaneidade de criança teve a

audácia de desafiar a "força invisível" a repetir, com os golpes, as palmas que ela batia com as mãos! A resposta foi imediata, a cada estalo um golpe era ouvido logo a seguir! Ali estava a prova de que a causa dos sons seria uma inteligência incorpórea. Para apreciar-se bem o sabor desta incrível aventura, vamos transcrever alguns trechos do depoimento da sra. Margareth Fox.

"Na noite de sexta-feira, 31 de março de 1848, resolvemos ir para a cama um pouco mais cedo e não nos deixamos perturbar pelos barulhos; íamos ter uma noite de repouso. Meu marido que aqui estava em todas as ocasiões, ouviu os ruídos e ajudou a pesquisar. Naquela noite fomos cedo para a cama - apenas escurecera. Achava-me tão alquebrada da falta de repouso que quase me sentia doente. Meu marido não tinha ido para a cama quando ouvimos o primeiro ruído naquela noite. Eu apenas me havia deitado. A coisa começou como de costume. Eu o distinguia de quaisquer outros ruídos jamais ouvidos. As meninas, que dormiam em outra cama no quarto, ouviram as batidas e procuraram fazer ruídos semelhantes, estalando os dedos.

Minha filha menor, Kate, disse, batendo palmas: 'Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço'. Imediatamente seguiu-se o som, com o mesmo número de palmadas. Quando ela parou, o som logo parou. Então Margaret disse brincando: Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro,' e bateu palmas. Então os ruídos se produziram como antes. Ela teve medo de repetir o ensaio. Então Kate disse, na simplicidade infantil: 'Oh! mamãe! eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar uma mentira'.

Então pensei em fazer um teste que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fossem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. Instantaneamente foi dada a exata idade de cada um, fazendo uma pausa de um para o outro, a fim de separar, até o sétimo, depois do que se fez uma pausa maior e três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido.

"Então perguntei: 'É um ser humano que me responde tão corretamente?' Não houve resposta. Perguntei: 'É um Espírito?' Se for dê duas batidas. Duas batidas foram ouvidas assim que fiz o pedido. Então eu disse: 'Se foi um Espírito assassinado dê duas batidas'. Essas foram dadas instantaneamente, produzindo um tremor na casa. Perguntei: 'Foi assassinado nesta casa?' A resposta foi como a precedente.

"A pessoa que o assassinou ainda vive?" Resposta idêntica, por duas batidas. Pelo mesmo processo verifiquei que fora um homem que o assassinara nesta casa e os seus despojos enterrados na adega; que a sua família era constituída de esposa e cinco filhos, dois rapazes e três meninas, todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a esposa morrerá. Então perguntei: 'Continuará a bater se chamar os vizinhos para que também escutem?' A resposta afirmativa foi alta."

Desse modo foram chamados vários vizinhos, os quais por sua vez convocaram outros, de maneira que, mais tarde e nos dias subseqüentes, o número de curiosos era enorme. Naquela noite compareceram o sr. Redfield, o sr. e a sra. Duesler e os casais Hyde e Jewell.

"Mr. Duesler fez muitas perguntas e obteve as respostas. Em seguida indiquei vários vizinhos nos quais pude pensar, e perguntei se havia sido morto por algum deles, mas não tive resposta. Após isso, mr. Duesler fez perguntas e obteve as respostas. Perguntou: 'Foi assassinado?' Resposta afirmativa. 'Seu assassino pode ser levado ao tribunal?' Nenhuma resposta. Pode ser punido pela lei? Nenhuma resposta. A seguir disse: Se seu assassino não pode ser punido pela lei dê sinais. As batidas foram ouvidas claramente. Pelo mesmo processo mr. Duesler verificou que ele tinha sido assassinado no quarto de leste, há cinco anos passados, e que o assassinio fora cometido à meia-noite de uma terça-feira, por mr. ...: que fora morto com um golpe de faca de açougueiro na garganta; que o corpo havia sido enterrado; tinha passado pela despensa, descido a escada e enterrado a dez pés abaixo do solo. Também foi constatado que o móvel fora o dinheiro.

Qual a quantia: cem dólares? Nenhuma resposta. Duzentos? Trezentos? etc. Quando mencionou quinhentos dólares as batidas confirmaram.

Foram chamados muitos dos vizinhos que estavam pescando no ribeirão. Estes ouviram as mesmas perguntas e respostas. Alguns permaneceram em casa naquela noite. Eu e as meninas saímos. Meu marido ficou toda a noite com mr. Redfield. No sábado seguinte a casa ficou superlotada. Durante o dia não se ouviram os sons mas ao anoitecer recomeçaram. Diziam que mais de trezentas pessoas achavam-se presentes. No domingo os ruídos foram ouvidos o dia inteiro por todos quantos se achavam em casa."(Doyle, 1966, pp. 78-79)

Estes são os principais trechos do depoimento da sra. Margareth

Fox, que mais nos interessam para dar uma descrição viva dos acontecimentos de Hydesville, na sinistra noite de 31 de março de 1848.

As Escavações na Adega

Os mais interessados em esclarecer o caso resolveram escavar a adega, visando encontrar os despojos do suposto assassinado. Eis que, através de combinação alfabética com as pancadas produzidas, chegaram à identidade da vítima. Tratava-se de um mascate de nome Charles B. Rosma, o qual tinha trinta e um anos quando, há cinco anos passados, fora assassinado naquela casa e enterrado na adega. O assassino fora um antigo inquilino. Só poderia ter sido o sr. Bell... Mas onde a prova do fato, o cadáver da vítima? A solução seria procurá-lo na adega, onde estaria enterrado.

As escavações, porém, não levaram a resultados definitivos, pois deram n'água, sem que se tivessem encontrado quaisquer indícios. Por essa razão foram suspensas.

No verão de 1848, o próprio sr. David Fox auxiliado por alguns interessados retomou o empreendimento. A uma profundidade de um metro e meio, encontraram uma tábua. Aprofundada a cova, encontraram o carvão, cal, cabelos e alguns fragmentos de ossos que foram reconhecidos por um médico como pertencentes a esqueleto humano; nada mais.

As provas do crime eram precárias e insuficientes, razão talvez pela qual o sr. Bell não foi denunciado.

A Descoberta do Esqueleto

No número de 23 de novembro de 1904, do Boston Journal, foi noticiada a descoberta do esqueleto de um homem cujo Espírito se supunha ter ocasionado os fenômenos na casa da família Fox em 1848. Meninos de uma escola achavam-se brincando na adega da casa onde moraram os Fox. A casa tinha a fama de ser mal-assombrada. Em meio aos escombros de uma parede - talvez falsa - que existira na adega, os garotos encontraram as peças de um esqueleto humano.

Junto ao esqueleto foi achada uma lata de uma espécie costumeiramente usada por mascates. Esta lata encontra-se agora em Lilydale, a sede central regional dos Espiritualistas Americanos, para

onde foi transportada a velha casa de Hydesville.

Como pode ver-se, cinquenta e seis anos depois, em 22 de novembro de 1904 (data do encontro do esqueleto do mascate), parece não haver dúvida de que foram confirmadas as informações obtidas em 1848 a respeito do crime ocorrido naquela casa. Este episódio constitui-se em um notável caso de TCD. As evidências são muito fortes.

O Movimento Espalha-se

As duas garotas, Margaret e Kate foram afastadas de sua casa, pois suspeitava-se que os fenômenos eram ligados sobretudo à sua presença. Margaret passou a morar com seu irmão David Fox. Kate mudou-se para Rochester, onde ficou em casa de sua irmã Leah, então casada e agora sra. Fish. Entretanto, os ruídos insistiram em acompanhar as irmãs Fox; onde elas se achavam ocorriam os fenômenos. Parece que agora se observava uma espécie de contágio, pois Leah Fish, a irmã mais velha, passou a apresentar também os mesmos fenômenos. Logo mais, começaram a surgir em outras famílias:

"Era como uma nuvem psíquica, descendo do alto e se mostrando nas pessoas suscetíveis. Sons idênticos foram ouvidos em casa do reverendo A. H. Jervis, ministro metodista residente em Rochester. Poderosos fenômenos físicos irromperam na família do diácono Hale, de Greece, cidade vizinha de Rochester. Pouco depois mrs. Sarah A. Tamlin e mrs. Benedict, de Auburn, desenvolveram notável mediunidade(...)". (Doyle, 1960, p.85)

O movimento espalhar-se-ia, mais tarde, pelo mundo, conforme fora afirmado em uma das primeiras comunicações através das irmãs Fox. As próprias forças invisíveis insistiram para que se fizessem reuniões públicas onde elas pudessem manifestar-se ostensivamente. Era a nova mensagem que vinha do mundo dos Espíritos conclamando os homens para uma outra posição filosófico-religiosa.

Spiritualism e Espiritismo

A onda espiritualista passou da América para a Europa, cujo terreno já se encontrava preparada pelo desenvolvimento científico, e onde os fenômenos de TC iriam ser estudados mais tarde, com rigor e profundidade pelos fundadores da Psychical Research e da Metapsíquica.

A forma bastante comum, sob a qual as manifestações de TC se

apresentaram na Europa, foi a das mesas girantes. Vamos focalizar mais adiante e resumidamente esse período, do qual também se originou o Espiritismo na França, graças às investigações científicas e ao método didático do ilustre intelectual lionês, Denizard Hyppolite Leon Rivail (Allan Kardec). Nunca é supérfluo enfatizar que não deve confundir-se o Spiritualism com o Espiritismo. O primeiro nasceu como um movimento popular, provocado pelas evidências a favor da crença na existência, sobrevivência e comunicabilidade do Espírito. Posteriormente o Spiritualism adquiriu a forma de uma religião organizada que aspira, também, a ser uma Ciência e uma Filosofia.

Agora, um ponto importante: o Spiritualism não incorporou a idéia da reencarnação. Ele admite apenas a continuidade da vida após a morte, sem inferno ou céu, porém em contínuo aprendizado e evolução no Mundo Espiritual.

Há algumas diferenças entre os princípios básicos do Spiritualism e do Espiritismo. A mais profunda é a questão da reencarnação. O Espiritismo não só aceita o renascimento, como admite a Lei do Carma, considerando serem estes os fatores naturais da evolução o Espírito.

Embora Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, considere Sócrates e Platão como os precursores da idéia cristã e do Espiritismo, a sua atenção para a realidade da comunicação dos Espíritos foi despertada pelo fenômeno das mesas girantes. (Kardec, 1864, Introdução IV; Kardec, 1890, segunda parte)

A Repercussão entre os Intelectuais

A partir do episódio das irmãs Fox, a transcomunicação, aqui no Ocidente, passou a atrair a atenção de um pequeno número de cientistas. Inicialmente, tais investigadores achavam-se, em sua maioria, imbuídos de forte cepticismo acerca dos fenômenos paranormais que passaram a ganhar popularidade inusitada, na Europa. Somente a curiosidade diante da estranheza de tais ocorrências conseguiu levar esses poucos cientistas a observá-las.

Logo no começo dessa fase, as pesquisas conduziram à formação de três categorias de pessoas, conforme as suas opiniões acerca da natureza dos referidos fenômenos.

O primeiro grupo consistiu nos que viram nesses fatos uma

confirmação de suas crenças na sobrevivência, comunicabilidade e progresso contínuo dos Espíritos. A natureza do homem, para eles, era dual, e continha um componente espiritual além do material. Dessa interpretação, surgiu um aspecto religioso como decorrência imediata do reconhecimento da natureza espiritual da criatura humana. O Spiritualism, na Inglaterra, e o Espiritismo, na França, são exemplos dessa interpretação, embora ambos reivindicuem, também, para suas doutrinas os aspectos filosófico e científico.

Um segundo grupo constituiu-se, em sua maioria, por cidadãos de acentuado interesse científico. Alguns já eram cientistas profissionais, professores e investigadores em diversas áreas de conhecimento teórico e prático. Outros, com títulos de formação superior, embora não especialistas em disciplinas científicas, sentiram-se também interessados em investigar de maneira racional os referidos fatos, denominados, na época, fenômenos psíquicos. Daí a designação usual desta atividade: *Psychical Research* (Pesquisa Psíquica). Na França, Charles Richet deu-lhe outro nome: *Metapsíquica*. (Richet, 1923)

Neste segundo grupo figuravam, indistintamente, os espiritualistas, os indiferentes e os materialistas. Apenas os seguintes objetivos pareciam movê-los: confirmar ou negar os propalados fenômenos e, no caso afirmativo, descobrir a sua real causa eficiente.

Finalmente, um terceiro grupo, compreendendo a maioria dos interessados, colocou-se em franco antagonismo relativamente aos dois primeiros. Compunha-se de cientistas, intelectuais em geral, jornalistas e pessoas comuns. Alguns eram fiéis ou chefes de religiões instituídas. Grande número desses cidadãos, especialmente os intelectuais, achava-se impregnado de filosofias materialistas e havia absorvido as idéias positivistas. Revelavam-se profundamente cépticos e procuraram liquidar com a crença nos aludidos fenômenos. Para eles, os fenômenos paranormais eram manifestações de superstição, ilusões e fraudes, ou alienação mental. Para alguns religiosos, poderiam ser armadilhas do demônio, ou tentativas de indivíduos mal-intencionados que visavam abalar as bases das religiões tradicionais. Outros chegavam a acreditar que se tratava da revivescência da Magia e do Ocultismo, numa tentativa de domínio da opinião pública.

Conclusão

Foi neste clima que se desenrolaram as dramáticas transcomunicações, cuja iniciativa, ao que parece, partiu do Plano Espiritual. As manifestações mais em evidência foram as das chamadas mesas girantes. Este episódio inaugurou o Período Espírico, conforme a classificação de Charles Richet. Segundo este sábio, tal período vai das irmãs Fox até as pesquisas de sir William Crookes, em 1872. (Richet, 1923)

As Mesas Girantes

*A morte é a curva da estrada, morrer
é só não ser visto. Fernando Pessoa*

O Período Espírico

O Período Espírico foi considerado por Charles Richet como tendo início no episódio das irmãs Fox, ocorrido em Hydesville (1847-1848). No capítulo anterior, tivemos a oportunidade de tratar deste importante caso. O Período Espírico seguiu até a fase científica iniciada com os trabalhos de William Crookes, em 1872. (Richet, 1923, p.16)

A transcomunicação naquela fase inicial desenvolveu-se de maneira metódica, principalmente na França, graças aos trabalhos de investigação de Allan Kardec, pseudônimo adotado pelo ilustre intelectual, escritor e humanista francês Denizard Hypolite Leon Rivail (1804-1869). Embora fosse um educador respeitável, com inúmeras obras didáticas publicadas, Allan Kardec sofreu críticas injustas por parte de alguns cientistas ortodoxos que avaliaram discriminada e superficialmente os seus trabalhos. Entretanto, ele conquistou o reconhecimento de outros investigadores que procuraram observar imparcialmente os fenômenos. Estes terminaram por render-se à evidência dos fatos e darem razão a Allan Kardec.

O Livro dos Médiuns (Le Livre des Médiuns, Paris, 1861) é a obra desse insigne investigador, na qual se encontram expostos de maneira didática e suficientemente satisfatória para a época os fundamentos e detalhes da Transcomunicação. Embora tenha sido elaborado há quase um século e meio, *O Livro dos Médiuns* deveria ser

previamente bem conhecido por aqueles que pretendem praticar a TC, seja ela mediúnica (TCM) ou instrumental moderna (TCI).

Em um dos números da *Revue Spirite*, editada por Allan Kardec, encontra-se uma previsão acerca da TCI electrónica, feita pelo Espírito Guttenberg, através do médium Leymarie, em 1864. O trecho em questão referia-se às imprecisões das comunicações mediúnicas. O Espírito comunicante, Guttenberg, explicou que, no futuro, tal inconveniente seria evitado, devido aos progressos proporcionados pela eletricidade:

"... Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica e, como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não encontrareis essas lacunas, por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos...". (Kardec, 1864, pp. 122-123)

Na área exclusivamente científica, as investigações dos fenômenos paranormais levaram à instituição da Metapsíquica, em 1905, pelo dr. Charles Richet. (Richet, 1923, p.2)

Em 1918, o industrial francês Jean Meyer fundou, em Paris, o Institute Métapsychique International - IML. Jean Meyer era espírita kardecista.

Inicialmente, a Metapsíquica mostrou-se fortemente interessada nas variadas formas de TC com os desencarnados. Havia, então, bons médiuns. Posteriormente, o cepticismo, estimulado pelos princípios materialistas positivistas, que nortearam a Ciência na fase mecanicista, fez com que a Metapsíquica se desinteressasse pela pesquisa espírita.

Veremos, mais adiante, que o Período Científico sempre se caracterizou pelo interesse inicial na fenomenologia espírita, passando posteriormente a procurar explicações reducionistas para os fenômenos ditos paranormais. Daí ocorrerem as objeções à tese espírita, seguidas da implantação de teses materialistas, ou melhor, fisiologistas.

Vamos voltar ao enfoque da TC no Período Espírico, tratando sucintamente do episódio das mesas girantes.

Inicialmente, após o episódio das irmãs Fox, de Hydesville, no dia 31 de março de 1848, em muitas outras casas também começaram a ocorrer os fenômenos das batidas. A partir daí, iniciaram-se as tentativas de comunicação com os agentes invisíveis, passando-se mais tarde ao emprego das mesas girantes. A novidade espalhou-se pelo Estado de New York e, dali para quase toda a América do Norte. Dentro de mais

algum tempo, a Europa seria tomada pela "febre" das mesas girantes. A referida prática virou moda. Em 1852, tornaram-se comuns os convites para reuniões elegantes, na Inglaterra, onde, após o chá, os convivas se divertiam consultando as mesas girantes.

Mais tarde iriam aparecer, na Europa, as variantes do sistema das mesas girantes. Surgiriam as sessões com o copinho deslizante dentro de um círculo formado pelas letras do alfabeto. Os circunstantes colocavam a ponta do dedo indicador na borda do fundo do copo emborcado sobre a mesa. Dentro de algum tempo mais ou menos longo, o copo começava a mover-se e ia apontando as letras uma a uma, soletrando, assim, as palavras.



O *Ouija*, instrumento para a TCI com os desencarnados foi usado, até pouco tempo, especialmente nos EUA e Europa, por pessoas curiosas. Ultimamente está sendo substituído por gravadores comuns em fitas magnéticas

Há muitos milênios, já se empregava um método parecido de TCI com o invisível: tratava-se das pranchetas, muito usado na antiga China. (Ver Cap. X- China - o aparelho denominado Chi-Ti) O processo era semelhante. Em lugar do copo, usava-se uma pequena tábua dotada de três pés e contendo um indicador. O aparelho move-se dentro de um círculo formado por letras do alfabeto, contendo também os algarismos de zero a nove e as palavras sim e não. A prancheta foi reinventada em 1853, na França, e tomou o nome de *ouija*. Na realidade, o *ouija* é uma mesa de

pequenas proporções.

Além desses instrumentos rudimentares, outros foram imaginados e empregados, visando intercâmbio de informações com as misteriosas inteligências invisíveis que vêm, há muitos e muitos anos, tentando comunicar-se com o mundo dos viventes. Não poderíamos deixar de mencionar a *corbeille*, ou a carrapeta, uma cestinha de vime usada para servir o vinho em garrafa. Fixa-se um lápis na extremidade da cestinha, cuja ponta pode apoiar-se e deslizar sobre uma folha de papel.

Os circunstantes colocam o dedo indicador sobre a borda da carrapeta, a qual, após algum tempo, movimentar-se-á escrevendo palavras ou frases inteiras. Foi esse método que Allan Kardec usou em várias experiências de TC.

O *ouija* foi aperfeiçoado, constando de uma tábua plana de madeira, com o formato aproximado de um coração. Na extremidade mais estreita há um dispositivo para fixar-se um lápis. Duas roldanas móveis servem de apoio à parte posterior mais larga. Desse modo obtém-se um apoio triangular que pode deslizar facilmente para qualquer lado. Apoia-se este aparelho sobre uma folha de papel e, sobre a tábua, coloca-se a mão espalmada, ou a ponta dos dedos. Podem participar uma, duas ou mais pessoas. O "ouija" se deslocará escrevendo palavras sobre o papel como no caso já citado da *corbeille* ou cestinha de bico, como é também chamada. (Kardec, 1861, cap. XIII)

Victor Hugo e as Mesas Girantes

Na extensa e variada história das mesas girantes, devem assinalar-se, como um capítulo excitante, as experiências de TC de Victor Hugo com os Espíritos de Shakespeare, Molière, Galileu e outros. Dentre os Espíritos comunicantes, havia um misterioso personagem que se negava a dar sua identidade, assinando apenas o pseudônimo de Sombra do Sepulcro.

As comunicações em grande parte eram feitas em versos, que se primavam pela elevada qualidade e profundidade de conceitos. Victor Hugo, por sua vez, costumava formular-lhes questões também em versos. Para ter-se uma idéia desses impressionantes diálogos entre gigantes da arte e da inteligência, vamos tomar alguns trechos da excelente obra de Zeus Wantuil, *As Mesas Girantes e o Espiritismo*:

"... Hugo que declarara aos seres invisíveis não saber improvisar versos elaborou, com tempo, duas perguntas versificadas para serem dirigidas a Molière. Foi, então, lida esta primeira:

Les rois et vous là-haut, changez-vous d'enveloppe?

Louis quatorze au ciel n'est-il pas ton valet?

François premier est-il le fou de Triboulet?

Et Crésus le laquais d'Ésope?

(Os reis e vós, aí em cima, mudais de roupagem?)

Luis quatorze, no céu, não é ele o teu pajem?
Francisco primeiro, é ele o bufão de Triboulet?
E Crespo, o lacaio de Esopo?)

Não é Moliere quem responde: é a entidade misteriosa que se
subscreeve Sombra do Sepulcro:

Le ciei ne punit pas par de telles grimaces
Et ne travestit pas en fou François premier;
L'enfer n'est pas un bal de grotesques paillasses;
Dont le noir châtiment serait le costumier.

(O céu não pune por meio de tais momices
E não fantasiou de bufão Francisco primeiro;
O inferno não é uní baile de grotescos palhaços,
Em que o negro castigo vem a ser a fantasia.)

(Wantuü, 1959, p. 163)

O diálogo prossegue com Victor Hugo insistindo em obter a resposta do próprio Moliere, mas sempre sofrendo a interferência da Sombra do Sepulcro que, respondendo em lugar de Moliere, termina por irritar Victor Hugo, provocando sua retirada brusca da sala onde se fazia a sessão.

Naquela época Victor Hugo achava-se exilado, residindo em Marine-Terrace, e sua casa tornou-se ponto de reunião de alguns homens ilustres. Pelo que se conta a respeito desses memoráveis episódios, a residência de Victor Hugo era também freqüentada por entidades desencarnadas:

"A casa em que Victor Hugo residia em Marine-Terrace, era visitada por fantasmas. Os habitantes da ilha diziam que, fora outros três, ali se vira errar um espectro, e que esse espectro aparecia ainda algumas vezes, passeando pela praia situada nas proximidades. O porte feminino e as vestes esbranquiçadas fizeram que lhe dessem o nome de 'Dama Branca'. Pois este Espírito (pelo menos se fez anunciar com aquele apelido) 'freqüentou', desde 23 de março de 1854, a mesa de Marine-Terrace, conforme relata o *Journal del l'Exil*". (Wantuil, 1959, p.158)

Convém enfatizar que as respostas da mesa nem sempre concordavam com o modo de pensar de Victor Hugo e mesmo dos

componentes do grupo:

"(...) Júlio Bois revela, mesmo, que as últimas páginas dos cadernos ditados pela mesa estão cheias de uma luta singular, duelo gigantesco entre o novo Jacob, que é Hugo, e a 'Sombra do Sepulcro', o anjo-espírito. E desta vez diz o escrito de *Le Monde Invisible*, Jacob é vencido, mas não sem protestar... 'Hugo deixou o seu lugar, quase irritado, quase deslumbrado'. Ele perdera a partida; mas a derrota do poeta não implica uma admiração ilimitada. Antes de sair, de subir ao seu quarto para o repouso do sono, ele inscreve, em resposta, na margem do caderno; 'A Sombra do Sepulcro: Vós sois enorme, mas só Deus é *imenso*'. (Wantuil, 1959, pp.165 e 166).

No seu *Traite' de Métapsychique*, Charles Richet faz extensa alusão às sessões ocorridas na residência de exílio de Victor Hugo. E interessante transcrever um trecho em prosa de autoria da Sombra do Sepulcro, tão grandioso quanto seus versos. Victor Hugo houvera recriminado à Sombra do Sepulcro de usar em sua linguagem expressões corriqueiras. Esta, um tanto irritada, respondeu-lhe:

"Imprudente! Tu dizes: A Sombra do Sepulcro fala a linguagem humana, ela se serve das imagens bíblicas, das palavras, das metáforas, das ficções, para dizer a verdade; a Sombra do Sepulcro não tem asas, a Sombra do Sepulcro não se parece com o livro aberto diante de Deus; a Sombra do Sepulcro não é um anjo, como a Igreja os vê, em veste branca e com uma palma na mão; e a Sombra do Sepulcro não é um mascarado; tu tens razão eu sou uma realidade. Se eu desço para falar-vos em vosso jargão em que o sublime consiste em tão escassa expressão, é porque vós sois limitados. A palavra é a cadeia do espírito; a imagem é a goliha do pensamento; vosso ideal é a coleira da alma; vosso sublime é um fundo de masmorra; vosso céu é o tecto de uma adega; vosso idioma é um ruído encadernado em um dicionário. A minha linguagem, para mim, é a Imensidão, é o Oceano, é o Furacão. Minha biblioteca contém milhares de estrelas, milhões de planetas, milhões de constelações... Se tu queres que eu te fale em minha linguagem, sobe ao Sinai, e me ouvirás nos relâmpagos; sobe ao Calvário, e me verás nos raios; desce à sepultura e tu me sentirás na clemência". (Richet, 1923, p.90)

A resposta da Sombra do Sepulcro, como se vê, é impressionante e mereceu de Charles Richet o seguinte comentário:

"Se, como uma hipótese verossímil, é o inconsciente de Charles Hugo"-

filho de Victor Hugo e suposto médium - "quem ditou esta prosa e esses versos, o inconsciente de Charles Hugo alcançou o gênio do mestre." (Richet, 1923, p.90)

Que ou Quem Move a Mesa?

A resposta parece óbvia, mas nem todos os metapsiquistas e parapsicólogos pensavam e pensam da mesma forma acerca da causa do fenômeno. Há um grande número que considera tais fenômenos coisa de vivos e não de Espíritos. Atribuem tais fenômenos às aptidões do inconsciente. Então evocam a criptomnésia (memória oculta): O médium ou leu, ou viu, ou ouviu alhures uma determinada história ou livro ou composição relacionados com a comunicação fornecida pela mesa e, inconscientemente, devolve tudo elaborado, transformado, por exemplo, em prosa ou verso, observando fielmente o mesmo estilo do autor (sendo esteja falecido). Vai mais longe, pois pode dizer-se o Espírito do falecido vate ou escritor. Há fenômenos equivalentes, como, por exemplo, a escrita automática, uma vez que esta veio substituir, mais tarde, os processos mecânicos da mesa girante, da prancheta, da cestinha de bico etc. É a psicografia tão abundante hoje em dia.

As mesas girantes também desenhavam figuras. A Dama Branca sugeriu que se adaptasse um lápis a um dos pés da mesinha, a fim de que os Espíritos pudessem desenhar. Mediante esse expediente a Dama Branca traçou seu próprio retrato. (Wantuil, 1959, p.159) Mas existem casos em que o médium produz quadros atribuídos a pintores célebres. A explicação mais aceita é a mesma: talento do inconsciente. Se a obra produzida é muito fiel ao estilo do pintor, temos a possibilidade da criptomnésia. O médium viu em algum álbum, ou em um quadro, ainda que de relance rapidíssimo, as figuras desenhadas pelo falecido artista. Aquilo ficou esquecido para o seu consciente, mas jaz escondido, e com toda a nitidez, nos refolhos da memória inconsciente. Em dada situação a coisa vem à tona, por exemplo: durante um transe, e o médium põe-se a desenhar, reproduzindo o estilo do pintor, inclusive a sua assinatura (que também é um desenho).

Mas, objetará alguém, e se ficar bem demonstrado que o médium nunca viu, ouviu, leu ou tomou conhecimento daquilo que "inconscientemente" ele está reproduzindo? Aí não há a mínima dificuldade, pois existe a criptestesia (percepção extra-sensorial). Por

meio da criptestesia o inconsciente percebe tudo o que possa existir neste mundo, no tempo e no espaço, e quiçá em outros orbes. Vê, cheira, escuta e sente tudo, independentemente dos sentidos físicos.

E se tais explicações exigirem muito esforço e malabarismo para se adequarem a um fato paranormal de comunicação ou produção artística, ainda têm-se à mão a fraude e os talentos do inconsciente. Os gênios, os artistas, os intelectuais, etc, não são todos eles seres humanos comuns que, por qualquer razão normal, exteriorizaram seus dons? Não se têm visto pessoas hipnotizadas demonstrarem faculdades extraordinárias, quando devidamente sugestionadas durante o transe?

Além disso, o inconsciente possui a função PK (psicocinesia) que lhe permite atuar sobre os objetos materiais movimentando-os. Daí as mesas girantes acionadas pelo inconsciente dos circunstantes. Daí as batidas de Hydesville e outras manifestações tidas como provocadas por Espíritos, até que a descoberta do inconsciente onisciente e onipotente veio lançar a luz sobre tão obscuros enigmas...

Conclusão

Entendamos que não se está tratando, aqui, das fraudes e das manifestações que, bem estudadas e analisadas, revelam sua improcedência e mediocridade. Estamos falando do paranormal legítimo. Nesse caso, parece-nos que a explicação exclusivamente pelas faculdades e potencialidades do inconsciente não deve satisfazer a todos. Assim, acreditamos que um grande número optaria por outra explicação que, sem excluir a aceitação das funções paranormais, inclua a possibilidade da sobrevivência e comunicabilidade do Espírito. Por que não?

Veremos, no próximo capítulo, a interpretação de Allan Kardec, a qual é consentânea com a da moderna TCI.

A Aurora do Espiritismo

O dedo serve para apontar a Lua; o sábio olha para a Lua, o ignorante olha para o dedo. - De um mestre Zen
(Wilhelm, 1956, p.XIII)

A Interpretação de Allan Kardec

Em 1854, Allan Kardec ouviu, pela primeira vez, falar das mesas girantes. Um magnetizador, o sr. Fortier, velho conhecido de Kardec, foi quem o informou a esse respeito:

"Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que podem magnetizar-se, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade". (Kardec, 1964, p.237)

Allan Kardec ponderou que tal fato lhe parecia inteiramente possível, visto o fluido magnético poder atuar também sobre os corpos inertes e fazê-los moverem-se. Mas Kardec, passado algum tempo, encontrou-se novamente com o sr. Fortier, e este lhe disse:

"Temos uma coisa muito mais extraordinária: não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada ela responde". (Opus cit. p.237).

Nesse ponto Kardec mostrou-se céptico, dizendo-lhe que só acreditaria se visse o fenômeno. Para ele era um absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material.

No começo de 1855, Kardec encontrou-se com seu amigo, sr. Carlotti, o qual lhe falou longamente acerca das mesas girantes, acrescentando uma interpretação para o fenômeno: a intervenção dos

Espíritos. Mesmo assim Kardec manteve-se incrédulo.

Em maio de 1855, Kardec teve a oportunidade de, pela primeira vez, presenciar o fenômeno das mesas girantes. Assistiu, então, a alguns ensaios de escrita direta, em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta. Imediatamente ele percebeu que, por trás daquele fenômeno, situava-se algo muito importante, e resolveu estudá-lo a fundo.

Posteriormente, Kardec travou relações com a família Baudin, que residia então à Rua Rochechouart, tendo sido convidado para assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa. Eis como ele se referiu a essas sessões:

(...) Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada carrapeta e que se encontra descrita em *O Livro dos Médiuns*. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das idéias do médium. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha". (Opus cit. p.240)

Segundo Kardec, os assuntos tratados eram frívolos: "Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério: a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com a reunião (...)". (Opus cit., p.240)

Foi nessas reuniões que Kardec começou seus estudos sérios de Espiritismo, "menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações". Ele aplicou rigorosamente o *método científico positivo* em suas investigações e declarou taxativamente: "Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspecção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir". (Opus cit., p.241)

Logo Allan Kardec percebeu que os Espíritos nada mais eram do

que as almas dos homens, não possuindo nem a plena sabedoria, nem a ciência integral: "Conduzi-me, pois com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*" - diz Kardec. (Opus cit., 241)

Finalmente, em 1857, após minuciosa pesquisa, ele deu a lume sua primeira obra sobre o que houvera investigado: "Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857". (Opus cit., p.243)

A interpretação de Allan Kardec inclui, pois, a possibilidade da transcomunicação com os Espíritos. Sendo os homens seres possuidores de um Espírito encarnado, ou alma, a interpretação de Kardec inclui, também, a hipótese das manifestações do inconsciente. Ela é, portanto, mais abrangente, explicando todos os fatos que abordamos, de maneira econômica e sem exigir excessivas concessões a hipóteses *ad hoc*, carentes de evidências observacionais e experimentais em quantidade suficiente para apoiá-las.

Que é *Psychical Research*?

Traduzido literalmente, *Psychical Research* quer dizer Pesquisa Psíquica. De acordo com a *Encyclopaedia of Psychic Science* de Nandor Fodor, é "uma investigação dos fatos e causas do fenômeno mediúnico. Seu primeiro interesse é estabelecer a ocorrência dos aludidos fatos". Este movimento surgiu no Século XDI, na Europa, mais particularmente na Inglaterra. Até então, a Ciência oficial havia silenciado a respeito dos fenômenos paranormais (e continuaria a manter-se silenciosa por muitos anos ainda). (Fodor, 1974)

Nos fins do Século XVIII e durante o Século XDI, assistiu-se a um rápido desenvolvimento da Ciência. No Século XIX, inúmeras descobertas da Física, especialmente na área da Eletricidade, enchiam de assombro e entusiasmo os cientistas e leigos. Idéias audaciosas acerca da natureza da nossa realidade, puramente material, eram emitidas com grande repercussão nos meios mais cultos.

A época em que surgiu o movimento intitulado *Psychical Research* era caracterizada por uma grande expectativa acerca do poder da Ciência

fundamentada no Positivismo e no Materialismo mecanicista. Atendimento era superestimar o conhecimento positivo e repudiar tudo aquilo que pudesse sugerir um retorno ao misticismo, à especulação metafísica e ao sobrenaturalismo. A *Psychical Research* não era propriamente uma reação à atitude intelectual do Século XIX. Era uma tentativa bem-intencionada de abordar, também, de maneira científica, a abundante fenomenologia paranormal surgida naquela ocasião, graças à proliferação dos bons médiuns que, coincidentemente, apareceram na Europa. Entretanto, comoveremos, essa tentativa de enquadrar o estudo dos fenômenos paranormais no âmbito da Ciência oficial não foi bem-sucedida. Houve tenaz reação por parte do próprio *establishment* científico vigente.

A Paradoxal Negação do Objeto

Em seu livro *Introducción al Estudio de la Parapsicología*, o dr. Rudolf Tischner diz que toda disciplina científica possui, como fato estabelecido, o seu objeto de investigação e estudo, exceto a Parapsicologia: "Em qualquer outro domínio da Ciência existem fatos estabelecidos de uma maneira incontestável: um etnólogo, por exemplo, que se proponha a fazer-nos conhecer os costumes matrimoniais dos australianos, não tem de trazer-nos a prova da existência dos australianos nem de homens que celebrem o casamento: nós não duvidamos, e o autor pode no momento entrar na matéria. Todo o contrário sucede com a Parapsicologia, pois aqui é necessário, antes de tudo, provar que existe uma ordem de fatos que justifique o nome particular desta ciência". (Tischner, 1957,p.9)

Fizemos questão de transcrever as próprias palavras do dr. Rudolf Tischner, pela grande sabedoria e importância que elas encerram. Talvez elas esclareçam o estranho fato de, somente em 1969, após três tentativas sem sucesso por parte da Parapsychological Association dos EUA, ter a Parapsicologia sido finalmente reconhecida como disciplina científica, pela The American Association for the Advancement of Science - AAAS. Nós dissemos *somente* em 1969, tendo em vista o considerável tempo passado, desde que os fenômenos paranormais vêm sendo registrados em todo o Mundo e ao longo da história do homem. Como ponto

referencial, lembramos que a London Dialectical Society foi fundada em 1867. Dois anos após, foi firmada uma resolução para investigar os fenômenos considerados como sendo *manifestações espirituais*, e reconhecidos como conseqüência disto. Esta resolução data de 26 de janeiro de 1869, exatamente um século antes da AAAS reconhecer a Parapsicologia como disciplina científica.

Qual o motivo de tamanha protelação? Simplesmente porque os parapsicólogos não conseguiam oferecer uma cabal demonstração da existência do *objeto* da Parapsicologia. E como não pode haver uma ciência sem o seu *objeto de conhecimento*, o oficialismo negava-se a aceitar a Parapsicologia como disciplina científica. Ao que parece, os parapsicólogos da Parapsycological Association ao fim de quatro tentativas, conseguiram demonstrar a existência do *objeto da sua ciência*. Assim mesmo a vitória foi apenas pela diferença de um voto! Concordamos, também, com as demais opiniões que apontam outras razões para justificar as dificuldades de aceitação da Parapsicologia como disciplina científica.

Mas, a nosso ver, o principal motivo deve ser o fato singular de, mesmo entre os parapsicólogos, haver aqueles que ainda negam o fenômeno paranormal! Eles, naturalmente, não declaram isso abertamente, mas a sua atitude diante de um fato paranormal é invariavelmente a de descobrir uma explicação paralela que o enquadre dentro de um esquema reducionista e não paranormal. Para alcançar este objetivo, não trepidam em lançar mão de todas as hipóteses possíveis, por mais esdrúxulas e absurdas que sejam, exceto aquelas que, de antemão, foram discriminadas arbitrariamente, por não se enquadrarem no paradigma previamente eleito como o certo. Em resumo, *nega-se o objeto* do pretendido conhecimento, portanto não se justifica a ciência do fato paranormal.

Uma das técnicas para manter o *status quo* de paraciência atribuído à Parapsicologia, consiste em criar barreiras ao seu desenvolvimento, através de vários expedientes, entre os quais os mais comuns são: a crítica demolidora; a ridicularização do fenômeno; o lançamento sutil da suspeita quanto à autenticidade dos fatos; a desmoralização dos investigadores. Algumas vezes, esta forma de descrédito é estabelecida aprioristicamente, de maneira que o investigador perde *status* pelo simples fato de pretender conhecer melhor os fenômenos.

A London Dialectical Society

A London Dialectical Society (Sociedade Dialética de Londres) foi fundada em 1867, por um grupo de homens ilustres. O surgimento da intensa fenomenologia paranormal ocorrida na Europa, no Século XIX, como já tivemos oportunidade de mencionar, chamara a atenção de alguns cientistas e humanistas daquela época. Na Inglaterra em particular, o interesse por esses fenômenos foi muito grande entre a classe dos intelectuais. Era a fase victoriana daquele país, em que ocorreram grandes empreendimentos e brilhantes feitos no campo do conhecimento científico, inclusive na pesquisa psíquica.

Em 26 de janeiro de 1869, a London Dialectical Society firmou a célebre resolução que objetivava investigar os fenômenos considerados "manifestações espirituais". A comissão encarregada dessa missão era composta por 33 membros, entre os quais figuravam duas senhoras. Eram quase todas pessoas de elevado nível cultural.

Em 20 de julho de 1870, foi entregue o relatório da comissão ao conselho da London Dialectical Society, o qual foi aceito e impresso privativamente em 1871. Para informar com precisão o leitor, vamos ater-nos o mais fielmente possível à fonte de onde extraímos estes dados. A comissão geral, em quinze reuniões, ouviu a exposição verbal da experiência espiritual pessoal oriunda de 33 depoimentos escritos por 31 pessoas, e verificou que os relatórios das subcomissões substancialmente corroboravam uns aos outros. A lista dos fatos testemunhados é enorme e seria impossível transcrevê-la na íntegra nestas páginas. Em resumo, a fenomenologia enumerada compreendia os seguintes eventos: 1) sons de vários tipos, produzidos em móveis, assoalhos, paredes e tetos, sem causas normais físicas; 2) movimentos de objetos pesados, sem ações mecânicas conhecidas; 3) obtenção de respostas inteligentes a perguntas formuladas pelos observadores, por meio de batidas e usando-se um código adequado; 4) variabilidade das circunstâncias sob as quais os fenômenos ocorriam e a constatação de que algumas pessoas podiam influir favorável ou desfavoravelmente na sua produção.

O relatório das evidências oferecidas por 33 testemunhas, daquilo que elas presenciaram, inclui resumidamente mais os seguintes fatos: 1) levitação de pessoas; 2) visão direta de mãos ou aparições, não pertencentes a qualquer ser vivo humano, mas com a aparência e a

mobilidade de objetos vivos que, inclusive, puderam ser tocados; 3) sensação de ser tocado em várias partes do corpo, por mãos invisíveis; 4) música executada em instrumentos acionados por agentes invisíveis; 5) incombustibilidade de pessoas submetidas a carvão em brasas ou chamas; 6) recepção de informações precisas, por meio de *rapps* e escrita direta; 7) pinturas e desenhos, em preto e branco e em cores, produzidos durante curtíssimo tempo e sem intervenção humana; 8) informações de eventos futuros que ocorreram com absoluta precisão, com antecipações de alguns minutos e até horas; 9) comunicações psicofônicas, curas, escrita automática (psicografia), aportes de flores e frutos para dentro de salas fechadas, vozes diretas produzidas no ar, visões no cristal e aumento do comprimento corporal do médium.

"Entre os que forneceram evidências ou leram os relatórios perante a Comissão, achavam-se: dr. Alfred Russel Wallace, sra. Emma Harding, H.D. Jencken, Benjamin Coleman, Cromwell F. Varley, D.D. Home e o mestre de Lindsay. Foi recebida a correspondência de lord Lytton, Robert Chambers, dr. Garth Wilkinson, William Howit, Cammille Flammarion, e outros." (Fodor, 1974, pp. 88 e 89)

Os nomes acima citados pertencem a personagens notáveis pelo seu valor, cultura e honorabilidade indiscutíveis e por demais conhecidos para dispensarem outros comentários. Mas é importante que se conheça a reação da imprensa daquela época, quando foi lhe distribuída cópia do relatório da Comissão.

A Reação da Imprensa

Como dissemos linhas atrás, a London Dialectical Society aprovou, pelo seu conselho, o relatório da comissão apresentado em 20 de julho de 1870. Aprovou-o e mandou imprimi-lo em 1871, para uso privado, mas remeteu cópia do mesmo à imprensa local. Talvez esperasse uma acolhida simpática e a divulgação do seu conteúdo. Mas a reação foi outra. Vejamos:

The Times: "Nada mais do que uma mistura de frágeis conclusões, adornada por uma massa do mais monstruoso despropósito que jamais tivemos a desventura de opinar a respeito".

Morning Post: "Considerou-o inteiramente inútil".

Saturday Review: "...Uma das superstições mais inequivocamente degradantes, que até agora encontrou curso entre seres racionais"

Standard: "Conteve-se".

Daily News: "...Uma importantu contribuição a um assunto que demandará investigação mais extensa".

Spectator: "Concordou com a conclusão do relatório, de que os fenômenos justificam posteriores investigações mais cautelosas". (Opus cit. p.89).

Entretanto, o relatório da comissão limitou-se a expor amplo documentário acerca dos mais variados fatos observados pelos seus membros. Tais fenômenos espontâneos e paranormais, contrariando a opinião da imprensa daqueles tempos, continuaram a suceder até hoje e foram objeto de investigação da *Psychical Research* e outras organizações nos anos subseqüentes.

Mas fica clara a lição dos fatos. Sempre foi difícil demonstrar a existência do objeto da Parapsicologia. Não que os fatos não sejam reais, mas porque é mais cômodo negá-los aprioristicamente, uma vez que a sua aceitação, de certa forma, implica a necessidade de uma reeducação daqueles que se convencem da sua realidade.

Conclusão

No capítulo seguinte abordaremos a fase que Richet denominou de *Período Científico*. Ela principia com as investigações de William Crookes, seguida da fundação da *Society for Psychical Research* e outras organizações devotadas à investigação dos fenômenos paranormais.

Os primórdios dessa fase caracterizaram-se pelo surgimento de médiuns extraordinários, e concomitante aparecimento de investigadores de alto padrão, grande parte dos quais pertencente ao quadro de cientistas daquela época.

Como era de esperar-se, um profundo cepticismo e uma rigorosa cautela foram a característica típica desses pesquisadores. Nem todos eles aceitaram as idéias espiritualistas. Muitos desses investigadores, apesar de haverem presenciado fenômenos de transcomunicação os mais variados e impressionantes, inclusive ectoplasmias (materializações) de Espíritos de pessoas e até de animais falecidos, mantiveram-se incrédulos até o fim da vida. Outros, como William Crookes, testemunharam publicamente a favor da hipótese espiritualista. E, por esta razão, foram duramente criticados pelos seus colegas materialistas.

Em meio a toda essa celeuma permaneceu a "interpretação de

Allan Kardec". Embora igualmente combatida, ela conseguiu atravessar incólume a tempestade e chegar até à época atual, quando a TCI, juntamente com os resultados de novas áreas de investigação, começa a dar apoio decisivo às conclusões de Allan Kardec.

Início do Período Científico

Sei demasiadamente bem (por minha própria experiência) quanto é difícil crer naquilo que se viu, quando o que foi visto não está de acordo com as idéias gerais, vulgares, que formam o fundo dos nossos conhecimentos.

Charles Richet (Ochorowicz, 1903, Prefácio, p. XI)

William Crookes (1832-1919)

Foi muito a propósito que Charles Richet (1850-1935) deu por iniciado com William Crookes, em 1872, o período científico da Metapsíquica, hoje Parapsicologia.

Possivelmente, nenhum cientista que se atreveu a estudar com afinco os fenômenos objetivos da Parapsicologia foi tão controvertido quanto William Crookes, nenhum levantou tanta celeuma em torno de suas afirmações acerca dos fenômenos que observou, nenhum teve sua sólida reputação tão atacada: e talvez nenhum foi tão firmemente honesto em suas convicções científicas quanto ele. Quem estuda sem preconceitos os trabalhos de William Crookes impressiona-se pela pureza, simplicidade e clareza meridiana de seus relatórios. Dos seus trabalhos, transpiram a sinceridade, a firme convicção e a serenidade de um sábio que tranqüilamente proclama a verdade, sem inquietar-se com o julgamento dos demais, por achar-se seguro de que o erro está com aqueles que negam a evidência dos fatos.

Sir William Crookes pode ser considerado um dos mais proeminentes físicos do Século XIX. Em 1863 foi eleito membro da Royal Society. Obteve as seguintes láureas: a Royal Gold Medal, em 1875; a David Medal, em 1888; a Sir Joseph Copley Medal, em 1904; foi nomeado Cavaleiro, em 1897, pela Rainha Victoria; e em 1910 ganhou a Ordem do Mérito. Foi presidente das seguintes instituições: Royal Society, Chemical Society, Institution of Electrical Engineers, British Association e Society for Psychical Research.

No campo das pesquisas científicas, Crookes é conhecido como o descobridor do elemento químico de número atômico 81, o Tálcio; do radiômetro; do espintariscópio; do tubo de raios catódicos, mais conhecido como tubo de Crookes etc.

Na área da divulgação científica, ele foi o fundador do *Chemical News*, em 1859, e editor do *Quarterly Journal of Science*, em 1864. Em 1880, recebeu uma medalha de ouro e um prêmio de 3.000 francos, da Academia de Ciências da França.



William Crookes (1832-1919). Iniciou o período científico da história da Parapsicologia. Crookes foi um dos mais proeminentes sábios de sua época

William Crookes Interessa-se pela Transcomunicação

Na ocasião em que William Crookes tornou público o seu interesse pelos fenômenos paranormais, houve uma grande expectativa em torno dessa decisão. Seu nome era por demais conhecido nos meios científicos, e seu veredicto seria, naturalmente, aceito como decisivo julgamento do movimento então chamado Spiritualism.

William Crookes devia achar-se a par da repercussão nada favorável, do relatório da London Dialectical Society. Pairava no ar uma surda hostilidade contra o Spiritualism. A má vontade com

relação a este movimento era evidente, especialmente por parte da imprensa e do meio científico. Se Crookes se decidiu a sondar tão perigoso terreno, é porque confiava no método científico positivo, com o qual se achava tão familiarizado.

Seu interesse despertou após haver assistido a uma sessão com a médium sra. Mary Marshall (1842-1884), em julho de 1869. Esta médium foi também iniciadora do dr. Alfred Russel Wallace (1823-1903) na investigação dos fenômenos paranormais. Os fenômenos eram banais: *raps*, movimentos e levitação de uma mesa, nós dados em lenços, escrita direta em lousas etc. A partir de 1867, ela produziu sessões de *voz direta*, nas quais se manifestava o famoso Espírito John King. Como se nota, eram fenômenos de TCD.

Em dezembro de 1869, Crookes assistiu às sessões do célebre sensitivo J. J. Morse (1848-1919), o mais extraordinário médium psicofônico daquela época, o qual o impressionou bastante.

Em julho de 1870, depois que Henry Slade chegou a Londres, Crookes anunciou sua decisão de investigar seriamente os fenômenos espíritas. Publicou, então, no *Quarterly Journal of Science*, um artigo intitulado: *Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science* (O Spiritualism Visto à Luz da Moderna Ciência). São estas as suas palavras nesse artigo:

Modos de ver ou opiniões não posso dizer que possuo sobre um assunto que eu não tenho a presunção de entender.

A seguir, ele acrescentou: "Prefiro entrar na investigação, sem noções preconcebidas sejam quais forem, bem como do que possa ou não ser, mas com todos os meus sentidos alertas e prontos para transmitir a informação ao cérebro; acreditando, como creio, que não temos, de nenhuma maneira, esgotado todo o conhecimento humano ou examinado as profundezas de todas as forças físicas".

Segundo ele, tais investigações foram-lhe sugeridas "por um eminente homem que exercia grande influência no pensamento do país". Finalmente, a derradeira sentença:

"O crescente emprego dos métodos científicos produzirá uma geração de observadores que lançará o resíduo imprestável do Spiritualism, de uma vez por todas, ao limbo desconhecido da magia e da necromancia".

Tal anúncio foi recebido com especial interesse pela Imprensa.

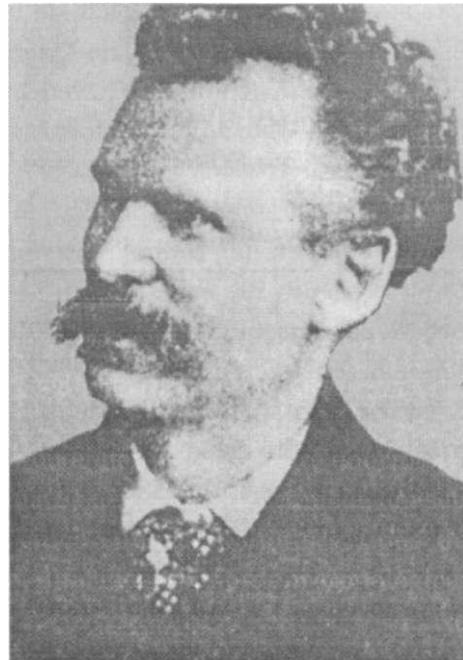
Havia uma expectativa geral de que, desta vez, o Spiritualism iria ter sua correta avaliação. Em suma, seria colocado em sua exata posição e avaliado em suas devidas proporções, isto é, não receberia nenhuma aprovação. Após submetido ao escalpelo do método científico, esperava-se que tudo não passasse de fraude, logro, trapaça e impostura.

É um fenômeno difícil de explicar exatamente, essa aversão contra os fatos do Spiritualism. Talvez se deva isso, em parte, à influência da Filosofia Positivista que, naquela época, se difundira pelas elites culturais da Europa.

Entre 1869 e 1875, Crookes levou a efeito um número enorme de sessões, com os mais variados médiuns; as de maior importância, em seu próprio laboratório pessoal. São cinco seus principais grupos de experiências com os médiuns mais qualificados e por ordem cronológica: Daniel Dunglas Home, Kate Fox, Charles Edward Williams, Florence Cook e Mrs. Annie Eva Fay. Além desses, ele teve experiências esparsas com os seguintes médiuns: mrs. Marschall, J.J. Morse, aos quais já nos referimos, mrs. St. Claire, os Holmes, Herne, mrs. Everitt, o reverendo Stainton Moses, mrs. Mary M. Hardy, miss Showers e inúmeros outros de menor fama.

O Médiun Daniel Dunglas Home

As experiências feitas com Daniel Dunglas Home parecem as mais bem controladas das cinco principais séries. Foram relatadas no *The Quarterly Journal of Science*, a partir de 1871, mais tarde enfeixadas em um volume sob o título: *Researches in the Phenomena of Spiritualism* e publicadas também nos *Proceedings of the*



Daniel Dunglas Home, foi um dos mais famosos telergicistas do Século XIX, estudado por inúmeros cientistas daquela época. Ele foi considerado o maior "médiun de efeitos físicos", tendo-se exibido, inclusive, perante grandes personalidades da nobreza e aristocracia da Europa

Society for Psychical Research, (vol. VI, 1889-90, pp. 98-127). Essas experiências constaram de diversos fenômenos de efeitos físicos, tais como movimento de corpos pesados com contacto mas sem esforço mecânico por parte do médium. Para controlar e medir esses fenômenos, Crookes construiu e montou aparelhos dotados de alavancas e dinamômetros, bem como registradores gráficos operados mecanicamente. Dentro dessa categoria de fenômenos, destaca-se um deles pelo inusitado. Trata-se de um acordeão que era tocado, tendo apenas uma de suas extremidades presa entre os dedos da mão do médium. A outra extremidade contendo as teclas ficava dependurada. No instrumento, assim suspenso dentro de uma gaiola de madeira e arame, músicas eram misteriosamente executadas, sendo suas teclas acionadas por suposta mão invisível.

Foram investigados os fenômenos de percussão e outros ruídos surgidos sob a ação do médium. Objetos pesados situados a determinada distância do médium eram movimentados ostensivamente. Assim, mesas e cadeiras elevavam-se do chão por si sós. Todos esses fenômenos, em sua maioria, ocorriam à luz clara, permitindo absoluto controle. O médium D. D. Home é famoso também pelas suas *levitações*. Diz Crookes:

"Há, pelo menos, cem casos bem verificados de elevação do sr. Home, produzidos em presença de muitas pessoas diferentes; e ouvi mesmo da boca de três testemunhas: o conde de Dunraven, lord Lyndsay e o capitão C. Wyne, a narração dos casos mais notáveis desse gênero acompanhados dos menores incidentes". (Crookes, 1971, pp. 36 e 37; Crookes, 1972, pp. 143-225)

Inúmeros outros fenômenos extraordinários foram reportados por Crookes.

Os modernos parapsicólogos certamente poderão interpretar toda a fenomenologia produzida por Daniel Dunglas Home, sob o prisma da exclusiva ação psicocinética do médium. É uma questão de opinião, aliás respeitável, uma vez que experimentos de laboratório evidenciam a existência da função psi-kappa, em seres humanos e até em animais. (Andrade, 1967, pp. 149-170; 1986, pp. 222-234; Schmidt, 1970, pp. 175-181; 1970, pp. 255-261; 1973, pp. 105-118; Watkins, 1971, pp. 23-25)

Entretanto, é importante assinalar que a quase totalidade dos resultados dos testes de psicocinesia levados a efeito em laboratório são revelados graças aos sensíveis métodos estatísticos. Isto quer dizer que

tais efeitos psicocinéticos são muitíssimo débeis e escapam, comumente, a uma observação direta. O contrário ocorre nos fenômenos espontâneos produzidos pelos médiuns de alta potência como Daniel Dunglas Home.

Outro aspecto significativo é o fato de, nos experimentos de laboratório, raramente observar-se a manifestação de fenômenos onde se percebe a intencionalidade de uma força inteligente e independente da vontade de agente psicocinético.

Com os médiuns, geralmente os fenômenos sugerem a intervenção e a ajuda de entidades incorpóreas inteligentes e alheias ao agente humano. Esses "colaboradores" estranhos costumam revelar sua intervenção nos fenômenos, estabelecendo, muitas vezes, um intercâmbio de informações com os assistentes e operadores. Nestes casos caracteriza-se a TC.

Dá-se o nome de "controle" ou "guia espiritual", a tais entidades colaboradoras. Na literatura da fase correspondente à *Psychical Research* (pesquisa psíquica) e à *Metapsíquica* (Richet, Bozzano, Delanne, Flammarion e outros), esses controles são mencionados freqüentemente. De um modo geral, todo médium possui um ou mais guias (controles). Quando inquirido acerca de sua natureza, a maioria se diz um Espírito. Alguns fornecem o seu nome ou pseudônimo. Outros não revelam sua identidade, mas pouquíssimos são os que assim procedem.

Nos relatórios a respeito dos fenômenos ocorridos com D. D. Home, *a sua quase totalidade se refere a manifestações de Espíritos*. Sua carreira de médium teve início na infância. Ele próprio descende, por parte da sua genitora, de uma família de videntes. Quando era ainda um bebê, o berço de Home balançava-se sozinho, "como se uma espécie de Espírito guardião cuidasse dele enquanto dormia". (Edmonds, 1978, p.11)

O Criticismo Desencadeado contra Crookes

Os relatórios de William Crookes a respeito da "força psíquica" por ele verificada de maneira inequívoca, assim como os dos demais fenômenos que, de certa forma, davam apoio às teorias espiritualistas, provocaram tremenda decepção entre aqueles que esperavam justamente o contrário. Crookes, ao que parece, já contava com esse tipo de reação. Em 20 de junho de 1871, ele escrevia, após ter enviado primeiro um relatório à Royal Society, cinco dias antes:

"Considero meu dever enviar primeiro à Royal Society, porque Assim fazendo, eu deliberadamente lanço o peso de minha reputação científica em apoio à verdade daquilo que envio".

Em julho de 1871, Crookes publicou um artigo sobre a famosa série de testes com D. D. Home e também com Katie Fox, no *Quarterly Journal of Science*, sob o título: Experimental Investigation of a New Force. Em outubro do mesmo ano e no mesmo periódico, ele publicou outro trabalho: Some Further Experiments on Psychic Force, com uma explicação de sua abordagem à Royal Society.

No próprio mês de outubro daquele ano, estourou a reação: um violento ataque anônimo surgiu na *Quarterly Review*. O anonimato não funcionou, pois logo se soube que sua origem era o oficial de Registro da London University, o conhecido biólogo dr. W.B. Carpenter, membro da Royal Society.

Em dezembro daquele ano, William Crookes publicou, no *Quarterly Journal of Science*, o artigo Psychic Force and Modern Spiritualism: A Reply to the Quarterly Review. Era a resposta ao ataque de Carpenter, desmascarando-o e refutando ponto por ponto os seus argumentos.

O jornal *Echo*, de 31 de outubro de 1871, publicou uma carta anônima a ele enviada e assinada "B". Nesta carta o autor pôs em forma definitiva alguns dos rumores contra Crookes, que se haviam desencadeado depois do artigo de Carpenter. O anônimo "B" referia-se a informações e críticas de um tal "Mr. J.", a quem ele atribuía autoridade para julgar Crookes. Este logo descobriu o covarde autor da carta anônima, mr. John Spiller, que fora, numa dada ocasião, admitido a assistir a duas sessões com D. D. Home, na residência do Sr. serjeant Cox. Crookes achava-se presente no momento, mas não havia ainda iniciado suas pesquisas sistemáticas sobre a mediunidade de D. D. Home.

Conclusão

A esta e a todas as demais críticas, Crookes deu a devida resposta, quando reconheceu alguma importância nas mesmas.

Vamos passar à outra fase das atividades de Crookes. Escolheremos apenas uma delas, embora todas as demais tenham sido dignas de nota. Vamos tratar das ectoplasmias de Katie King, obtidas pela mediunidade de Florence Cook (1856-1904).

XIX

Katie King

*Mas sempre julgo ouvir a mesma resposta:
Para o emprego de uma existência terrestre
não pode haver objetivo mais elaborado do que
procurar provar a natureza transcendente do ser
humano, chamado a um destino muito mais sublime
do que a existência fenomenal! (Aksakof, 1890)*

Florence Cook e o Caso Volckman

A mediunidade de Florence Cook manifestou-se desde a sua infância, quando afirmava ver Espíritos e ouvir vozes. Tais fatos eram levados pouco a sério pelos seus familiares, que os atribuíam a produtos de sua imaginação infantil. Em 1871, aos quinze anos de idade, sua mediunidade começou a aflorar mais intensamente e foi se desenvolvendo com o correr do tempo.

Em 22 de abril de 1872, numa sessão na qual se achavam presentes a mãe, os irmãos e uma irmã da médium, além da criada Mary, materializou-se o Espírito Katie King, parcialmente e pela primeira vez. Em uma carta enviada ao diretor do periódico *The Spiritualist*, de Londres, mr. Harrison, a própria Florence Cook relatou o ocorrido, pois manteve-se em vigília durante a manifestação:

"Katie mostrou-se na abertura das cortinas; seus lábios se moveram; por fim, falou durante alguns minutos com minha mãe. Todos puderam acompanhar os movimentos de seus lábios.

Como eu não a via muito bem de onde me encontrava, pedi-lhe

que se voltasse para mim. Ela atendeu e virou-se. 'Com muito gosto desejo atender-te', disse. Então pude observar que a parte superior do seu corpo estava formada somente até o busto; o resto do seu corpo era uma nebulosidade vagamente luminosa".(Rodrigues, 1975, p. 32)

Posteriormente, Florence Cook passou a entrar em transe profundo. Daí em diante, a forma ectoplásmica de Katie King foi adquirindo mais consistência e autonomia, chegando a sair inteiramente da cabina escura e a passear livremente entre os assistentes, mostrando-se à luz clara.

Em dezembro de 1873, durante uma sessão em que se achavam entre os convidados o conde e a condessa de Caithness, o conde de Medina Pomar e um certo mr. W. Volckman, Katie King mostrou-se tão nitidamente que despertou suspeitas neste último. Volckman, subitamente, avançou contra Katie King, agarrando uma de suas mãos e prendendo-a pela cintura com o outro braço! Estabeleceu-se uma luta, na qual dois amigos da médium tentaram socorrer Katie King. O advogado Henry Dumphy conta que ela pareceu perder os pés e as pernas, e fazendo um movimento semelhante ao de uma foca na água, escapuliu sem deixar traços de sua existência corporal, tendo desaparecido inclusive os véus brancos em que se envolvia. Segundo Volckman ela se libertou violentamente. Mas o fato incontestável é que pouquíssimos minutos mais tarde, quando se restabeleceu a calma e a cabina foi aberta, ali foi encontrada Florence Cook perfeitamente composta em seu vestido preto, e calçada com suas botas. As amarras que a prendiam estavam intactas, assim como o lacre impresso com o sinete do anel de conde de Caithness, tal como no início da sessão. Foi-lhe dada uma busca, mas não se descobriu qualquer vestígio de vestes ou véus brancos. Como resultado da brutal prova, a médium adoeceu. (Fodor, 1974, p. 62)

Logo após este incidente, Florence Cook procurou sir William Crookes e solicitou-lhe que investigasse a sua mediunidade.

A Fase de William Crookes

Naquela ocasião, devido a certos fenômenos que ocorreram na escola onde Florence Cook tinha um emprego, e também em virtude da repercussão na imprensa, dos fatos atribuídos a ela, a diretora demitiu-a de sua colocação. Desse modo, Florence Cook viu-se desempregada. Um senhor que se interessava vivamente pelas faculdades da srta. Cook,

ofereceu-lhe uma pensão permanente, com a condição de manter-se ela em atividade mediúnica exclusivamente para fins de pesquisa científica. A referida pensão duraria enquanto Florence se mantivesse solteira. O nome desse generoso protetor era Charles Blackburn. Quando ocorreu o incidente com o desastrado Volckman, mr. Charles Blackburn excluiu Florence da assistência pública e confiou-a exclusivamente aos cuidados de sir William Crookes, para investigações rigorosamente científicas.

Katie King era o pseudônimo adotado pelo Espírito de Annie Owen Morgan, o Espírito guia de Florence Cook. Dizia ter sido filha de Henry Owen Morgan, famoso pirata que foi protegido por Charles II e feito Governador da Jamaica. O Espírito de H. O. Morgan adotou o pseudônimo John King, tendo se manifestado, pela primeira vez, em 1850, com os Irmãos Davenport.

Katie King colaborou de maneira notável com William Crookes. Vamos transcrever os relatos de algumas sessões assistidas e estudadas por Crookes, e reportadas pessoalmente por ele.

O episódio que relataremos a seguir mostra-nos um fato de grande importância: Quando um médium não está em transe suficientemente profundo, pode ocorrer uma ectoplasma incompleta. Neste caso, o duplo vital do médium projeta-se e arrasta consigo o ectoplasma. O Espírito, então, se superpõe a este conjunto, surgindo daí uma forma híbrida, com a aparência do médium. Uma sessão realizava-se na casa do sr. Luxmore. Funcionava como médium a jovem Florence Cook:

"Pouco depois, a forma de Katie apareceu ao lado da cortina, dizendo que o fazia porque haveria perigo em afastar-se de sua médium, visto que esta não se achava bem e não poderia ser posta em sono suficientemente profundo.

Eu - W. Crookes - estava colocado a alguns pés da cortina, atrás da qual a srta. Cook se achava sentada, tocando-a quase, e podia freqüentemente ouvir os seus gemidos e suspiros, como se ela sofresse. Esse mal-estar continuou por intervalos, durante toda a sessão, e uma vez quando a forma de Katie estava diante de mim na sala, ouvi distintamente o som de um suspiro doloroso, idêntico aos que a srta. Cook tinha feito ouvir, por intervalos, durante todo o tempo da sessão e que vinha de trás da cortina onde ela devia estar sentada.

Confesso que a figura era surpreendente na sua aparência de vida e de realidade, e tanto quanto eu podia ver à luz um pouco fraca,

os seus traços assemelhavam-se aos da srta. Cook; mas, entretanto, a prova positiva era dada por um dos meus sentidos, pois que o suspiro vinha da srta. Cook, no gabinete, enquanto a figura estava fora dele; esta prova é muito forte para ser destruída por simples suposição do contrário, mesmo bem sustentada". (Crookes, 1971, p. 64)

Posteriormente sir William Crookes organizou uma série de sessões no seu laboratório particular situado em sua própria residência. Foi aí que se deram as melhores ectoplasmias de Katie King, durante as quais, inúmeras vezes, puderam ser vistas e até fotografadas, ao mesmo tempo, a materialização e a médium.

Uma dessas sessões ocorreu em 12 de março de 1874, na casa de Crookes:

"Voltando ao meu posto de observação, Katie apareceu de novo e disse que pensava poder mostrar-se a mim ao mesmo tempo que a sua médium. Abaixou-se o gás e ela me pediu a lâmpada fosforescente. Depois de ter-se mostrado à claridade durante alguns segundos, m'a restituiu, dizendo: 'Agora entre e venha ver a minha médium'. Acompanhei-a de perto à minha biblioteca e, à claridade da lâmpada, vi a srta. Cook estendida no canapé, exatamente como eu a tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie, porém ela havia desaparecido..."

Em outra sessão Crookes conseguiu ver, durante um largo tempo, simultaneamente a médium e a entidade materializada. Essa sessão ocorreu em Hackney. Nessa ocasião Crookes obteve permissão de Katie King para enlaçar sua cintura e abraçá-la, repetindo sem incidentes a desastrada experiência do sr. W. Volckman. Crookes, em artigo publicado no *The Spiritualist*, disse: "O sr. Volckman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar a sua asserção, de que o 'fantasma' (que afinal não fez nenhuma resistência) era um ser tão material quanto a própria srta. Cook)".

Prosseguindo em seu artigo, Crookes relatou o seguinte episódio ocorrido nessa mesma sessão:

"Katie disse então que, dessa vez, se julgava capaz de mostrar-se ao mesmo tempo que a srta. Cook. Abaixei o gás, e, em seguida, com a minha lâmpada fosforescente penetrei no aposento que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é hábil estenógrafo, para anotar toda observação que eu fizesse, enquanto

estivesse no gabinete, porque bem conhecia eu a importância que se liga às primeiras impressões, e não queria confiar à minha memória mais do que fosse necessário; as suas notas acham-se neste momento diante de mim.

Entrei no aposento com precaução; estava escuro, e foi pelo tacto que procurei a srta. Cook; encontrei-a de cócoras no soalho.

Ajoelhei-me, deixei o ar entrar na lâmpada e, à sua claridade, vi essa moça vestida de veludo preto, como se achava no começo da sessão, e com toda a aparência de estar completamente insensível. Não se moveu quando lhe tomei a mão; conservei a lâmpada muito perto do seu rosto, mas continuou a respirar tranqüilamente.

Elevando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi Katie, que se achava em pé, muito perto da srta. Cook e por trás dela. Katie estava vestida com roupa branca, flutuante, como já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da srta. Cook na minha e ajoelhado ainda, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie, como para plenamente convencer-me de que eu via, sem a menor dúvida, a verdadeira Katie, que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas moveu a cabeça, em sinal de reconhecimento. Três vezes examinei cuidadosamente a srta. Cook, de cócoras, diante de mim, para ter a certeza de que a mão que eu segurava era de fato a de uma mulher viva, e três vezes voltei a lâmpada para Katie, a fim de examinar com segurança e atenção até não ter a menor dúvida de que ela estava diante de mim. Por fim, a srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Katie deu-me um sinal para que me fosse embora. Retirei-me para outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o aposento depois que a srta. Cook acordou e que dois dos assistentes entrassem com luz". (Crookes, 1971, pp. 69-73).

Apesar do cerrado ataque de que foi alvo, devido aos seus relatórios acerca dos fenômenos que observou e investigou durante vários anos, sir William Crookes nem uma só vez titubeou em afirmar sua convicção na realidade dos fatos por ele pesquisados.

Diante da British Association at Bristol, em sua palestra presidencial, em 1898, ele declarou:

"Trinta anos se passaram desde que eu publiquei um relatório de experimentos, visando demonstrar que além do nosso conhecimento

científico existe uma Força exercida por inteligência diferente da inteligência ordinária, comum aos mortais. Não tenho nada a retratar. Mantenho-me fiel às minhas afirmações já publicadas. Na realidade, eu poderia acrescentar muito mais, além disso."

E numa entrevista na *The International Psychic Gazette*, em 1917, ele repetiu:

"Nunca tive jamais qualquer ocasião para modificar minhas idéias a respeito. Estou perfeitamente satisfeito com o que eu disse nos primeiros dias. É absolutamente verdadeiro que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro". (Fodor, 2974, p. 70)

Com estas palavras, sir William Crookes dá um valioso testemunho a favor da realidade prática da TC entre os seres inteligentes deste nosso mundo e aqueles do Plano Espiritual. Talvez ele não pudesse imaginar que, em 1936, Atila von Szalay, nos Estados Unidos, iria obter as primeiras gravações de vozes de Espíritos, em disco de fonógrafo, usando um simples gravador de agulha, marca Packard-Bell.

Testemunho do Conselheiro Aksakof

Alexander N. Aksakof (1832-1903), conselheiro imperial do Czar da Rússia, interessava-se vivamente pelas questões ligadas ao Espiritismo. Em Leipzig, 1890, Aksakof publicou um livro intitulado *Animismus und Spiritismus*, no qual refutou as hipóteses reducionistas do dr. Edward von Hartmann, enfeixadas no seu trabalho, *Spiritualism*. Nos *Proceedings da SPR*, vol. VI, p. 665, Myers afirmou que a obra de Aksakof foi a melhor crítica às hipóteses de von Hartmann.

Na obra de Aksakof encontramos o relato de sua primeira sessão com Florence Cook, em que teve a oportunidade de observar a materialização do Espírito Katie King, em Londres, no dia 22 de outubro de 1873.

A médium, Florence Cook, tomou lugar em uma cadeira situada no canto formado pelo fogão e a parede, por trás de uma cortina suspensa em argolas. Estavam na residência do sr. Luxmoore. Este amarrou solidamente a médium na cadeira, tendo o cuidado de puxar para fora da pequena cabine uma longa fita que foi passada em um gancho e amarrada à mesa perto da qual o sr. Luxmoore estaria sentado. As mãos da médium foram atadas por trás da cadeira e todos os nós lacrados a

seguir. O aposento era iluminado por uma lâmpada colocada atrás de um livro. Após cerca de quinze minutos, a cortina foi erguida de um lado e viu-se uma forma humana, toda vestida de branco, tendo o rosto descoberto, as mãos e braços nus e os cabelos envoltos em um véu também branco. Era a Katie!

Vamos transcrever na íntegra o relato de Aksakof:

"Na mão direita segurava um objeto que entregou ao sr. Luxmoore, dizendo-lhe: 'E para o sr. Aksakof; faça-lhe presente de tudo...' Ela me oferecia um pequeno púcaro de doce! E a entrega desse presente provocou um riso geral. Como se acaba de ver, o nosso primeiro encontro nada teve de místico.

Tive a curiosidade de perguntar donde vinha esse púcaro de doce.

Katie me deu esta resposta, não menos prosaica do que seu presente:

- Da cozinha.

Durante toda essa sessão ela conversou com os membros do círculo; sua voz era fraca; não se percebia mais do que ligeiro cochicho. Ela repetia de instante a instante: 'Façam-me perguntas, perguntas sensatas'. Então eu lhe perguntei:

- Não podeis mostrar-me a tua médium?

Ela me respondeu:

- Sim, vem depressa e olha.

Imediatamente abri a cortina, da qual eu não distava mais de cinco passos; a forma branca tinha desaparecido e, diante de mim, em um ângulo sombrio, divisei a médium sempre sentada na cadeira; ela trajava um vestido de seda preta e por conseguinte eu não podia vê-la mui distintamente, na sombra. Desde que voltei ao meu lugar, Katie reapareceu perto da cortina e me perguntou:

- Viste bem?

- Não muito bem - respondi -; está bastante escuro atrás da cortina.

- Então leva a lâmpada e olha o mais depressa que pudesdes - respondeu Katie.

Em menos de um segundo, de lâmpada em punho, cheguei ao lado de trás da cortina. Todo vestígio de Katie tinha desaparecido. Achei-me em presença da médium, sentada na cadeira, imersa em sono profundo, com as mãos amarradas por trás das costas. Aluz da lâmpada,

refletindo-se em seu rosto, produziu o efeito costumado: a médium gemeu, fazendo esforços para despertar; um diálogo interessante estabeleceu-se, por trás da cortina, entre a médium, que se esforçava em despertar completamente, e Katie, que desejava adormecê-la ainda, mas Katie teve que ceder: despediu-se dos assistentes e o silêncio se fez. Estava terminada a sessão.

O sr. Luxmoore convidou-me a examinar atentamente os nós, os laços e os selos; tudo estava intacto; quando eu tive que cortar os laços, experimentei grande dificuldade em introduzir a tesoura por baixo das fitas, tão fortemente apertados estava os punhos. Examinei de novo o gabinete, logo que a srta. Cook o deixou. Ele não media mais do que cerca de um metro de largura e menos de meio metro de fundos; as duas paredes eram de tijolo. Para mim era evidente que não tínhamos sido ludíbrio de uma mistificação por parte da srta. Cook. Mas então donde tinha vindo e por onde tinha desaparecido essa forma branca, viva, falante - uma verdadeira personalidade humana?" (Aksakof, 1890, pp. 249-251)

Conclusão

Os limites destas generosas páginas impedem-nos de citar mais outros dos inúmeros testemunhos de observadores que escreveram relatórios sobre as sessões produzidas por Florence Cook. Em todas elas foram empregadas rígidos métodos de controle, mais do que suficientes para eliminar a hipótese de fraude.

Muitos observadores puderam ver, simultaneamente a médium em transe e o Espírito Katie King materializado.

Entretanto, todas as numerosas evidências, acrescidas do peso do testemunho de observadores insuspeitos como sir William Crookes, Alexander Aksakof, dr. Georges Sexton, príncipe Emílio de Sayn Wittgenstein, dr. J. M. Gully, Cromwell Fleetwood Varley, sra. Florence Marryat e inúmeros outros, não foram suficientes para vencer a resistência do cepticismo científico daquela época.

O episódio de Katie King, por si só, bastaria para atrair a atenção de uma comunidade de cientistas um pouco mais aberta e isenta de preconceitos e cristalizações dogmáticas.

Esperamos que no Século XXI que se avizinha, os homens de ciência estejam mais preparados para assimilar os benefícios da

Transcomunicação. Os planos superiores da Espiritualidade aguardam apenas que nos disponhamos a receber o imenso tesouro de conhecimentos posto ao nosso alcance pelas possibilidades da TC.

161

A Society for Psychical Research - SPR

*O sábio não é o homem que fornece
as verdadeiras respostas; é o que formula
as verdadeiras perguntas. (Lévi-Strauss)*

0 Objetivo Precípua: a Mudança do Paradigma

Vimos no capítulo XVII que o relatório da London Dialectical Society teve uma acolhida pouco estimulante por parte da imprensa. O relatório em questão, na realidade, compreendia um vasto e bem documentado repositório dos mais variados fenômenos paranormais espontâneos (e alguns provocados), em tudo semelhantes aos que já haviam sido e, posteriormente, passaram a ser também registrados por outros investigadores. Deve notar-se que a questão da sobrevivência após a morte, propositalmente ou não, foi deixada de lado. No entanto, o conjunto fenomênico focalizado no relatório teve uma grande influência e atraiu a atenção de pesquisadores qualificados, para o problema da sobrevivência.

Dr. Alfred Russel Wallace, em *On Miracles and Modern Spiritualism*, afirma que, dos 33 membros ativos da comissão, que colaboraram no relatório, apenas oito acreditavam, inicialmente, nos

fenômenos; apenas quatro eram adeptos da teoria espiritualista. Os restantes 25 eram cépticos. No correr das investigações, pelo menos 12 dos totalmente incrédulos convenceram-se da realidade de muitos dos fenômenos de efeitos físicos, quando faziam parte das subcomissões que os investigavam. Três dos que eram previamente descrentes tornaram-se, mais tarde, inteiramente espiritualistas. Praticamente todos concordaram com o estabelecimento da realidade dos fenômenos paranormais.

O relatório da comissão nomeada pela London Dialectical Society, visto em seu conjunto, constituiu enorme apoio à tese espiritualista. Mais tarde, as investigações levadas a efeito pelas primeiras sociedades de pesquisa psíquica tiveram como um dos primeiros objetivos a investigação da possível natureza espiritual do homem. Como consequência, foram inicialmente estudadas as manifestações mediúnicas, a telepatia, as alucinações etc.

À medida que a constatação da fenomenologia paranormal parecia reforçar a tese dos espiritualistas, uma reação também foi surgindo, visando opor um dique àquela onda de espiritualismo. Aqui e ali apareceram focos de combate direto e violento, como no caso da imprensa. Pensamos que a grande influência do Positivismo e a intransigência dogmática das religiões dominantes teriam contribuído ponderavelmente para o nascimento e crescimento da reação mencionada.

Entretanto, os adversários do Espiritualismo não mostravam sua hostilidade constantemente de maneira frontal. Aos poucos foram provocando as mudanças visadas, de maneira sutil e sistemática. A primeira modificação foi quanto ao nome da fenomenologia. Inicialmente, eram fenômenos espirituais, objeto de estudo do *Spiritualism*. Passou para *Psychical Research*. Em seguida, Emile Boirac, Max Dessoir e outros adotaram o termo Parapsicologia. Houve, assim, uma hábil mudança no rótulo e, conseqüentemente, no conceito acerca da natureza desses fenômenos. O prefixo *para* colocava uma conotação nova, evocando a *paranormalidade*, tanto dos fenômenos, quanto das funções psíquicas correlatas. Os referidos fenômenos e respectivas funções foram subtraídos ao seu enquadramento como categoria metafísica ou espiritualista. Semelhante objetivo parece ter inspirado Charles Richet ao criar o termo Metapsíquica, para denominar a disciplina que trata da referida fenomenologia.

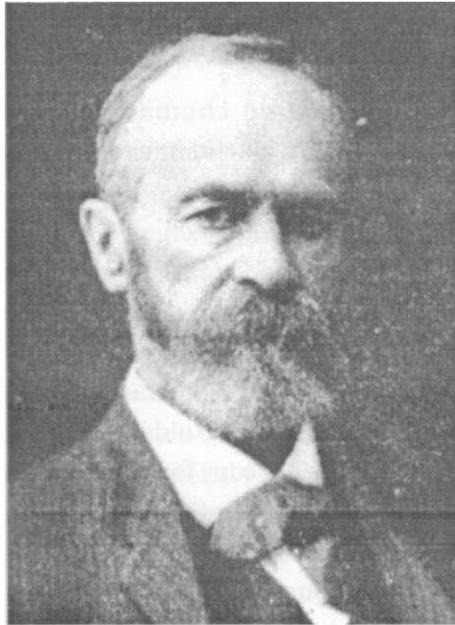
A aceitação maior, modernamente, é para o vocábulo Parapsicologia, sem embargo de que ainda existam na Inglaterra e Estados Unidos, alguns setores persistindo em usar a designação *Psychical Research*.

Embora o objetivo declarado das sociedades de Parapsicologia tenha sido rotulado cuidadosamente para não confundir-se com o do Espiritualismo, a existência, a sobrevivência e a comunicabilidade do Espírito após a morte continuaram sendo uma preocupação de grande número de parapsicólogos.

A Society for Psychical Research - SPR

Em 20 de fevereiro de 1982, a Society for Psychical Research - SPR completou um século de existência. Foram cem anos de trabalhos profícuos e colaboração preciosa para o reconhecimento da Parapsicologia como disciplina científica. Graças à sua austeridade, a SPR granjeou o respeito e a admiração do mundo inteiro. Os seus famosos *Proceedings* formam uma coleção monumental, um repositório

vastíssimo de informações concernentes a trabalhos de investigação de toda a extensa fenomenologia paranormal; é um tesouro de inestimável valor, posto à disposição do mundo e das gerações futuras. Além dos *Proceedings*, é também editado o *Journal of the SPR* (distribuído, a cada três meses, aos sócios da SPR), bem como publicados livros e panfletos.



Henry Sidgwick (1838-1900). Falecido um ano antes de Myers. Sidgwick integrou com este e com Gurney o trio que ditou as correspondências cruzadas. Sidgwick foi o primeiro presidente da SPR

Os nomes mais ilustres no campo da Parapsicologia e das ciências têm figurado na lista dos presidentes da Society for Psychical Research. Entre eles podemos destacar, a título de exemplo, os seguintes: prof. Henry Sidgwick (primeiro

Presidente), 1882-1884; prof. Balfour Stewart, 1885-87; prof. William James, 1894-95; sir William Crookes, 1896-99; prof. F.W.H. Myers, 1900; sir Oliver Lodge, 1901-03; sir William Barrett, 1904; prof. Charles Richet, 1905; Conde G.W. Balfour, 1906-07; rev. bispo W. Boyd Carpenter, 1912; prof. Henri Bergson, 1913; prof. Gilbert Murray, 1915-16; lord Rayleigh (John William Strutt), 1919; prof. William Mc Dougall 1920-21; o astrônomo e escritor Camille Flammarion, 1923; prof. dr. Hans Driesch, 1926-27; dr. W.F. Prince, 1930-31; e inúmeros outros não menos ilustres, como odr. J.B. Rhine edra. Louise E. Rhine, ambos já falecidos.

Em 6 de janeiro de 1882, o professor William F. Barrett convocara uma reunião em Londres, durante a qual foi planejada a Society for Psychical Research. Em 20 de fevereiro de 1882 foi então eleito seu Conselho e esboçado um programa para trabalhos futuros.

Os objetivos da SPR podem ser melhor conhecidos através dos seis itens que compreendiam o programa então entregue às Comissões especiais. Ei-los:

"1) Exame da natureza e extensão de qualquer influência que possa ser exercida por uma mente sobre outra, à parte de qualquer modo de percepção geralmente reconhecido.

2) Estudo do hipnotismo e das formas do chamado transe mesmérico, com sua alegada insensibilidade à dor; clarividência e outros fenômenos correlatos.

3) Revisão crítica das pesquisas de Reichenbach com certos organismos chamados 'sensitivos', e um inquérito se tais organismos possuem qualquer poder de percepção além de uma sensibilidade altamente exaltada dos órgãos sensoriais conhecidos.

4) Cuidadosa investigação de quaisquer relatórios apoiando-se em forte testemunho, concernentes a aparições no momento da morte ou, de outra forma, relativos a perturbações em casas com fama de serem mal-assombradas.

5) Inquéritos acerca dos vários fenômenos comumente chamados espiritualistas, com tentativas para descobrir suas causas e leis gerais.

6) Coleta e coleção de materiais de apoio à história dessas questões.

O critério da Sociedade será a abordagem desses vários problemas, sem prejuízo ou preconceito de qualquer espécie, no mesmo espírito de

exato e desapaixonado inquérito que tem facultado à Ciência resolver tantos problemas, uma vez não menos obscuros nem menos apaixonadamente debatidos". (*Proceedings, SPR*, 1882, pp. 3 e 4)

Como pode ver-se pelas disposições atrás transcritas, a SPR propôs-se a tratar dos fenômenos paranormais por ela investigados, usando um critério rigorosamente imparcial, positivo e científico. Realmente, a referida orientação foi seguida ao longo de mais de um século e parece que continuará sempre assim. Esse fato não impediu, todavia, que houvesse alterações quanto à forma de interpretar a fenomenologia paranormal, embora a SPR, como um todo, não deva ter preferência por esta ou aquela doutrina filosófica, por este ou aquele credo religioso.

Para nós seria tarefa praticamente impossível resumir a imensa soma de trabalhos efetuados pela SPR durante as suas atividades. Como ocorre com grande número de sociedades, a SPR teve sua fase áurea, durante a qual surgiram as suas investigações mais importantes. Esta fase áurea vai desde a sua fundação (1882) até 1905. Nesse período, sobressaem as extraordinárias atividades de Myers, Sidgwick, Gurney e Hodgson. Este último, de 1887 até 1905 - data de sua morte - levou a efeito notáveis investigações acerca da TCM.

O Professor William James Descobre Leonore E. Piper

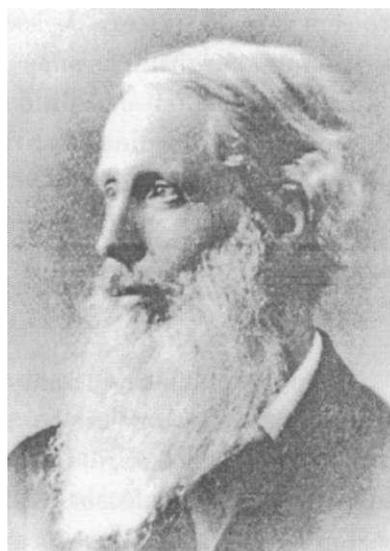
Na impossibilidade de relatar todos os trabalhos mais importantes da SPR, tomaremos como um bom exemplo as rigorosíssimas pesquisas sobre a mediunidade da Sra. Leonore E. Piper (1859-1950). Tais estudos foram iniciados pelo professor William James (1842-1910), cujo interesse despertou à vista das informações da sra. Gibbins, sogra do próprio prof. James. Asra. Gibbins relacionara-se com a sra. Piper e assistira às sessões. Impressionada com a exatidão das comunicações fornecidas pelo Espírito controle da referida médium, a sra. Gibbins levou o fato ao conhecimento do seu ilustre genro, o prof. W. James.

De um modo geral, todo médium possui um ou mais guias espirituais, chamados, também, controles. Asra. Piper manifestou como controle, logo no início, uma garota indiana que se denominava Chlorine. Depois desta entidade, houve a manifestação de diversos outros comunicadores. Finalmente, surgiu um controle exclusivo, que se manteve em ação de 1884 a 1892. Dava-se o nome de dr. Phinuit e

dizia-se um médico francês que viveu em Metz ou em Marselha. Rigorosamente interrogado e investigadas as suas declarações, verificou-se que suas afirmativas eram falsas. Inclusive, Phinuit nem sabia falar o francês. Mais tarde, chegou-se à conclusão de que esta entidade não passava de um Espírito leviano e de reduzida evolução. Foi captado pela sra. Piper, nas reuniões iniciais que ela teve com o médium cego chamado dr. J.R. Cocke, onde aquele Espírito era conhecido como Finnê ou Finnett.

O dr. William James orientou durante algum tempo as reuniões com a sra. Piper quando Phinuit era o seu exclusivo controle. Durante tais sessões, a sra. Piper, sob a influência de Phinuit, revelava conhecimentos inexplicáveis extraordinários, acerca dos consulentes e de seus respectivos familiares falecidos.

Na época em que o dr. William James passou a observar os fenômenos produzidos pela sra. Piper, o oficialismo científico, impregnado de idéias materialistas positivistas, atribuía tais ocorrências às faculdades do próprio sensitivo. Havia uma concessão por parte de poucos psicólogos à possibilidade de existir a telepatia, mais conhecida, então, como "transmissão do pensamento". Mesmo a grande maioria dos investigadores da *Psychical Research*, na Inglaterra e EUA,



William James (1842-1910). Filósofo e psicólogo norte-americano

assim como da *Metapsíquica*, na França e diversos outros países da Europa, não aceitava a tese da existência e da intervenção dos Espíritos nos fenômenos paranormais.

Por essa razão, William James, embora convencido da autenticidade dos fatos extraordinários verificados com a sra. Piper, não aceitava a explicação espiritual. Para ele, como para a grande parte dos investigadores dos fenômenos psíquicos, Phinuit bem como os demais controles da sra. Piper eram apenas "personificações do seu inconsciente".

Os extraordinários conhecimentos manifestados, pelos comunicadores, acerca das pessoas presentes às reuniões e a respeito de seus parentes e amigos falecidos, eram interpretados como sendo o resultado da transmissão de pensamento entre os assistentes e a médium. Tudo corria por conta das faculdades paranormais da sensitiva, que lhe permitiam captar as informações diretamente da mente dos circunstantes.

Outro aspecto curioso das captações de informação operadas pela sra. Piper era a "psicometria". Ao tomar um objeto pertencente a determinada pessoa, os Espíritos comunicadores nela incorporados forneciam abundantes informações acerca do dono do referido objeto, relatando cenas ocorridas com o possuidor do mesmo. Se o antigo dono do objeto fosse falecido, as informações surgiam de maneira semelhante e, inclusive, eram fornecidos recados do desencarnado aos seus parentes e amigos. A identificação era perfeita, de maneira a deixar poucas dúvidas quanto à identidade do morto. Era, esta, outra forma interessante de TCM.

O prof. William James, certamente ainda convicto da interpretação reducionista sugerida pela posição oficial da Ciência, procurou pôr em evidência a exclusiva participação do inconsciente da médium, na produção dos fenômenos. Submeteu-a à hipnose. Com surpresa, constatou que, durante o transe hipnótico, a médium, por si só, era incapaz de demonstrar as capacidades que se observavam quando, em transe mediúnico, exteriorizava as personalidades do seu cortejo de Espíritos comunicadores. As condições do transe hipnótico e as do transe mediúnico eram inteiramente diferentes. A sra. Piper, em estado hipnótico, não manifestava a suposta telepatia, nem durante, nem imediatamente depois do transe.



Sra. Leonore E. Piper foi uma das mais extraordinárias médiuns de incorporação na fase da *Psychical Research*. À sua notável mediunidade devem-se as conversões de inúmeros intelectuais daquela época, entre eles sir Oliver Lodge, dr. Richard Hodgson e prof. James Hyslop. Seu guia espiritual dizia-se um médico francês de nome Phinuit

William James, provavelmente tangido por dúvidas, resolveu abandonar as pesquisas dos fenômenos observados com a sra. Piper e escreveu a vários membros da Society for Psychical Research - SPR de Londres, comunicando-lhes as impressionantes qualidades daquela médium. Como resultado, o dr. Richard Hodgson (1855-1905) foi destacado pela SPR para ir à América e estudar o caso.

A importância da fase em que o dr. Richard Hodgson tomou a liderança dos estudos acerca da mediunidade da sra. Piper é proporcional ao elevado nível daquele investigador. Hodgson tornou-se famoso pelo seu sistemático ceticismo aliado a uma notável capacidade de observação e profunda honestidade. A ele interessava exclusivamente o estabelecimento da verdade a respeito dos fenômenos paranormais.

Após quinze anos de estreito convívio e rigorosa observação dos fenômenos da sra. Piper, Hodgson finalmente teve vencida sua tenaz resistência concernente a uma explicação espiritual para as transcomunicações obtidas através daquela extraordinária médium.

Conclusão

O *establishment* científico atual parece manter o mesmo ceticismo reinante naquela época. Todavia, nota-se que, fora dos ambientes científicos ortodoxos, ocorreu uma grande transformação. Estão surgindo áreas de investigação, ainda não reconhecidas e, por esta razão, não incorporadas à Ciência dita oficial. São explorações de fenômenos que, no tempo da Psychical Research, receberam pouquíssima ou quase nenhuma atenção por parte dos cientistas preocupados com a fenomenologia paranormal ostensiva. Tais fenômenos mostram um aspecto acentuadamente paranormal. São eles: as Experiências de Quase Morte - EQM; as Experiências Fora do Corpo - EFC; as Visões dos Moribundos em Leito de Morte - VMLM; os Casos que Sugerem Reencarnação - CSR; e, finalmente, a Transcomunicação Instrumental -TCI.

Para os investigadores do Século XIX, as áreas preferidas da pesquisa paranormal eram as manifestações objetivas, compreendendo os movimentos de objetos físicos, os ruídos insólitos, as ectoplasmias e a TCM. Assim mesmo-, a TCM não era aceita como uma transcomunicação propriamente dita. Muitos investigadores interpretavam-na como manifestações anímicas, isto é, telepatia, psicometria, hiperestesia, pré

ou pós-cognição e, quase sempre, como fraude. Todo esforço era voltado na busca de uma explicação reducionista que dispensasse a conotação espiritual do fenômeno.

No próximo capítulo, iremos relatar a luta do notável pesquisador, dr. Hodgson, em busca de uma explicação "normal" para a fantástica mediunidade da sra. Piper.

Hodgson e Sra. Piper

*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem
de repente aprende (João Guimarães Rosa)*

Dr. Richard Hodgson (1855-1905)

Hodgson nasceu em 1855, na cidade de Melbourne, Austrália. Em 1878, mudou-se para a Inglaterra, onde continuou seus estudos em Cambridge. Ainda estudante, fez parte da Ghost Society cujo objetivo era a investigação dos fenômenos paranormais. Quando se fundou a Society for Psychical Research - SPR, em 1882, Hodgson fez parte do seu quadro de membros, passando para o Conselho, em 1885. Em 1887, foi enviado à América para atuar como secretário na American Society for Psychical Research, em Boston.

Os primeiros contactos de Hodgson com a mediunidade da sra. Piper iniciaram-se em maio de 1887 e foram caracterizados por extremada precaução por parte do investigador, cujo cepticismo era absoluto. Hodgson incumbiu uma pessoa de sua total confiança para fazer as Vezes de detetive,



Dr. Richard Hodgson (1855-1905) estudou a mediunidade da sra. Piper

observando todos os passos da sra. Piper.

Inicialmente, Hodgson suspeitou que a sra. Piper pudesse obter dados referentes às pessoas falecidas e familiares de seus clientes, consultando os registros dos cemitérios. Pensou, também, na possibilidade de a médium inteirar-se das vidas dos falecidos, mediante investigação indireta, através de uma rede de informantes aliciados por ela. Nenhuma destas suposições pôde ser confirmada.

Não satisfeito, Hodgson passou a trazer para as consultas pessoas disfarçadas por pseudônimos, ou camufladas, de maneira a não serem identificadas pela médium e pelos presentes. Tais precauções chegaram a magoar a médium, seus familiares e amigos íntimos. Porém, graças à intervenção do prof. William James, terminaram por compreender e dar razão ao investigador. Posteriormente, Hodgson, vencido pela autenticidade dos fenômenos, tornou-se estimado pela família Piper, à qual se prendeu por fortes laços de amizade até sua morte súbita, em 1905.

Os Primeiros Guias da Sra. Piper

Até 1892, Phinuit era o exclusivo controle da sra. Piper. nesta ocasião, um jovem amigo de Hodgson chamado George Pelham, que falecera em 1892 devido a um desastre, começou a manifestar-se pela sra. Piper, por meio da escrita automática, dividindo com Phinuit o controle da médium. Com o aparecimento de George Pelham, os fenômenos ganharam maior importância e tornaram-se mais enigmáticos, pois começaram a ocorrer manifestações simultâneas dos dois comunicadores; por exemplo: Phinuit falando, ao mesmo tempo em que George Pelham ia escrevendo sobre outro assunto. Outros comunicadores, além de George Pelham e Phinuit, manifestaram-se, também, por este processo.

dr. Richard Hodgson, entre as observações feitas sobre tais fenômenos de transe, relata o seguinte:

"Em uma ocasião quando me achava presente, Phinuit estava prestando atenção ao relatório estenográfico de uma entrevista prévia, comentando acerca dele, fazendo adições às suas declarações sobre alguns assuntos, e ao mesmo tempo a mão escrevendo livre e rapidamente sobre outros temas, bem como, travando conversação com outra pessoa, a mão parecia ser 'controlada' por um amigo falecido desta pessoa. Isto

manteve-se por mais de vinte minutos". (Hodgson, 1898, pp. 292-293)

Sir Oliver Lodge em sua obra *The Survival of Man* (Lodge, 1909, p. 242) chama a atenção para um trecho do relatório do dr. Richard Hodgson, a respeito do mecanismo desse controle duplice dos comunicadores sobre a sra. Piper. O sumário feito pelo dr. Hodgson contém a essência das explicações dadas pelos principais comunicadores a respeito da maneira como o fenômeno aparece para eles. Sir Oliver Lodge transcreveu na íntegra o referido trecho, extraindo-o dos *Proceedings* da SPR, volume XIII, parte XXXIII, fevereiro, 1898. Por ser de grande importância, vamos vertê-lo para o português, a seguir:

"As declarações dos 'comunicadores' acerca do que ocorre do lado físico pode ser colocado em breves termos gerais, como segue: Todos nós temos corpos compostos de 'éter luminífero' inclusos em nossos corpos de carne e sangue. A relação do corpo etéreo da sra. Piper com o mundo etéreo, no qual os 'comunicadores' alegam habitar, é tal que uma reserva especial de energia peculiar é acumulada em conexão com seu organismo, e isto aparece para eles como 'uma luz'. O corpo etéreo da sra. Piper é removido por eles, e seu corpo ordinário aparece como uma concha cheia desta 'luz'. Vários 'comunicadores' podem estar em contacto com esta 'luz' ao mesmo tempo. Existem duas principais 'massas' dela em seu caso, uma em conexão com a cabeça, a outra em conexão com o braço e a mão direita. Ultimamente, aquela em conexão com a mão tornou-se 'mais brilhante' do que aquela em conexão com a cabeça. Se o 'comunicador' entra em contacto com a 'luz' e formula seus pensamentos, eles tendem a reproduzir-se por movimentos no organismo da sra. Piper. Muito poucos podem produzir efeitos vocais, mesmo quando em contacto com a 'luz' da cabeça, mas praticamente todos podem produzir movimentos de escrita quando em contacto com a 'luz' da mão. *Coeterisparibus*, as comunicações dependem sobretudo da quantidade e do brilho desta 'luz'. Quando a sra. Piper está com a saúde abalada, a 'luz' fica mais fraca, e as comunicações tendem a ser menos coerentes. Isto também costuma suceder durante uma sessão, e quando ela diminui existe uma tendência à incoerência mesmo no caso de comunicadores claros. Em todos os casos, pôr-se em contacto com esta 'luz' tende a provocar perturbação, e se o contacto é continuado por muito tempo, a 'luz' torna-se muito pálida e a consciência do comunicador tende a obnubilar-se completamente.

Então brotam fluxos de emoção excitada pela presença de amigos

encarnados, idéias dominantes que o perturbaram quando ele mesmo era encarnado, o desejo de dar conselho e assistência a outros amigos e parentes vivos etc., tudo se acumula sobre sua mente; o consulente começa a fazer perguntas acerca de assuntos sem relação com o que ele está pensando a respeito, ele (o comunicador) torna-se mais e mais confuso, mais e mais 'comatoso', perde seu 'domínio' sobre a 'luz' e cai fora, talvez para retornar várias vezes e empenhar-se em uma experiência semelhante". (Hodgson, 1898, pp. 400-401)

A Hipótese da Prosopopéia Metagnômica

Vamos prosseguir, examinando extensa e minuciosamente o caso da sra. Leonore Piper. Achamos mais prático focalizar um modelo de TCM bem investigado e que envolveu um número considerável de cientistas do mais alto padrão, reconhecidamente cépticos e cautelosos. Assim, o leitor poderá fazer melhor idéia do modo como foi observada a TCM no Período Científico, especialmente por parte dos membros da Society for Psychical Research - SPR durante sua fase áurea.

O episódio de George Pelham é particularmente de grande interesse. Seu verdadeiro nome em vida era George Pellew. Ele formou-se em Direito, mas tinha pendor para a literatura. Fora amigo do dr. Richard Hodgson, a quem externava seu ponto de vista de que a idéia da sobrevivência era não só improvável como inconcebível. Hodgson afirmava que, se a sobrevivência parecia improvável, poderia, não obstante, ser concebível. Entretanto, Pelham prometeu que, se ele morresse primeiro e sobrevivesse, retornaria para esclarecer tal questão. E, de fato, Pelham cumpriu a palavra!

Em fevereiro de 1892, aos 32 anos, em New York, Pelham veio a falecer devido a uma queda. Dia 22 de março ele se manifestou pela escrita automática, através da sra. Piper. Durante o período de 1892 a 1898 ele contactou com 130 pessoas, das quais conhecera 30 quando em vida. Essa passagem do reconhecimento dos 30 antigos amigos de Pelham, apresentados à sra. Piper em transe, foi comentada por Ernesto Bozzano (1862-1943) em seu livro de refutação à tese de René Sudre exposta em sua obra *Introduction à la Métapsy'chique Humaine*. O livro de Bozzano leva o título *A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana*, nome este da obra vertida para o português por Araújo Franco. Sabe-se que René

Sudre cita o episódio do reconhecimento, por parte de George Pelham, das 30 pessoas que este conhecera em vida. Como argumentação a favor de sua tese da *prosopopéia metagnômica* Sudre aponta o único caso em que, durante a identificação dos 30 conhecidos, George Pelham, incorporado na sra. Piper, não reconheceu a srta. Warner que ele contactara quando ela era menina. Vamos extrair, diretamente do trabalho de Bozzano, o comentário do dr. Hodgson a respeito da referida passagem:

"Esta sessão, cumpre não esquecer, realizou-se cinco anos depois da morte de Pelham, e este, ao morrer, havia já três ou quatro não via a srta. Warner. Além disso, convém repetir que a srta. Warner era apenas uma menina quando, pela última vez, a vira Pelham, de quem não podia, portanto, ser o que se chama um amigo particular, devendo ao mesmo tempo ter sensivelmente mudado depois dos oito anos. Este interessante episódio de não reconhecimento por parte de George Pelham torna-se, portanto, inteiramente natural. O fato, porém, de estar eu perfeitamente informado do nome e do prenome da srta. Warner e de sabê-la conhecida de Pelham, dá, ao não reconhecimento, valor do melhor argumento possível, em favor da tese da existência independente de George Pelham, visto contrapor-se à hipótese de uma personalidade secundária, dependente, para suas informações, da consciência e da subconsciência de pessoas vivas". (Bozzano, 1946, pp. 19 e 20)

Dr. Richard Hodgson, tanto quanto outros que investigaram a mediunidade da sra. Piper, como o prof. William James, o prof. William Romaine Newbold, da Universidade da Pensilvânia, dr. Walter Leaf e sir Oliver Lodge, discutiram amplamente a hipótese de fraude, relativa à extraordinária médium. E todos terminaram por render-se à evidência que apontava para a absoluta honestidade e autenticidade das comunicações presenciadas por eles.

Eliminadas as Suspeitas de Fraude

Em 1898 o prof. William James escreveu na *Psychological Review*.

"O Dr. Hodgson considera que a hipótese de fraude não pode ser mantida seriamente. Concordo absolutamente com ele. A médium tem estado sob observação, a maior parte do tempo sob severa vigilância, assim como para a maioria das condições de sua vida, por um grande

número de pessoas ávidas, muitas delas, para atirar-se em cima de qualquer circunstância suspeita, por (aproximadamente) quinze anos. Durante este tempo, não somente não ocorreu nem uma única circunstância suspeita observada, como também nenhuma sugestão foi alguma vez feita, de qualquer parte, que possa tender a explicar positivamente como a médium, vivendo a aparente vida que ela leva, poderia possivelmente coletar informações acerca de tantos consulentes, por meios naturais. O cientista que esteja convencido da 'fraude' deve aqui lembrar que em ciência, tanto como na vida comum, a hipótese precisa receber especificação e determinação positivas antes que possa ser proveitosamente discutida, e a fraude que não for determinado tipo de fraude, mas simplesmente 'fraude' indiscriminada, fraudem *abstracto*, dificilmente poderá ser vista como uma explicação especificamente científica dos fatos concretos". (Fodor, 1974, pp. 284-285)

O dr. Richard Hodgson, embora praticamente convencido da legitimidade das faculdades mediúnicas da sra. Piper, ainda sentia serem necessárias mais outras investigações, porém que fossem realizadas fora do ambiente da sensitiva. Escreveu à Society for Psychical Research de Londres, sugerindo que se convidasse a médium para uma estada na Inglaterra. O convite veio logo e, no dia 9 de novembro de 1889, a sra. Piper juntamente com as suas duas filhas, Alta e Minerva, partiram de Boston em direção a Liverpool, Inglaterra, onde chegaram no dia 19 de novembro.

A Sra. Piper na Inglaterra

Seu destino era Cambridge. Ali seria submetida às investigações de Frederick William Henry Myers e de outros membros da Society for Psychical Research, em Londres.

Sua hospedagem inicial em Liverpool foi em casa da família Oliver Lodge, onde todas as precauções foram previamente tomadas, no sentido de evitar o contacto da sra. Piper e suas filhas com pessoas que pudessem informá-las a respeito dos parentes da família e dos amigos do casal Lodge. Até a criadagem da casa fora toda substituída na véspera da chegada dos hóspedes. Tudo o que pudesse servir de possível fonte de informação, como a Bíblia onde havia registro dos membros da família e os álbuns de fotografia, foi cuidadosamente escondido. Até a correspondência dirigida à sra. Piper era devidamente examinada pelo

prof. Lodge. Não havia como a médium obter qualquer informação prévia, acerca de pessoas com quem ela eventualmente fosse contactar.

No dia seguinte, ela e suas filhas seguiram para Cambridge, acompanhadas por Myers, em cuja casa seriam hospedadas. Idênticas precauções foram tomadas, visando isolar a médium de qualquer acesso a informações. Acrescia a tais cuidados o fato de se acharem ela e suas filhas, pela primeira vez, em um país estrangeiro.

Entre novembro de 1889 e fevereiro de 1890, a sra. Piper deu 88 sessões supervisionadas por Myers, prof. Lodge e dr. Walter Leaf. Durante todo o período de demora da sensitiva, ela foi permanentemente vigiada, a fim de ser assegurada a impossibilidade de obter informação acerca das pessoas que eventualmente viessem a participar como consulente em suas sessões.

Em seu relatório feito a pedido de Myers, o prof. Lodge declarou que, nas comunicações obtidas através da sra. Piper, "existe mais do que pode explicar-se por qualquer espécie de fraude, seja consciente ou inconsciente". Ele declarou, ainda, que "o fenômeno é genuíno, embora ele esteja para ser explicado" Finalmente, fez as seguintes afirmações: "1) A atitude da sra. Piper não é de dolo. 2) Nenhuma tapeação concebível por parte da sra. Piper pode explicar os fatos". (Lodge, 1909, p. 201).

Em 1890, a sra. Piper e suas filhas retornaram à América, deixando na Inglaterra numerosos amigos e sinceros admiradores. Pela sua bela aparência, dignidade e afabilidade, a sra. Piper soube conquistar a total confiança de todos os que com ela puderam privar-se.

Os Novos Guias da Sra. Piper

Como já informamos anteriormente, em 1892 surgiu o controle George Pelham que tomou parte da atuação de Phinuit.

Em 1897 um novo grupo de entidades assumiu o controle da médium. Embora não unanimemente reconhecido como tal, parecia ser o famoso grupo que dirigira as sessões do grande médium William Staiton Moses (1839-1892), sob o comando de um chefe que se denominava Imperator. Pelo menos adotavam os mesmos nomes e distribuição hierárquica.

Imperator não escrevia diretamente as suas comunicações. Outra entidade que se denominava Rector fazia as vezes de amanuense, escrevendo as mensagens ditadas por Imperator. Havia, ainda, outra

entidade, Doctor, que supervisionava os ensinamentos de natureza filosófica.

O Grupo Imperator teve uma influência benéfica na produção mediúnica da sra. Piper. Phinuit foi eliminado do quadro de controles da médium. George Pelham continuou, porém com atuação mais reduzida. A entrada e a saída do transe tornaram-se livres de agitação, e o teor das comunicações adquiriu um nível mais elevado e menos fútil e corriqueiro.

Vencido o Cepticismo de Hodgson!

O dr. Richard Hodgson, inicialmente um céptico absoluto, foi lentamente sendo vencido pela seriedade e autenticidade das comunicações fornecidas pela sra. Piper durante seus transe mediúnicos. Mais para o fim de suas investigações, Hodgson manifestou-se inclinado a aceitar a hipótese da sobrevivência e da comunicabilidade dos Espíritos:

"E pode ser que experimento ulterior, nas linhas de investigação anteriores a nós, possa levar-me a mudar minha opinião; mas presentemente não consigo confessar ter qualquer dúvida de que os principais 'comunicadores', aos quais me referi nas páginas precedentes, são verdadeiramente as personalidades que eles afirmam ser, que eles sobreviveram à transição que nós chamamos morte, e que se comunicaram diretamente conosco que nos chamamos vivos, através do organismo em transe da sra. Piper". (Hodgson, 1898, pp. 405-406)

Há também um episódio que deve ter marcado profundamente o dr. Hodgson. É citado no trabalho do dr. Hereward Carrington: *The Story of Psychic Science*. Trata-se do seguinte:

"Quando ainda jovem, Hodgson vivia na Austrália, onde nascera. Nessa ocasião ele se apaixonou por uma garota e quis casar-se com ela. Devido a princípios religiosos, seus pais opuseram-se ao casamento. Desgostoso, Hodgson foi para a Inglaterra e nunca mais cogitou de casar-se. Um dia, durante uma sessão com a sra. Piper, a jovem amada inesperadamente comunicou-se com o dr. Hodgson e o informou de que ela havia falecido pouco tempo antes. Este incidente, cuja veracidade foi confirmada, produziu-lhe profunda impressão". (Fodor, 1974, p. 170)

Após dez anos de pesquisas com a sra. Piper, Hodgson passou um ano na Inglaterra, regressando novamente à América para reencetar seus estudos sobre a médium

Conclusão

Até o fim de sua existência, Hodgson levou uma vida modestíssima de celibatário, morando em um pequeno quarto, na Rua Charles, nº 15, em Boston.

Nos últimos anos de sua vida ele desenvolveu a mediunidade de escrita automática, recebendo comunicações diretas de alguns dos mesmos controles da própria sra. Piper: Imperator, Rector e outros.

Dr. Richard Hodgson faleceu devido a uma parada cardíaca, ocorrida durante uma partida de *handball* no Boat Club, em Boston, no dia 20 de dezembro de 1905.

Após sua morte, ele deu comunicações na Inglaterra, pela sra. Holland, bem como na América, através da mediunidade da sra. Piper.

Depois da morte de Hodgson, a sra. Piper fez, ainda, mais duas viagens à Inglaterra, uma em 1906, e outra em 1909.

Um dos principais motivos do seu retorno à Inglaterra, em 1906, prendeu-se à questão do famoso episódio das correspondências cruzadas. Este fato teve início com as tentativas de TCM realizadas pelos Espíritos dos falecidos investigadores da SPR: Edmund Gurney (1847-1886), Henry Sidgwick (1838-1900) e Frederick William Henry Myers (1843-1901)

No próximo capítulo relataremos o importante episódio das correspondências cruzadas. Este fato permitirá uma visão panorâmica da TC no período científico, focalizada particularmente sob o ângulo da Society for Psychical Research - SPR a qual congregou praticamente quase todos os maiores pesquisadores da Europa.

As Correspondências Cruzadas

Nem tudo o que é provado deve ser obrigatoriamente verdadeiro.

Enem tudo o que é verdadeiro pode ser definitivamente provado.

Iriah Rubinstein

A Sobrevivência após a Morte

Logo no início da Society for Psychical Research - SPR, em 1882, um problema relevante prendeu a atenção dos seus primeiros investigadores: a *questão da sobrevivência da personalidade após a morte*. Naquela ocasião, o método científico já havia imposto a sua confiabilidade e o seu domínio, devido às conquistas técnicas dele resultantes. Vigorava, portanto, um clima propício para o desenvolvimento de uma reação sistemática a todas as idéias que sugerissem estar apoiadas apenas sobre um fundamento metafísico. Desse modo, o cepticismo rigoroso em relação às manifestações ditas psíquicas tornou-se uma regra geral. A tendência era explicar todos os fenômenos, através de raciocínios baseados em fatos concretos, em evidências observacionais e experimentais.

A pesquisa psíquica não nasceu de meras conjecturas místicas ou mesmo supersticiosas. Ela surgiu como resultado da pressão dos fatos. Os fenômenos paranormais eram uma realidade que estava sendo discriminada por excesso de posicionamento ideológico exclusivamente materialista e positivista. Os fundadores da SPR foram os pioneiros da pesquisa psíquica e temiam enfrentar a reação violenta manifestada

pela ortodoxia científica predominante. Por isso, tiveram de adotar uma postura rigorosíssima no julgamento dos dados auferidos com a observação dos fenômenos da área paranormal. Eles próprios também cultivavam um cepticismo racional em relação aos fatos que observavam e estudavam.

A questão da sobrevivência era, por este motivo, igualmente encarada com a máxima cautela, pelos primeiros investigadores que procuraram resolvê-la. Eles, mais do que ninguém, conheciam os cuidados que deviam ser tomados em uma pesquisa desta categoria. O primeiro conselho da SPR compunha-se de membros espiritualistas e não espiritualistas. Justamente os não espiritualistas, prof. Henry Sidgwick (presidente), Edmund Gurney, prof. William F. Barrett, prof. Balfour Stuart e Frederick W. H. Myers foram os que estiveram mais interessados, inicialmente, no estudo das evidências de apoio à sobrevivência. Apesar de não serem espiritualistas, eles consideravam da máxima importância a solução desse problema, em termos de Ciência positiva. (Myers, 1961, p. 21)

Posteriormente, foram se convencendo da sobrevivência, mas ainda encaravam com reservas a tradicional maneira de se conceituar o Espírito humano. Duvidavam que o Espírito fosse uma entidade discreta habitando o corpo físico, e que aquele pudesse sobreviver à morte, conservando todas as características da personalidade, suas peculiaridades, afeições e ódios.

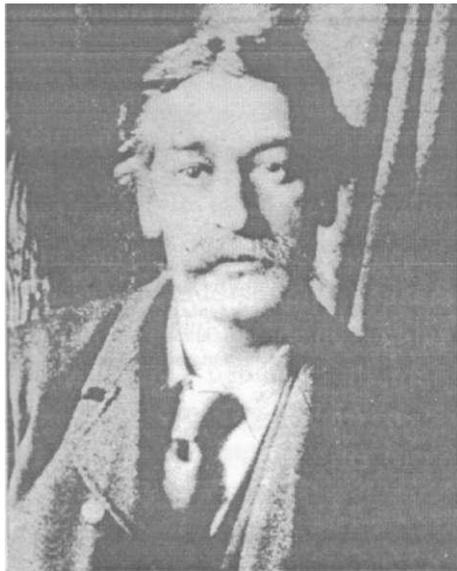
Os pioneiros da SPR contaram com a colaboração de grandes médiuns, como as sras. Leonore E. Piper e Eusábia Paladino e vários outros. Particularmente, a sra. Piper foi a médium que mais evidências produziu acerca da sobrevivência. Submetida aos mais rigorosos testes, a sra. Piper abalou profundamente a resistência de seus observadores, mas não conseguiu eliminar definitivamente a dúvida que a maioria deles alimentava relativamente à sobrevivência. As evidências mais gritantes manifestadas pela sua mediunidade eram sempre explicadas pela possibilidade de ter havido captações por telepatia ou clarividência por parte da médium. No final, Hodgson chegou a convencer-se da sobrevivência. O mesmo ocorreu com sir Oliver Lodge e Myers, William James e a sra. Sidgwick (esposa de Henry Sidgwick), chegaram a aceitar a sobrevivência, mas preferiram admitir que os guias espirituais da sra. Piper eram produtos do seu inconsciente.

Este clima de incredulidade havia sido criado e alimentado pelos pioneiros da SPR, influenciados pelo desenvolvimento da Ciência materialista que se mostrava triunfante em todos os setores das atividades humanas. Eles deram excessiva ênfase às possibilidades da telepatia e da clarividência e deslizaram para uma posição de cepticismo e reducionismo, da qual eles próprios iriam tornar-se as principais presas. Isso ocorreu após a morte de alguns deles. Uma vez do lado de lá, perceberam, tardiamente, que eles próprios haviam contribuído para se fecharem as portas da comunicação dos mortos com os vivos; deles com seus companheiros que ficaram no mundo dos encarnados. Daí inventaram um método de comunicação mediúnic, que fosse capaz de reduzir ao mínimo, senão eliminar, as possibilidades de uma explicação reducionista neutralizadora das provas de suas identidades.

Criaram o processo das correspondências cruzadas!

Correspondências Cruzadas

Edmundo Gurney foi uma das mais proeminentes figuras da SPR em seu início. O interesse de Gurney pela pesquisa psíquica surgiu da descoberta da telepatia, que naquela época era denominada "transmissão do



Edmund Gurney (1847-1888). Falecido alguns anos antes de Myers e Sidgwick, Gurney une-se a eles como quando em vida, pois foi um dos fundadores da SPR, da qual ocupou o cargo de secretário honorário

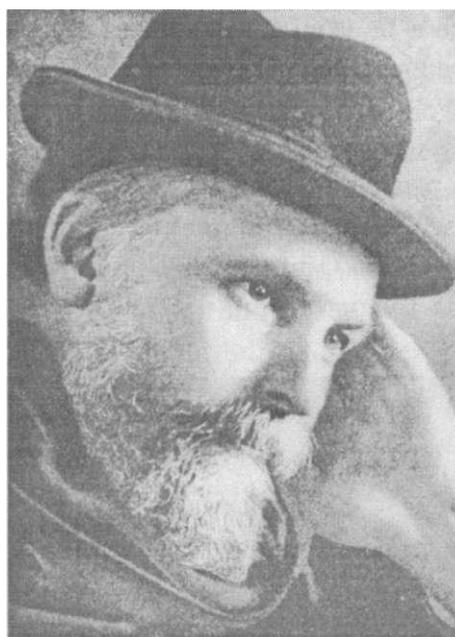
pensamento". Foi o principal autor do clássico *Phantasm of the Living* escrito em parceria com F. W. H. Myers e Frank Podmore. Gurney faleceu em 1888. Logo depois faleceram Henry Sidgwick (1900) e Myers (1901). (Gurney, Myers, Podmore, 1975)

Myers deixou inúmeros amigos, entre eles o dr. A. W. Verrall e sua esposa, sra. Verrall, ambos eruditos e professores universitários. A sra. Verrall e seu marido haviam sido estimulados por Myers em relação às pesquisas psíquicas. Com a morte de Myers, a Sra. Verrall, enfrentando as dificuldades antepostas pelos

preconceitos do ambiente racionalista que a rodeava, procurou facilitar-lhe a demonstrar a sua sobrevivência à morte. Para isso, ela se ofereceu como intermediária, através da escrita automática (psicografia) praticada por ela própria. Durante cerca de três meses, a sra. Verrall se esforçou para obter alguma mensagem de Myers, na qual ficassem caracterizados os dotes culturais deste último. Como se sabe, Myers foi um brilhante intelectual, profundo conhecedor dos clássicos gregos e latinos; além disso, ele era poeta consumado e brilhante psicólogo. Durante trinta anos exerceu o posto de Inspetor de Faculdades, em Cambridge, tendo se interessado pela pesquisa psíquica, em 1869, por influência do prof. Henry Sidgwick.

Os primeiros escritos automáticos obtidos pela sra. Verrall e atribuídos a Myers eram redigidos em um grego e um latim muito abaixo do nível que deveria esperar-se caso fossem produzidos pelo próprio signatário das comunicações. Outro fato curioso: eram redigidos de uma forma estranha; tão estranha que seu significado parecia estar sendo propositalmente alterado. Não obstante, traziam a assinatura de Myers.

Tais psicografias, com o tempo, passaram a melhorar, tornando-se mais coerentes, porém ainda mantinham seu caráter enigmático. Nesse ponto, começaram a surgir mensagens atribuídas a Myers, psicografadas por outras médiuns situadas, algumas delas, em locais bem distantes de onde se encontrava a sra. Verrall. Essas médiuns, por sua vez, ignoravam inteiramente as mensagens recebidas pela sra. Verrall, bem como pelas demais colegas. A primeira a receber mensagens atribuídas a Myers, depois da sra. Verrall, foi a sra. Piper, nos Estados Unidos. O mais estranho é o fato de que as psicografias recebidas por essa famosa médium faziam



Frederick William Henry Myers (1841-1901). Logo após sua morte, Myers iniciou as tentativas de demonstrar sua sobrevivência, ditando as primeiras correspondências cruzadas, juntamente com Gurney e Sidgwick

alusões aos mesmos assuntos contidos nos escritos captados pela sra. Verrall. Um ano após essa última haver iniciado tais experiências, sua filha, Helen Verrall, passou também a receber mensagens assinadas por Myers. E, curiosamente, aludindo aos mesmos temas obtidos por sua mãe, a sra. Verrall. Entretanto, Helen Verrall ignorava o conteúdo dos escritos vindos por intermédio de sua genitora.

Esses escritos eram remetidos à secretária da SPR, srta. Alice Johnson. Isso era feito rotineiramente, pois Myers pertencera ao quadro de membros da SPR, portanto nada mais natural do que enviá-los àquela Sociedade.

A sra. Fleming, irmã de Rudyard Kipling, vivia na Índia. Ela possuía dotes de psicógrafa, mas seu esposo e sua família eram contrários a quaisquer práticas desse gênero. Por isso ela adotava o pseudônimo de sra. Holland. Essa médium começou também a receber mensagens assinadas por Myers. Em uma delas veio a instrução para que ela remetesse os escritos à sra. Verrall e deu até o seu endereço correto: 5 Selwyn Gardens, Cambridge. Todavia, não conhecendo pessoalmente a sra. Verrall e sendo também bastante céptica quanto aos seus próprios escritos, a sra. Holland resolveu enviar estas e as demais psicografias à srta. Alice Johnson, da SPR, que as arquivou, sem suspeitar que tais mensagens psicografadas na Índia pudessem ter alguma relação com os escritos remetidos pela sra. Verrall e sua filha Helen, bem como pela sra. Piper, dos EUA.

Em 1905, a srta. Alice Johnson percebeu que os escritos a ela enviados, de lugares tão diferentes e por médiuns que não tinham relacionamento entre si, faziam parte de um sistema congruente e revelavam um plano destinado a fornecer a evidência de que as personalidades de Gurney Sidgwick e Myers haviam sobrevivido à morte, continuando intelectualmente ativas.

Agora já podemos entender o que seja uma correspondência cruzada. Esta ocorre quando comunicações escritas ou faladas, através de médiuns automatistas situadas em locais diferentes, separadas e sem trocarem informações entre si, se completam e fecham sentido acerca de um determinado assunto. Geralmente, as mensagens produzidas separadamente pelos médiuns não são inteligíveis. Entretanto, quando juntadas, passam a ser compreendidas e, muitas vezes, revelam o elevado nível cultural da personalidade desencarnada que se supõe tê-las

transmitido, normalmente muito superior ao dos próprios médiuns. As extensas séries, complexamente interligadas a que nos referimos, apareceram durante 31 anos, de 1901 a 1932, formando um volumoso documentário coletado pela SPR. Essas mensagens foram em parte escritas e em parte faladas.

As Correspondências Cruzadas São Analisadas

Como já mencionamos anteriormente, os médiuns eram todos mulheres associadas à SPR. Vamos lembrar seus nomes, aos quais acrescentaremos o da sra. Willet que se reuniu ao grupo posteriormente: sra. M. G. Verrall, esposa do prof. A. W. Verrall; srta. Helen Verrall, filha dos esposos Verrall, mais tarde sra. W. H. Salter; sra. E. Piper; sra. Holland (pseudônimo da irmã de Rudyard Kipling); e a sra. Willet (pseudônimo da Sra. Winifred Coombe-Tennant).

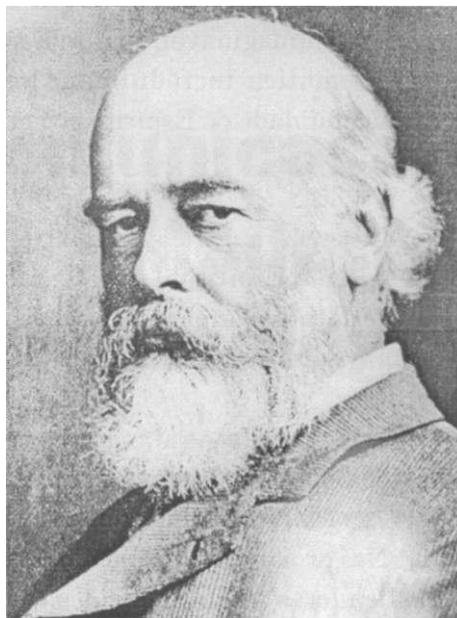
Inicialmente, os comunicadores das correspondências cruzadas eram os principais líderes da SPR: F. H. W. Myers, Henry Sidgwick e Edmund Gurney. Posteriormente, alguns mais que foram falecendo passaram a participar do grupo de comunicadores, a exemplo do que ocorreu com Richard Hodgson.

Cinco membros da SPR interessaram-se, inicialmente, em estudar as correspondências cruzadas. Foram eles: srta. Alice Johnson; J. G. Piddington; G. W. Balfour (conde de Balfour); sir Oliver Lodge, e sra. E. M. Sidgwick (viúva do prof. Henry Sidgwick). O trabalho em que se empenhavam era árduo e difícil. As mensagens continham material de elevada erudição, trazendo inúmeras frases em grego e latim, além de outras alusões a obras literárias. Isso obrigava os estudiosos a se revelarem, também, cultos e eruditos. Acrescia a essas dificuldades o fato de as mensagens serem fragmentárias e obscuras, o que exigia um trabalho de decifração igualmente arguto e exaustivo.

A equipe de estudiosos desses escritos viu-se à frente de uma tarefa gigantesca que foi aumentando com o decorrer do tempo. O número de médiuns automatistas subiu para 12. Além da sra. Willet, que aderiu ao grupo das primeiras médiuns, em 1908, surgiu a sra. Edith Lyttelton, em 1913; depois a sra. Stuart Wilson, em 1915, e diversas outras contribuíram para a ampliação do quadro das automatistas, bem como para a proliferação das correspondências cruzadas.

Todo esse imenso acervo de mensagens sugeria que tal material fora cuidadosamente preparado e selecionado por Myers e seus colegas desencarnados. Seu objetivo era produzir evidências de suporte à crença na sobrevivência, de forma a não serem refutadas por meio de hipóteses reducionistas baseadas nas possibilidades da telepatia e da clarividência.

Trata-se, talvez, da maior e mais original operação de TCM levada a efeito no período científico. Constituiu um vasto esforço conjugado, tendo de uma parte um punhado de cientistas desencarnados da mais alta qualidade, e de outro lado uma magnífica equipe de excelentes médiuns automatistas. Restamos, agora, fazer uma avaliação dos resultados alcançados com as correspondências cruzadas.



Sir Oliver Lodge (1851-1940)

Avaliação

Teriam as correspondências cruzadas produzido os frutos que deveriam ter sido aguardados pelos Espíritos de Myers, Sidgwick, Gurney e mais outros companheiros desencarnados que se juntaram a eles? A resposta poderá ser sim e não. Alguns dos membros cépticos da SPR terminaram por convencer-se da sobrevivência. Por exemplo, a sra. Sidgwick chegou a confessar, apesar da sua extrema cautela: "Pessoalmente admito que as provas levam à conclusão de que os nossos colegas estão ainda trabalhando conosco". Lord Balfour também rendeu-se à evidência, após muitos estudos e reflexões. Finalmente declarou "inclinar-se fortemente a favor de uma resposta afirmativa". Outros como o dr. Richard Hodgson, um dos mais notáveis investigadores da SPR e, também, um dos mais cépticos, tornou-se crente na sobrevivência, nos últimos tempos de sua vida terrena. Após sua morte, passou a participar na produção das correspondências cruzadas através da sra. Holland e de mme. Piper. Do mesmo modo, o prof. William James e outros mais, como sir Oliver Lodge, mostraram-se convencidos da sobrevivência.

Entretanto, os efeitos das correspondências cruzadas atenuaram-se com o passar dos anos. Essas comunicações foram sendo sepultadas por um sem-número de fatos novos, pela ênfase dada à pesquisa laboratorial da função psi e pelo cultivo de hipóteses explanatórias apoiadas em um posicionamento reducionista crescente. Dessa forma, a maioria dos parapsicólogos atuais continua a aguardar uma espécie de evidência inimaginável, que seja suficientemente forte para vencer a sua sistemática incredulidade relativamente à sobrevivência e à comunicabilidade do Espírito após a morte.

Conclusão

Para nós, até prova em contrário, o que se deduz dos fatos ocorridos é que o Plano Espiritual vem tentando sistematicamente comunicar-se com as criaturas humanas vivas, visando alertar-nos acerca da realidade da sobrevivência após a morte e das conseqüências morais e éticas desse fato.

De um modo geral, não nos foi possível apresentar um panorama total, completo, e sim uma pequeníssima amostragem desses eventos. Como se observa, focalizamos principalmente a fase da TCM.

Nos próximos capítulos daremos mais ênfase ao período em que os investigadores foram induzidos a contactar os transcomunicadores do Plano Espiritual, através de instrumentos. Esta fase corresponde à TCI.

Antes disso, ainda se faz necessário abordar uma fase intermediária, no sentido qualitativo e não cronológico, da pesquisa paranormal. Esta fase representa, de certa forma, uma tentativa de TC que foi abortada logo no seu início.

A Transcomunicação e a Moderna Parapsicologia

Se destruíssemos na humanidade a crença na imortalidade, não só o amor, mas também as forças que mantêm a vida no mundo secariam na mesma hora. (Dostoiévsky)

Modificações Ocorridas ao Longo do Período Científico

Ao focalizarmos a evolução da pesquisa dos fenômenos paranormais no Período Científico (segundo Charles Richet), limitamos praticamente a apresentar as fases correspondentes a William Crookes e à Society for Psychical Research da Inglaterra. Pouca coisa teríamos a destacar, além do que foi relatado nesta pequena amostragem de fatos pertencentes à TC, e que fosse muito diferente. Isso não significa que nada mais se investigou além do que mencionamos até aqui. Pelo contrário, os relatórios, artigos, revistas, livros, teses etc. concernentes à fenomenologia paranormal é imensamente extensa e variada. O que pretendemos esclarecer é que as manifestações dos fenômenos de TC continuaram a ocorrer aproximadamente da mesma forma.

Todavia, com o desenvolvimento muito acentuado da Ciência e particularmente da Tecnologia resultante da aplicação prática das descobertas científicas, o interesse pela investigação dos fenômenos

paranormais espontâneos sofreu um forte declínio. Outros centros de pesquisas foram fundados, mas não contaram com o suporte financeiro oficial. Isso é compreensível se atentarmos para o fato de que uma tal



Dra. Louisa E. Rhine (1891-1983) e dr. Joseph Banks Rhine (1895-1980). Casal Ilustre ao qual é creditada a fundação e desenvolvimento da Moderna Parapsicologia. Ambos dedicaram-se durante toda a vida à pesquisa e ao progresso da mais jovem e contravertida disciplina científica, a Parapsicologia

investigação, ainda que de caráter rigorosamente científico, oferece perspectivas pouco lucrativas e de aplicação prática duvidosa. Por essa e outras razões, os institutos de pesquisas parapsicológicas tiveram de tornar-se auto-suficientes econômica e financeiramente, ou então ser mantidos por doações particulares.

Um acontecimento importante, todavia, ocorreu nos EUA, em relação à investigação dos fenômenos paranormais. Esse evento produziu modificações decisivas na área da pesquisa parapsicológica. Trata-se da fundação do Laboratório de Parapsicologia na Duke University (Universidade de Duke), em Durham, Carolina do Norte, em 1930. Até então, nenhuma universidade havia incluído em seu curriculum a pesquisa dos fenômenos paranormais.

O fato da Universidade de Duke ter admitido em seu Departamento de Psicologia o estudo dos fenômenos paranormais, especialmente com vistas à pesquisa da sobrevivência, decorreu da conjugação de vários fatores favoráveis. Ei-los: a Universidade de Duke era recém-instalada, portanto não possuía qualquer tradição de ortodoxia rigidamente implantada e que tivesse de ser contrariada; seu presidente fundador, dr. William Few, estava organizando o novo Departamento de Psicologia e havia convidado para chefiá-lo o prof. William Mc Dougall, notável psicólogo britânico, ex-presidente da Society for Psychical Research, trazido de Harvard em 1927; o prof. Mc Dougall tinha especial interesse pela Pesquisa Psíquica, particularmente pela questão da sobrevivência.

Em setembro de 1927, o jovem casal de biólogos, dr. Joseph Banks Rhine e sua esposa dra. Louisa Ella Rhine, veio para a Duke University a

fim de cumprir um período de estudo de pós-doutoramento, sob a orientação do prof. Mc Dougall, com vistas à validade científica da nova disciplina conhecida como Pesquisa Psíquica. Muito embora o espectro abrangido pela Pesquisa Psíquica seja enorme, a principal missão confiada aos Rhines tinha relação com a alegada comunicação mediúnicamente de pessoas desencarnadas, ou seja, a questão da sobrevivência após a morte.



Prof. William Mc Dougall. Notável psicólogo britânico, da Universidade de Harvard, deu início à pesquisa parapsicológica na Universidade de Duke, contratando o jovem casal Rhine para este fim. Ele tinha especial interesse na pesquisa da sobrevivência

Naquela ocasião, o assistente superintendente das escolas da cidade de Detroit, dr. John F. Thomas, visitava a Duke University e concedeu-lhe, então, uma subvenção para pesquisa. Ele acertou com o prof. Mc Dougall usar o suporte financeiro, no estudo de uma grande coleção de notas estenográficas tomadas durante sessões mediúnicas. Tratava-se de presumíveis comunicações do Espírito da falecida esposa do dr. Thomas. O casal Rhine fora incumbido de realizar o aludido trabalho, sob a supervisão do prof. Mc Dougall.

J. B. Rhine e sua esposa haviam feito, juntos, na Universidade de Chicago, o seu curso de Biologia. Eles eram oriundos de famílias religiosas, mas já se tinham emancipado das crenças em que foram educados. Porém, mesmo assim, ambos estranhavam o caráter extremamente mecanicista impresso à Biologia durante o seu ensino na escola. E, pois, natural que as referências à Pesquisa Psíquica lhes tenham chamado a atenção. Entretanto, viam com cepticismo as afirmativas que alguns cientistas, como sir Oliver Lodge, faziam a respeito da sobrevivência após a morte, e da comunicação com o Mundo Espiritual. Não consideravam válidas tais questões. Mas, ao mesmo tempo, não achavam científico ignorá-las. Talvez existisse, para as mesmas, uma base real. Pensavam ser possível investigá-las cientificamente. Foi com o interesse em acrescentar à Biologia algum novo conceito acerca da natureza da própria vida, que os Rhines aceitaram

encetar a pesquisa da sobrevivência, sob a orientação do prof. William Mc Dougall, indiscutível autoridade em Psicologia e em Pesquisa Psíquica, naquela ocasião.

Rhine e sua esposa, portanto, iniciaram a pesquisa, sem uma crença prévia na sobrevivência, e sim visando um entendimento acerca da natureza do homem. Entre 1927 e 1928, trabalharam com o material mediúnico do dr. Thomas, sob a supervisão do prof. Mc Dougall.

Quase logo de início, os estudos feitos com o material em questão



Sra. Eileen Garret (1893-1970). Uma das grandes médiuns da Inglaterra colaborou com J. B. Rhine no início da fase parapsicológica. Ela foi fundadora da Parapsychology Foundation, Inc. Nasceu na Irlanda e viveu grande parte de sua vida nos EUA

puseram em discussão a verdadeira fonte de informação da qual o médium se valia. Tomadas em consideração pelo seu estrito valor, pareceu aos investigadores que as informações dadas pelos diversos médiuns com os quais o dr. Thomas havia trabalhado tinham sido realmente captadas de uma fonte estranha aos próprios sensitivos. Só não se sabia de onde os médiuns haviam obtido as informações, se, de algum objeto (psicometria), se de uma pessoa viva (telepatia), ou se de uma pessoa falecida (TCM). Por conseguinte, havia a possibilidade de ter ocorrido apenas uma captação extra-sensorial, de algum objeto ou de qualquer pessoa viva.

Depois de um ano no Departamento de Psicologia da

Duke, J. B. Rhine começou a fazer pesquisas sistemáticas de telepatia e clarividência, chegando à conclusão de que, no homem pelo menos, devia haver uma espécie de percepção extra-sensorial - ESP. Desse modo, não foi possível saber, com certeza definitiva, se os médiuns realmente recebiam as informações diretamente dos Espíritos da falecida esposa do dr. Thomas, ou se as colheram das mentes das pessoas que a conheceram, ou mesmo dos objetos que pertenceram à morta.

Posteriormente, pesquisas levadas a efeito com material similar e, mais tarde, com a célebre médium, sra. Eileen J. Garrett, conduziram aos mesmos resultados. Chegaram à conclusão de que o médium poderia sempre ter obtido, extra-sensorialmente, a informação de fontes como os investigadores, assistentes, objetos e pessoas anteriormente relacionadas com o suposto desencarnado. Não havia como separar uma coisa da outra. À medida que as pesquisas acerca da PES e, posteriormente, da psicocinesia (PK) - se intensificavam, mais se reforçava a hipótese que procurava reduzir os fenômenos mediúnicos a estes dois parâmetros: a ESP e a PK.

Desse modo, a *pesquisa da sobrevivência pos-mortem* foi relegada a um segundo plano, para dar lugar proeminente à investigação das funções paranormais.

Ocorreu o que poderíamos considerar uma *deflexão* na rota de pesquisa que vinha sendo seguida desde a velha *Psychical Research* e a antiga *Metapsíquica*. Surgiu daí a *Moderna Parapsicologia*.

Essa deflexão decidiu o rumo que deveria ser seguido daí por diante pela pesquisa paranormal no Período Científico. Nessa linha de investigação, iria predominar o critério positivista e reducionista. Por conseguinte, até nova ordem, a transcomunicação, em seu *stricto sensu*, deixaria de fazer parte do objeto da Moderna Parapsicologia. Entretanto, uma vez registrado um fenômeno do tipo TC, ele receberia, a priori, uma interpretação puramente reducionista, até que evidências inegáveis e irrecusáveis pudessem sugerir outra explicação que não se enquadre dentro da PES e da PK.

Os Novos Rumos da Pesquisa dos Fenômenos Ditos Paranormais

Logo após o estabelecimento da fase inaugurada por Rhine e seus colaboradores, houve um período de intensa agitação e controvérsia concernentes às descobertas proclamadas por eles. Vários cientistas, tanto da área psicológica como de outras disciplinas científicas, preocuparam-se com as conseqüências que poderiam resultar de uma demonstração irrefutável da realidade do paranormal. As evidências apresentadas por Rhine pareciam comprovar, de maneira muito segura, a existência de fenômenos cujas leis não se enquadram, de maneira nenhuma, no elenco das leis conhecidas e eleitas como válidas segundo a Ciência oficial. Esse fato estava a mostrar que o sistema vigente poderia ter graves deficiências

conceituais, ou, então, que Rhine poderia estar apoiado em bases discutíveis. Assim, por exemplo, não estariam, Rhine e seus colegas, usando métodos estatísticos falhos?

As objeções concernentes aos métodos estatísticos usados pela equipe do dr. Joseph Banks Rhine foram debatidos no Congresso de Estatística Matemática de Indianópolis, EUA, em 1937. Nesse conclave, os métodos estatísticos usados por aquela equipe tiveram aprovação unânime.

Em 1938, no Instituto de Estatística Matemática, analisaram-se novamente os métodos de Rhine. A questão foi dividida, desta vez, em dois grupos: 1) O método estatístico; este foi aprovado. 2) O método experimental empregado para a obtenção dos dados numéricos; este foi questionado.

Apesar de todas as precauções tomadas a fim de eliminar as possibilidades de falhas quanto à percepção normal nos testes de PES, ainda restou o problema da aleatoriedade. Lembramos que a maioria dos testes está, também, apoiada na garantia de que as figuras, por exemplo, fornecidas pelo descarte do baralho Zener, durante os testes de ESP, devem dispor-se em seqüências inteiramente ao acaso (aleatórias).

Um terceiro congresso foi convocado sob o patrocínio da Ciba Foundation, em 1956. Para ter-se uma idéia da resistência à aceitação e das precauções suscitadas a respeito da Parapsicologia, ainda existentes naquela ocasião, vale a pena ler os processos dos simpósios então realizados com o objetivo de discutir os resultados experimentais obtidos pelos investigadores.

No citado Simpósio da Ciba Foundation sobre a percepção extra-sensorial foram novamente debatidos ambos os problemas cruciais: O método estatístico-matemático e o problema da aleatoriedade a ser rigorosamente garantida pela técnica experimental. Até então, discutia-se apenas a possibilidade da EPS. (Parkes, 1961)

Nesse Simpósio da Ciba Foundation, a tese parapsicológica saiu praticamente vencedora, mas o combate foi duro! (Andrade, 1967, pp. 77-87)

A partir daí, iniciou-se outra fase que visou o controle da função psi. Verificou-se, logo no início, que a EPS e a psicocinesia PK eram faculdades predominantemente inconscientes. Rhine chamou a atenção

para essa característica da função psi. (Rhine, 1958, pp. 113-114 e Rhine e Pratt, 1962, p. 88). Todas as providências tomadas no sentido de melhorar o desempenho de um sensitivo, durante suas tentativas de captação por ESP, mostraram-se pouco eficientes. Mesmo no caso de agentes macropsicocinéticos, por exemplo, pouca influência se observa nas manobras, treinamentos e tentativas de estimular artificialmente a sua função paranormal. Essas faculdades parecem pertencer a outra categoria causal que foge ao controle consciente do agente paranormal. Não obstante, o estado de saúde física e mental pode influir no desempenho, mas independentemente da vontade do indivíduo.

Todas essas características da função psi tiveram, mais tarde, larga aplicação por parte dos parapsicólogos ditos ortodoxos. Serviram para contestar as explicações de natureza espiritualista propostas para certos fenômenos paranormais. Especificamente as TCIs foram logo enquadradas na categoria de fenômenos de psicocinesia combinada com a percepção extra-sensorial. Outra categoria de ocorrência paranormal imediatamente enquadrada no esquema reducionista materialista foi o poltergeist. Deu-se a ele a denominação de Psicocinesia Recorrente Espontânea, ou RSPK (Recurrent Spontaneous Psychokinesis). E assim por diante...

Conclusão

Em face do que acabamos de expor, achamos lícito admitir que, a partir do advento da chamada Moderna Parapsicologia, a investigação da TC deixará de interessar à sua área de pesquisa, até que se tenham as evidências capazes de alterar-lhe o rumo atual.

Por esta razão e também por motivos didáticos, encerramos o presente capítulo, dando por terminada a nossa análise do Período Científico da Parapsicologia, na área específica da transcomunicação.

Iremos iniciar, a partir do próximo capítulo, a parte correspondente àTCI.

Transcomunicação Instrumental - Exórdio

... Enós descobrimos que o mundo físico conduz, através da própria natureza do espaço, ao interior de um domínio de realidade não física, embora fisicamente efetiva, cujas barreiras nós estamos justamente começando a cruzar.

(Musès, 1977, p. 282)

Dificuldades da TCM

Quando nos referimos a uma comunicação por meio de *instrumentos*, queremos descartar os casos do aparelho vocal, ou outro qualquer órgão anatômico eventualmente usado para receber ou transmitir uma dada informação. Não obstante, tais componentes fisiológicos continuam sendo instrumentos usualmente empregados nas comunicações, sejam elas normais ou paranormais.

No caso das TCMs, o médium seria também um instrumento; sem dúvida o mais perfeito e o que permite as melhores captações de informações partidas das inteligências extrafísicas. O único problema é a afinação do aparelho mediúnico, de maneira a eliminar ao máximo as interferências oriundas da mente do sensitivo. Quando se consegue tal eliminação, nenhum outro instrumento logra superar o médium humano em suas possibilidades. Infelizmente, o grande problema da TCM tem sido justamente a afinação do médium.

Esse óbice não é tão recente assim, pois ele já foi apontado em algumas comunicações através de bons médiuns e constantes da *Revue*

Spirite editada por Allan Kardec. Como exemplo, iremos transcrever um trecho da referida revista. Ei-lo:

"Talvez tenhais achado em minhas reflexões, um pouco longas sobre a imprensa, alguns pensamentos que não aprovais completamente; mas, refletindo sobre a dificuldade, que experimentamos, ao nos pormos em relação com os médiuns e utilizar as suas faculdades, tereis a bondade de passar de leve sobre certas expressões ou certas formas de linguagem, que nem sempre dominamos. *Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não mais encontrareis essas lacunas*, por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos". (Kardec, 1864, p.122, o destaque é nosso)

O citado trecho mediúnico é de autoria do Espírito que se denominava Guttemberg (sic), transmitido através do médium Leymarie. Presumimos que se trata do falecido Johannes Gensfleisch Gutenberg (1400? - 1468?), inventor do sistema de impressão por meio de tipos removíveis.

Na comunicação acima, destacamos uma previsão acerca da TCI mediante processos electrónicos, que já está em voga atualmente. Ao mesmo tempo, é uma informação a respeito das dificuldades que ainda se verificam quanto à confiabilidade das TCMs.

Mas, tais óbices concernentes à qualidade do médium **humane** não são os únicos elementos perturbadores implicados nas TCMs. Os assistentes que compõem o grupo de encarnados que rodeiam o médium, durante uma sessão espírita, também influem ponderavelmente na qualidade das captações mediúnicas. Por melhor e mais fiel que seja um médium, suas transcomunicações são normalmente afetadas pelo? participantes das sessões.

Enfim, o médium humano, pela delicadeza e sensibilidade que • caracterizam, não só como instrumento altamente complexo e sujeito a um enorme espectro de influências, como pela natureza de seu psiquismo, dificilmente conseguirá produzir transcomunicações absolutamente fiéis

Um outro óbice, talvez o mais difícil de superar, é a desconfiança dos que recebem uma comunicação por via mediúnica. É raro encontrar-se, principalmente na época atual, quem ainda não esteja "contaminado" pelas teorias psicológicas e parapsicológicas mais em voga.

Desse modo, há sempre à disposição dos cépticos um punhado de

explicações paralelas, cuja finalidade seria reduzir os fenômenos tidos como de natureza espiritual, a meras ocorrências psicofisiológicas de "fácil interpretação".

Dificuldades Também na TCI

A transcomunicação através de instrumentos e sem a direta intermediação humana poderia oferecer aos cépticos a garantia necessária de que o médium não está influenciando na captação das mensagens. Mesmo assim, ainda restaria uma boa porção de pessoas para quem até as vozes registradas por meio de aparelhos electrónicos seriam igualmente produzidos psicocineticamente pelo inconsciente de um ou mais dos assistentes, entre eles o operador. Para o caso das mesas girantes, por exemplo, é difícil achar um parapsicólogo ortodoxo cuja interpretação não seja esta.

Convém esclarecer que a interpretação reducionista para o fenômeno das mesas girantes é uma tese antiga, pois ela já constava no livro do francês conde Agenor de Gasparin (1810-1871): *Des Tables Tournantes, du Surnaturel en General, et des Esprits* (1854). Embora o conde de Gasparin se dissesse um cristão convicto, ele atribuía o movimento das mesas girantes à *força da vontade* das pessoas vivas. Ele não admitia a hipótese espiritual. (Fodor, 1974, p. 151; e Playfair, 1985, pp. 169-200)

Kenneth J. Batcheldor e as Mesas Girantes

Uma semelhante interpretação reducionista foi adotada pelo falecido psicólogo clínico Kenneth J. Batcheldor, de Devonshire, Inglaterra. Entre 1964 e 1967, Batcheldor levou a efeito mais de duzentas sessões de mesa girante, tendo usado variadamente nove diferentes tipos de mesa. Ele atribuiu os movimentos da mesa à ação psicocinética do grupo de experimentadores, e não à atividade dos Espíritos. São estas as suas palavras:

"... Devemos fazer um esforço para separá-los da sua associação com a idéia de contactar os Espíritos dos mortos, e vê-los em vez disso, como um experimento de PK humana. A hipótese da sobrevivência não é negada por esta abordagem, mas é mantida como uma questão aberta".

(Batcheldor, 1979, pp. 77-93)

O grupo dirigido por Batcheldor não é o único a fazer este tipo de experiência com mesas girantes. Ele foi pioneiro, tendo começado em 1964, em Exeter, sede do condado de Devonshire, Inglaterra. O grupo adotou o nome de Grupo de Exeter. Ele se desfez em 1967. Vários outros grupos sucederam ao de Exeter.

Em 1968 iniciou-se outro grupo independente do anterior, em Grimbsy, sob a orientação de D. W. Hunt. Grande parte da tecnologia do Grupo de Exeter foi transferida para o de Grimbsy por Brookes-Smith que fora um membro do de Exeter.

Em 1971, Brookes-Smith fundou o Grupo de Daventry. Brookes-Smith é um engenheiro e tentou levar a efeito controles e medições dos efeitos conseguidos, a fim de estudar a natureza da "força" desenvolvida nesse tipo de fenômeno.

Phillip e Lilith, Dois Espíritos Fictícios

De todos os grupos, o que produziu os fenômenos mais curiosos foi o de Toronto, Canadá, conhecido como o Grupo de Phillip. As experiências deste grupo foram divulgadas em vários artigos por Íris Owen e Margareth Sparrow, membros da Toronto Society for Psychical Research. Elas publicaram também um livro no qual relataram a estranha "criação" de um "espírito comunicador". (Owen & Sparrow, 1976)

O experimento consistiu na invenção de uma história trágica, na qual teria tomado parte um aristocrata inglês que vivera na época de Oliver Cromwell, e cujo nome seria Phillip. A história (naturalmente fictícia) conta que Phillip casara-se por amor, com uma bela mulher da alta sociedade. Porém, a esposa de Phillip repudiou-o desde a noite de núpcias, temendo vir a ser mãe e perder a elegância de suas formas. Phillip não a abandonou, procurando evitar um escândalo; todavia, inconformado, passou a fazer longos passeios pelos arredores do seu castelo.

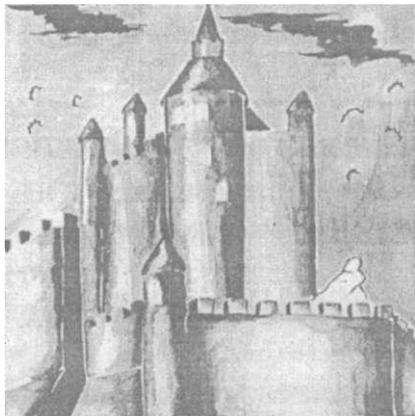
Em uma dessas excursões, Phillip encontrou-se com uma cigana belíssima, cujo nome era Margô. Novos encontros se sucederam e, daí, nasceu uma ardente paixão entre os dois. A esposa de Phillip veio a saber do romance de seu marido com a formosa cigana. Por vingança, denunciou a cigana como feiticeira, alegando que Margô usara de sortilégios para arrebatá-lo o marido. Phillip, temendo maior escândalo,

não interferiu em defesa da cigana inocente. Margô foi torturada e queimada viva pela Inquisição.

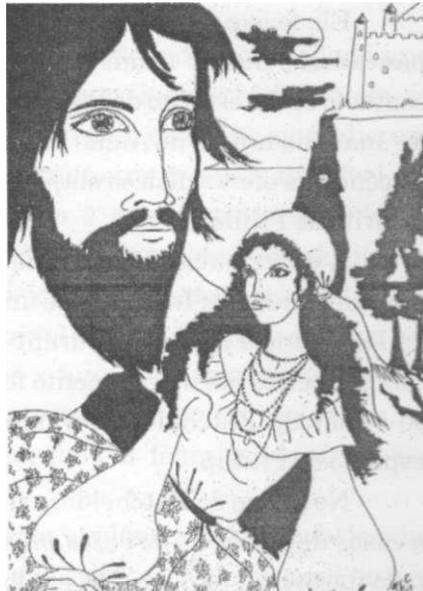
Ralado de dor e de remorso por ter-se acovardado no momento de salvar seu novo amor, Phillip não conseguiu mais dormir. A noite era visto vagando soturnamente pelas ameias do seu castelo, até que, um dia pela manhã, foi encontrado morto, tombado junto ao embasamento da amurada da fortaleza. Suicidara-se.

Após algum tempo, os habitantes do castelo e das suas imediações passaram a avistar, em noites de luar, o espectro de Phillip vagando por entre as ameias do castelo (Tudo também fictício).

A partir de 1972, vários membros da Toronto Society for Psychical Research" tentaram *evocar* o espírito de Phillip. Para isso combinou-se que cada um dos pesquisadores se cientificasse bem da estória de Phillip. Para melhor visualização do caso, foi providenciado um retrato de Phillip.



Após algum tempo, os habitantes do forte e das imediações passaram a ver, em noites de luar, o espectro daquela alma penada passeando por entre as ameias do castelo de Diddington Manor. Era o fantasma de Phillip



Em pouco tempo acendeu-se uma ardente paixão entre Phillip e a formosa cigana Margô

em tamanho grande, o qual passou a figurar na sala de reuniões. Durante muito tempo, o grupo composto de cinco mulheres e três homens tentou obter uma comunicação com o espírito de Phillip, mas sem resultados.

Estavam para desistir quando tomaram conhecimento do método Batcheldor. O grupo canadense resolveu, então, adotar o sistema da mesa girante. O resultado foi positivo e, logo às primeiras sessões, a mesa começou a produzir indícios da presença do pretense espírito.

Ele fez-se anunciar por meio de *raps* e, daí por diante, através de pancadas e outros sinais sonoros, foi estabelecido, definitivamente, o contacto com o espírito de Phillip. Este deu minuciosas informações acerca de sua vida aqui e no Além! Uma emissora de televisão chegou a levar ao ar as cenas de efeitos físicos obtidos durante as comunicações com o fictício espírito de Phillip.

A experiência foi repetida por outro grupo de investigadores da mesma sociedade. Inventou-se um novo personagem, Lilith, uma heroína da Resistência Francesa durante a II Guerra Mundial. Traída por seus companheiros, foi tragicamente fuzilada por um pelotão inimigo. Usando-se o método Batcheldor, foram obtidos resultados semelhantes ao do espírito de Phillip.

No artigo de Batcheldor, citado anteriormente, há breve referência a casos de *gravação de vozes em fita magnética* - tipo Raudive - obtidas pelo mesmo sistema de PK em grupo. A informação é dada por meio de uma nota ao pé da página. Aqui está:

"... Desde que isto foi escrito, os últimos relatórios de Toronto descrevem como a colaboração entre este grupo (o grupo de Lilith) e o grupo de Phillip tem levado Phillip a manifestar-se como tipo-Raudive!

Uma vez que Phillip é fictício, este importante resultado demonstra nitidamente que alguns (se não necessariamente todos) fenômenos de voz electrónica originam-se da PK (psicocinesia) e não de 'espíritos'. Ver *New Horizons* 2, 3, June, 1977. O mesmo contém um relatório de Íris Owen sobre O Quarto Ano de Phillip e menciona ainda mais grupos". (Batcheldor, 1979, p. 82 - nota)

Comentários

Essas experiências tão estranhas sugerem que a função PK deve ser um atributo natural da criatura humana viva. Em condições especiais ela pode exteriorizar-se e agir sobre os objetos materiais. Todavia, testes rigorosos têm revelado que os fenômenos oriundos da ação das funções paranormais (telepatia, clarividência, precognição e psicocinesia) escapam a um enquadramento dentro do sistema das leis conhecidas e admitidas como governando os fenômenos normais. Eles parecem emanar de uma *outra natureza* relacionada com a essência puramente fisiológica da criatura humana. Há evidência de que todo ser vivo deve possuir a função psi, em maior ou menor grau. Seria, então, uma faculdade

inerente à *vida*.

Outros fatos ligados à presença da *função psi* têm revelado que ela é profundamente *inconsciente*. Devido a essa característica ela se torna dificilmente controlável. Essa a razão pela qual não se conhecem meios de produzir voluntariamente, de maneira direta e infalível, os fenômenos paranormais. Sua obtenção é conseguida através de tentativas e, sobretudo, à custa de artifícios ao invés da vontade direta.

Quando ocorre um fenômeno de psicocinesia, estamos assistindo à exteriorização da função PK. Provavelmente ela joga um papel fundamental em nosso organismo, pois a função PK parece ser aquele fator que desencadeia os nossos atos motores voluntários fisiológicos. As demais funções do elenco psi também devem fazer parte do nosso psiquismo.

A realidade da função psi é já uma evidência bem estabelecida, revelando de maneira consistente que a nossa natureza integral possui um componente ainda mal conhecido (*fator psi*) capaz de interagir com a matéria. Da interação desse *fator psi* com o *fator matéria* de um organismo, resulta aquilo que conhecemos como sendo o *ser vivo*.

Quando a parte material do organismo vivo perece, a sua contraparte psi permanece sem sofrer destruição, pois sua essência não é a matéria física. Ela parece ser constituída de outra espécie de matéria: uma *matéria psi*, não perecível. (Andrade, 1986)

Se, mesmo ainda ligada à matéria orgânica do ser vivo, a "contraparte psi" pode manifestar-se, imitando a presença fictícia de um pseudo espírito como o de Phillip, com maior razão ela poderá comunicar-se por meio das mesas girantes, quando liberta do corpo físico, isto é, sob a condição de Espírito legítimo e livre.

Os fenômenos obtidos com os grupos do tipo Batcheldor vêm, pois, reforçar as afirmações do Espiritismo concernentes à comunicabilidade dos Espíritos dos mortos.

Os fenômenos de Hydesville (episódio das Irmãs Fox) ocorreram, todavia, em circunstâncias um tanto diferentes das dos aludidos grupos de Batcheldor. A *iniciativa* partiu dos próprios Espíritos que procuraram comunicar-se por meio de ações psicocinéticas, produzindo raps, *aportes*, acionando as mesas girantes, etc. Eles é que ensinaram tal processo de TCI.

Agora, a iniciativa parte de grupos como os de Batcheldor, cujo

objetivo é verificar a realidade da psicocinesia. Desde que não há como controlar a função psi pela vontade direta - exceção de alguns agentes poderosos como Kulagina, Geller, Ermolaev, Elvira e outros - usam-se os métodos capazes de, inconscientemente, exteriorizarem a PK. O expediente de "inventar espíritos fictícios" parece dar bons resultados. Um (ou mais de um) dos membros do grupo representaria, inconscientemente, o papel de Phillip. E um Espírito também que está se comunicando, mas é o Espírito de um vivo. Não fosse isto, como poderia a mesa dar respostas inteligentes e congruentes às perguntas dos assistentes?

Isto posto, é o caso de alguém perguntar: Será que alguns desencarnados galhofeiros - e os há em grande número - não estariam, também, fazendo gozação com estes grupos? Nem sempre a seriedade dos de cá obrigará a um comportamento sério por parte dos de lá. Além disso, o resultado depende das intenções, tanto quanto a colheita está na dependência da sementeira que se faz.

Neste ponto, convém citar o seguinte trecho *do Livro dos Médiuns*:

"a) Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas não obtido resposta?

Evoca um rochedo e ele te responderá. Há sempre uma multidão de espíritos prontos a tomar a palavra sob qualquer pretexto". (Kardec, 1861, cap. XXV, item 283, questão 36a)

Conclusão

Como podemos observar, já no Século XIX, Allan Kardec menciona o fato de qualquer evocação ser atendida, ainda que por Espíritos brincalhões. Isso não desmerece, de forma alguma, o valor e a conveniência da TCM. Apenas serve de alerta para a análise das mensagens recebidas, seja por TCM ou também por TCI.

Entretanto, as mensagens obtidas por TCI são mais fiéis e autênticas no tocante à fonte que as origina. Mas a autenticidade não significa nível elevado de qualidade. Por isso, com mais razão, as TCIs exigem, ainda, maior cuidado na sua análise e avaliação. O prévio estudo das obras de Allan Kardec será muito útil àqueles que irão tentar a prática da TCI.

Primeiras TCIs com Instrumentos Elétricos

Você não pode adquirir experiência fazendo experimentos. Você não pode criar a experiência. Você deve submeter-se a ela.

(Albert Camus)

Preâmbulo

Seria humanamente impossível colecionar e descrever todas as tentativas realizadas até agora visando obter comunicação com os entes do mundo espiritual. Inicialmente, tais experimentos eram realizados com substâncias, práticas mágicas ou instrumentos mecânicos. Eram tentativas de obter-se sinais da presença, e receber informações de algum ser incorpóreo; do Espírito de alguém falecido, ou de uma Entidade preternatural, tal seja, uma divindade, um elemental, um anjo, um demônio etc.

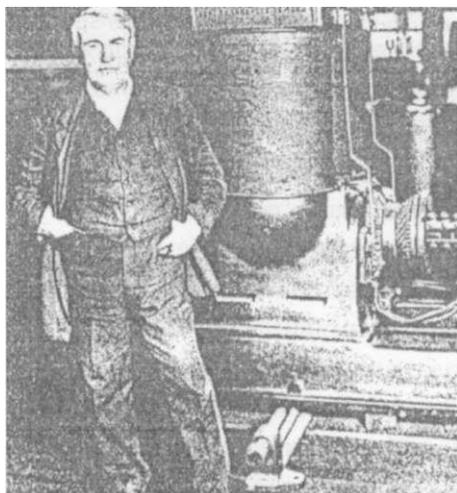
Na transcomunicação instrumental com os seres ditos espirituais, particularmente com os Espíritos de pessoas desencarnadas, as tentativas, no Século XIX na sua grande maioria, e começo do Século XX, eram do tipo mecânico. Acreditava-se na possibilidade de provocar e controlar por meio de artefatos engenhosos, os fenômenos de toribismo (ruídos, pancadas sonoras etc), escrita direta e ações físicas sobre a matéria (parapirogenia, movimento de objetos, aporte etc).

Assim que ocorreu o advento do uso prático da eletricidade, foram inventados vários sistemas sofisticados destinados à transcomunicação instrumental, utilizando-se os recursos da eletrotécnica. Nessa fase,

surgiram inúmeros sistemas que combinavam as faculdades dos médiuns de efeitos físicos com aparelhos sensíveis capazes de acionar eletricamente máquinas de escrever, impressoras ou outras modalidades de registro. Tais engenhos deveriam produzir transcomunicações sem a intermediação do sensitivo. Este último funcionaria apenas como agente fornecedor de uma suposta energia capaz de ativar os contactos destinados a franquear a passagem da corrente elétrica. A eletricidade acionaria os mecanismos registradores das comunicações fornecidas pelos Espíritos.

Parece que o aparelho que teria proporcionado uma comunicação direta, com os espíritos, porém sem a intermediação mediúnica, foi o dinamistógrafo. Vejamos o que vem a ser este aparelho.

O Dinamistógrafo



Thomas Alva Edison (1847-1931). Este famoso inventor, nos últimos anos de sua existência, interessou-se vivamente pela TCI. Infelizmente não chegou a realizar o seu intento de comunicar-se com os Espíritos por meio de aparelhos elétricos

Em 1911 foi publicado na Holanda um livro intitulado *O Mistério da Morte*. Seus autores eram os físicos holandeses drs. J. L. W. P. Matla e dr. G. J. Zaalberg Van Zelst.

O referido livro contém a descrição de um aparelho elétrico que aqueles dois físicos afirmam haver sido planejado pelos Espíritos e ensinado a eles como construí-lo. Deram-lhe o nome de dinamistógrafo. Tal aparelho foi instalado isoladamente dentro de um cômodo. Uma pequena janela envidraçada permitia a observação do equipamento, o qual

funcionava sozinho. As mensagens eram transmitidas pelo código Morse. Segundo os autores da referida obra, foram recebidas pelo dinamistógrafo extensas mensagens do falecido pai do dr. Zaalberg Van Zelst. (Fodor, 1974, p.112)

Outras tentativas para obter a comunicação direta com os Espíritos foram realizadas por investigadores persistentes, mas nem todas com

resultados positivos. Entre esses pesquisadores figura o grande e famoso inventor Thomas Alva Edison (1847-1931).

Mas bem antes desses sistemas de TCI mediante os recursos elétricos, foi registrado, na época, o rumoroso episódio de Jonathan Koons pela grande espiritualista sra. Emma Harding, na sua obra clássica *Modern American Spiritualism* (1870), assim como na revista *The Spiritual Telegraph* (1853), no livro do dr. Robert Hare: *Experimental Investigations* (1855) e, finalmente, no primeiro volume do livro da História de Frank Podmore: *Modern Spiritualism* (1902).

Ernesto Bozzano (1862-1943) também procurou divulgar esse importante acontecimento conforme veremos.

A Bateria Electromagnética de Jonathan Koons

O episódio de Jonathan Koons poderá ser de grande importância para uma futura compreensão do processo fundamental da TCI. Ao que nos parece, a Bateria Electromagnética de Jonathan Koons teria sido o primeiro instrumento elétrico destinado à transcomunicação com os Espíritos. Segundo o próprio Jonathan Koons, foram também os Espíritos que lhe ensinaram a construir a referida bateria.

Jonathan Koons era um próspero fazendeiro no município de Millfield, condado de Athens, em Ohio, EUA

Em 1852, ele tornou-se adepto do Spiritualism, tendo sido, então, informado de que era um médium excepcional, assim como seus filhos. Orientado pelos Espíritos, Jonathan construiu um barraco de madeira com, aproximadamente, quatro por cinco metros. Nesse recinto, ele colocou vários objetos capazes de produzir ruído; em sua maioria instrumentos musicais. Existia, também, material para obter a escrita direta. Havia ali duas mesas. Uma delas, a mesa mediúnica, servia para os médiuns e assistentes que se sentavam ao redor dela. A outra mesa era quadrada, e sobre ela estava colocado um aparelho para facilitar a comunicação com os Espíritos. Tratava-se da bateria electromagnética.

Ernesto Bozzano publicou na *Revue Spirite*, nos números de agosto, setembro e outubro de 1925, um estudo sobre a bateria electromagnética que Jonathan Koons construiu orientado pelos Espíritos. Infelizmente, Bozzano não possuía a descrição minuciosa do referido aparelho. Sabe-se somente, informou Bozzano, que se compunha de elementos de cobre e zinco conectados de forma complexa. Em torno da bateria, eram

colocados os objetos destinados à transcomunicação com os Espíritos.

Ernesto Bozzano transcreve, textualmente em seu trabalho, uma comunicação fornecida pelos Espíritos através daquele aparelho. Devido à importância da referida informação, vamos reproduzi-la a seguir:

"Em uma longa comunicação obtida pela escrita direta, na 'câmara espírita', onde ninguém se encontrava, lê-se, diz J. Koons, que os Espíritos empregam dois elementos principais para se comunicarem com os vivos. O primeiro é um elemento electromagnético, constituindo o substrato do corpo etérico dos Espíritos; o segundo é a aura física, a qual corresponde ao que se chama de força vital que se desprende dos organismos do médium e dos assistentes, ou que é subtraída das substâncias inanimadas.

A combinação desses dois elementos dá origem a um terceiro elemento eminentemente ativo, embora esteja sujeito à influência do meio e principalmente das emanações dos organismos humanos.

Quando as condições permitem que o elemento electromagnético seja o mais forte, então os Espíritos podem triunfar das leis da coesão e da gravitação; podem também dissolver e reconstituir qualquer substância, com extraordinária rapidez, ou erguer e transportar objetos mais ou menos pesados, tocar instrumentos musicais etc; tudo isso devido à força que se acumulou com a ajuda da bateria electromagnética.

"Analogamente, os Espíritos, saturando-se deste elemento, ficam em condições de se porem em relação com os vivos, servindo-se do lápis e da pena, escrevendo mensagens e desenhando. E neste estado que se manifestam por meio de pancadas e de ruídos, que dão origem a fenômenos vibratórios, ondulatórios e luminosos, ou que condensam as vibrações sonoras de modo a reproduzirem a voz humana falando e cantando". (Marty 1930, pp. 203-204)

Os Espíritos Guias de J. Koons explicaram que, "para produzirem os fenômenos variados e poderosos de que se serviam para impressionar a imaginação, utilizavam um grupo de Espíritos inferiores muito terrestres, atraídos pelo mundo dos vivos, que eram os únicos em condições de manipular os fluidos dos médiuns e de os empregar, sob a direção e vigilância de Espíritos superiores". (Opus cit. p. 205)

Pelas informações que restaram até agora, parece-nos que a finalidade do trabalho conjunto dos Espíritos com a família Koons era fornecer a evidência acerca da sobrevivência e da comunicabilidade dos

desencarnados.

Como irá ver-se mais adiante, há sempre um grupo de Espíritos operando os fenômenos, a partir do Plano Espiritual, em conexão com os encarnados possuidores de determinada faculdade paranormal. De acordo com as informações obtidas de variadas fontes, deve ser imprescindível a disponibilidade de uma substância ou energia capaz de servir como intermediária entre o Espírito e a matéria, a fim de possibilitar uma interação mútua por parte desses elementos. Esta substância, ou energia, toma várias denominações, conforme a fonte de informação.

O Livro dos Médiuns de Allan Kardec, capítulo IV, trata minuciosamente das manifestações físicas, descrevendo em detalhes o mecanismo desses fenômenos. (Kardec, 1861)

Há evidências de que a referida substância capaz de intermediar a ação dos Espíritos sobre a matéria, durante algumas TCIs, seja uma modalidade de ectoplasma produzido sobretudo pelos operadores e assistentes humanos. Seria um "estado gasoso" do referido ectoplasma. É possível que as entidades espirituais obtenham, também, das estruturas vegetais e minerais, uma substância semelhante ao ectoplasma animal. (Andrade, 1984, pp. 173-174; Xavier, 1945, p. 112)

Na composição do ectoplasma deve entrar algo da parte dos Espíritos. Conforme já mencionamos anteriormente, os Espíritos informaram a Jonathan Koons que na produção dos fenômenos de efeitos físicos, além dos agentes desencarnados, intervêm os seguintes fatores:

"1) Um elemento electromagnético qualificado *substratum* do corpo etérico dos Espíritos operadores.

2) A aura física que emana dos organismos do médium e dos assistentes, ou é subtraída a substâncias inanimadas". (Marty, 1930, p. 205)

Marty acresce que, segundo os Guias Espirituais, a aura e a força vital seriam coisas da mesma natureza - questão apenas de nomenclatura. Todavia, Marty é de opinião que a aura ou "fluido dos assistentes" difere da dos médiuns. Ele observa que o fluido emanado dos médiuns geralmente basta para produzir os fenômenos. Entretanto, o dos assistentes, embora possa contribuir para a produção dos efeitos, por si só não provocam resultado algum. Marty admite que existe uma

diferença entre os fluidos do médium e os dos assistentes (não médiuns). Ele afirma que no fluido dos médiuns predomina o elemento elétrico; o dos assistentes é de natureza magnética. Segundo ele: "a combinação dos dois fluidos parece ser necessária para se obterem poderosos efeitos físicos". (Opus cit. pp. 205-206)

Marty é um pesquisador pouco conhecido atualmente. Entretanto, pela sua tese apresentada no Congresso Espírita Internacional, de 7 a 12 de setembro de 1928, vê-se que ele foi um excelente investigador dos fenômenos paranormais objetivos (fenômenos de efeitos físicos).

Mas, voltando a focalizar o episódio de Jonathan Koons, verifica-se que ele e sua família eram assistidos por um grande grupo de Espíritos. Nandor Fodor (1974) informa que seu número atingia 165 entidades. Tais Espíritos diziam-se pertencentes a uma raça de homens conhecidos pelo título genérico Adão, que significa barro vermelho. Todavia, ao que parece eles teriam sido muito anteriores ao Adão bíblico.

Essa informação faz-nos recordar as revelações do Espírito Emmanuel, na obra *A Caminho da Luz*, psicografada por Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier). O capítulo III tem o título As Raças Adâmicas, e trata das origens mais remotas das primitivas raças humanas surgidas nos albores da História. (Xavier, 1938)

Prosseguindo na informação, aquelas entidades afirmavam que seus chefes eram os "mais antigos anjos", um dos quais, chamado Oress, exercia o cargo de instrutor do círculo. A particularidade mais marcante era que geralmente tais Espíritos assinavam suas comunicações com a denominação King (Rei) n°1, n°2, n°3. Em outras ocasiões denominavam-se: Servo e Discípulo de Deus.

O mais conhecido desses Espíritos foi John King. Esta entidade participou de inúmeras manifestações de efeitos físicos com vários médiuns, a partir da metade do Século XIX, na Europa. As suas manifestações mais notáveis ocorreram com a médium italiana Eusapia Paladino (1854-1918).

De acordo com o próprio Espírito John King, ele fora o famoso pirata Henry Owen Morgan (16357-1688), a quem Charles II (1660-1685) nomeou governador da Jamaica (1680-1682).

John King revelou, em várias mensagens, que Eusapia Paladino era a reencarnação de uma filha dele.

Outro Espírito que deve pertencer ao mesmo grupo é Katie King.

Ela própria declarou que fora também uma filha de John King, cujo nome era Annie Owen Morgan.

As transcomunicações obtidas por Jonathan Koons eram ruidosas e, aparentemente, destinavam-se sobretudo a provocar impacto, atraindo a atenção das pessoas para a realidade da sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos após a morte do corpo físico. Pareciam haver sido planejadas com o intuito de ajudar a divulgação do Spiritualism entre as criaturas humanas ainda fortemente influenciadas pelas religiões dogmáticas e intolerantes, predominantes do Ocidente.

Entre os detalhes a respeito das sessões realizadas por Koons e descritas por Charles Partridge, no jornal americano *Spiritual Telegraph*, de 1855, há um episódio que nos chamou a atenção. Ele conta que cerca de 20 a 30 pessoas se reuniam no barracão, e uma vez o círculo formado, as luzes eram apagadas. Logo a seguir, os tambores ali colocados começavam a rufar fortemente, produzindo intenso e aterrador ruído, durante cinco minutos ou mais. Quando cessavam os tambores, ouvia-se a voz de John King saudando os assistentes, através de um megafone, e perguntando quais as manifestações desejadas. A seguir, era tocada nos instrumentos uma peça introdutória, fazia-se silêncio na assistência e começava a ouvir-se um coro de vozes humanas. Inicialmente as vozes eram débeis como se estivessem muito distantes. Depois, o volume ia aumentando gradualmente até tornar-se normal, ressoando no interior do recinto, de forma inexplicável e muito harmoniosa.

Atualmente ocorre fenômeno semelhante na Itália, na cidade de Grosseto, onde Marcello Bacci e seu grupo praticam a TCI por meios electrónicos. Não se trata de sons que surgem diretamente no meio do ar em um cômodo, como no tempo de Jonathan Koons. O som parte do alto-falante de um aparelho de rádio que capta as ondas emitidas pelos Espíritos. Ao que parece, estes possuem estações emissoras situadas no Plano Astral. Ao final de cada sessão de TCI, um dos companheiros de Marcello Bacci solicita um coro para o encerramento, e logo é atendido pelos Espíritos. Ouve-se, então, um canto executado por um conjunto de várias vozes humanas, surpreendentemente harmonioso e rico. (Bacci, 1985; gravação que acompanha o livro)

O fenômeno de música sem instrumentos não é tão raro, e tem sido relatado, ao longo da História, por testemunhas sérias, bem como descrito em várias crônicas e obras sobre fenômenos paranormais. Assim,

por exemplo, as Cartas do Pastor Jurieu, 1689, referem-se a dezenas de ocorrências, com os nomes das testemunhas, de música transcendental ouvida durante a perseguição dos Hunguenotes na França. (Fodor, 1974, p. 258)

Apesar das fortes evidências da intervenção dos bons Espíritos nas sessões propiciadas por Jonathan Koons, este não escapou ao ataque das "forças das trevas". Seus vizinhos passaram a molestá-lo e à sua família. Deitaram fogo nas suas plantações, incendiaram as suas cocheiras e espancaram seus filhos. Finalmente, em conjunto, atacaram sua casa, obrigando Jonathan Koons a fugir, abandonando a zona rural.

Porém Koons não desistiu de sua missão. Passou a perambular por várias localidades, onde exibia publicamente seus dotes mediúnicos. Com isso ele efetuou um grande trabalho de propaganda pela causa do antigo Spiritualism americano.

John Tippie

Jonathan Koons não foi o único médium a possuir uma bateria electromagnética construída por orientação dos Espíritos.

Distante cerca de três milhas havia uma outra fazenda vizinha à propriedade dos Koons, onde morava a numerosa família de John Tippie. Os Tippies possuíam dez filhos, todos médiuns.

Esse homem também recebeu orientação do mesmo grupo de Espíritos, e montou uma bateria igual à de Jonathan Koons, alojando-a em um recinto semelhante ao que este último construiu. As sessões realizadas pelos Tippies eram do mesmo estilo das levadas a efeito pelos Koons. (Fodor, 1974)

Conclusão

Sempre houve tentativas de obter comunicações diretas dos Espíritos por meio de aparelhos, de modo a evitar a intermediação mediúnica. O fenômeno da voz direta foi diversas vezes aproveitado em combinação com os primeiros aparelhos electrónicos, como o microfone acoplado aos fones de ouvido. Mas, sempre se fazia necessária a intervenção do médium capaz de provocar a voz direta. Foi uma tentativa deste tipo que deu origem às gravações de vozes, conforme relataremos mais adiante.

Tentativas de Transcomunicação sem o Médiun Humano

Dubitando ad veritatem pervenimus
(Duvidando chegamos à verdade). Cícero (*De Officiis*)

Tentativas de Transcomunicação sem o Médiun Humano

A *mediunidade*, como é aceito por certo número de pessoas, parece ser uma faculdade normal da espécie humana. Ao emitirmos este juízo, não estamos querendo afirmar que todos aqueles que conhecem o significado do vocábulo mediunidade aceitem a realidade dessa faculdade humana. Do mesmo modo, não pretendemos dar como demonstrada a possibilidade da transcomunicação com as entidades espirituais, através de médiuns humanos.

Apenas queremos informar que, baseados na crença da possibilidade da transcomunicação com supostos habitantes do plano espiritual, alguns pesquisadores sérios tentaram também obter tal espécie de intercâmbio, *sem* o emprego da *intermediação* humana.

Não obstante o significado estrito da palavra médium, tais tentativas quase sempre dependeram da presença de um agente humano capaz de fornecer para isso uma espécie de energia ou substância. Daí chamar-se, indiferentemente, de médium àquelas pessoas que, embora

não funcionando como intermediários na comunicação com supostos seres inteligentes do Além, parecem facilitar esse tipo de intercâmbio de informação. As vezes, a simples presença de tais agentes propicia e leva ao êxito, por exemplo, uma TCI, usando-se aparelhamento modestíssimo.

Temos observado, também, que grupos bem equipados tecnicamente e compostos por elementos competentes, investidos de paciência e boa vontade, passam anos tentando a TCI, obtendo apenas algumas "migalhas" de comunicação e, na maioria das vezes, absolutamente nada! Tais fatos fazem-nos acreditar na influência de determinadas pessoas na obtenção das TCIs. Esses indivíduos, embora sem funcionarem como médiuns, seriam na realidade autênticos catalisadores da TCI.

Vamos, a seguir, fornecer mais algumas informações a respeito das tentativas para conseguir-se TCIs sem médiuns.

As Tentativas de Weinberger

Outro pesquisador da TCI foi o engenheiro aposentado da Rádio Corporation of America - RCA, Julius Weinberger.

Durante aproximadamente trinta anos, Weinberger fez as mais diversas tentativas, visando obter um dispositivo suficientemente sensível para ser influenciado por um Espírito.

Finalmente, Weinberger solicitou a ajuda dos desencarnados. Em 1941 teve a colaboração da médium Joan pertencente ao grupo de Stuart Edward White. Em 1946, após consulta às entidades espirituais, Weinberger conseguiu um primeiro êxito, usando certo dispositivo cujos elementos constavam de um raio de luz e uma fotocélula. Posteriormente, sempre sob a orientação dos Espíritos, ele aperfeiçoou seu sistema, usando uma fotocélula sensível ao ultravioleta. Weinberger conseguiu obter pequenos sinais identificados com os do Código Morse. Mas, a conselho dos próprios Espíritos, teve de cancelar esse tipo de experiência.

Há um pormenor interessante ocorrido durante as tentativas de Weinberger: o Espírito de um físico desencarnado explicou que os Espíritos dispunham de um certo tipo de radiação à qual denominavam raios Zigon ou Yoking. Tal radiação pode atuar sobre as pessoas, mas não sobre os aparelhos físicos. Os efeitos físicos, que eventualmente poderiam obter-se, resultavam de uma contra-radiação desenvolvida pelo corpo do médium, sob a ação dos raios Zigon. Foi enfatizado que tal operação

era difícil e envolvia certo risco para o médium.

Por último, Weinberger fez tentativas, utilizando-se de plantas capazes de reações tácteis, como as chamadas "plantas carnívoras" (*Vénus Apanha-Moscas*). Os resultados foram discretos apenas probabilisticamente significantes. (Weinberger, 1977)

Outras Tentativas

Em Rockville, EUA, Kenneth Wilcoxon inventou um aparelho denominado Psi-Writer (escrevedor psi). Este aparelho constava de um comando de diversas teclas móveis assinaladas com letras do alfabeto e ligadas, por um monitor electromagnético, a uma máquina de escrever eléctrica. O sistema funcionava de maneira autônoma. A família de Wilcoxon afirma que foi possível obter contacto com diversas entidades espirituais, por meio deste equipamento.



Cornélio Pires - escritor, poeta e humorista. Tornou-se espírita e procurou desenvolver a transcomunicação por meios electrónicos. Consta que tentou construir um aparelho para a TCI. Não chegou a terminá-lo devido a dificuldades técnicas e também em virtude de falta de apoio e estímulo por parte dos próprios espíritas contemporâneos, que o criticaram intensamente na ocasião

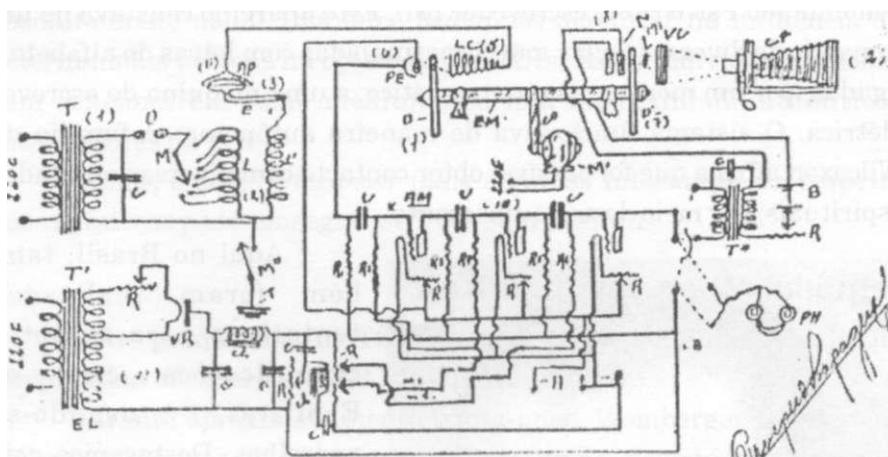
Aqui no Brasil, também foram realizadas tentativas para se obter comunicações com os Espíritos, usando-se aparelhos. Destacamos dois pesquisadores, o saudoso escritor Cornélio Pires e Próspero Lapagesse.

Por volta de 1930, Cornélio Pires, segundo ele, orientado pelos próprios espíritos, iniciou a construção de um dispositivo electrónico destinado à comunicação espírita, independente de médiuns. Parece que, na ocasião, Cornélio Pires enfrentou várias dificuldades de natureza técnica, bem como críticas desfavoráveis de alguns companheiros espíritas. Em vista disso,

talvez, Cornélio Pires tenha desistido de terminar a construção de seu aparelho.

Próspero Lapagesse planejou um sistema electrónico cujo esquema foi publicado na *Revista Internacional do Espiritismo*, no número de maio de 1933. Pelo que fomos informado, tal aparelho não chegou a ser construído. (Lapagesse, 1933)

Para os que tiverem curiosidade em conhecer o esquema do aparelho idealizado por Lapagesse, reproduzimo-lo neste abaixo.



Esquema do projeto do aparelho criado pelo brasileiro Próspero Lapagesse, destinado à TCI com o Além. (Extraído da *Revista Internacional de Espiritismo*, maio de 1933)

Nosso excelente amigo português, capitão José Carlos Miranda Lucas, enviou-nos inúmeras cópias de artigos da tradicional *Revista de Espiritismo*, editada há anos em Lisboa pelo saudoso companheiro Isidoro Duarte Santos. Esses artigos trazem notícias de aparelhos destinados a substituir os médiuns ou melhorar as comunicações mediúnicas. Infelizmente, as referências aos aparelhos ou às experiências são um tanto sumárias ou se limitam unicamente a projetos, como no caso de Lapagesse.

A título de ilustração, transcrevemos apenas as seguintes informações colhidas no n.º 1, ano IV, janeiro e fevereiro de 1930 da *Revista de Espiritismo*, p.33:

"Um aparelho que permite a comunicação sem médium? - *The Harbinger of Light* afirma num interessante artigo, que o sr. B. K. Kivby da Skegness Spiritualist Church, construiu um aparelho, a que deu o nome de Reflectografo, que lhe permitiu comunicar com o mundo

invisível, tendo feito demonstrações perante os mais eruditos espíritas de Londres, entre os quais se contavam sir Conan Doyle e sua esposa e Horácio Leaf, bem como alguns membros eminentes da Sociedade Americana de Investigações Psíquicas.

Parece que sir Conan Doyle sintetizou, depois das experiências, a sua opinião sobre o aparelho na seguinte frase:

'Creio que assistimos hoje ao aparecimento duma das maiores invenções que jamais apareceu no nosso mundo'.

Sabe-se quanto tem interessado a alguns dos mais ilustres homens da ciência actual, uma descoberta desta natureza. As opiniões de Thomas Edison, o conhecido inventor, expendidas numa entrevista dada a *The People* sobre este assunto, devem recordar-se a propósito, porque elas muito valorizam o Espiritismo: *'Os nossos meios actuais de receber mensagens do além são ainda muito imperfeitos; mas isto não é uma razão para que não procuremos aperfeiçoá-los; e mais depressa chegaremos à grande via que leva à solução do maior problema da nossa época.'*

Ignoramos ainda se houve concorrentes e quais eles foram, ao concurso aberto pela Sociedade de Investigações Metapsíquicas de Paris, sob a inspiração do grande benemérito, sr. Jean Meyer, com prémios para quem apresentasse o melhor aparelho para receber mensagens, eliminando o subconsciente do médium. Se a notícia do *The Harbinger of Light* se confirmar, será certamente este aparelho aquele que com mais probabilidade obterá o prémio daquele concurso", (sic).

Vê-se por esta nota o grande interesse dos espíritas daquela época, visando obter a TCI com os Espíritos. O notável dessas tentativas era a busca de vários recursos, ainda que elementares quando comparados com as sofisticadas tecnologias atualmente à nossa disposição.

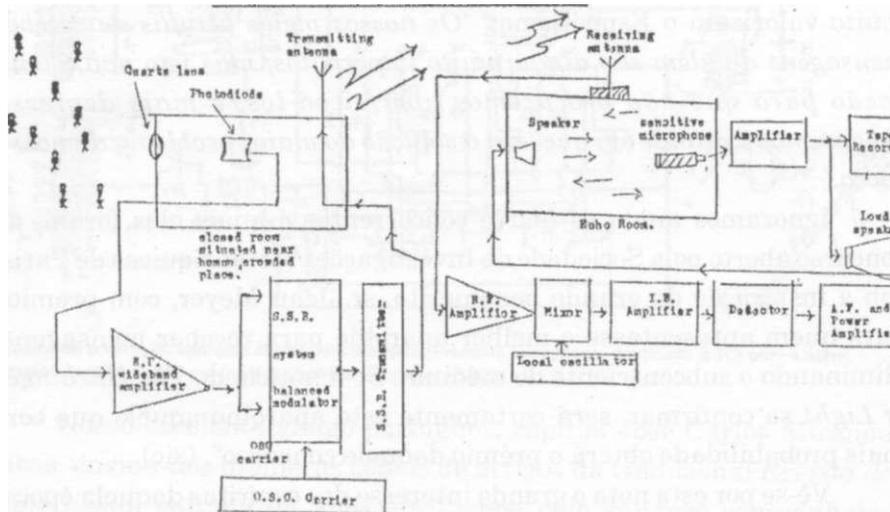
Logo abaixo, transcrevemos mais uma nota informativa da mesma revista. Nesse trecho observa-se que foram obtidas gravações de vozes em discos de gramofone:

"Vozes directas gravadas em discos - A revista *Wahres Leben* diz que lord C. Hope e Dennis Bradley, tentaram com êxito, a conselho da sra. Condessa Ahlefeldt-Laurwig, esposa do ministro da Dinamarca em Londres, o registo gramofónico de vozes directas, a-fim-de auxiliar a propaganda e o desenvolvimento das investigações psíquicas.

A Columbia-Gramophon-Company tentou a primeira experiência

em casa de lord C. Hope, tendo participado das sessões espíritas os dois empregados encarregados da gravação. As numerosas vozes directas produzidas, por intermédio de Valiantine, foram amplificadas e registradas, em várias línguas, como o inglês, o indiano, o industânico, o italiano e o francês", (sic)

Um projeto algo parecido com o de Lapagesse foi publicado mais recentemente na Índia. Trata-se do aparelho planejado pelo prof. J.B. Shikalgar, do Poona College, Poona-1, Índia. O esquema do referido aparelho consta da revista indiana *Life-Beyond*, vol.III, n°10, July 1983. Apresentamos, abaixo, esquema publicado naquela revista, na p.14. (Shikalgar, 1983)



Projeto de aparelho eletrônico para TCI com o Plano Espiritual, de autoria do prof. J. B. Shikalgar, do Poona College, em Poona -1, Índia. (Extraído da revista Indiana *Life-Beyond*, vol. III, n. 10, julho 1983)

Não tivemos qualquer informação acerca do posterior resultado desse projeto do prof. Shikalgar. Presumimos que não tenha tido sucessos positivos. Com o passar do tempo, foi-se tornando cada vez mais claro que os resultados obtidos com a TCI não estariam na dependência somente da sofisticação dos equipamentos projetados e construídos com os nossos poucos recursos técnicos. As transcomunicações mais avançadas surgiram graças à intervenção da tecnologia dos nossos parceiros do Além. Nossos aparelhos, os mais perfeitos, ainda estão longe de competir com os do Plano Espiritual. Desse modo, continuamos ainda na dependência das instruções das Entidades do Além, no tocante ao preparo

dos receptores daqui, para receber as emissões de lá.

Foram elaborados alguns sistemas electrónicos que lograram êxito, como o método de gravação com os diodos do prof. Alex Schneider na Suíça; o Psicofone de Franz Seidl na Áustria, desenvolvido entre 1972 e 1974; o Spiricom de George W. Meek e William John O'Neil construído em 1981, nos EUA; e os Geradores de Hans Otto König, construídos também em 1981, na Alemanha. Todos esses sistemas foram orientados pelos Espíritos. (Schäfer, 1992)

Não é simples fornecer uma seqüência rigorosamente cronológica, referente à TCI realizada mediante aparelhos electrónicos. Assim, por exemplo, assinalam-se transcomunicações instrumentais por telefone, que ocorreram espontaneamente antes que se obtivessem as mais antigas TCIs por métodos de gravação em discos gramofónicos ou em fitas magnéticas. Entre as TCIs por telefone assinalam-se os contatos telefónicos da filha de Coelho Neto, Júlia, com o Espírito da sua falecida filhinha Ester, em 1923. (Rizzini, 1970, pp. 95-138) Outra obra que se refere a TCIs por telefone é a de Oscar DArgonnel. (DArgonnel, 1925)

Há outros casos de TCI por telefone que iremos tratar em outra oportunidade e de maneira mais detalhada, uma vez que ocorrem transcomunicações por telefone modernamente também, inclusive por secretária eletrônica

Futuras Abordagens

A fim de dar certa ordem na exposição da matéria a ser tratada daqui por diante, tentaremos estabelecer um roteiro que será seguido aproximadamente, dentro das possibilidades disponíveis. Devido ao surgimento de ótimos livros sobre a TCI, iremos algumas vezes limitar-nos a exposições sumárias, completando-as com indicações bibliográficas suficientes para atender aos leitores mais exigentes.

Escolheremos arbitrariamente as primeiras tentativas de Attila von Szalay, nos Estados Unidos, como o ponto de partida da moderna transcomunicação instrumental. Para fins didáticos, permitimo-nos dividir esta fase da TCI moderna em quatro estágios distintos:

1) *Gravação de Vozes em Fitas Magnéticas*. É o chamado, abreviadamente, EVP (do inglês Electronic Voice Phenomenon).

2) *Spiricom* - Primeiro sucesso obtido nos Estados Unidos pela equipe da *METAscience Foundation, Inc.*, cujo resultado foi a

possibilidade do diálogo em dois sentidos, audível no ambiente das operações, entre o operador e os Espíritos.

3) *TCI com Colaboração Técnica do Além*. Nesta fase ocorre uma efetiva orientação técnica dos desencarnados, visando a captação, na Terra, das comunicações enviadas por estações emisoras (pontes) situadas no Plano Espiritual. As TCIs compreendem a comunicação verbal (rádio) e a visual (tevê).

4) *TCI por Meio de Aparelhos Especiais*. Nesse estágio, a TCI inclui aparelhos auxiliares de uso comum, tais como telefone, secretária electrónica e computador.

Conclusão

Em um dos itens acima iremos tratar especialmente sobre a TCI aqui no Brasil. Acada ano que passa, os transcomunicadores brasileiros mais conquistam níveis de crescente aperfeiçoamento tecnológico. Graças aos esforços da Associação Nacional dos Transcomunicadores - ANT, sob a eficiente direção da sra. Sônia Rinaldi, o Brasil tem se destacado no cenário internacional da TCI, onde já conquistou o respeito e a admiração dos demais transcomunicadores dos países membros da International Network of Instrumental Transcommunication - INIT.

Tendo em vista as implicações futuras do Espiritismo no progresso ético da humanidade, é, para todos nós espíritas, motivo de sincera satisfação ao verificar a valiosa contribuição dos nossos companheiros nesse importante esforço em prol da evolução do homem.

Início da Moderna Transcomunicação Instrumental

Imagem agora o que dirão de quem disser, como eu digo, que, dentro de pouco tempo, veremos, num aparelho provido de lentes e espelhos ou tela, os nossos entes queridos que deixaram a Terra e com eles conversaremos... Dirão naturalmente: ou está louco ou está mistificando. Quem viver verá... (Pires, 1941, p.113)

Attila von Szalay, Raymond Bayless e D. Scott Rogo

Attila von Szalay é o nome de um fotógrafo profissional dos Estados Unidos. Em 1936, tendo assistido a uma sessão de voz direta, ele imaginou que seria possível reproduzir e gravar este fenômeno. Resolveu, então, fazer tentativas no sentido de obter gravações de vozes paranormais, independentemente da presença de um médium especial capaz de gerar a voz direta ostensivamente audível em uma sala. Seu método consistiu em fixar o microfone de um aparelho gravador, em frente à saída de um megafone, colocando depois as duas peças encerradas, à prova de luz e som, dentro de uma caixa fechada. Um prolongamento do fio do microfone saía para fora e era conectado a um gravador em disco de fonógrafo, marca Packard-Bell.

Attila acreditava que um Espírito poderia, eventualmente, aproveitar o sistema acima descrito e falar na entrada do megafone, produzindo o som de sua voz. O megafone ampliaria o sistema sonoro, e o microfone o captaria transformando-o em corrente elétrica modulada.

Finalmente, o aparelho gravador se incumbiria de registrar o sinal em um disco. O processo parecia lógico, mas o problema era a criação do som (voz direta) por parte de um Espírito que se dispusesse a ajudar von Szalay. Onde o *ectoplasma*?

Entretanto, a sorte deve ter favorecido a von Szalay, porque ele conseguiu obter vozes, embora muito débeis e pouco nítidas, por esse processo. Ao que parece, Attila devia ser, por *coincidência*, um médium de efeitos físicos, ou seja, um bom doador de ectoplasma.

Em 1947, Attila von Szalay adquiriu um gravador em fios de aço, marca Sears-Roebuck. Com semelhante aparelho ele pôde obter gravações de vozes um pouco melhores. Porém, os primeiros gravadores do tipo de fio magnético, como aquele usado por von Szalay, manifestavam vários inconvenientes; por exemplo, o fio de aço era muito fino e, geralmente, costumava embaraçar-se.

Em 1950 já estavam surgindo os gravadores em fita magnética. Attila adquiriu um desses aparelhos, e conseguiu obter vozes melhores, mais nítidas e algumas frases curtas. Atualmente, é fato observado que o exercício sistemático das tentativas de gravação por este processo parece favorecer a captação das vozes. Àqueles que ainda não tiveram a oportunidade de ouvir tais vozes obtidas pelo sistema electrónico a que nos referimos, esclarecemos que não são vozes sempre claras e inteligíveis. Geralmente são parecidas com murmúrios, balbucios, sussurros, às vezes exclamações fugidias e pronunciadas rapidamente. É preciso, quase sempre, possuir bons ouvidos para distingui-las e decifrá-las. Todavia, há também palavras e frases bastante claras e inteligíveis, algumas contendo o timbre característico da voz do comunicante, permitindo a sua identificação.

Attila von Szalay devia estar suficientemente treinado para ser bem-sucedido nesse gênero de pesquisa. Além disso, seu desempenho após tantos anos de persistente esforço certamente ter-se-ia tornado excelente. Em 1956 ele associou-se a um parapsicólogo experiente em pesquisa de fenômenos paranormais, Raymond Bayless, e juntos passaram a fazer uma investigação sistemática das misteriosas vozes.

Depois de três anos de cuidadosa pesquisa, Raymond Bayless publicou um relatório no *Journal of the American Society for Psychological Research*, de janeiro de 1959. É interessante notar que o artigo em questão não suscitou praticamente nenhum interesse entre os parapsicólogos! Sua repercussão foi nula. Talvez porque tais vozes parecessem implicar a crença na sobrevivência após a morte, uma vez que muitas delas se declaravam oriundas de pessoas já falecidas.

Um exemplo dessa possível origem das vozes registradas por Attila von Szalay é mencionado pelo parapsicólogo D. Scott Rogo:

Certa ocasião, na ausência de Bayless, von Szalay captou uma voz feminina, bem nítida, dizendo: "*Hot dog, Art!*" (Art é o apelido de Attila von Szalay). Esta frase, aparentemente sem significado à primeira vista, aponta para tal aspecto inusitado desse tipo de pesquisa. E o seguinte:

Há muitos anos antes, von Szalay namorou uma garota em New York. Os dois jovens eram tão pobres que, para almoçarem, o único jeito era comprar dois *hot dogs* por um níquel. Apesar da situação apertada em que viviam, eles brincavam acerca dos seus frugalíssimos "almoços", e prometeram um ao outro que se lembrariam para sempre dos *hot dogs*. Passaram-se muitos anos, e von Szalay nunca mais teve notícias daquela garota. Ele presume que ela houvesse já falecido e que viesse, por aquele meio, dar um sinal da sua sobrevivência. Não estariam ele e Bayless registrando as vozes de pessoas já falecidas? (Rogo, 1977, pp. 454 e 455)

O exemplo dado acima certamente não tem a consistência desejada para servir como evidência a favor da tese da comunicabilidade dos mortos através do fenômeno das vozes electrónicas. Esta evidência surgiu mais tarde, diante das freqüentes afirmações das próprias vozes quando responderam ao serem indagadas acerca de sua identidade: em esmagadora maioria revelaram ser pessoas desencarnadas; algumas deram seus nomes próprios; outras foram reconhecidas pelo timbre da voz, quando a gravação era suficientemente nítida e bem audível.

Além de Raymond Bayless, outro parapsicólogo estudou o fenômeno das vozes ocorrido com von Szalay. Foi ele o americano D. Scott Rogo, a cujo trabalho já nos referimos. Esse investigador conheceu pessoalmente Attila von Szalay e Raymond Bayless, em 1967, aos quais se associou.

D. Scott Rogo fez várias pesquisas em torno do fenômeno das vozes

ocorrido com von Szalay, tendo publicado, além do trabalho atrás mencionado, mais outros três. (Rogo, 1969, 1970 e 1976) Assim como foram conduzidas anteriormente por Bayless, as gravações controladas por Scott Rogo mantiveram o mesmo sistema, isto é, o microfone era colocado em frente à saída do megafone. As variantes dizem respeito apenas às posições ocupadas pelos experimentadores em relação ao conjunto megafone-microfone. Ora essas peças eram encerradas em recintos fechados e à prova de som e luz, ficando os operadores e o gravador do lado de fora, ora os investigadores mantinham-se próximo dos captadores do som. Vejamos um pequeno trecho do relato de Scott Rogo:

"Mais tarde naquela noite, von Szalay e eu (Rogo) deixamos o megafone e o microfone na câmara escura enquanto permanecíamos do lado de fora. Ficamos separados dos aparelhos por uma porta fechada. Não obstante, às 10h e 50min da noite gravamos uma voz clara dizendo: "Hi ya, Art". Em outra ocasião fui capaz de ouvir uma voz nítida que foi também captada na fita magnética. Parecia ter saído do megafone e era um autêntico resmungo masculino". (Rogo, 1977, p. 456)

Pelas informações que temos, deve haver certa diferença na forma como foram registradas as vozes obtidas graças às faculdades de von Szalay, e as que os transcomunicadores posteriormente conseguiram registrar com os seus gravadores. Parece evidente que, no caso de von Szalay, ocorria primeiramente uma discreta manifestação de voz direta. Por conseguinte, o microfone captava o som produzido na entrada do megafone, som este que provavelmente sofria uma prévia ampliação acústica pelo próprio megafone. Em seguida, o sinal captado do megafone pelo microfone era ampliado novamente pelo sistema electrónico do gravador, sendo finalmente registrado na fita magnética.

Scott Rogo e von Szalay suspeitaram também que as vozes eram de natureza *acústica*, e não electrónica. (Rogo, 1969, p. 456)

Bayless teve a mesma opinião a respeito da natureza das vozes captadas na presença de von Szalay. Aquele fez uma experiência que confirmou a suspeita de que as vozes eram *acústicas* e não electrónicas. Bayless colocou um tampão feito com massa de vidraceiro, sobre a entrada do microfone, e nessas condições não ocorreram as gravações. Outro fato relevante apontado por D. Scott Rogo, a respeito do qual já ouvimos referências feitas por outros experimentadores, é a manifestação de raps (ruídos, como pancadas, cliques, arranhares, estalidos etc), suspiros,

gemidos e outros rumores que não se assemelham a vozes humanas, ou palavras articuladas.

Temos uma fita gravada em Gênova, Itália, e oferecida ao IBPP pelo saudoso dr. Giuseppe Crosa, em 30 de outubro de 1971, cuja gravação foi realizada por ocasião de um Congresso de Parapsicologia, na Suíça, em 1966.

Durante uma das palestras, o dr. Giuseppe Crosa havia disposto um aparelho para registrá-la. Terminada a gravação, o dr. Crosa procurou ouvi-la. Entretanto teve uma surpresa: junto com a voz do orador apareceu uma música suave e alegre acompanhando um canto de voz feminina. O dr. Crosa afastou todas as possibilidades de um erro técnico: regravação sobre a fita usada, captação de sons distantes ou de alguma estação de rádio etc. A música e a natureza da canção eram totalmente estranhas naquela região, pareciam uma música e um canto árabe bastante primitivos.

Considerações a Respeito da Posição Assumida pela Parapsicologia Dita Ortodoxa

Apesar do longo tempo decorrido desde as primeiras experiências feitas por von Szalay, bem como os esforços de Bayless, no intuito de interessar os parapsicólogos na investigação do fenômeno das vozes, não ocorreu a mínima reação por parte dos mesmos. A indiferença foi total naquela época. E continua ainda a ser praticamente a mesma por parte de grande número daqueles que se alinham entre os parapsicólogos ortodoxos. Quando forçados a se pronunciarem diante da gritante evidência dos fenômenos registrados, justificam a sua indiferença "reduzindo" tais ocorrências a simples manifestações das funções paranormais, particularmente a psicocinesia (função psi-kappa).

É interessante notar que, para fenômenos similares e às vezes pouco abundantes, a acolhida e repercussão são enormes quando tais fenômenos permitem uma explicação reducionista. Assim, por exemplo, no episódio das mesas girantes, o interesse maior foi pelas experiências e idéias de Kenneth J. Batchelder, as quais sugeriram uma interpretação animista para o fenômeno em questão. (Batchelder, 1979; ver, também, *Folha Espírita* n° 268, julho 1996, p.4).

A interpretação animista é aquela que atribui à função Psi-kappa

(psicocinesia) de alguém ou de um grupo a causa dos fenômenos de movimento das referidas mesas girantes como os obtidos por Batcheldor. Citamos, aqui, o fenômeno das *mesas girantes*, por se tratar, também, de uma modalidade de TCI em que o instrumento usado é um objeto qualquer, neste caso a *mesa*.

Mas, no referido artigo de Batcheldor, há uma nota interessante que já inserimos no citado nº 268, julho, 1996, à *Folha Espírita*. Vamos transcrevê-la a seguir, para facilitar o seu conhecimento ao leitor eventualmente interessado. Ei-la:

"... Desde que isto foi escrito, os últimos relatórios de Toronto (Canadá) descrevem como a colaboração entre este grupo (o grupo de Lilith) e o grupo de Philip tem levado Philip a manifestar-se como uma voz tipo-Raudive! Uma vez que Philip é fictício, este importante resultado demonstra nitidamente que alguns (se não necessariamente todos) fenômenos de voz electrónica originam-se da PK (psicocinesia) e não de 'espíritos'. Ver *New Horizons* 2, 3, June, 1977. O mesmo contém um relatório de Iris Owen sobre 'O Quarto ano de Philip' e menciona ainda mais grupos". (Batcheldor, 1979, p. 82 - nota).

Como se vê, foi dada mais atenção às sessões de mesas girantes de Batcheldor, inclusive à nota informativa em que se insinua a possibilidade de os fenômenos de vozes captadas pelo gravador serem produzidas psicocineticamente pelos operadores.

A própria American Society for Psychical Research publicou em 1978, em seu *Journal* (78, 105-122), um trabalho de K. J. Batcheldor, intitulado: Contributions to the theory of PK Induction from Sitter-Group Work.

Além desses trabalhos, há muitos outros já publicados em vários periódicos pertencentes a outras sociedades de Parapsicologia, e seria desnecessário além de fastidioso enumerá-los aqui.

Parece-nos que a Parapsicologia dita ortodoxa mostra-se pouco interessada na verdadeira transcomunicação, especialmente na TCI. Será que tais fenômenos são realmente sem importância como fatos paranormais?

Conclusão

Passemos à consideração da etapa seguinte, a qual representa realmente o início da fase da TCI electrónica. Esta etapa foi inaugurada

em 1959 por Friedrich Juergenson. As gravações obtidas por Juergenson, em fitas magnéticas, não se originavam da captação de sons acústicos produzidos no ar, ampliados e registrados nas fitas magnéticas pelo gravador. A forma como foram obtidas tais gravações por Friedrich Juergenson sugere que as vozes e demais sinais sonoros por ele registrados eram impressos diretamente nas fitas magnéticas, sem a intermediação acústica. Sua captação parece produzir-se por via electrónica.

Nas gravações em que se emprega o microfone, esse acessório funciona apenas como fornecedor de ruído destinado a catalisar o fenómeno. As gravações "tipo Juergenson", denominadas tecnicamente EVP, podem ser obtidas independentemente do auxílio do microfone. Usa-se, neste caso, ligar o gravador a uma fonte de ruído branco, tal como um diodo, um gerador de sinais de radiofrequência ou um aparelho receptor de rádio sintonizado em uma faixa intermediária entre as frequências de duas emisoras.

Por conseguinte, o sistema de captação de vozes inaugurado por Juergenson poderia ser considerado o ponto de partida da TCI electrónica propriamente dita, ou melhor, do EVP.

No próximo capítulo trataremos desse assunto.

XXVIII

O Fenômeno das Vozes Electrónicas - EVP

Conforme adquirimos mais conhecimento,
as coisas não se tornam mais compreensíveis,
e sim mais misteriosas. (Albert Schweitzer)

**Friedrich Juergenson
(1903 -1987) - O Homem**

Em seu livro *Sprechfunk mit Verstorbenen* (Radiofonia com os Mortos), Friedrich Juergenson dá-nos um relato minucioso acerca da sua impressionante aventura que resultou na talvez mais importante descoberta deste Século XX. (Juergenson, 1967 e 1972)

Juergenson nasceu no ano de 1903, em Nova Odessa, Ucrânia, depois pertencente à URSS. Devido às ocorrências políticas de 1917 e às guerras, ele mudou de nacionalidade duas vezes, tornando-se finalmente cidadão Sueco. Sua infância e juventude foram atribuladas por causa dos constantes conflitos ocorridos na região onde ele nasceu e viveu. Em seu livro, Juergenson enfatiza este aspecto de sua vida, em virtude do que, desde a infância, "tomou horror a tudo que se relacione com armas, violências, assassinatos e imolação das massas, seja contra homens e animais. Por isso tornou-se vegetariano". (Juergenson, 1972, p. 3)

Ele foi um artista por vocação natural. Estudou canto durante nove anos, mas pôde apenas exercer a carreira de cantor por dois anos, devido a uma hepatite e a um resfriado crônico. Mais tarde, dedicou-se à pintura e à cinematografia.

Juergenson Capta as Primeiras Vozes Electrónicas

Era 12 de junho de 1959. Uma sexta-feira ensolarada, com temperatura agradável de uma bela primavera europeia, convidava a passar um fim de semana no campo. Por isso, Juergenson e a esposa partiram, no início da tarde, rumo à sua propriedade campestre próximo de Moelno onde residiam. Juergenson tencionava também gravar o canto dos pássaros, muito abundantes naquela região.

O sítio de Juergenson localizava-se à margem de um lago, próximo do qual havia uma velha cabana. Ele relata em sua obra precisamente o seguinte:

"No sótão da cabana que ficava um tanto afastada, coloquei uma fita magnética nova no gravador e pus o microfone perto da janela aberta, onde se estendia uma fina tela de nylon. Pouco depois, quando um tentilhão de faia pousou ali perto, liguei o aparelho". (Juergenson, 1972, p. 7)

Fizemos questão de repetir fielmente a explicação de Juergenson, a fim de bem informar o leitor a respeito da maneira como ele obteve as primeiras gravações das vozes. Como se vê, o sistema de Juergenson era diferente do de Attila von Szalay. Da mesma forma, iremos observar que a natureza das gravações obtidas por Juergenson parece diferir das obtidas por von Szalay.

Após a fita haver rodado cerca de cinco minutos, Juergenson retornou-a e procurou examinar o que havia sido gravado. Mas, em lugar do canto do pássaro, ele ouviu um som vibrante semelhante ao de uma forte chuva. Através daquele ruído, conseguiu distinguir bem baixinho o chilreio do tentilhão, como se ele estivesse muito distante.

Juergenson logo imaginou que seu aparelho tivesse se danificado durante a viagem. Talvez uma das válvulas houvesse sofrido qualquer problema devido à trepidação do veículo. Assim mesmo, ele procurou experimentar outra vez. Ligou novamente o aparelho e deixou rodar a fita. Depois de algum tempo, retornou a fita e procurou ouvir o que havia sido gravado. A parte inicial não foi alterada, porque não sofreu regravação. Dali para diante, na continuação, soou um solo de clarim executando uma espécie de toque de introdução. Logo mais, surgiu uma voz masculina expressando-se em norueguês! Embora a voz fosse baixa,

era perfeitamente inteligível e referia-se a "vozes de pássaros noturnos". Juergenson "percebeu uma seqüência de sons grasnantes, sibilantes, murmurantes, entre os quais julgou reconhecer o canto de um alcaravão." (Opus cit. p. 7)

Em seguida todo aquele ruído cessou de repente, para reaparecer alto o gorjeio do tentilhão de faia e o canto distante dos milharoses. Portanto, o aparelho mantinha-se funcionando normalmente.

Juergenson, naquela ocasião, estava quase convencido de haver captado a irradiação de alguma emissora norueguesa. Não obstante, ele achou muito estranho a coincidência de haver captado os pios de aves noturnas norueguesas, justamente quando tentava, à tarde, gravar o canto de pássaros ali da Suécia. Parecia-lhe um enigma...

Essa parte introdutória, que fizemos questão de apresentar, embora resumidamente, é de suma importância para aqueles que estão interessados na TCI e procuram dar os primeiros passos nessa fascinante e importantíssima investigação. Ela revela-nos detalhes sutis e significantes que identificam os primeiros sinais das tentativas de contacto por parte dos desencarnados.

Os estreantes que pretendem começar suas primeiras experiências com EVP devem manter-se atentos aos diversos sinais que poderão ser detectados no início das suas sessões preliminares. Nessas ocasiões poderão surgir os mais variados ruídos, tais como pancadas, *raps*, sons musicais, murmúrios, gemidos, prantos, toques de campainha etc, antes do aparecimento das vozes inteligíveis. Se isto ocorrer é bom sinal e convém persistir.

O livro de Friedrich Juergenson é extenso e minucioso e seria impossível resumi-lo no exíguo espaço de que dispomos. Por essa razão, iremos referir-nos daqui por diante apenas às partes essenciais daquela obra, bem como de outros trabalhos publicados por ele.

O Auto-aprendizado de Juergenson

Como costuma ocorrer com os pioneiros, Juergenson teve de aprender a lidar e encontrar as regras do fenômeno que acabara de descobrir, usando a sua própria argúcia e seus recursos pessoais disponíveis. Pouco a pouco, ele conseguiu atinar com a forma de melhorar o processo de captação, escuta e compreensão das vozes gravadas nas fitas magnéticas. Sua primeira providência foi a aquisição de fones de

ouvido. Depois ele teve de comprar dicionários, pois as vozes usavam frases poliglóticas, isto é, compostas por palavras pertencentes a idiomas variados. Assim, em uma única frase podem encontrar-se palavras em alemão, sueco, português, francês, inglês etc. No livro de outro grande investigador daquela época, o dr. Konstantin Raudive, *Unhoerbares Wird Hoerbar* (O Inaudível Torna-se Audível), encontram-se também inúmeros exemplos de frases poliglóticas. Vamos transcrever algumas, para satisfazer a eventual curiosidade do leitor:

"Tack, Raudive. Gratulation tev, Konci! Pekainis. Tev nav ko eilt, Konsta". (Sueco, inglês, letão, alemão: "Obrigado, Raudive. Congratulações a você Konci! Pekainis. Você não tem que se apressar, Konsta"). (Raudive, 1971, p. 102)

A amostra apresentada pode dar uma idéia das dificuldades enfrentadas pelos primeiros transcomunicadores. Ao que parece, eles estavam bem preparados para isso. Tanto Juergenson como o seu amigo dr. Konstantin Raudive, além de possuírem bons ouvidos eram políglotas e foram capazes de compreender o que estavam ouvindo.

As gravações e as comunicações via rádio que se obtêm ultimamente já estão sendo feitas, na sua maioria, em um só idioma. Uma vez ou outra, aparece alguma palavra em língua diferente intercalada nas frases captadas. Mas, no início das TCIs pelo sistema EVP, eram muito comuns as frases poliglóticas. Possivelmente, os comunicadores desencarnados lançaram mão desse expediente, a fim de eliminar-se a suposição de ter havido simplesmente uma captação de programas das radioemissoras deste mundo.

O prefaciador do livro de Juergenson, Hans Geisler, teve uma frase feliz que vale a pena ser conhecida dos leitores do presente trabalho:

"Para o leitor deste livro" - de Juergenson - "é importante saber que qualquer pessoa que possua um aparelho de rádio e um gravador de som pode fazer experiências semelhantes à de Friedrich Juergenson, e é bem provável (mesmo que não seja cem por cento garantido) que, com a indispensável paciência e tenacidade, obtenha resultados iguais ou análogos aos de Friedrich Juergenson". (Juergenson, 1972, p. XVII)

Esse é outro aspecto importante da TCI, especialmente no caso do EVP. Trata-se de um fenômeno repetível por qualquer investigador persistente que se disponha a fazer corretamente a experiência.

A Grande Significância do EVP

Conforme Juergenson declarou em 1976 (17 anos após haver captado as primeiras vozes), na ocasião ele não imaginava a importância de semelhante fenômeno. Entretanto, depois desse tempo ele pôde avaliar o significado daquele acontecimento:

"Hoje eu sei (e o sei em base somente dos fatos) que estes contactos pelo gravador magnético são o acontecimento mais importante e significativo de nosso Século. Pela primeira vez na história do homem, é dada a possibilidade de resolver de modo objetivo, por meio desta conexão electrónica, o nosso problema maior e mais doloroso: o mistério da morte. É evidente que não resultará ainda uma renovação da consciência, renovação da qual hoje rendemos conta só em parte; uma coisa porém pode afirmar-se a partir de agora: estas intervenções de uma outra (superior) dimensão da vida já minaram pela base os fundamentos do materialismo". (Juergenson, 1976, p. 27)

Friedrich Juergenson, após muitos anos de íntimo contacto com o EVP, teve uma compreensão mais profunda a respeito do significado desse fato extraordinário. Ele fez uma lúcida avaliação do EVP, comparando-o com outras descobertas que também ajudaram a alargar o nosso entendimento a respeito dos demais fenômenos que nos cercam e nos permeiam, e dos quais passamos milênios sem dar conta de sua realidade. Ele escolheu três invenções para tal cotejo: o microscópio, o telescópio e o gravador magnético. (Juergenson, 1976, p. 27)

O microscópio revelou ao mundo a existência dos microorganismos e de outros microobjetos que, até o advento desse instrumento, passaram insuspeitos. Ninguém acreditava neles, e as pessoas que chegaram a formular hipóteses acerca da existência desses seres microscópicos tiveram de suportar as críticas e a ridicularização por parte dos doutos da época.

O telescópio alargou os limites do Universo conhecido antes da invenção desse instrumento. O Universo tornou-se imensamente maior, tanto no espaço como no tempo, pois com o telescópio pudemos captar também as imagens das galáxias, tal como eram elas há milhões e milhões de anos atrás. Entretanto, antes do uso do telescópio, a idéia que se fazia da grandeza e da idade do Cosmo era de uma estreiteza lamentável, sobretudo pelas conseqüências daí advindas. Os detentores do poder e dos limitadíssimos conhecimentos daquela época amordaçaram o

progresso científico, e sacrificaram preciosos valores humanos à custa do terrorismo inquisitorial.

O gravador magnético veio revelar a mais importante realidade, até agora apenas suspeitada e mal demonstrada pelas religiões. O gravador magnético estendeu a nossa concepção do Universo, para além do espaço e do tempo, bem como, trouxe-nos evidências suficientes para termos a certeza de que a vida prossegue além da morte. O contacto direto e objetivo com aqueles que já faleceram e conseguiram comunicar-se através do EVP desvendou aos nossos sentidos uma das mais consoladoras perspectivas. Por sua vez, algumas entidades comunicantes têm demonstrado conhecer simultaneamente o passado, o presente e o futuro. Desse modo, as nossas noções de tempo e de espaço deverão sofrer novas alterações além das que já foram introduzidas pela Física moderna.

Qual Seria o Processo da Transcomunicação pelo Gravador?

Precisamos destacar outro aspecto importante do processo da TCI pelo sistema EVP. Trata-se da maneira como é realizada a transcomunicação por parte dos Espíritos (ou entidades provenientes de outras dimensões).

No episódio de Attila von Szalay, que relatamos anteriormente, parece que a comunicação era feita de maneira direta pela entidade comunicante. Ela encontrava o ectoplasma fornecido pelo agente humano (von Szalay), e com esta substância conseguia produzir a voz direta, que era captada pelo sistema registrador acústico.

No caso do EVP descoberto por Juergenson, o processo se mostra bem diverso. Pelas informações contidas em algumas frases gravadas, percebe-se que as vozes são veiculadas através de ondas de natureza electromagnética. Ao que parece, os Espíritos possuem meios de irradiar as mensagens que são captáveis pelos nossos aparelhos electromagnéticos. Entretanto não se tem ainda uma descrição inteiramente compreensível do processo usado pelos desencarnados para tais transcomunicações. Em seus trabalhos, Juergenson faz menção desses equipamentos para comunicação:

"Por mais fantástico que pareça tudo isto, a verdade é que se trata de vozes de pessoas mortas, que por livre iniciativa buscam lançar uma ponte sobre o abismo que separa seu plano de existência

do nosso. Com esse objetivo, os organizadores do Além utilizaram não apenas uma instalação semelhante à do radar, mas também dispõem, ao que parece, de uma frequência de onda electromagnética especial, que manipulam à vontade, interferindo nas ondas curtas, médias e longas das nossas estações radiofônicas". (Juergenson, 1972, p. 105)

Ele acrescenta, ainda, que "todos os contactos efetuados com o nosso plano de existência estão sob a constante fiscalização da chamada Central Investigation Station e, ao que tudo indica, não podem realizar-se sem a sua colaboração", (opus cit. p. 105)

Em capítulos posteriores, iremos referir-nos mais algumas vezes a estas centrais transmissoras, também denominadas Pontes. Antes, porém, queremos focalizar ainda outras particularidades concernentes ao sistema EVP, e mencionadas por Juergenson em seus escritos.

Em quase todos os registros das vozes obtidos por Juergenson, os comunicadores do Além mencionaram também o termo radar, ou tela do radar. Por exemplo, referindo-se a uma ocasião em que Friedrich Juergenson e sua irmã Elli achavam-se em Pompeia (Itália), lá gravaram pelo sistema EVP a seguinte frase:

"Elli e Friedel, nós conhecemos os vossos pensamentos. Captamos los com o radar..." . (Juergenson, 1976, p. 33)

Respondendo à pergunta "se os seus amigos (os Espíritos dos mortos) tinham dito mais alguma coisa da sua dimensão, e se haviam descrito mais o seu mundo", Juergenson respondeu:

"Não diretamente. Mas falaram em radar, e nós sabemos que o radar substitui o olho humano. Donde eu deduzo que os 'mortos' não têm um contacto direto com nosso mundo tridimensional. Sem o radar, nós provavelmente sejamos invisíveis para eles". (Juergenson, 1976b, p. 35)

Essa conclusão de Juergenson consiste em uma impressão pessoal dele apenas, e não o resultado de informação direta dos Espíritos. Mais adiante há melhor esclarecimento acerca desta questão e de como podemos entender tal afirmação de Juergenson. Ao que parece, ele se refere tão-somente às entidades que estão operando as transcomunicações. Tais operadores devem encontrar-se instalados em postos de comunicação situados fora do nosso espaço tridimensional. Dali eles focalizam os lugares e as pessoas com quem desejam transcomunicar-se. A focalização é feita primeiramente pelo radar, através de cujo feixe

de ondas eles estabelecem o contacto. Daí em diante, eles enviam, por esse canal de orientação, as mensagens transportadas por determinadas ondas portadoras. Pelo menos na Europa, há comprimentos de onda específicos que são empregados com o auxílio do rádio conectado ao gravador. Por exemplo, vejamos a informação dada por Juergenson em seu artigo publicado na revista *ESP*:

"Antes de tudo: hoje sei que esta onda portadora é o resultado de experimentos durante anos, e está ainda em fase de desenvolvimento. Encontra-se sobre a onda média entre Moscou e Viena, ou mais aproximadamente entre cerca de 1445 e 1450 quilohertz...". (Juergenson, 1976a, p. 34)

Uma analogia pode ser útil para entender as informações dadas por Juergenson: é o caso das torres de navegação dos aeroportos. Os operadores contactam o avião em vôo, por meio do radar. Embora não o detectem visualmente, uma vez localizado o avião os operadores entram em comunicação com o piloto. Entretanto, logo que os aviões atingem a zona mais próxima daqueles postos, eles se tornam visíveis a olho nu. O mesmo deve ocorrer no relacionamento entre os Espíritos e nós. Enquanto eles se encontram em seus planos próprios, lá onde se situam as pontes (estações emissoras para a TCI), nós somos invisíveis para eles como disse Juergenson. Nesse caso, eles poderão perceber-nos graças ao emprego do radar construído pelos técnicos do Além. Porém se os Espíritos se avizinharem do nosso plano, então deverão avistar-nos normalmente, conforme podemos ler, por exemplo, nos livros de André Luiz psicografados por Chico Xavier.

Na entrevista dada por Juergenson à revista italiana *ESP*, há alguns tópicos de grande importância, referentes ao processo de comunicação entre os Espíritos e o operador humano que está usando o gravador. Vamos transcrever alguns trechos, incluindo as perguntas do entrevistador e as respostas de Juergenson:

"P. Você então imagina que os seus interlocutores na dimensão deles, na qual as coisas são provavelmente reais para eles como o são para nós no nosso mundo material, desenvolveram e aperfeiçoaram instrumentos com os quais procuram o contacto e a comunicação conosco?

R. Exatamente. Sente-se ressoar como um eco em uma grande sala, quando eles chamam; clareiam a voz; são mesmo pessoas! Sente-se ainda elas caminharem, bem como quando inserem o radar. E depois

falam de naves - eu não sei que coisas são e não quero nem mesmo fazer suposições - e dizem: 'nós voamos, nós nos movemos'. Têm naves com radar, naves de transportes...

P. Você tem a impressão de que existe um verdadeiro microfone no qual eles falam?

R A este propósito só posso fazer notar que possuo inúmeras gravações nas quais pessoas, que parecem ser muito modestas ou reservadas, dizem: 'Por que me colocam diante do transmissor?' Quando não, uma outra voz diz: 'Eu havia pedido a Você para não me transmitir!' Por isso eu conjecturo que mesmo lá existe uma realidade que é a mesma para todos. Frequentemente chegam vozes que perguntam: 'O Friedel está escutando?' E uma outra responde: 'Sim, o Friedel está ouvindo'. Por conseguinte, aquele que faz a pergunta não me vê e não sabe se está em contacto comigo. Veja, eu acho maravilhoso que tudo isso ocorra por meio de um elemento técnico electrónico, isto é concreto. Não há nada a ver com os fantasmas envoltos em lençóis brancos...". (Juergenson, 1976b, p. 36)

Juergenson nesta mesma entrevista cita uma ocorrência muito interessante, que traz esclarecimentos importantes acerca do processo de TCI por meio do EVP: ele e a sra. Lizz Werneyd possuem ambos um gravador marca Uher. Em uma dada ocasião, eles haviam ligado paralelamente seus aparelhos a um mesmo receptor de rádio. Os gravadores achavam-se à distância aproximada de um metro um do outro. Embora os gravadores estivessem funcionando conjuntamente, houve grande diferença nas gravações obtidas: na fita magnética da sra. Lizz gravara-se apenas um ruído contínuo. Na de Juergenson, ao contrário, havia as vozes que diziam: "Friedel, é mesmo excitante, estamos sobre a trilha justa!". Comentando este fato, Juergenson disse o seguinte:

"Em base disto compreendi pela primeira vez que eles dirigem o radar diretamente sobre o gravador, e não sobre o aparelho de radio conectado a este último". (Opus cit.)

Conclusão

As revelações obtidas por Juergenson acerca do plano em que se encontram os desencarnados são impressionantes, e confirmam as que

já têm sido transmitidas por via mediúnica. Elas concordam também com as descrições feitas pelos bons projetores do corpo astral.

Comentaremos sobre outro grande investigador do EVP, dr. Konstantin Raudive, no próximo capítulo.

"O Inaudível torna-se Audível " - K. Raudive

A tendência da natureza humana é tal que a negação de uma só basta geralmente para contrabalançar a afirmação de cem mil outras testemunhas oculares.

(Vesme, 1976, p.33)

Konstantin Raudive (1909-1974)

Na história da TCI pelo sistema EVP, o dr. Konstantin Raudive ocupa um lugar proeminente. Se Friedrich Juergenson pode ser considerado o pioneiro da transcomunicação por meio do gravador em fita magnética, K. Raudive bem merece o título de campeão do EVR. Foi seu monumental trabalho, particularmente as 72 mil frases por ele registradas e publicadas em sua obra clássica *Unhoerbares Wird Hoerbar* (O Inaudível Torna-se Audível), que mais contribuiu para a divulgação mundial da TCI.

Konstantin Raudive nasceu em Asune, Letônia, em 30 de abril de 1909, e faleceu em Badkrozingen, Alemanha, em 2 de setembro de 1974. Ele era um notável psicólogo e filósofo europeu, que viveu na Suécia e na Alemanha desde o fim da II Guerra Mundial. Escreveu seis livros incluindo duas novelas. Seu nome é conhecido tanto no âmbito literário como no científico.

Os primeiros contactos de Raudive com a TCI ocorreram, conforme ele próprio revelou em seu livro *Unhoerbares Wird Hoerbar*, em fins de 1964, época em que apareceu em Estocolmo, Suécia, o livro de Friedrich

Juergenson, intitulado *Roesterna fraen Rymden* (Vozes do Espaço).

Durante toda a sua vida, Raudive preocupou-se com os fenômenos paranormais. Prendia-lhe mais a atenção o problema da sobrevivência após a morte. Em todos os seus livros ele abordou esta questão, particularmente na obra *Der Chaosmensch und seine Ueberwindung* (O Homem-Caos e sua Conquista).

Por essa razão, Raudive leu com a máxima atenção o livro de Juergenson. A princípio ele teve a impressão de que o autor, um homem de rara sensibilidade e susceptibilidade, poderia estar dando asas à sua imaginação. Mas, no final do livro, ele explicava a técnica para a obtenção das vozes do espaço às quais se referia, e que seriam *vozes de pessoas já falecidas!* Isto surpreendeu Raudive, que resolveu procurar pessoalmente o autor.

O primeiro encontro entre Raudive e Juergenson ocorreu em abril de 1965. Na ocasião estavam presentes a dra. Zenta Maurina (esposa do dr. Raudive) e a sra. Juergenson. Durante esta visita, Juergenson fez algumas demonstrações de captação de vozes pelo sistema EVP, tendo impressionado positivamente a ambos, o dr. Konstantin Raudive e a sua esposa dra. Zenta Maurina. No início, Raudive considerou que o fenômeno poderia ser o resultado da ação psicocinética inconsciente do operador, ou de sons estranhos captados das radioemissoras. Mas as suas primeiras hipóteses não o satisfizeram suficientemente e, em junho de 1965, ele resolveu fazer algumas pesquisas junto com o próprio Juergenson, no Estado de Nysund, onde este último residia. Raudive visava adquirir prática na gravação das vozes, e ninguém melhor para adestrá-lo do que o próprio descobridor do fenômeno.

Os sucessivos contactos de Raudive com Juergenson, e um conhecimento mais profundo da personalidade deste último, bem como da história de sua vida, confirmaram que ele era absolutamente sincero. Raudive convenceu-se de que Juergenson se achava completamente imerso no mistério do fenômeno das vozes, e firmemente convencido de que lidava com o "mundo do Além", no qual nós penetramos depois da morte e onde continuamos nossas atividades em uma existência transcendental.

Inicialmente, as experiências dos dois juntos só produziram vozes pouco claras e dificilmente discerníveis. A partir do dia 10 de junho de 1965, às 9h e 30 min., passaram a obter bons resultados. Essa gravação

foi conseguida por meio do rádio. Esse método, conforme já explicamos antes, consiste em sintonizar o aparelho de rádio acoplado a um gravador, em uma faixa de frequências situadas entre as duas emissoras contíguas. O ruído resultante é um chiado entremeado de sons confusos de música e falatório. No meio dessa algaravia surgem as vozes perfeitamente discerníveis a um ouvido bem treinado. Elas se destacam pelo seu ritmo peculiar e pela objetividade das sentenças transmitidas em estilo telegráfico.

Margarete Petrautzki - Secretária de Raudive

A gravação captada no dia 10 de junho de 1965, foi submetida por Raudive a várias pessoas. Todos foram unânimes em concordar que uma voz inicialmente chamava:

"Friedrich! Friedrich!" - A seguir, outra voz disse suavemente: "Heute pa nakti" (alemão e letão: Hoje à noite). Em continuação, uma voz feminina perguntou: "Kennt ihr Margaret, Konstantin?" (alemão: Você conhece a Margaret, Konstantin?). A voz prosseguiu em um tom cantante: "Vi tabu! Runa!" (letão: Nós estamos bem distantes! Fale!). O trecho encerra-se com uma voz feminina que diz: "Vá dormir! Margarete!" (sic). (Raudive, 1971, pp. 15 e 16)

Raudive ficou fortemente impressionado com esta gravação, porque ele e sua esposa haviam perdido recentemente uma secretária muito ligada a ambos e cujo nome era Margarete Petrautzki. Mas Raudive ainda conservava os resquícios de sua formação acadêmica. Seria mesmo a voz de Margarete Petrautzki, ou algo produzido pela mediunidade de Juergenson? Aidéia das possibilidades, até então pouco conhecidas, do inconsciente e da função psicocinética do agente humano, ainda deviam persistir na mente de Raudive. Por isso, ele resolveu tirar a limpo essa questão e verificar se o "fenômeno das vozes" era realmente universal e livre de toda a influência subjetiva. Se fosse esse o caso, as vozes deveriam ser capazes de manifestar-se, elas próprias, independentemente da influência de pessoas, tempo, ou espaço.

Raudive iniciou então suas investigações pessoais em junho de 1965. Após cinco anos de trabalho sistemático e persistente, ele acumulou imensa soma de gravações e uma enorme experiência sobre o fenômeno das vozes. A história das pesquisas desse notável transcomunicador é

muito extensa. Em vista disso, vamos abordar apenas alguns aspectos das suas atividades e conclusões; preferencialmente as que considerarmos de maior utilidade para o leitor que pretende desenvolver esse tipo de investigação. Vamos iniciar resumindo a parte concernente aos Métodos de Gravação.

Raudive distingue cinco métodos de gravação pelo sistema EVP: 1) Exclusivamente com o microfone; 2) Através do rádio; 3) Rádio e microfone; 4) Gerador de frequências; 5) Diodo.

Métodos de Gravação

1) *Gravação exclusivamente com o microfone*

Este método é inteiramente análogo ao processo de gravar um som qualquer, como música, palestras, entrevistas etc.

E recomendado que se indique previamente a data, a hora, o local onde se está fazendo a gravação, e mais outros dados de interesse, inclusive os nomes dos participantes. Este expediente pode ser usado indistintamente para qualquer um dos cinco métodos indicados.

O tempo de gravação não deve exceder de dez a quinze minutos, pois o exame dos resultados, quando feito com cuidado, costuma demorar até algumas horas.

E óbvio que convém manter-se silêncio durante as gravações, bem como escolher um lugar isento de ruídos, para as experiências. Raudive observou que as vozes captadas por microfone costumam, em sua maioria, ser fracas e rápidas.

Raudive classifica as vozes em três grupos, segundo o seu grau de audibilidade:

Grupo "A" - Nesta categoria colocam-se as vozes claras, bem audíveis e inteligíveis a qualquer pessoa, ainda que não habituada a distinguir vozes gravadas pelo sistema EVR

Grupo "B" - Consiste em vozes que falam mais rapidamente e mais baixo, porém ainda são perfeitamente audíveis a um ouvido já um pouco treinado e atento. A prática constante desse gênero de pesquisa desenvolve a acuidade auditiva e a capacidade de distinguir vozes, que passariam despercebidas a um ouvido normal. Para as vozes do grupo "B", convém a ajuda de participantes habituados à escuta dessas vozes.

Grupo "C" - Justamente nesta classe é que se encontram as vozes capazes de fornecer a maior soma de informações úteis e muitos dados

paranormais. Infelizmente, tais vozes podem ser ouvidas apenas fragmentariamente, mesmo por ouvidos muito treinados e de excepcional acuidade, exigindo ajuda técnica para interpretá-las satisfatoriamente.

2) *Gravação através do rádio*

A gravação das vozes com a ajuda do rádio complica um pouco mais a operação de ouvi-las e distingui-las eficientemente. Raudive cita, a propósito, uma opinião de Friedrich Juergenson: Em seu livro *Vozes do Espaço*, Juergenson afirma que nenhuma gravação via rádio pode ser feita satisfatoriamente sem um mediador. Essa voz mediadora é geralmente aquela de uma mulher (no caso de Juergenson: Lena) informando qual a estação transmissora, o comprimento de onda, e a hora do dia e da noite a escolher para uma gravação:

"Eu fui capaz de ouvir a misteriosa 'mediadora' de Juergenson em uma de suas fitas gravadas" - diz Raudive - "Ela pediu-lhe que aguardasse para gravar, até às 21 horas; sugestões acerca de pessoas e eventos também aparecem no conjunto, em sua voz estranhamente sibilante". (Raudive, 1971, p. 23)

O surgimento dessa preciosa colaboração não parece ser assim tão imediata e tão fácil de ocorrer. Raudive, apesar da sua competência e incontestável valor pessoal, teve de aguardar seis meses para ter a sua "voz mediadora". Isso ocorreu em fins de 1965, quando finalmente ele escutou uma voz que respondeu à sua pergunta acerca de quem poderia ser a sua mediadora:

Uma voz do Grupo "B" falou claramente "Spidola" (um nome letão). Uma voz masculina acrescentou em letão: "Mes dzirdejam. Latviesi tev palidzes". (Nós ouvimos. Os letões ajudarão você). (Raudive, 1971, p. 23)

Na primeira gravação que Raudive fez depois desta última informação, ele ouviu uma voz feminina indicando uma estação emissora totalmente desconhecida: Sak' Peter! (letão - Fala Peter!), isto é, está sendo transmitido da estação emissora Peter! Posteriormente, Raudive teve a certeza de que alguém chamada Spidola o estava assistindo nas gravações das rádio-vozes. Ficou sabendo também que essas vozes-entidades deviam possuir várias estações radioemissoras próprias. Entretanto, tais estações não pareciam estar situadas dentro do nosso espaço universal, e sim em outro espaço fora daqui. As diferentes designações dadas a essas emissoras do Além são as seguintes: estúdio,

central, grupo, ponte etc.

Raudive, em seu livro *Unhoerbares Wird Hoerbar*, fornece o nome de diversas emissoras do Alé. Ei-las: Estúdio-Kelpe; Rádio Peter; Kegele; Kostule, Vários Transmissores Ponte Goethe; Sigtuna; Arvides, e Irvines. Porém deve haver muitas mais, pois pelas últimas informações que temos recebido ficamos sabendo que o número dessas pontes cresce continuamente.

Se algum experimentador estiver confiando na possibilidade de ajuda de uma mediadora, poderá tentar da seguinte maneira:

Passar o indicador de sintonia lentamente, de uma ponta à outra da escala de comprimentos de onda do seu rádio, e aguardar cuidadosamente que surja uma voz que dirá em tom sibilante: "agora", ou "comece a gravar!" ou coisa parecida. Aí, nesse exato momento, aciona-se o gravador, o qual já deve estar conectado ao rádio. Mantém-se assim gravando, apesar da música ou fala dos locutores ou quaisquer outros ruídos. Mais tarde, quando a fita for retornada para ouvir-se o que foi captado, os ruídos estranhos da rádio-transmissão deverão ter sido eliminados. Desse modo, as vozes com seu ritmo característico poderão ser distinguidas.

Posteriores experiências mostraram que, mesmo sem a ajuda da voz mediadora, é possível fazer-se a gravação através do rádio. O método mais usual consiste na escolha de faixas intermediárias entre as ondas transmissoras. Escolhem-se aquelas em que há um mínimo de interferência dos rádio-programas. Ouve-se um chiado. Aciona-se o gravador, por alguns poucos minutos, retorna-se a fita e verifica-se, entre os ruídos gravados, se as vozes foram captadas.

O dr. Konstantin Raudive achava que o fenômeno das vozes está intimamente ligado a ondas de rádio que vêm de fora, penetram todas as coisas e criam campos electromagnéticos dentro do chamado mundo físico." (Raudive, 1971, p. 24)

3) Gravação através de rádio e microfone combinados

Diz, Raudive, que este método foi descoberto por acaso. Estava ele retornando uma gravação feita minutos antes, quando notou diferenças na fita gravada. Uma voz pedia incessantemente sinais. Contendo sua admiração, Raudive escutou essa estranha gravação até o fim. Quando a fita terminou, ele colocou outra ainda virgem, pretendendo fazer uma

gravação do segundo tipo, isto é, através do rádio apenas. Porém ele se esqueceu de ajustar o gravador, de maneira que a gravação foi feita através do microfone, enquanto a rádio-conexão se manteve em operação. Ao voltar a gravação para ouvi-la, ele descobriu várias vozes! Raudive encontrou, assim por acaso, um novo método de gravação de vozes. Por esse sistema torna-se possível manter conversação com as vozes.

4) Gravação com um gerador de frequências

Este sistema consiste em operar um gerador de frequência e usar o ruído da mesmo injetado no gravador. Tal método tem a vantagem de eliminar os sons do rádio que são captados em mistura com as vozes, o que obriga o operador a um esforço de seleção auditiva. O gravador registrará apenas o ruído da onda portadora e, em conjunto, irão distinguir-se com facilidade as vozes captadas.

5) Gravação por diodo

Este é um dos sistemas mais usados embora apresente algumas dificuldades técnicas na ajustagem da antena.

Conclusão

Poderíamos descer mais aos detalhes técnicos desses métodos de gravação das vozes pelo sistema EVP Porém, preferimos recomendar, aos caros leitores que nos honram com sua atenção, a busca de fontes mais ricas em informações. Entre as inúmeras obras existentes, sugerimos o livro da sra. Sônia Rinaldi, editado pela FE Editora Jornalística Ltda.: *Transcomunicação Instrumental - Contatos com o Além por Vias Técnicas.*

XXX

O Spiricom de George W. Meek

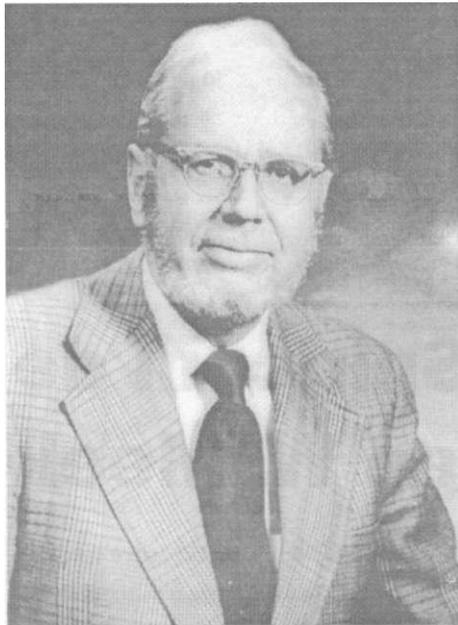
A história natural da Ciência é o estudo do desconhecido. Se você teme o desconhecido, então não irá estudá-lo e não fará qualquer progresso. (Michael E. de Bakey)

George William M. Meek

Em 1970, George W. Meek veio ao Brasil acompanhado de vários cientistas, trazendo uma enorme variedade de aparelhos e equipamentos destinados ao registro de fenômenos paranormais. Foi nesta ocasião que ficamos nos conhecendo, em São Paulo. Desse primeiro encontro nasceu entre George Meek e nós a sólida amizade que perdura até os dias atuais.

Depois desse primeiro contacto, George Meek retornou diversas vezes a São Paulo, por onde ele gostava de fazer escala quando voltava de suas viagens à Europa. Ele foi um grande viajor e suas idas e vindas contam-se às dezenas pelos diversos países do mundo.

George W. Meek nasceu em 7 de janeiro de 1910, em Springfield, Ohio, EUA. Desde bem jovem começou a manifestar grande pendor para a engenharia, preferindo como recreação a montagem de modelos mecânicos de toda a espécie, em lugar de praticar jogos e esportes. Em 1921 estava muito em voga a radiotelefonía ainda nascente. Naquela época, inúmeras pessoas construía seus próprios receptores, montando rudimentares circuitos constituídos por uma bobina com diversas tomadas, um pequeno condensador e um diodo formado por um cristal



Eng' George William Meek, pioneiro da TCI e inventor do Spiricom

de galena intercalado no circuito. Um dos contactos com a galena era obtido por um fio bem fino, do qual uma das pontas tocava a superfície do cristal. Um fone duplo para ouvido era inserido no circuito e permitia escutar os programas irradiados, mediante sintonização adequada. Pois bem, aos 11 anos de idade Meek divertia-se construindo seu próprio receptor de galena.

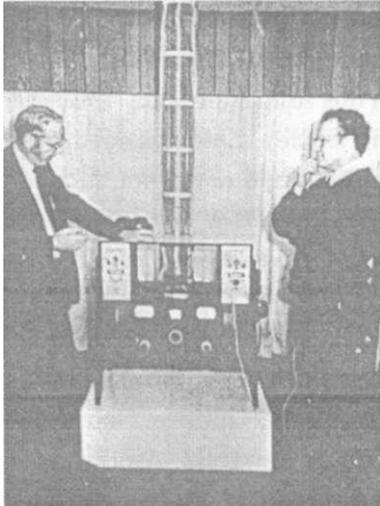
Mais tarde, dedicou-se sobretudo a inventar e construir diversos aparelhos mecânicos. Em 1932 formou-se em Engenharia. Sua carreira profissional foi brilhante e tornou-se um fecundo

inventor, ficando conhecido internacionalmente pelas suas patentes de equipamentos industriais.

Aos 60 anos de idade, Meek organizou sua vida de modo a poder viver da renda de suas patentes, sem necessidade de trabalhar para as organizações a que ele servia. Resolveu então dedicar o resto de sua vida ao estudo da natureza do homem e do seu destino após a morte. Para isso, procurou aliar-se a um grupo de cientistas especialistas em várias áreas. Em 1970, ele começou a investigar primeiramente os fenômenos de cura psíquica, viajando por diversos países. (Fuller, 1985)

A Transcomunicação Instrumental

Mais tarde, sua atenção foi atraída para os fenômenos da transcomunicação. Meek desejava estabelecer contacto com algum cientista desencarnado que estivesse disposto a colaborar com um grupo de pesquisadores encarnados, na construção de um equipamento que permitisse uma comunicação com a alma dos mortos, semelhante ao telefone ou à telefonia sem fio, isto é, que possibilitasse o diálogo. Tal dispositivo deveria substituir o intermediário humano (médium) comumente empregado para esse tipo de comunicação. Não obstante,



George W. Meek e Hans Heckmann observam o primeiro protótipo do Spiricom, o Mark I desenvolvido por Heckmann entre 1971 e 1973. Este aparelho não logrou êxito

George Meek ainda procurou, como primeiro passo nesse sentido, um médium de alta qualidade e que possuísse uma soma de conhecimentos técnicos suficiente para facilitar o intercâmbio com alguma eventual entidade de elevado nível.

Naquela ocasião já havia surgido o EVP, ou seja, a obtenção de vozes desencarnados, mediante o emprego de gravadores de fita magnética. Meek viajou várias vezes pela Europa para contactar os principais transcomunicadores dessa área e pôr-se bem a par do sistema EVP. Porém, apesar das inovações e aperfeiçoamentos técnicos

desse tipo de transcomunicação, Meek considerou ainda insatisfatória a forma de comunicação que o EVP propiciava. Um dos pontos principais era a dificuldade de estabelecer um diálogo extenso entre a entidade comunicante e o operador terreno. Meek constituiu um ótimo grupo para



O eng. eletrônico Bruce Dapkey montando o Spiricom Mark II. Este protótipo começou a ser construído em 1973 e operou no período de 1974 a 1977, na faixa de 1200 MHz. Também não teve êxito

ver se conseguiam inventar um outro sistema capaz de superar os inconvenientes do EVP. Ocorreu que, entre os companheiros aliciados, havia um elemento de alta qualidade e um dos fundadores da Spiritual Frontiers Fellowship. Tratava-se de Melvin Sutley. Este senhor teve a surpresa de ser informado, através de um médium, que um seu falecido amigo íntimo manifestara o desejo de aliar-se a um grupo de pesquisadores de alto nível, visando criar um sistema técnico de transcomunicação.

O presumível Espírito comunicador havia sido, quando encarnado, um grande especialista em raios cósmicos e ex-professor das Universidades de Yale, Minnesota, Chicago e Swarthmore. Seu nome todo era William Francis Gray Swann, falecido em 1962. Ainda mais, quando em vida, o prof. Francis G. Swann e o sr. Melvin Sutley preocupavam-se com o problema da sobrevivência e da possibilidade da comunicação entre os encarnados e os desencarnados.

Assim que George Meek soube da referida transcomunicação mediúnica, tomou providências para montar um pequeno laboratório em Filadélfia. G. Meek morava em Fort Myers, mas preferiu a Filadélfia, porque ficaria mais fácil para os seus companheiros se encontrarem com ele, nos fins de semana e feriados. Compunham o inusitado grupo de pesquisadores da transcomunicação com os desencarnados, os seguintes técnicos, além do próprio George W. Meek: Melvin Sutley, administrador chefe do conceituado Wills Eye Hospital e um dos fundadores da Spiritual Frontiers Fellowship ao qual já nos referimos antes; Paul Jones, amigo íntimo de Meek, físico, engenheiro electrónico, fabricante de acessórios para computador, e inventor com mais de uma centena de patentes; Hans Heckmann, especialista em computador, técnico electrónico com prática em reprodução de sons; e outros mais.

Os Primeiros Contactos com os Parceiros do Além

O grupo antes mencionado procurou entender-se com o prof. Francis G. Swann (Espírito). Para isso contrataram os serviços de um médium. Assim aparelhados, procuraram fazer sessões no mesmo estilo das espíritas: sentavam-se ao redor de uma mesa e procuravam entrar em contacto com o Espírito Francis G. Swann. Iniciavam a reunião com uma prece pronunciada por Meek ou por Heckmann e aguardavam a

incorporação do Espírito no médium. Depois de algum tempo, este entrava em transe e, daí a instantes, a esperada voz dizia: "Eu sou Swann".

Inicialmente Swann revelou que não se encontrava sozinho. Outros cientistas faziam parte de sua equipe; entre eles Lee de Forest e Reginald Fessenden, que foram famosos pioneiros da radiotransmissão. Esperava-se que do lado do Plano Espiritual iria ocorrer uma forte ajuda e que as soluções seriam fornecidas principalmente pelos técnicos do Além.

Por sua vez, George Meek representava uma garantia de êxito, devido aos seus conhecimentos tanto técnicos quanto espirituais. Entretanto, os resultados obtidos por ele e seus companheiros não atingiram os objetivos esperados. Meek não considerava o EVP um alvo ideal a ser alcançado, devido às deficiências naturais desse sistema. Ele e seus colegas já haviam preestabelecido as características do equipamento a ser construído.

Quando iniciaram seus contactos, providenciaram também a montagem do primeiro protótipo. O nome genérico dos futuros aparelhos já fora previamente escolhido: Spiricom, sigla da expressão Spirit Communication. Ao primeiro aparelho experimental deram a designação de Mark I.

Ao que parece, os parceiros do Além estavam mais ou menos de acordo com as iniciativas até então tomadas pelo grupo. Mais tarde, a prática iria mostrar que tanto eles como os próprios técnicos terrenos se achavam despreparados para enfrentar as novas condições oferecidas pela Física do Plano Espiritual.

Os Protótipos do Spiricom

Em 1973, Hans Heckmann concluiu a construção do primeiro protótipo do Spiricom, o qual recebeu a designação de Mark I.

Este primeiro aparelho foi baseado sobretudo nos conhecimentos científicos e espirituais de George Meek, aliados à habilidade de Heckmann e tacitamente aprovado pela equipe do falecido prof. Gray Swann.

Um dos objetivos visados por Meek era buscar contacto com os níveis mais altos do mundo espiritual, evitando o quanto possível o intercâmbio com os planos inferiores ou médios, de onde dificilmente

seriam obtidas informações aproveitáveis. Em vista disso, ele considerou que, logicamente, o alcance dos mais altos níveis dependeria, dentre outras características operacionais, da frequência das ondas emitidas pelo aparelho. Vejamos as primeiras palavras de Meek:

"O método que escolhemos foi quase sugerido por ele próprio. Não havia intenção de contactar os níveis de vida espiritual do baixo e médio astral. Uma vez que nosso Espírito-contacto residia em uma área de vibrações mais altas, o assim chamado nível mental e causal, nós não iríamos tentar abordagens de baixa vibração. Decidimos usar um gerador de alta frequência, o qual forneceria uma onda 'portadora'. Este método fora de certa forma negligenciado pelos pesquisadores do EVP, mas parecia mais promissor para as nossas intenções". (Meek, 1982a, p. 11)

Ele adquiriu vários bons geradores e, durante o verão de 1973, Hans Heckmann montou o primeiro protótipo, o Mark I.

Os primeiros testes com o Mark I foram feitos durante duas sessões, estando presente o médium humano em transe. Desse modo, puderam acompanhar os resultados das operações e suas respectivas repercussões no Plano Espiritual. Um balanço final revelou que o Mark I não era suficiente para atender aos fins visados. Por isso foi planejado um outro aparelho mais potente e com várias melhorias que pareceram necessárias.

Em julho de 1974 foi iniciada a montagem do Mark II. Trabalhou na construção desse Spiricom um outro técnico que aderiu ao grupo, o eng. electrónico Bruce Depkey.

O Mark II estava provido de um oscilador de 1.200 MHz, portanto com uma frequência quatro vezes maior do que a do Mark I, pois este último dispunha apenas de 300 MHz. A saída do Mark II era de 2,5 Watt, com frequência fixa garantida por um sistema de cristal.

A estréia do Mark II deu-se no outono de 1974. Serviu como médium o próprio eng. Meek, graças ao seu treinamento nesse sentido. Mas, após várias tentativas, chegaram à conclusão de que talvez estivessem seguindo um rumo errôneo. Parece que a turma de Meek, bem como os seus comparsas do Além possivelmente estivessem usando as leis da nossa Física quando, nos níveis superiores da Espiritualidade, as regras são outras. Vejamos as próprias observações de George Meek:

"Logo tornou-se óbvio que nossos colaboradores espirituais não tinham soluções para todas as nossas perguntas. De fato eles relataram que não tinham todas as respostas para como poderiam manipular suas

energias! Então ocorreu um esforço cooperativo no qual nós e eles havíamos meramente dado o primeiro passo com o Mark I e o Mark II". (Meek, 1982a, p. 28)

Depois dos protótipos I e II ocorreu um episódio em que um técnico especial, dotado de bastante competência em electrónica e possuidor de ostensiva faculdade de efeitos físicos, entrou para o grupo de George Meek. Este médium e técnico excepcional conseguiu a proeza de construir os dois protótipos Mark III e Mark IV, que permitiram uma transcomunicação instrumental em dois sentidos e perfeitamente audível no ambiente da pesquisa. Seu nome era William John O'Neil. Falaremos a seu respeito e acerca do seu notável feito, mais adiante, no próximo capítulo.

Os protótipos criados por W. J. O'Neil funcionaram a contento, mas operavam a baixas frequências, entre 29 e 31 MHz. Desde o princípio, George Meek procurou evitar tais níveis de frequência, a fim de impedir o contacto com entidades do baixo e médio Astral. Ao que parece, no caso do Spiricom, Meek estava com a razão. Em vista disso, mesmo havendo obtido inicialmente um importante sucesso com o Mark III e o Mark IV, Meek prosseguiu por algum tempo em suas tentativas, seguindo a primitiva linha dos protótipos de alta frequência.

Para ter-se uma idéia do imenso esforço de George Meek em suas tentativas, damos, a seguir, a relação dos aparelhos por ele tentados e projetados.

Mark I	1971-1973	300 MHz
Mark II	1973-1977	1200 MHz
Mark III e IV	1977	29 MHz
Mark V	1977	10250 MHz
Mark VI	1982	
	Transdutor de chama	= 10 ⁸ Mhz
Mark VII	Transdutor de quartzo ativado e luz ultravioleta (projetado)	= 10 ¹⁰ MHz
Mark VIII	Plantas vivas como Transdutores (projetado)	=(...?...)

Pelas informações que possuímos, nenhum dos protótipos construídos à base de altas frequências funcionou. Somente os protótipos Mark I e Mark II foram bem-sucedidos.

Em conversa pessoal, Meek nos confidenciou que houvera investido em suas pesquisas, viagens e outras atividades concernentes à TCI, cerca de US\$ 600.000! Sem dúvida uma fortuna, que bem fornece a medida do esforço desse grande e benemérito pioneiro da TCI.

Conclusão

Em 1982, George W. Meek fez uma viagem ao redor do mundo. Ele levou consigo certa quantidade de fitas magnéticas (cassetes) gravadas com as comunicações obtidas por William J. O'Neil operando os dois protótipos Mark III e Mark IV, bem como igual número de cópias de um minucioso relatório técnico a respeito de suas pesquisas (100 páginas). Esse material foi distribuído gratuitamente entre os principais grupos de transcomunicadores. Tivemos o privilégio de ganhar os exemplares desse material, pessoalmente das mãos de Meek. Naquela ocasião, inúmeros focos de TCI já estavam surgindo em diversos países, e George Meek iniciou, também, mais um gigantesco trabalho de divulgação e inter-relacionamento dos pesquisadores mais bem-sucedidos.

Deixamos para o próximo capítulo a descrição dos protótipos Mark II e Mark IV que lograram êxito.

XXXI

Os Spiricomos Mark III e IV

Quais são as evidências a favor da crença na
inexistência do Espírito? (Rathan Wahl)

William John O'Neil

Em 1917, na pequena cidade de Dubois, Pennsylvania, EUA, nasceu um garoto que recebeu o nome de William John O'Neil. Sua mãe descendia dos Sênecas, uma das tribos de índios americanos que habitaram aquela região. Talvez por ser descendente de um povo primitivo, ele possuísse dons paranormais em um nível mais elevado. Porém, até a idade de 12 anos, O'Neil não manifestara qualquer característica além do normal.

Aproximadamente na idade acima, isto é, mais ou menos aos 12 anos, conversando com sua mãe ele se referiu a uma cena que teria ocorrido com uma irmãzinha mais nova do que ele:

"- A senhora se lembra, mamãe, como todos nós ríamos quando minha irmãzinha se divertia arrastando pelo chão aquele pequeno pote de barro como se fosse um brinquedo?

- Lembro-me sim. Mas não era sua irmã, não. Era você. Ela nem era nascida naquela época... Ela nasceu dois anos mais tarde... E nunca brincou desse jeito com o potezinho de barro. Era você quem gostava de fazer isso".

Daí em diante, O'Neil sempre se manteve intrigado com esse incidente, pois ele se recordava nitidamente de haver presenciado, como

um espectador, aquela cena em que sua irmãzinha, ainda bebê, empurrava o pequeno pote, enquanto ela engatinhava pelo chão!

O'Neil sempre detestou a escola. Quando se diplomou no secundário, portou-se como um calouro, atirou seu capacete de futebol ao campo e nunca mais voltou lá. Apesar de ser habilidoso na execução de todo tipo de tarefas, sempre lutou com muitas dificuldades devido ao seu gênio rude e imprevisível. Tal fato muitas vezes impediu-o de realizar o seu sonho de desenvolver-se mental e espiritualmente, especialmente de levar a efeito seus planos um tanto irrealistas de trabalhar para a melhoria dos homens.

Sua carreira de técnico começou no laboratório de rádio-radar da Marinha Americana em Pearl-Harbor, em 1939. Apesar de sua pouca escolaridade, conseguiu matricular-se em um curso de electrónica avançada na Universidade de Hawai sob o patrocínio do Departamento da Marinha. Após haver obtido baixa na Marinha, O'Neil começou seu próprio serviço de radiocomunicação em Media, na Pennsylvania. Daí em diante ele passou a trabalhar nos mais variados tipos de especialidade electrónica. Exerceu um grande número de atividades no ramo da electrónica. Ao lado disso mostrava grande pendor para a música e poesia populares.

O'Neil era um bom leitor e isso compensava as deficiências de sua inicial formação escolar. Com o tempo, ele notou que possuía dons mediúnicos e procurou empregá-los em benefício dos seus semelhantes menos afortunados. Este seu plano levou-o a unir-se a Mary Alice que participava dos mesmos ideais. Eles dedicaram-se a curar pessoas por meio do passe e, em alguns casos, através da medicação com produtos vegetais, conforme a tradição dos índios Sênecas, dos quais O'Neil descendia pelo lado materno. Mary Alice participava indiretamente, pois todo o trabalho de cura era efetuado pelo marido. Devido a um caso de cura de um garoto surdo, O'Neil resolveu construir um aparelho electrónico que pudesse facilitar aos surdos perceberem os sons, sem o uso dos ouvidos. Ele planejou criar um sistema de emissão de ondas que fossem perceptíveis pelo tacto.

As Estranhas Visões no Aquário

Em 1973, em uma tarde de inverno, John O'Neil encontrava-se experimentando dois osciladores colocados sobre o seu banco de trabalho.

Entre os referidos aparelhos achava-se um pequeno aquário. A noite já ia alta. Mary Alice fora dormir e ele começara a sentir-se cansado. A experiência consistia em "bater" uma contra a outra diversas freqüências e medi-las em seguida. O'Neil tentava obter um tipo de onda que fosse perceptível pelo sentido do tato; pela sensibilidade táctil da pele.

Em dado momento, no correr das experiências, O'Neil notou algo estranho que se movia no interior do aquário. Nada, porém, parecia apontar os peixes como causa dos movimentos observados. Entretanto O'Neil, na ocasião, deu pouca importância ao caso, atribuindo tudo à ilusão provocada pelo cansaço.

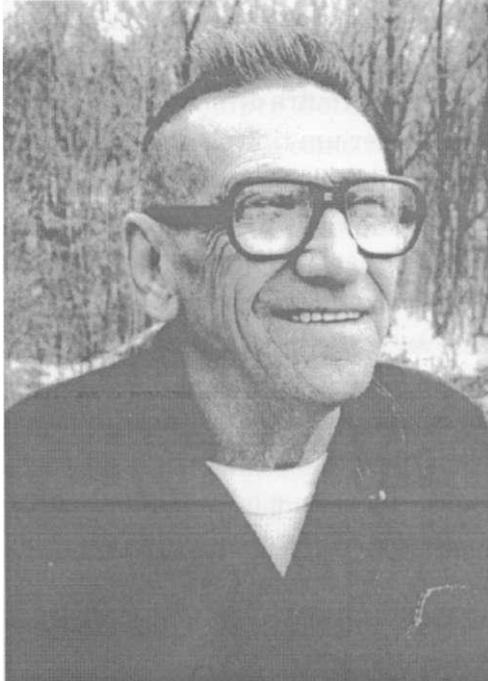
Uns dias mais tarde, ele resolveu repetir a experiência. Notou o mesmo estranho movimento de rodopio do líquido dentro do aquário. Aí ele resolveu retirar os peixes e tentar novamente a mesma experiência. O fenômeno repetiu-se. Ele passou a variar a freqüência das ondas de batimento. O fenômeno se complicou. Começaram a surgir cores que rodopiavam e, a seguir, os movimentos de giro passaram a tomar formas caprichosas como mãos e braços em miniatura! Logo mais, formou-se parte de uma cabeça com longa cabeleira! Tudo ali, dentro do aquário!

O'Neil levou um grande susto. Desligou os osciladores e ficou em uma dúvida atroz: estaria ele vendo realmente aquelas figuras? Ou as ondas electromagnéticas teriam afetado o seu sistema nervoso, provocando, como consequência, uma série de alucinações?

John O'Neil procurou um médico para certificar-se de que não teria sofrido qualquer dano em seu sistema nervoso. Mas, nada disso ocorrera. Na realidade, ele realizara, por acaso, um dispositivo capaz de tornar-se, no futuro, o que seria uma câmara espiritoscópica. Mas isto é uma outra história.

O incidente do aquário teve como consequência iniciar o relacionamento entre O'Neil e George Meek. Em uma carta dirigida ao editor do *Psychic Observer*, uma revista especializada em assuntos paranormais, ele foi orientado a procurar George Meek. A carta mencionava o episódio do aquário...

A participação de John O'Neil no projeto Spiricom não foi imediata. Pelo contrário, houve um intervalo de cerca de cinco anos a partir do episódio do aquário. A sua ligação com George Meek teve como motivo principal o fato deste último achar-se interessado, naquela época, em estudar os casos de materialização (ectoplasmia).



William John O'Neil, o primeiro operador a conseguir várias horas de conversação com os desencarnados, por meio do Spiricom Mark IV, em 27/10/1977

Ao descobrir John O'Neil, George Meek pensou na possibilidade de investigar os fenômenos de materialização que poderiam ser obtidos por aquele. De fato, O'Neil era um bom médium. Ocorriam com ele vários fenômenos de efeitos físicos, inclusive um caso de materialização de uma garotinha que chorava e pedia para ver a mãe dela. Este episódio foi seguido de uma série de perturbações que aterrorizaram O'Neil e sua mulher Mary Alice, bem como agitaram os companheiros de George Meek, devido à falta de familiaridade com os fenômenos de obsessão espiritual, por parte

dos americanos.

Há uma correlação natural entre a produção de ectoplasma e a manifestação da clarividência, da clariaudiência e dos fenômenos de efeitos físicos em geral, inclusive das curas paranormais. A variedade desses fenômenos, bem como sua intensidade, depende da maior ou menor capacidade de produção do ectoplasma. Até certo ponto, depende também da profundidade do transe do médium. O'Neil não conhecia as leis que governam tais fenômenos, pois o Espiritismo é ainda bastante ignorado nos EUA.

Dock Nick

Em 1975, o casal O'Neil e Mary Alice passaram a morar em uma pequena propriedade rural, onde puderam trabalhar com maior conforto. O novo laboratório de O'Neil foi instalado no segundo piso da casa.

Em uma ocasião de descanso, O'Neil apanhou seu violão e começou a tocar algumas melodias. Num dado momento ele olhou para o canto mais escuro do cômodo e notou que estava se formando um vulto ainda

pouco nítido! Ele ficou meio apavorado. Sua surpresa foi ainda maior quando a aparição se tornou mais nítida e o fantasma dirigiu-se verbalmente a ele, dizendo, mais ou menos o seguinte:

"- *Meus colegas tratam-me por Doe Nick. Eu também fui radioamador. Qual é o seu prefixo para chamada pelo rádio?*"

Pego de surpresa, O'Neil respondeu:

"- *Meu prefixo é N3AZQ*" - percebendo que havia falado automaticamente, acrescentou logo a seguir - "*Mas quem é você?*"

"- *Eu fui um médico*" - falou o vulto em voz bem clara e audível para O'Neil.

Estabeleceu-se uma rápida conversação entre eles a respeito de cura paranormal. Logo Doe Nick desapareceu.

O'Neil comunicou o fato a George Meek, como de costume, por carta, pois eles moravam em cidades muito distantes uma da outra. Por isso seu relacionamento, até então, fora normalmente epistolar ou por meio de fitas gravadas.

Enquanto George Meek continuava em Fort Myers e Philadelphia suas tentativas de contacto com a equipe de Espíritos do dr. Swann (ver artigo de janeiro de 1977, da *Folha Espírita*), O'Neil, na Pennsylvania, mantinha vários diálogos com Doe Nick, acerca de métodos de cura inortodoxos. Como se vê, os objetivos de Meek e O'Neil eram diversos, embora mantivessem intenso intercâmbio por carta.

John O'Neil, no entanto, sentia-se insatisfeito porque seus diálogos com Doe Nick eram através de clariaudiência. Desse modo, as palavras de Doe Nick não podiam ser gravadas. O recurso era ele gravar as suas palavras dirigidas a Doe Nick e, em seguida, ir ditando no microfone aquilo que ele ouvia clariaudientemente como resposta do Espírito. Mas O'Neil queria descobrir um dispositivo electrónico que permitisse gravar também as palavras do Doe Nick. Ele tentou vários sistemas, mas todos mal-sucedidos, ou impraticáveis. O'Neil andava mal-humorado por causa disso.

Em julho de 1977, O'Neil estava examinando umas fotos experimentais tiradas por ele com luz ultravioleta, tentando colaborar com Meek para obter evidências acerca de fenômenos psíquicos. Mas as fotos também não deram os resultados esperados.

O'Neil, que já estava, há dias, bastante mal-humorado, ficou bravo e soltou uma série de palavrões em voz alta! Mary Alice ao ouvir o

xingatório de O'Neil, subiu até o laboratório para saber o que estava ocorrendo. Chegando lá, viu o marido falando sozinho. Perguntou o que estava acontecendo e ele disse que estava chateado porque nada dava certo para ele, etc. etc. Ela tentou acalmá-lo, mas O'Neil era temperamental e em vez de se acalmar, ficou mais nervoso ainda e mandou que ela fosse dormir e o deixasse em paz! Ela pensou um pouco, e resolveu descer, sem falar mais nada.

O'Neil, em uma atitude pueril, resolveu queimar as fotos e começou a acender o fogo na lareira.

Nesse instante, ele sentiu a pressão de uma mão em seu ombro. Pensando que fosse Mary Alice, virou-se e viu que estava frente a frente com um Espírito materializado! O'Neil levou um enorme susto e perguntou:

"- Quem é você?"

"— *Falarei com você, quando você se acalmar*" — disse o estranho visitante.

O'Neil procurou controlar-se, perguntando o que a aparição desejava, e ambos entabularam uma conversa prolongada.

Mary Alice, ouvindo a conversa, levantou-se da cama, voltou ao laboratório e avistou a materialização. Entretanto, embora ela pudesse enxergar o estranho visitante dialogando com seu marido, ela via apenas a aparição mover os lábios, mas não ouvia o som da sua voz. Somente O'Neil conseguia ouvir, por clariaudiência, o que o Espírito dizia, e assim conseguia dialogar com ele.

O'Neil explicou à aparição que ele tinha necessidade de outras evidências que pudessem ser apresentadas como prova do seu encontro com um Espírito materializado. Então este forneceu a O'Neil o seu curriculum.

"Nome: dr. George Jeffries Mueller. Número do seu antigo Registro de Securidade Social: 142-20-4640. Ancestralidade: Inglês, Judeu, Alemão. Bacharel em Ciências e Engenharia Elétrica pela University of Wisconsin. Quinto grau máximo de sua classe em 1928. M.S. em Física, Cornell, 1930. Especialização, na New York University e Ucla. Prêmio de Mérito Civil da Secretaria do Exército. Instrutor de Física e membro de Pesquisas em Cornell.

O'Neil não ficou ainda satisfeito e pediu mais informações que fornecessem maior evidência acerca da personalidade em vida, daquele

Espírito. Ele foi atendido em todos os detalhes possíveis, ao ponto do Espírito reclamar do excesso de exigências de O'Neil nesse sentido. E, finalmente, deu-lhe o nome e endereço da própria filha, para que O'Neil se certificasse completamente de sua realidade. Mueller encerrou a conversa dizendo que era tudo o que ele podia informar para ajudá-lo a provar que teve o encontro com um desencarnado. Entretanto, se O'Neil não estivesse ainda satisfeito, ele iria embora e não o importunaria mais...



Nessa Conversa de O'Neil com o dr. Mueller, a voz da aparição também não pôde ser registrada no gravador, mas ele possuía dados suficientes para posterior investigação e evidenciar a sua realidade.

O'Neil comunicou imediatamente o fato a George Meek. Este, logo que recebeu a informação, acionou toda a sua equipe de colaboradores e amigos capazes de ajudá-lo numa pesquisa daquela importância. O resultado mostrou-se surpreendente: todos os dados foram confirmados! O dr. George Jeffries Mueller existiu mesmo, assim como eram absolutamente exatas todas as informações adicionais conseguidas por O'Neil naquela ocasião!

Restava, agora, conseguir-se um meio electrónico para gravar a voz do Espírito, a qual era percebida clariaudientemente por O'Neil. Se isso se concretizasse, George Meek realizaria o seu objetivo: obter-se um sistema electrónico capaz de permitir o diálogo entre um desencarnado e uma pessoa viva, sem as limitações ocorridas com o sistema EVR

Talvez com a ajuda técnica de Doe Nick e do dr. George J. Mueller, aliada aos dotes mediúnicos e técnicos de O'Neil, isto fosse possível!

George Meek tratou de aproveitar a oportunidade, envidando todos os seus esforços nesse sentido.

O Spiricom Mark III

William John O'Neil, como já deixamos perceber linhas atrás, era uma boa criatura, porém temperamental, cujo humor sofria altos e baixos freqüentes.

Depois do acontecimento em que o Espírito George Jeffries Mueller, materializado, forneceu todos os dados para sua perfeita identificação, Meek procurou contactar O'Neil pessoalmente e combinar com ele a complementação da meta cuja realização achava-se bem à vista: "Conseguir, com a ajuda dos Espíritos e dos conhecimentos técnicos de O'Neil o sistema electrónico que permitisse a audição física e conseqüente gravação da voz das entidades comunicantes".

Ao contrário do que qualquer um poderia esperar, George Meek encontrou John O'Neil na "maior das fossas": não queria saber de mais nada... Queria ficar em paz, cuidando do seu pequeno sítio e atendendo um ou outro caso de cura por "imposição das mãos" como ele já vinha fazendo há tempos. Além disso, queixou-se de que ia muito mal financeiramente, pois havia descurado demais de seus negócios (conserto de aparelhos e montagem de equipamentos electrónicos etc).

George Meek procurou contornar habilidosamente a situação e, finalmente, propôs a O'Neil um salário fixo, de US\$60,00 por semana, exclusivamente para ele tentar, com a ajuda e orientação dos Espíritos Doe Nick e dr. Jeffries Mueller, a montagem de um sistema electrónico capaz de reproduzir e gravar a voz das entidades desencarnadas.

O'Neil poderia fazer isso em suas horas livres, sem embargo de poder tratar também dos seus interesses pessoais.

Um dos problemas a ser superado era justamente interessar os Espíritos comunicantes na execução do sistema de transcomunicação instrumental. Doe Nick e Jeffries Mueller não se conheciam e nunca se manifestaram na mesma ocasião. Além disso os seus interesses eram também diferentes do objetivo de George Meek. Este visava a TCI, ao passo que os Espíritos queriam experimentar e divulgar os métodos de cura inventados por eles: Dock Nick, a cura do câncer: dr. Mueller, a cura da artrite.

Dos dois, Doe Nick mostrou-se mais colaborador e desenvolveu uma teoria no sentido de fazer-se um sistema de transcomunicação. Restava experimentá-lo na prática. George Meek imediatamente aprovou o plano e acionou O'Neil para construí-lo.

Embora a explicação fornecida por Doe Nick fosse tecnicamente complicada, para O'Neil soou como perfeitamente realizável. Ele construiu, pois, o sistema proposto por Doe Nick e iniciou as tentativas de obter transcomunicação instrumental com esse Espírito.

O sistema montado por O'Neil, orientado por Doe Nick, tornou-se o Spiricom Mark III. Era um complexo electrónico que emitia uma onda fundamental juntamente com um conseqüente som meio agudo que saturavam o ambiente. Depois de várias tentativas de acertar com a frequência apropriada, pareceu a O'Neil ter distinguido alguma articulação de palavras obtidas por alterações na modulação do som fundamental.

No dia 21 de outubro de 1977, tarde da noite, finalmente John O'Neil conseguiu acertar uma frequência que permitiu a ele distinguir com mais nitidez a voz do Espírito Doe Nick e, daí, estabelecer um diálogo com este último! O'Neil ficou entusiasmado, pois conseguira gravar a voz e obter assim uma evidência do seu contacto com o Espírito, inclusive do diálogo entre eles:

"- Tente novamente", disse O'Neil.

"- *Tudo bem,. Está me ouvindo agora O'Neil? Você pode ouvir-me, O'Neil'?*" perguntou Doe Nick.

"- Sim" respondeu O'Neil. "Mas Você faz isto soar justo como" - oh, meu caro - como um robô na televisão..."

Daí em diante o diálogo prosseguiu com a voz de Doe Nick , ora inteligível ora pouco nítida, acompanhado de pequenas instruções:

"—*Deixe assim como está. Deixe assim mesmo. Você está me ouvindo, O'Neil? Você consegue ouvir o que digo?*"

A conversa durou assim por algum tempo, durante a qual eram feitas tentativas de acertar com as frequências mais propícias para a clareza das palavras pronunciadas pelo Espírito. Nesse meio tempo, O'Neil ia anotando as frequências melhores. De repente, do mesmo jeito que a conversação se iniciou, houve a interrupção. Ficou só o ruído da onda portadora.

MaryAlice assistira à experiência e ficara pasma: "Você conseguiu realizar um feito extraordinário!" disse ela a O'Neil.

George Meek também ficou impressionado quando recebeu o relatório de O'Neil, acompanhado de uma fita cassete com a cópia do diálogo. Estava realizado o sonho de Meek: obter um sistema electrónico

que permitisse o diálogo entre o desencarnado e o encarnado, sem os inconvenientes do sistema EVR. O aparelho foi construído por John William O'Neil, orientado pelo Espírito Doe Nick. Foi denominado Spiricom Mark III.

O Spiricom Mark IV

Logo que recebeu a notícia acerca do sucesso de O'Neil, George Meek procurou equipar melhor o laboratório deste último.

No início de 1978, tanto George Meek quanto John O'Neil achavam-se animados a prosseguir no aperfeiçoamento do sistema Spiricom. Na Flórida, Meek e Will Cerney iniciaram a construção do Spiricom Mark IV, introduzindo vários aperfeiçoamentos no Mark III. Além disso, passaram a experimentar outros sistemas envolvendo fotografia ao ultravioleta.

Em maio de 1978, Meek notou que John O'Neil havia cessado de enviar-lhe relatórios sobre seus experimentos. Pareceu a Meek que algo não estava andando bem com O'Neil, ameaçando a deitar por terra o que já haviam conseguido até então. Procurou saber o que estava se passando, e foi informado que O'Neil estivera ocupado com o desenvolvimento de uma antena unidirecional inventada por ele. Meek desconfiou da história e resolveu ir pessoalmente ver O'Neil. De fato, ele estava às voltas com a antena e pretendia patentear-la para, depois, ganhar dinheiro explorando o invento.

Meek concordou com o plano de O'Neil, mas quis saber do Mark III. Aí O'Neil, muito acanhado, confessou que Doe Nick desaparecera e não mais se comunicou com ele nem por clariaudiência e nem por meio do Mark III!

"- E o Mueller?" Indagou Meek. "Ele tem se mostrado e comunicado com Você?"

O'Neil explicou que Mueller sim, mas que não estava colaborando nesse sentido. George Meek percebeu, logo, que O'Neil estava se desinteressando do projeto Spiricom. A dificuldade maior estava no comportamento de O'Neil. Então Meek propôs a ele ajudá-lo na questão da antena unidirecional, bem como em auxiliá-lo a mudar-se para North Carolina e juntar-se aos companheiros no laboratório montado em Franklin por Meek.

O'Neil agradeceu a oferta, mas não aceitou o convite para mudar-

se de onde estava, alegando que era muito apegado àquela região. Meek pediu a ele que pensasse bem, que fizesse um relax e, depois de algum tempo, falasse novamente sobre o caso. Embora Meek estivesse convencido de que O'Neil era extremamente problemático e houvesse poucas probabilidades de tornar-se um colaborador eficiente, restavam-lhe ainda as suas raras qualidades combinadas: às de potente médium e bom técnico em electrónica. Assim, em fevereiro de 1979, o projeto Spiricom permaneceu estagnado. Entretanto, Mueller continuava a manifestar-se clarivamente e clariaudientemente a O'Neil. Durante tais contactos, eles tratavam de assuntos inteiramente alheios ao Spiricom.

Certa ocasião, em uma das conversas com o Espírito Mueller, este afiançou a O'Neil que se ele seguisse suas sugestões acerca de determinado circuito electrónico, sua voz poderia surgir diretamente dos alto-falantes do Mark IV e ser impressa em fitas magnéticas. O intrincado esquema electrónico sugerido a O'Neil pelo dr. Mueller começou a ser construído, assim como comunicado a Meek.

Infelizmente, no dia 13 de novembro de 1979, às 4 horas e 25 minutos, um incêndio irrompeu na casa de madeira de O'Neil. O Corpo de Bombeiros local acudiu logo, mas a parte interna foi devorada pelo fogo. O laboratório sofreu em grande parte, perdendo-se a maioria do equipamento.

Meek foi cientificado do ocorrido e enviou imediatamente um cheque para acudir as despesas de O'Neil, ajudá-lo a reconstruir a casa e refazer o laboratório. Mary Alice foi obrigada a morar separada de O'Neil, enquanto este, sozinho, empreendeu a tarefa de reparar os danos materiais ocasionados pelo incêndio.

Dia 15 de dezembro de 1979, Meek recebeu a carta de O'Neil, comunicando que já estava concluindo os reparos do laboratório, bem como preparando um local junto ao mesmo, para servir-lhe provisoriamente de quarto de dormir. Informou, também, que Mueller o estava assessorando na tarefa de restaurar o gerador e o contador de frequências. Breve estaria pronto para experimentar o novo Mark IV. Parecia que o incêndio houvera despertado O'Neil, tornando-o mais responsável.

Na noite de 22 de setembro de 1980, O'Neil achava-se, como de costume, em seu laboratório. Ele começou a experimentar as várias

freqüências produzidas pelo modulador do Mark IV, equipamento auxiliar que fora sugerido pelo dr. Mueller (Espírito). O'Neil contava com a possibilidade de o dr. Mueller visitá-lo, como de costume, clariaudientemente ou clarividamente.

Como Mueller não apareceu naquela noite, O'Neil prosseguiu sozinho experimentando o aparelho, produzindo várias freqüências e comparando os resultados. As freqüências tonais iam de 131 a 701 ciclos por segundo, e a freqüência da onda portadora variava entre 29 e 31 Mhz.

O'Neil achava-se assim entretido quando, em meio às variações de tom, pareceu-lhe ouvir uma voz fraca e rouquenha! Ele imediatamente ligou o gravador e começou a acionar a sintonia fina do aparelho até a voz emergir mais forte e nítida dentre o ruído de fundo. Repentinamente, surgiu uma sentença:

"— Você consegue ouvir-me Williammm?"

O'Neil chegou o ouvido próximo ao alto-falante e com voz trêmula disse:

"- Sim, sim. Quem está aí?"

A voz surgiu novamente: "*Você deve estar brincando, William*".

"- Mas eu não sei quem é Você. Você soa como um robô".

A voz voltou mais clara: - "*Está bem então, William. Posso me apresentar? Eu sou um seu amigo, William. Você não se lembra? 'Robô' Mueller*".

O'Neil ficou pasmo e momentaneamente mudo. Ele ia tentar mexer no dial. Aí a voz de Mueller voltou novamente"

"— *William, penso que assim está ótimo. Exato assim, William. Agora... William está me entendendo? Williammmmm?*"

E daí em diante estabeleceram uma conversação que durou mais alguns poucos minutos, bruscamente cessou e não pôde ser restabelecida.

O'Neil, ainda incrédulo, procurou escutar a fita do gravador, para certificar-se de que a comunicação fora realmente gravada. A conversa estava lá claramente registrada! Ouvia-se perfeitamente o diálogo entre O'Neil e Mueller.

O'Neil providenciou, imediatamente, uma cópia da fita e remeteu-a para Meek, acompanhada de um relatório. Meek ficou exultante. Em resposta remeteu um cheque de US\$3.000,00 como recompensa, para O'Neil.

Conclusão

Tudo o que ocorreu desde a memorável noite de 22 de setembro de 1980 até a extinção dos contactos que se sucederam durante vários meses, em manifestações semelhantes embora um tanto irregulares, não caberia no total das páginas deste livro.

O derradeiro diálogo, terminou com as seguintes palavras:

Dr. Mueller *Não posso ficar aqui para sempre. Não posso garantir quanto tempo ficarei... Entretanto... Farei o melhor que puder da minha parte. Você me compreende, William ?"*

O'Neil " - Sim senhor".

Dr. Mueller *"Existe um tempo e um lugar para todas as coisas... Assim como mencionei antes, isto é algo para ser levado em consideração por Você".* (Meek, 1982b).

Daí em diante, Mueller parou de manifestar-se pelo Mark D7.

Antes de concluir este capítulo, pedimos licença para homenagear os principais protagonistas desta incrível façanha: William John O'Neil, atualmente no Plano Espiritual, e George William Meek, o maior incentivador da TCI, a quem devemos todas as informações acerca do progresso desta novíssima área de pesquisa da atualidade.

A Transcomunicação Instrumental no Brasil

O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro. Emmanuel. (Xavier, 1938, prefácio)

A Aceitação da TCI no Brasil

Não foi sem razão que o escritor inglês Guy Lyon Playfair considerou o Brasil como o "país mais psíquico do mundo". (Playfair, 1975) A abundância de médiuns e a experiência cotidiana dos brasileiros com a TCM fez com que a TCI encontrasse aqui um terreno fértil.

Paradoxalmente, houve, no início, certa reação contrária à adoção da TCI, justamente por parte de alguns adeptos do Espiritismo! Essa atitude inesperada não foi geral e nem partiu dos órgãos representativos do movimento espírita. Sua manifestação se fez sentir apenas por parte de alguns espíritas mais ortodoxos e conservadores, bem como daqueles menos informados a respeito da TCI. Entretanto, a resistência vem diminuindo rapidamente. Convém assinalar que a maioria quase absoluta dos praticantes da TCI encontra-se, atualmente, entre os espíritas.

Em nosso país há uma associação que congrega e orienta a maior parte dos praticantes da TCI. É a ANT. Esta sociedade nasceu espontaneamente de uma pequena e modesta iniciativa partida da Folha

Espírita, no seu n. 210, de setembro de 1991, em que foi criada uma seção intitulada Clube dos Transcomunicadores.

Em 1992, a sra. Sônia Rinaldi e seu marido sr. Fernando A. Machado assumiram a administração do Clube dos Transcomunicadores. Graças ao esforço do casal, esse singelo Clube transformou-se na Associação Nacional dos Transcomunicadores - ANT, cujo prestígio se tornou internacional.

Convém ressaltar, aqui, o papel decisivo representado pelo esforço, abnegação e, sobretudo, inteligência e criatividade de Sônia Rinaldi, que tem sido a mola propulsora da ANT. Entre os seus inúmeros sócios, a ANT conta com alguns membros que se têm destacado, seja pelo trabalho de captação por transcomunicação instrumental como ocorre com d. Norma Casasco, seja nas tarefas de tradução e divulgação das informações do exterior, como é o caso de d. Wilma Stein, seja pela alta competência técnica e científica, como é o caso do prof. Carlos Eduardo Noronha Luz.

Teve influência decisiva na evolução da TCI aqui no Brasil, a atuação positiva da dra. Marlene Rossi Severino Nobre e de seu falecido esposo, o deputado prof. dr. José de Freitas Nobre, fundador do jornal *Folha Espírita*. Freitas Nobre sempre foi um brilhante político, homem culto, inteligente e possuidor de ampla visão tanto política como científica. Assim que tomou conhecimento das primeiras transcomunicações instrumentais ocorridas na Europa, Freitas Nobre franqueou as páginas da *Folha Espírita* para ampla e livre divulgação da TCI. Aliás, a *Folha Espírita* sempre se distinguiu por esse tipo de liberalidade e pioneirismo relativos a todas as conquistas científicas legítimas. Com o desencarne do marido, a dra. Marlene R. S. Nobre continuou a obra e seguiu fielmente as sábias diretrizes de Freitas Nobre. Assim, a *Folha Espírita* tornou-se um órgão conhecido por seu equilíbrio doutrinário espírita, em que os três aspectos da Doutrina são dosados nas mesmas rigorosas proporções: Ciência, Filosofia e Moral Cristã.

De 22 a 24 de maio de 1992, a dra. Marlene R. S. Nobre promoveu, através da Associação Médico-Espírita, AME de São Paulo, um Congresso Internacional de Transcomunicação, levado a efeito em São Paulo, no Centro de Convenções do Anhembi. Essa conferência trouxe ao Brasil quase todos os maiores transcomunicadores da Europa. Naquela oportunidade, Sônia Rinaldi estabeleceu contacto com o casal Maggy e

Jules Harsch-Fischbach e selou com ambos importante amizade. Deste relacionamento resultou rápido e frutífero progresso para a TCI em nosso país.

Atualmente, graças a todos esses fatos auspiciosos, bem como à constante atividade de Sônia Rinaldi e seus companheiros da ANT, o Brasil está participando com sucesso da Rede Internacional de Transcomunicação Instrumental - Riti.

TCIs no Passado

Alguns fatos antigos, ocorridos nos primeiros tempos do Espiritismo, aqui no Brasil, revelam a ocorrência de fenômenos de transcomunicação instrumental. Tais acontecimentos deram-se espontaneamente. Os mais bem documentados já têm sido amplamente divulgados, razão pela qual iremos mencioná-los sem descer a minúcias acerca dos mesmos. Em sua maioria os fenômenos em questão ocorreram através do telefone. Talvez esta preferência se justifique pelo fato de, na época, não serem tão comuns os demais meios de comunicação. Por isso, as Entidades comunicantes ter-se-iam utilizado do telefone como o instrumento mais acessível.

Não podíamos deixar de mencionar neste sub-capítulo o nome do grande inventor da radiotelegrafia, reverendo padre Roberto Landell de Moura, o olvidado inventor brasileiro que, em 1893, demonstrou a possibilidade da transmissão do som através da telefonia sem fio.

Da mesma forma, não omitiremos também o caso da patente registrada por Augusto de Oliveira Cambraia, em 25 de março de 1909, referente à sua invenção, o *Telégrafo Vocativo Cambraia*, para a transcomunicação com os Espíritos.

Ao que parece, nenhum dos dois sistemas chegou a permitir comunicação com os desencarnados. Mas, de qualquer forma, ambos contribuíram, ainda que indiretamente, para a concretização da TCI.

Até onde conseguimos apurar através de informações vindas ao nosso conhecimento, a mais antiga TCI por telefone no Brasil ocorreu em dezembro de 1917. Esse fato consta do livreto da autoria de Oscar DArgonnel, intitulado *Vozes do Além Pelo Telefone*. (DArgonnel, 1925, pp. 7-10) Trata-se de uma obra raríssima. Entre as inúmeras informações contidas na obra de DArgonnel, há uma bastante importante. Ei-la:

"A uma pergunta minha, os Espíritos responderam que falavam das caixas de distribuição, fazendo eles próprios a ligação, ou pedindo,

de qualquer telefone, a ligação à telefonista". (Opus cit. p. 6)

Atualmente o telefone ainda cumpre um papel importante na TCI, especialmente na Europa. Inúmeras transcomunicações têm sido recebidas por esse meio, em Luxemburgo, pela sra. Maggy Harsch-Fischbach. Como, segundo informações lá de Luxemburgo, não estão registrados os telefonemas dessa categoria nas centrais daquele país, fica-se sem saber qual o processo usado pelos Espíritos, para realizar semelhantes contactos via telefone. A explicação fornecida pelos Espíritos a D'Argonnel talvez aponte para um esclarecimento acerca de como se processa tal espécie de TCI.

D'Argonnel menciona, também, certas passagens em que os Espíritos revelavam a necessidade de ajuda das faculdades de médiuns de efeitos físicos, para realizarem os contactos telefônicos. Por exemplo:

"Em outra ocasião, o padre Manoel conversava comigo pelo telefone da minha Repartição; eu perguntei-lhe de onde estava falando. Resposta: 'De uma caixa de distribuição no subsolo da Praça Tiradentes. Descobri aqui num 'Café' um médium, D'Argonnel, de quem estou tirando a força para eu poder falar. Ele já tentou levantar-se para se retirar, mas eu não deixei, retive-o'". (D'Argonnel, 1925, p. 11)

Esse episódio é, sem dúvida, bastante esclarecedor, quanto à necessidade de alguma espécie de energia biológica sacada dos médiuns, para a realização de certas TCIs. Não seria esta a razão pela qual alguns transcomunicadores são mais bem-sucedidos do que outros, nas captações de vozes pelo sistema EVP? Alguns há que, logo à primeira tentativa, conseguem gravar mensagens extensas e nítidas. Entretanto, outros passam anos a fio tentando, sem êxito, obter um sinal sequer.

Depois do caso de D'Argonnel, assinalamos o do dr. Luiz da Rocha Lima, relatado na obra de sua autoria intitulada *Mensage/zs dos Espíritos pelo Telefone*. (Lima, 1985) Este livro de 335 páginas trás o relato de um grande número de transcomunicações por telefone, tendo ocorrido a primeira em 1918. Eis como o dr. Luiz da Rocha Lima o descreve na p. 35:

"Em janeiro de 1918, eu achava-me na casa de Abelardo (médium) e este estava jantando. Dirigi-me ao telefone junto à sala de jantar e comuniquei-me com Figner. Eu e este confrade estávamos conversando, quando o telefone chiou e a voz do padre surgiu. Eu respondi-lhe afirmativamente. Se alguém estivesse ao meu lado ouviria três vozes

diferentes: a minha, a do Figner e a do Espírito".

Na mesma obra do dr. Luiz da Rocha Lima há o relato de um contacto por telefone de Fred Figner com o Espírito pe. Manoel. Como Fred Figner demorasse um pouco a atender o telefonema, o Espírito informou-o de que houvera aproveitado o tempo conversando com a esposa dele. Este fato ocorreu no dia 31 de março de 1921.

Aquele foi o padre com quem o dr. Rocha Lima conversara também em janeiro de 1918. Posteriormente, dr. Rocha Lima obteve oito mensagens telefônicas de outro Espírito denominado Frei *Luiz*. A primeira ocorreu em 13 de novembro de 1970, e a última ocorreu depois de abril de 1973. Todas as TCIs foram por telefone e devidamente gravadas.

No referido livro de Rocha Lima, a partir do 12º capítulo são relatados vários episódios de agressões verbais dirigidas aos médiuns por entidades espirituais de nível inferior, através do telefone.

Infelizmente o limite de espaço destas páginas não nos permite mais detalhes acerca destes casos. Passemos ao seguinte.

Por ordem de data, assinala-se o notável episódio do grande escritor brasileiro Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934), mais conhecido pelo sobrenome Coelho Neto. Em 1923, em dia e mês que não nos foi possível precisar exatamente, Coelho Neto ouviu, por uma extensão do seu telefone domiciliar, a conversa de sua filha Júlia com a garotinha Ester, a falecida filha de Júlia. Portanto, Coelho Neto testemunhou pessoalmente uma TCI por telefone, entre sua filha viva e a sua neta falecida há poucos meses.

Até então, Coelho Neto havia sido um ferrenho inimigo do Espiritismo. Aquele fato converteu-o totalmente. Na noite de 14 de setembro de 1924, ele pronunciou uma notável conferência na sede do Abrigo Thereza de Jesus, cuja íntegra foi, na ocasião, publicada por essa instituição, com o título *A Vida Além da Morte*. Trata-se de um opúsculo raríssimo cujo teor, felizmente, foi preservado para a posteridade pelo conhecido escritor e médium, Jorge T Rizzini, que o reproduziu na íntegra em sua magnífica obra intitulada *Escritores e Fantasmas*. (Rizzini, 1ª ed. 1970, pp. 95-138 e Rizzini, 2ª ed. 1992, pp. 65-90) Nesse mesmo livro, Rizzini transcreveu, também, a entrevista que Coelho Neto concedeu ao *Jornal do Brasil* naquela ocasião. Sugerimos a leitura do livro de Jorge Rizzini que, além deste caso, contém matéria informativa raríssima e de alto valor.

Pesquisas e Informações Pioneiras

Talvez o artigo de d. Elsie Dubugras, publicado no n° 18, da revista *Planeta*, de fevereiro de 1974, tenha sido o primeiro a noticiar, na Imprensa brasileira, os avanços da TCI na Europa. O título do referido artigo é *Os Mortos Falam*. Como todas as reportagens de d. Elsie Dubugras, essa é um primor de informação e, em 12 páginas fornece minucioso e amplo relatório de tudo o que se passava naquela época na Europa a respeito da transcomunicação por meio de instrumentos electrónicos. (Dubugras, 1974, pp. 8 a 20)

No V Colóquio Brasileiro de Parapsicologia, promovido pelo prof. Flávio Pereira e levado a efeito nos dias 3 a 5 de julho de 1977, foi ventilada a questão da TCI. Naquele colóquio compareceram dois pioneiros da TCI no Brasil: Hilda Hilst e George Magyary.

Posteriormente, Luiz Pellegrini e d. Elsie Dubugras entrevistaram Hilda Hilst, em sua residência situada em uma fazenda próxima da cidade de Campinas, SP. Essa entrevista foi divulgada no n° 58, da revista *Planeta*, de julho de 1977 e fornece dados interessantes a respeito da pesquisa de Hilda Hilst, em busca das vozes dos mortos.

Hilda Hilst começou a interessar-se pela TCI, após a leitura do livro de Friedrich Juergenson, *Telefone Para o Além*. Ela sempre se preocupou com o problema da morte, pois não se conformava com a perspectiva de um final de vida sem outra alternativa a não ser o nada definitivo. Aproximadamente em 1972, decidiu-se a repetir as experiências de Juergenson. Inicialmente, Hilda usou um gravador pequeno e de qualidade inferior. Deixava-o ligado, ora sozinho, ora perto dela ou de outras pessoas. Durante muito tempo não logrou qualquer gravação de vozes do Além. A primeira vez que ela conseguiu uma captação foi enquanto conversava com uma amiga céptica. Esta dizia que só acreditaria naquelas experiências, diante de provas. Foi nesta ocasião que no gravador, que estava ligado, surgiram as palavras: *Ah, querido*.

Hilda entusiasmou-se e, dali em diante, nas suas gravações surgia, de vez em quando, a palavra *ankar*, nada mais. Uma ocasião em que conversava com um amigo que iria submeter-se a um transplante de rim, apareceu na fita do gravador, que se achava funcionando em meio à conversação, a expressão: *Que dia lindo!*

Hilda Hilst procurou aperfeiçoar a técnica das gravações. Passou

a usar o rádio acoplado ao gravador. Com o tempo e a persistência, ela foi treinando também a sua capacidade auditiva e passou a obter maior número de vozes.

Os entrevistadores, Luiz Pellegrini e d. Elsie Dubugras, entre as perguntas que fizeram a Hilda Hilst, indagaram a respeito da reação de seus amigos intelectuais, quando ela lhes apresentou aquelas gravações. Vale a pena transcrever o trecho da resposta constante da entrevista de Hilda. Ei-lo:

"Minha experiência nesse sentido tem sido quase sempre dolorosa. Principalmente no que toca aos chamados meios intelectuais. Uma ocasião fui ao Rio de Janeiro, e numa reunião em casa de amigos, apresentei algumas fitas. Estavam presentes pessoas importantes da arte, ciência, cultura. Quando comecei a falar demonstraram muito interesse. Mas puseram-se a beber muito uísque, e quando chegou o momento de ouvir as fitas já estavam bem tocados. Assim, ante a dificuldade de entender facilmente as vozes, ficaram irritados, e passaram a me agredir. Fui acusada de megalomania e coisas piores. Um dos mais importantes psicanalistas do Brasil estava ali. Acerto ponto, ele me deu um tapinha no rosto e disse. 'Então a menina aqui diz que os mortos continuam a falar. Mas que chatice vai ser se isso for verdade!' Quando argumentei que não sabia se eram ou não realmente vozes de mortos, que isso era apenas uma hipótese, e que o fenômeno era importante em si mesmo, independentemente dessa conotação, ele retrucou, tentando ser 'científico': 'Se as gravações são autênticas, é o teu subconsciente que está gravando'. Enfim foi horrível. Saí de lá chorando. Mesmo que fosse meu subconsciente gravando, o fato não teria interesse?". (Pellegrini e Dubugras, 1977, p. 60)

Passemos ao caso de George Magyary, um engenheiro húngaro radicado em São Paulo e já falecido. Acerca de sua biografia conhecemos quase nada escrito, a não ser um excelente relato a respeito de suas experiências de transcomunicação pelo sistema EVP. O relato a que nós nos referimos encontra-se na notável obra do prof. Salvatore de Salvo, *Sinfonia da Energética*. (Salvo, 1992, pp. 226-240)

Em resumo, o eng. George Magyary, na década de 1970, perdera sua esposa, d. Edithe, fato este que lhe causou profunda mágoa e inconformação. Certa ocasião, Magyary ficou sabendo da possibilidade de comunicação com os desencarnados, através do gravador de fita

magnética. Ele não perdeu tempo, adquiriu um modesto gravador, colocou-lhe uma fita magnética virgem, ligou-o e deixou-o funcionando. A cada instante chamava pela esposa, pedindo contacto com ela. Ele não estava familiarizado com a técnica, mas o seu bom-senso indicou-lhe o caminho correto: a voz de d. Edithe apareceu na fita magnética, perfeitamente audível. Daí em diante, Magyary desenvolveu uma ótima técnica, bem como a necessária acuidade auditiva que lhe permitiu um número enorme de transcomunicações, não somente com a sua esposa, como com outras pessoas amigas já falecidas.

É uma pena que, devido à limitação de espaço, não possamos transcrever a rica soma de informações fornecidas na excelente obra do prof. Salvatore de Salvo, livro este que preservou para a posteridade uma boa parte da história das transcomunicações do eng. George Magyary, pois um incêndio acidental, na residência deste transcomunicador, destruiu todo o arquivo das fitas por ele gravadas.

Outros grandes pioneiros da TCI no Brasil são o prof. Mário Amaral Machado e sua esposa dra. Gloria Lintz. Há mais de duas décadas, o prof. Mário Amaral Machado vem investigando os fenômenos da TCI. Graças aos seus ótimos conhecimentos de Electronica, ele conseguiu desenvolver avançados métodos de captação de vozes pelo gravador e pelo rádio. Mário Amaral Machado possui um vasto arquivo de fitas magnéticas com milhares de vozes gravadas, tendo como eficiente colaboradora a sua esposa dra. Glória Lintz.

Finalizando este pequeno cadastro, que apenas aponta alguns dos inúmeros praticantes brasileiros da TCI, não poderíamos deixar de mencionar o sr. Geraldo Santos Castro Filho. Esse competente transcomunicador tem feito interessantes captações de imagens pelo processo Vidicom. Geraldo Santos obteve, pela tevê, em cores, estranhas imagens bem nítidas de paisagens e objetos desconhecidos, que se supõem oriundos de outras regiões fora do nosso espaço-tempo.

Conclusão

Daqui para diante, outros melhor escreverão a história da TCI no Brasil. Uma apreciável parcela já está redigida na obra da incansável Sônia Rinaldi: o livro de sua autoria, *Transcomunicação Instrumental - Contatos com o Além por Vias Técnicas*. (Rinaldi, 1996)

Os nomes dos divulgadores pioneiros, bem como aqueles dos

periódicos que os acolheram, também ficarão na história da TCI no Brasil e talvez no mundo, juntamente com os daqueles que, à custa de enormes sacrifícios pessoais e gasto de tempo útil roubado ao repouso ou às tarefas de ganho monetário, se dedicaram à pesquisa idealista e desinteressada dos fenômenos desta categoria.

Dos divulgadores pioneiros, convém lembrar aqui alguns nomes: Elsie Dubugras e Luís Pellegrini (*Planeta*); Jorge T. Rizzini (artigos e livros); Fernando Portella (*Jornal da Tarde*, 1982); prof. Flávio Pereira (congressos e palestras por rádio e tevê); prof. Salvatore de Salvo (congressos, palestras e livros); Aparecido O. Belvedere (*Revista Internacional de Espiritismo*); deputado Freitas Nobre e dra. Marlene Rossi Severino Nobre (*Folha Espírita*, editora e congressos); Diaulas Riedel (editoras Cultrix e Pensamento); Sônia Rinaldi e Fernando A. Machado (ANT, livros, boletins e artigos que se encarregarão de divulgar os nomes dos "captadores de vozes e mensagens do Além", perpetuando a memória desses abnegados benfeitores da humanidade que integram o quadro de sócios da ANT do Brasil).

Finalizando, informamos que a ANT está formando, sob a orientação de Sônia Rinaldi, um corpo de intercâmbio técnico-científico, integrado por elementos da mais alta competência. Esse grupo de elite está em intensa atividade, procurando planejar, construir e experimentar sofisticados aparelhos destinados a facilitar as transcomunicações instrumentais. Um desses aparelhos, o telefone independente para TCI com estações extra-espaciais, já foi projetado e construído pelo prof. Carlos Eduardo Noronha Luz, encontrando-se, atualmente, em fase de experimentação pelas estações de Schweich (Alemanha) e Luxemburgo. Outros engenhos mais avançados já se acham nos bancos de prova dos laboratórios dos integrantes do referido grupo. Há intenso intercâmbio entre todos os referidos técnicos.

XXXIII

A TCI na Atualidade

*Não somos missionários, nem líderes espirituais da humanidade
ou instrutores de religião, mas pesquisadores da TC apoiada
por meios técnicos. Maggy Harsch-Fischbach
(Locher e Harsch, 1992, p.94)*

Visão Geral Histórica da TCI Atual

A METAscience Foundation, Inc., então dirigida pelo grande pioneiro da TCI, eng. George William Meek, publicou no vol. 6, n° 1, primavera de 1988, da Newsletter *Unlimited Horizons*, uma visão geral da TCI na atualidade. Esse documento foi elaborado em conjunto pelas seguintes pessoas: professores Walter e Mary Jo Uphoff, dr. Ernst Senkowski e eng. George W. Meek. Este último liberou os direitos autorais de toda a matéria publicada na referida Newsletter. Em vista disso e por se tratar de um documento de raro valor e importância, deliberamos brindar os leitores deste nosso modesto trabalho, publicando a seguir uma tradução da referida Visão Histórica. Trata-se de uma sinopse constante das páginas 15 a 17 da citada Newsletter. No intuito de informar os leitores, acrescentamos à referida tradução várias citações de obras onde poderão encontrar grande número de dados a respeito dos modernos processos de transcomunicação instrumental. Algumas dessas obras são traduções dos melhores livros estrangeiros que tratam da matéria, originalmente escritos em alemão. Recomendamos especialmente as seguintes: Locher e Harsch (1992); Schafer (1992); Bander (1974) e Juergenson (1972).

Para o leitor que deseja uma síntese bem atualizada e com amplas

informações, especialmente sobre a TCI no Brasil, a melhor obra é a da sra. Sônia Rinaldi (1996) - *Transcomunicação Instrumental - Contato com o Além por Vias Técnicas*; São Paulo: FE Editora Jornalística, Ltda. Recomendamos a sua leitura, inclusive para aqueles que iniciam agora o seu aprendizado sobre TCI.

Além desses livros atrás mencionados, há, em português, vários outros que contribuirão para uma visão mais ampla acerca da TCI. Procure consultar as indicações bibliográficas, no fim deste livro. Vamos à sinopse de que falamos anteriormente. Ei-la:

Visão Geral Histórica do Desenvolvimento do Contacto Instrumental com os Mortos profs. Walter e Mary Jouphoff, dr. Ernest Senkowski e eng. George W. Meek

1. Esforços Iniciais para Contactar os Mortos

1928 - Thomas Edison trabalha em equipamentos que ele espera irão permitir a comunicação com os mortos, usando um aparelho químico com permanganato de potássio.

1936 - Attila von Szalay começa a experimentar com um gravador e reproduzidor de sons a agulha, marca Packard-Bell, tentando captar vozes paranormais por meio de gravações em fonógrafo. Ele consegue algumas vozes, mas a qualidade é pobre.

1947 - Attila von Szalay adquire um gravador de fio Sears Roebuck e obtém vozes de uma certa melhor qualidade, mas o fio é muito fino e muitas vezes fica tão emaranhado que este método é também abandonado. (Ver Folha Espírita n° 271, outubro, 1996, p. 4)

Princípios de Attila 1950 - Attila von Szalay começa experimentado com gravador de fita magnética e capta vozes, algumas das quais são inteiramente claras.

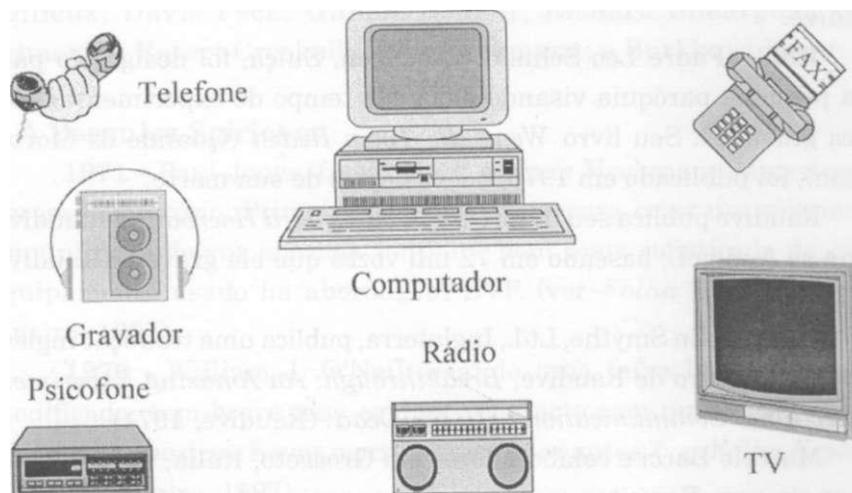
2. O Fenômeno das Vozes Eletrônicas (o Estágio do gravador Eletrônico e Microfone)

1956 - Raymond Bayless junta-se com von Szalay nos experimentos e escreve um artigo para *o Journal of the American Society for Psychical Research* (1958) (publicado em 1959).

1959 - Friedrich Juergenson, um artista e produtor de filmes, vai a um bosque para gravar cantos de pássaros. Ao reproduzir os sons

APARELHOS ELETRÔNICOS

CIVIRncuHuUd cm Ivrl



gravados ele descobre vozes paranormais. Após quatro anos (1963) de gravações experimentais, ele convoca uma conferência internacional de imprensa para anunciar ao mundo o que havia descoberto, (ver *Folha Espírita*, n° 278, novembro de 1996, p. 4)

1964 - O primeiro livro de Juergenson sobre este assunto aparece em Estocolmo com o título *Roesterna fraen Rymden* (Vozes do Universo). Juergenson, 1972

Von Szalay capta vozes de seus parentes falecidos, em fita magnética, pela primeira vez.

1965 - Dr. Konstantin Raudive, um psicólogo e filósofo letão, visita Juergenson, conclui que o fenômeno é genuíno e começa seus próprios experimentos em Bad Krozingen, Alemanha, (ver *Folha Espírita*, n° 273, dezembro, 1996, p. 4)

1967 - Thomas A. Edison fala, através do clariaudiente da Alemanha Ocidental Sigrun Seutemann em transe, acerca de seus primeiros esforços em 1928 para desenvolver um equipamento para gravar as vozes do Além. Edison também faz sugestões de como modificar aparelhos de tevê e sintonizá-los em 740 megahertz para obter efeitos

paranormais. (Sessão gravada em fita magnética por Paul Affolter, Liestal, Suíça)

Franz Seidl, Viena, desenvolve o "psicofone".

Theodor Rudolph desenvolve um goniómetro para os experimentos de Raudive.

1968 - Padre Leo Schmid, Oeschgen, Suíça, foi designado para uma pequena paróquia visando dar a ele tempo de experimentar com vozes gravadas. Seu livro *Wenn die Toten Reden* (Quando os Mortos Falam), foi publicado em 1976, pouco depois de sua morte.

Raudive publica seu livro, *Unhoerbares wird Hoerbar* (O Inaudível Torna-se Audível), baseado em 72 mil vozes que ele gravou. (Raudive, 1971)

1971 - Colin Smythe, Ltd., Inglaterra, publica uma tradução inglesa ampliada do livro de Raudive, *Breakthrough: An Amazing Experiment in Electronic Communication with the Dead*. (Raudive, 1971)

Marcelo Bacci e colaboradores em Grosseto, Itália, faz contactos semanais com Espíritos comunicadores, que ainda continuavam em 1988. (Bacci, 1987)

1972 - Peter Bander, Inglaterra, escreve livro sobre as vozes, *Carry on Talking* (Bander, 1972 e 1974).

Durante os anos de 1970 e 1980, duas organizações-membros da Europa e uma nos EUA são formadas para experimentar, bem como estudar as implicações do EVP: a VTF (Verein fuer Tonbandstimmenforschung) e a FGT (Forschungsgemeinschaft fuerTonbanstimmen) naAlemanha e aAA-EVP (AmericanAssociation: Electronic Voice Phenomena) nos EUA, fundada por Sarah Estep. Hannah Buschbeck fundou a VTF em 1975, mais tarde dirigida por Fidélio Koeberle. A FGT foi dirigida por Hans Otto Koenig quando ela começou em 1984 e o dr. Raif Determeyer editou sua publicação, *Die Parastimme*.

1973 - Joseph e Michael Lamoreaux, Estado de Washington tiveram sucesso com a gravação de vozes paranormais depois de ler o livro de Raudive, *Breakthrough*.

1975 - William Addams Welch, um roteirista e dramaturgo de Hollywood, escreve *Talks With the Dead* (Conversa com os Mortos).

NOTA: O espaço não permite detalhes do trabalho feito por vários outros pesquisadores, alguns dos quais são Paule EdithAffolter; David

Lothamer; A. J. Loriaux; Harry e Gerri Loudenslager; Ray Patterson; Andrija Puharich, M. D.; Theodor Rudolph; Mary Sharpe; Cyril Tucker; Paul Bannister; Raymond Cass; H. V. Bearman; Carlo Corbetta; Virgínia Ursi; Bill Weisensale; David Ellis; Richard, Fred e Joseph Veilleux; Davis Peck; Gilbert Bonner; Richard Sheargold; Alex Schneider; Robert Crookall; Hans Heckmann; e Burkhard Heim.

3. A Pesquisa Spiricom

1971 - Paul Jones, G. W. Meek e Hans Heckmann, americanos, abrem laboratório. Primeira pesquisa séria para criar um sistema de comunicação de voz em dois sentidos, bem mais sofisticado do que o equipamento usado na abordagem EVP. (ver *Folha Espírita*, n.274, janeiro, 1997)

1978 - William J. O'Neil, usando uma faixa lateral de rádio modificada, tem breve mas evidente contacto com um doutor médico americano que disse haver morrido cinco anos antes, (ver *Folha Espírita*, nº 275, fevereiro, 1997)

1982 - George William Meek faz uma viagem ao redor do mundo para distribuir registros gravados em fita magnética de 16 excertos da comunicação entre William J. O'Neil e um cientista americano que morreria 14 anos antes. George W. Meek também distribuiu um relatório técnico de 100 páginas, dando diagramas de montagem, fotos, dados técnicos e orientação para pesquisa por outros. Ao retornar, convocou uma conferência com a imprensa em Washington, D.C. e distribuiu os minicassetes e os manuais técnicos para os representantes da imprensa, rádio e tevê. (Meek, 1982) (Fuller, 1985)

4. Sistemas Instrumentais Sofisticados (Somente Voz)

1982-88 - Hans Otto Koenig, Alemanha Ocidental, desenvolve sofisticado equipamento electrónico, usando osciladores com frequências de batimento extremamente baixas, luzes ultravioleta e infravermelha etc. (Schafer, 1992)

1985-88 - Jules e Maggy Harsch-Fischbach, Luxemburgo, com ajuda espiritual, desenvolvem e operam dois sistemas electrónicos, superiores a qualquer um dos equipamentos EVP construídos até então. Essa comunicação torna-se significativamente mais confiável e repetível do que os sistemas desenvolvidos anteriormente. (Locher e Harsch, 1992)

5. Fotografias de Pessoas Falecidas, em Tubo de imagens de Tevê

1980 - Pesquisadores em vários países têm imagens dos mortos aparecendo esporadicamente em suas tevês. Não há controle sobre o aparecimento dessas imagens.

1985 - Klaus Schreiber, Alemanha Ocidental, com a assistência técnica de Martin Wenzel, começa a obter imagens de pessoas falecidas, no tubo de imagens da tevê, usando sistemas opticoelectrônicos retroalimentados. Existe identificação positiva em muitos casos por meio de acompanhamento por audiocomunicação, incluindo contacto áudio-vídeo com duas falecidas viúvas de Schreiber. Este trabalho é o tema de um filme documentário de tevê e de um livro por Rainer Holbe da Rádio Luxembourg. (Holbe, 1987).

1987 - Jules e Maggy Harsch-Fischbach, com a assistência de um colega terreno e do mundo espiritual, obtêm seqüências de imagens de tevê de boa qualidade.

6. Uso de um Sistema de Computador para Comunicação em Dois Sentidos.

1980-81 - Manfred Boden, Alemanha Ocidental, obtém sem haver solicitado a impressão em um computador, de espíritos comunicadores. (*Unlimited Horizons*, 1985, pp. 1 e 2)

1984-85 - Kenneth Webster, Inglaterra, recebe (via vários computadores diferentes) 250 comunicações de uma pessoa que vivera no Século XVI. A maioria das impressões são em texto inglês consistente com a linguagem daquela época da história e os detalhes pessoais inteiramente confirmados por pesquisa bibliográfica. (Goldstein, 1992, pp. 49-50)

1987-88 - Jules e Maggy Harsch-Fischbach estabelecem demorado contacto por computador, com soberba orientação e assistência de colaboradores de um outro mundo. Isto permite a submissão de questões técnicas, com a impressão em alta velocidade no computador das respostas cuidadosamente consideradas.

7. Uso do Sistema Telefônico para Comunicação em Dois Sentidos

1960/1970 - Scott Rogo e Raymond Bayless, americanos, conduzem extensa pesquisa literária e publicam um livro, *Phone Calls from the*

Dead (1979). (Roggo & Bayless, 1979) Eles relatam muitos casos bem documentados de recém-falecidos tentando comunicar-se com seus desolados sobreviventes, sobre "negócios-inacabados".

1981-83 - Manfred Boden tem contacto *não solicitado* com comunicadores de evolução não-humana. (Recebeu inúmeras contas telefônicas devidas a chamadas não solicitadas). (*Unlimited Horizons*, 1985, pp. 1 e 2).

1988 - Jules e Maggy Harsch-Fischbach, com notável orientação e cooperação dos planos superiores, utilizam uma secretária electrónica para receber chamadas telefônicas chegadas sem ser solicitadas, de um cientista colaborador no mundo espiritual. A voz é clara, facilmente inteligível e substancialmente livre de estática. Esta atividade continua."(Locher e Harsch, 1992)

A Rede Internacional de Transcomunicação Instrumental - Riti ("International Network of Instrumental Transcommunication" - Initi)

Do dia 31 de agosto a 04 de setembro de 1995, na cidade de *Dartington Hall*, Inglaterra, foi levada a efeito uma reunião de caráter internacional, com a participação de diversos representantes da TCI dos EUA, Europa e Brasil. O objetivo dessa reunião foi criar uma *Rede Internacional* que agregasse os transcomunicadores do Mundo todo, porém sem o caráter de uma "organização piramidal", isto é, que fosse uma espécie de "rede" sem nenhuma chefia suprema. "Esta *rede* deverá, pois, compor-se de pessoas independentes, experimentadores ativos ou simpatizantes do assunto." O nome e sigla adotados para intercâmbio mundial foi a designação em inglês: *International Network of Instrumental Transcommunication* - *INIT*. A cada quatro meses serão publicados, independentemente, um boletim em inglês, em alemão e em português, dando notícias dos progressos da TCI local e, também, de fatos notáveis ocorridos nos demais "nós" da rede.

Sônia Rinaldi é a responsável pela "malha" de língua portuguesa. Para os mais interessados em detalhes acerca da Riti (ou Initi), sugerimos a leitura dos artigos de Sônia Rinaldi, na página 5 das *Folhas Espíritas* de outubro de 1995 e de novembro 1996, bem como do *Jornal da ANT* (Circular 32) de setembro de 1995.

Conclusão

O objetivo do presente capítulo foi unicamente fornecer ao leitor uma informação compacta sobre a posição da TCI, atualmente no Mundo, especialmente aqui no Ocidente. Não descemos a detalhes e minúcias técnicas para não repetirmos inutilmente aquilo que já está publicado nas obras indicadas, de maneira mais completa.

XXXIV

Epílogo

Há verdadeiramente duas coisas diferentes: Saber e crer que se sabe. A Ciência consiste em saber; em crer que se sabe está a ignorância. (Hipócrates)

Sobrevivência e Transcomunicação

Eis-nos chegados até aqui. No entanto, pessoalmente, não acreditamos de forma alguma haver convencido a totalidade dos leitores acerca da realidade da transcomunicação, seja ela mediúnica ou instrumental. Nossa cultura ocidental cristalizou-se de tal forma nos moldes do materialismo, que mesmo vendo, ouvindo e tocando, somente uma minoria acredita sem vacilar na possibilidade da sobrevivência após a morte.

Quando os sentidos são feridos por algum fenômeno supostamente ligado à manifestação dos Espíritos, sistematicamente sobrevêm os preconceitos e as racionalizações. A primeira reação após a surpresa é encontrar uma interpretação reducionista para a ocorrência. As explicações normalmente vão desde a suspeita de um engano ou fraude, a alucinação, as potencialidades do inconsciente, as manifestações das funções paranormais, até à negação decisiva, a ponto de não querer observar o fenômeno, de nenhuma maneira e antecipadamente, por não considerá-lo uma possibilidade e, muito menos, uma realidade.

A negação acima, como vemos, opõe-se ao desejo de sobreviver após o transe da morte, desejo este muitas vezes inconsciente e relativo às pessoas amadas. Pode ocorrer que não façamos questão de sobreviver

após o decesso. Para alguns, talvez seja mais desejável o nada absoluto, como um sono sem sonhos, o falado "descanso eterno" depois do último suspiro. Porém, a maioria talvez desejasse que seus mortos queridos pudessem, de uma forma qualquer, comunicar-se e dar notícias do suposto mundo do Além. É que, para nós, a conservação indefinida daquilo e/ou daqueles que amamos é sempre desejável. Possivelmente, este apego àquilo que supervalorizamos seja a principal razão por que, mesmo sem crer cegamente na vida após a morte, a maioria das pessoas deseja a sobrevivência das criaturas amadas. A transcomunicação seria, portanto, uma das formas de satisfazer essa aspiração.

Transcomunicação Mediúnica x Instrumental

Logo que houve maior divulgação da existência efetiva da TCI, começaram a surgir reações contra a prática dessa modalidade de transcomunicação. Por estranho que possa parecer, tais reações partiram de alguns setores da comunidade espírita. As várias seitas religiosas, pelo que sabemos, não se manifestaram nem contra e nem a favor. A Igreja Católica Apostólica Romana, predominante em nosso país, que sempre combateu o Espiritismo aqui no Brasil, surpreendentemente, lá na Europa, teve alguns de seus altos representantes manifestando interesse na pesquisa da TCI. (Bander, 1972 e 1974)

Salvo melhor juízo, parece-nos que a reação de alguns setores espíritas se deve ao temor de, com o desenvolvimento da TCI, a mediunidade ser proscrita ou cair em desuso. Se realmente for este o motivo da referida reação, pensamos que tal atitude, além de ingênua, é até contrária ao bom senso. Seria semelhante à atitude das pessoas que tentaram impedir o uso do transporte ferroviário, temendo pela crise no setor dos transportes por diligências. O fato de usar-se o automóvel não impede que ainda façamos caminhadas a pé. Mas, apesar dos avanços da TCI, principalmente na Europa, ainda falta-nos muito estudo, desenvolvimento técnico e, sobretudo, certo progresso ético generalizado, para termos, no nosso mundo, a TCI empregada como o rádio e o computador.

Pelas informações que nos chegam da Europa, está longe, muito longe mesmo, a época em que iremos comunicar-nos com os nossos parentes e amigos desencarnados, tal como o fazemos com os encarnados,

usando os atuais meios de comunicação electrónica.

A dificuldade maior para a realização da TCI não parece tão ligada à parte técnica. O problema maior prende-se ao comportamento dos homens, a começar dos próprios espíritas. Não é necessário ir muito longe para certificarmo-nos deste lamentável fato. Escusamo-nos de citar exemplos, pois tememos pela reação, a qual já seria uma amostra nesse sentido. Fiquemos por aqui não sem sugerir um ligeiro exame a respeito de nós mesmos, no que tange ao nosso comportamento em relação aos companheiros de Doutrina que, às vezes, não estão "bem afinados" com o nosso modo de pensar.

Por conseguinte, percam a esperança aqueles que crêem na possibilidade de vermos a TCI substituir a TCM, dentro de poucos anos. Assim também, os que temem pelos hipotéticos males que adviriam dessa substituição não devem preocupar-se, pois até hoje o automóvel não substituiu a locomoção a pé e nem o jipe acabou com o jegue.

Conclusão

Estamos completando este modesto trabalho, às vésperas do *II Congresso Internacional de Transcomunicação*. Esperamos que esse congresso seja ainda mais bem-sucedido e grandioso do que o primeiro, ocorrido em maio de 1992.

Fazemos votos, também, que o II Congresso contribua para o maior estreitamento dos laços de união e comportamento fraterno entre os transcomunicadores do mundo todo, pois sem o amor e a união entre os companheiros de ideal, dificilmente a TCI produzirá os bons frutos que dela se esperam.

Referencias Bibliográficas

- AKSAKOF, Alexander (1890). *Animismo e Espiritismo*. Prefácio da edição alemã, escrito em São Petersburgo, 3-15 de fevereiro de 1890 - Extraído do volume I da 3ª edição brasileira; Rio de Janeiro: FEB, p. 32.
- ALVISI, GABRIELLA (1976). *As Vozes dos Vivos de Ontem - Comunicações Com o Além*. Portugal: Europa-América.
- ANDRADE, H.G.(1986). *Psi Quântico - Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1984) *Espírito, Perispírito e Alma*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1967). *Parapsicologia Experimental*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1983). *Morte, Renascimento, Evolução*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1989). *Poltergeist. Algumas de suas Ocorrências no Brasil*. São Paulo: Pensamento.
- ARGOLLO, Djalma Motta (1994). *Espiritismo e Transcomunicação*. São Paulo: Mnêmio Túlio.
- BACCI, Marcello (1987) - *Il Mistero Delle Voei DalVALdilá*. Roma: Edizioni Méditerranée.
- BANDER, Peter (1972). *Carry on Talking*. London: Colin Smythe.
- _____. (1974). *Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores*, trad. Harry Meredig e Mechtild Bulla. São Paulo: Edicel.
- BATCHELDOR, Kenneth J. (1979). "PK in Sitter Group", *Journal of Psychoenergetic Systems*, vol. 3
- BELVEDERE, Aparecido O. (fevereiro a junho de 1988 e fevereiro a junho de 1989). *Revista Internacional de Espiritismo - RIE*.
- BERGUA, Juan B. (1964). *El Libro de los Muertos de los Antiguos Egipcios y El Bardo Thodol, Libro Thibetano de los Espíritus del*

- Más Alla*. Trad, para o espanhol por Juan B. Bergua; Madrid: Clássicos Bergua.
- BERNARD, Jean-Louis (1976). *As Origens do Egito*. trad, de J.N. Valente Pires; Lisboa: Livraria Bertrand.
- BÍBLIA SAGRADA. *O Velho e o Novo Testamento*. Traduzido segundo os originais hebraico e grego. Tradução Brasileira. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1954.
- BOZZANO, Ernesto (1941). *Popoli Primitivi e Manifestazioni Paranormali*. Verona: Edizioni Europa-Verona.
- _____. (1946). *A Propósito da Metapsíquica Humana*. Trad. Araújo Franco. Rio de Janeiro: FEB.
- BREUIL, H. (1931). Sociologie Préhistorique, dans les Origines de la Société (semaine de synthèse), in *Histoire Générale des Religions*. Tomo I; Paris: Quillet.
- BRUNE, Pe. François Charles Antoine e CHAUVIN, Prof. Rémy (1994). *Linha Direta do Além - Transcomunicação Instrumental, Realidade ou Utopia?* trad. Arlete M. Galvão de Queiroz. Sobradinho, DF: Edicel.
- BRUNE, Pe. François Charles Antoine (1991). *Os Mortos nos Falam*. Trad. Arlete M. Galvão de Queiroz. Sobradinho, DF: Edicel
- CARVALHO, Antônio Cesar Perri de (1986). *Os Sábios e a sra. Piper. Provas da Comunicabilidade dos Espíritos*. Matão: O Clarim. (Obs. Leitura recomendada).
- CROOKES, William (1889-1890). Researches in the Phenomena of Spiritualism. *Proceedings of the Society for Psychical Research*. Vol. VI.
- CROOKES, William (1971). *Fatos Espíritos*. Trad. Oscar DArgonnel. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1972). *Crookes and the Spirit World*. London: Souvenir Press.
- D'ARGONNEL, Oscar (1925). *Vozes do Além Pelo Telefone*. Distribuído pelo Centro Espírita Allan Kardec, Rua Floriano Peixoto, 43 - Rio Preto; Rio de Janeiro: Pap. TyP- Marques, Araújo & C. 1925.
- DAVID-NEEL, Alexandra (1978). *Tibete: Magia e Mistério*. Trad, de Maria Judith Martins. São Paulo: Hemus.
- DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane (1947). "Les Religions Egyptiennes", in *Histoire Générale des Religions*. Tomo I; Paris: Librairie Aristide Quillet, 1948.

- DOOLEY, A. (1975). "The Phenomena of Matthew Manning". *Psychic*. December 1975.
- DOYLE, Sir Arthur Conan (1960). *História do Espiritismo*. Trad. Júlio Abreu Filho, do orig. inglês *The History of Spiritualism*. São Paulo: Pensamento.
- DUBUGRAS, Elsie (1974). Os Mortos Falam. *Planeta*, n. 18, fevereiro de 1974. São Paulo: Editora Três.
- EDMONDS, I.G. (1978). *D.D. Home: O Homem Que Falava Com os Espíritos*. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Pensamento.
- ELIADE, Mircea (1978). *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Tomo I, Vol.1; Rio de Janeiro: Zahar.
- FODOR, Nandor (1974). *Encyclopaedia of Psychic Science*. USA: University Books.
- FULLER, J. G. (1985). *The Ghost of 29 Megacycles. A New Breakthrough in Life After Death?* London: Souvenir Press.
- GAULD, Alan e CORNELL, A.D. (1979). *Poltergeists*; London: Routledge e Kegan Paul
- GOLDSTEIN, Karl W. (1992). *Transcomunicação Instrumental*. São Paulo: Editora Jornalística FE.
- GORCE, M - M. (1948). "Difficultés de l'Étude des Religions Chez les Hommes Préhistoriques et Chez les Peuples Primitifs". *In Histoire Générale des Religions*, tomo I; Paris: Quillet.
- GURNEY Edmund; MYERS, Frederick William Henry; e PODMORE, Frank (1875). "Phantasm of the Living". *Perspectives in Psychological Research*. New York: Arno Press.
- HARRER, Heinrich (1959). *Sete Anos de Aventura no Tibete*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- HODGSON, Richard (1898). "A Further Record of Observations of Certain Phenomena of Trance". *Proceedings of the Society of Psychological Research*. Vol.XIII, Part XXXIII, February, 1898.
- HOLBER, Rainer (1987). *Bilder aus dem Reich der Totem - Die Paranormalen Experimente des Klaus Schreiber*. Germany - (RTL): Knauer.
- IMBASSAHY, Carlos (1955). *A Evolução*. Curitiba: Livraria Espírita do Paraná.
- IYER, Nagarathmam (1982). The Dead Are Not Often So Dead. *Life Beyond*. Vol. II, n.U, August 1982, Pune, Índia.

- JUERGENSON, Friedrich (1967). *Sprechfunk mit Verstorbenen*; Freiburg im Breisgau: Hermann Bauer.
- _____. (1972). *Telefone Para o Além*. Trad. Else Kohlbach. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (1976a). "La Scoperta Delle 'Voci'". *ESP*. Anno II, Marzo 76, n. 13; Milano: Armênia Editore.
- _____. (1976b). "Contatto con l'Altra Dimensione". *ESP*. Anno II, Aprile 76, n.14; Milano: Armênia Editore.
- KARDEC, Allan (1861). (*Le Livre des Médiuns*) *O Livro dos Médiuns*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1861). *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro da 49ª edição francesa. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- _____. (1864). *L'Evangile Selon le Spiritisme*. Paris.
- _____. (1864). *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel.
- _____. (1964). *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro; Rio de Janeiro, FEB.
- _____. (1861). *Revista Espírita*. São Paulo: Lake.
- _____. (1890). *Oeuvres Posthumes*; Paris.
- KLIMO, Jon (1990). *Channeling*. São Paulo: Siciliano.
- KOESTLER, Arthur (1969). *O Fantasma da Máquina*. Rio de Janeiro: Zahar.
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, Jacobus (1976). *Manual de Caça às Bruxas (Malleus M ale ficar um)*. Trad. da versão inglesa por José Rubens Siqueira, in *Planeta Especial* n. 52-A. São Paulo: Três.
- KULAGIN, V.V. (1970). "Nina S. Kulagina". *The Journal of Paraphysics*, Vol.5, nº 1 e 2.
- LAPAGESSE, Próspero (1933). "Um Aparelho Mediúnico Eléctrico", *Revista Internacional do Espiritismo*. 15 de maio de 1933; Matão: O Clarim.
- LARRAYA, Juan A. G. (1958). *El Libro de los Muertos*. Trad. e prólogo desse autor. Barcelona: José Janés Editor.
- LEWITZKY, Anatole (1948). Des Quelques Représentations Religieuses des Eskimos. In *Histoire Générale des Religions*. Paris: Quillet.
- LIMA, Luiz da Rocha (1985). *Mensagens dos Espíritos pelo Telefone*. Rio de Janeiro: Educandário Social Lar de Frei Luiz - (Distribuição e vendas pela Livraria Atheneu).

- LOCHER, Théo e HARSCH, Maggy (1992). *Transcomunicação - A Comunicação como Além por Meios Técnicos*. Trad. Harry Meredig. São Paulo: Pensamento.
- LODGE, Oliver (1909). *The Survival of Man*. London: Methuen.
- MEEK, G. W. (1982a). *SPIRICOM, An Electromagnetic-Etheric System Approach to Communications with Other Levels of Human Consciousness*. Franklin: METAscience Foundation, Inc.
- MEEK, G. W. (1982b). *A Transcript of the Recording Spiricom - Its Development & Potencial*. Franklin, N.C.: METAscience Foundation. Inc.
- MEEK, George William (1985). *Unlimited Horizons*. Vol. 3 n. 3 Autumn 1985 (Newsletter). USA: METAscience Foundation, Inc.
- MEEK, George William (1988). *Unlimited Horizons*. Vol. 6, n. 1, Spring 1988 (Newsletter), USA: METAscience Foundation, Inc.
- MIRANDA, Herminio Corrêa de (1990). *O Que é Fenômeno Mediúnico*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal do ABC.
- MONTANDON, H. O Raoul (1943). *De la Bête à l'Homme*. Paris: Editions VictorAttinger
- MORRISON, Philip; BILLINGHAM, John; e WOLFE, John (1977). *The Search for Extraterrestrial Intelligence - SETI*. Washington: NASA.
- MURRAY, Margaret (1949). *The Splendour That Was Egypt*: New York: Philosophical Library. In CRANSTON, Sylvia e WILLIAMS, Carey. *Reincarnation a New Horizon in Science, Religion, and Society*. New York: Julian Press, 1984, p.174.
- MUSES, Charles (1977). *Paraphysics: A New View of Ourselves and the Cosmos*. *Future Science*, edited by John White and Stanley Krippner, Garden City. New York: Anchor Books.
- MYERS, Frederick William Henry (1961). *Human Personality and its Survival of Bodily Death*. New Hyde Park, N. Y: University Books.
- OCHOROWICZ, Dr. Julien (1903). *A Sugestão Mental*. Rio de Janeiro: Garnier.
- OWEN, I. M. e SPARROW, M. H. (1976). *Conjuring up Philip*. Toronto: Fitzhenry e Whiteside.
- PARKES, A. S. (1961). *Percepción Extrasensória*. Buenos Aires: Eudeba.
- PELLEGRINI, Luiz e DUBUGRAS, Elsie (1977). *Um Poeta Conversa com os Mortos*. *Planeta*, n. 58, julho 1977. São Paulo: Três.

- PIRES, Cornélio (1941). *Coisas D'Outro Mundo*. São Paulo: Edição do Autor.
- PLAYFAIR, Guy Lyon (1975). *The Flying Cow*. London: Souvenir Press.
- PLAYFAIR, Guy Lyon (1985). *If This Be Magic*. London: Jonathan Cape.
- PORTELLA, Fernando (1982). Além do Normal, *Jornal da Tarde*, 29 de junho. (2ª reportagem da série Além do Normal)
- PROCEEDINGS *of the Society for Psychical Research*, Vol. I, Part I, October, 1882. London: SPR.
- PUSKIN, V.N. (1980). Experiments With Boris Ermolaev - entrevista por Larissa Vilenskaya, *International Journal of Paraphysics*, Vol. 14, (nºs 1 e 2.)
- RAUDIVE, Konstantin (1968). *Breakthrough: An Amazing Experiment. In Electronic Communication with the Dead*. New York: Taplinger.
- REVISTA DE ESPIRITISMO (1930). *Dois informações sobre TCI*. Nº1, ano IV, janeiro e fevereiro, p. 33; Lisboa, Portugal.
- RHINE, J. B. e PRATT, J. G. (1962). *Parapsychology Frontier Science of the Mind*. Springfield: Ch. C. Thomas.
- RHINE, Joseph Banks (1958). *El Nuevo Mundo da Mente*. Buenos Aires: Pai dos.
- RICHET, Charles (1923). *Traité de Metapsychique*; Paris: Félix Alean.
- RINALDI, Sônia (1996). *Transcomunicação Instrumental - Contatos com o Além por Vias Técnicas*. São Paulo: FE Editora Jornalística, Ltda.
- RIZZINI, Jorge T. (1970). *Escritores e Fantasmas*. São Paulo: Editora Difusora Cultural.(1ª edição)
- _____. (1992). *Escritores e Fantasmas*. São Paulo: Correio Fraternal do ABC.(2ª edição)
- RODRIGUES, Wallace Leal V. (1975). *Katie King*. Matão: O Clarim.
- ROGO, D. Scott e BAYLESS, Raymond (1979). *Phone Calls From the Dead*. New Jersey: Prentice Hall.
- _____. (1969). Report on Two Preliminary Sittings for "Direct Voice" Phenomena with Attila von Szalay (Szalay). *Journal of Paraphysics*, Vol. 3, n.4, pp. 126-129).
- _____. (1970). A Report on Two Controlled Sittings with Attila von Szalay", (Szalay). *Journal of Paraphysics*. Vol. 4, n.1, pp. 13-15.
- _____. (1976). *In Search of the Unknown*, Cap. 7, "The von Szalay Affair"; New York: Taplinger.

- ROGO, D. Scott e BAYLESS, Raymond. (1977). Paranormal Tape-Recorded Voices: A Paraphysical Breakthrough. *In Future Science*, edited by John White and Stanley Krippner; Garden City, New York: AnchorBooks.
- SALVO, Salvatore de (1992). *Sinfonia da Energética*. São Paulo: Casa Editorial Schimidt.
- SAMDUP, Lama Kazi Dawa (1983). *O Livro dos Mortos Tibetano* (Bardo Thödol). São Paulo: Hemus.
- SCHÄFER, Hildegard (1992). *Ponte Entre o Aqui e o Além, teoria e Prática da Transcomunicação*. Trad. Gunter Altmann; São Paulo: Pensamento.
- SCHMIDT, Helmut H. Wilhelm (1970). "A PK Test With Electronic Equipment. *Journal of Parapsychology*. Vol. 34, n.3, September, 1970.
- SENKOWSKI, Ernest (1989). *Instrumentelle Transkommunikation - Dialog mit dem Unbekannten*. Frankfurt/Main: R.G. Fischer. (Observação: Obra em alemão, extremamente técnica.)
- SHAPLEY, Harold (1963). *The View From a Distant Star. Man's Future in the Universe*. New York: Basic Books.
- SHIKALGAR, J. B. (1983). The Use of Photodiode in Astral Communication. *Life Beyond*. Vol.III, n.10, July 1983.
- SIMONET, Monique (1988). *Al'Écoute de l'Invisible, Enregistrement des Voix de l'Au-delà, Images-Vidéo du Monde Parallèle*. Paris: Fernand Lanore.
- SINISTRARI DÄMENO, Padre Louis Marie (1882). *De la Démonialité et des Animaux Incubes et Sucubes*. Paris: Isidore Lisieux.
- SPENCE, Lewis (1974). *An Encyclopaedia of Occultism*. Secaucus. New Jersey: The Citadel Press.
- SWEDENBORG, Emmanuel (1964). *A Verdadeira Religião Christa*. 2 volumes, trad, por J.M. Lima. São Paulo e Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- TALBOT, Michael (1981). *Mysticism and the New Physics*. London: Routledge e Kegan Paul.
- TISCHNER, Rudolf (1957). *Introducción al Estudio de la Parapsicología*. Buenos Aires: Oberon.
- UPPHOFF, Walter and Mary Jo (1980). *Mind Over Matter*. Oregon, Wisconsin, USA: New Frontiers Center.

- VESME, Conde Cesar Baudi de (1928). *Histoire du Spiritualisme Experimental*. In Wantuil Zeus (1959 ver).
- VESME, Conde Cesar Baudi de (1976). *Visões Espíritas na Terra e no Ar*. Rio de Janeiro: ECO.
- VILENSKAYA, Larissa V. (1979). The New Soviet PK Agent, Elvira Shevchuk. fotos. *International Journal of Paraphysics*, Vol.13, n°s 5 e 6.
- WANTUIL, Zeus (1959). *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.
- WATKINS, Graham K. (1971). Possible PK in the Lizard *Anolis Sagrei*, *Proceedings of the Parapsychological Association*, n.8, September, 9-11.
- WEINBERGER, Julius (1977). Apparatus Communication with Discarnate Persons. In *Future Science*, edited by Stanley Krippner. New York: Anchor Books, pp. 465-486.
- WERNERT, Paul (1937). Le Rôle du Feu dans les Rites Funéraires des Hommes Fossiles. *Revue Générale de Sciences Pures et, Appliquées XLVIII*, 1937, pp. -217. In *Histoire Générale des Religions*, tomo I. Paris: Quillet.
- WERNERT, Paul (1948). "Les Hommes de l'Âge de la Pierre Représentaient-ils les Esprits des Défunts et des Ancêtres?"; in *Histoire Générale des Religions*. Tomo I. Paris: Quillet.
- WILHELM, Richard (1956). *IChing, O Livro das Mutações*. trad. Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento.
- XAVIER, Francisco Cândido (1938). *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1943). *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1944). *Os Mensageiros*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1945). *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB
- _____. (1946). *Obreiros da Vida Eterna*. Rio de Janeiro: FEB
- _____. (1947). *No Mundo Maior*. Rio de Janeiro: FEB
- _____. (1949). *Libertação*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1954). *Entre a Terra e o Céu*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1955). *Nos Domínios da Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB,
- _____. (1957). *Ação e Reação*. Rio de Janeiro: FEB.

ZÖLLNER, Johann Karl Friedrich (1908 e 1966). *Physica Transcendental*, trad. Thomaz Williams. Rio de Janeiro: Typ. Rua S. Gabriel n.3, Meyer, 1908. *Provas Científicas da Sobrevivência*. São Paulo: Edicel, 1966.

***E**ste livro é a 4ª coletânea **Folha Espírita**, contendo os artigos de Hernâni Guimarães Andrade sobre as manifestações dos Espíritos por meios físicos - transcomunicação instrumental (TCI), através dos tempos. A abordagem é completa: desde o culto das pedras, entre os povos primitivos, passando pela "mesa mística" de Pitágoras, depois pelas mesas girantes do século XIX, até os pioneiros e pesquisadores do século XX.*

